

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
of *Archangel's Storm*

NALINI SINGH

A Guild
Hunter
Novel

ARCHANGEL'S LEGION

FIRST
TIME IN
PRINT





Os anjos estão caindo do céu em Nova York, atingidos por uma viciosa força desconhecida.

Os vampiros estão morrendo impossivelmente de doenças.

A Caçadora da sociedade, Elena Deveraux e o Arcanjo Raphael devem descobrir a fonte da onda de morte antes que engula sua cidade e seu povo, deixando Nova York em uma ruína e a Torre de Raphael sob o cerco de arcanjos inimigos.

No entanto, mesmo enquanto eles lutam desesperadamente para salvar a cidade, uma força ainda mais escura está se mexendo, seus olhos treinados e frios em Nova York... e sobre Raphael. Rios de carmesim e pesadelos ganham vida, o mundo nunca mais será o mesmo ...



CAPITULO 1

Elena viu os patos bicarem uns aos outros na lagoa no Central Park e pensou sobre a última vez que ela esteve aqui. Ela sentou-se sobre este mesmo banco, meditando sobre o fato de que até mesmo os patos não poderiam ser pacíficos, enquanto sua mente lutava freneticamente para encontrar uma maneira de sair da confusão em que ela se encontrava, a bagunça de ser vista rastreando um arcanjo louco para outro imortal, tão letal quanto.

Cintilações em ouro branco cobriram sua visão quando ela ergueu os olhos para o céu, um eco daquele dia fatídico.

— Olá, Arcanjo.

Raphael dobrou suas asas, com os olhos sobre os patos.

— Por que você os acha tão fascinantes?

— Eu não acho. Eu só gosto deste lugar. — Suas asas se encontravam desconfortavelmente esmagadas contra o assento construído para os seres humanos e vampiros, assim ela se levantou. — Entretanto, eu acho que você precisa patrocinar um novo banco lá. — Ela apontou para um belo local através do caminho, que estava sombreado pelas delicadas folhas de uma cerejeira, florescendo durante o verão. Agora, com o beijo do inverno no ar, a árvore era toda ossos, gritante contra as sempre-vivas.

— Isso vai ser feito — disse Raphael com uma arrogância que lhe deu vontade de arrastá-lo de volta para a cama. — Você percebe que você é capaz de patrocinar muitos desses bancos?

Elena piscou como sempre fazia quando se lembrou que agora jogava nessa liga. Nada em comparação com os imortais mais velhos, é claro, e muito abaixo da liga de Raphael, mas a fortuna pessoal dela era mais do que respeitável em se tratando de uma caloura imortal. Ganhou na caçada, em que tinha quebrado as costas, e que a fez sangrar até que sua garganta se encheu com o líquido escuro ferroso, e trouxe Raphael para sua vida, o dinheiro estava atualmente acumulando em quantidades ridículas de juros em sua conta da sociedade.

— Merda — ela sibilou — Eu preciso começar a pensar como uma garota rica.

— Eu vou me divertir assistindo a esta transformação.

Estreitando os olhos, ela disse.

— Só espera. Antes que você perceba, eu vou ser um desses anjos acomodados.

Ele riu, seu perigoso amante que usava sua força como uma segunda pele e tinha um rosto de uma beleza masculina violenta, que a surpreendia a cada vez que percebia que ele pertencia a ela. Cabelo na cor mais escura da meia-noite e olhos de um azul doloroso não encontrado em nenhum outro lugar deste mundo, Raphael era um homem que exalava poder, ninguém jamais o confundiria com qualquer coisa além do que ele era: um arcanjo, que tinha a capacidade de extinguir uma vida tão facilmente quanto ela poderia esmagar uma formiga.

As asas que se arquearam sobre seus ombros apenas aprofundavam a sensação de tentação perigosa. Suas penas eram brancas, mas com finos filamentos de puro ouro que prendiam a atenção e a luz. Asas sem falhas, exceto pela “cicatriz” de penas douradas, onde ela uma vez atirou nele. Alguns meses atrás, suas primárias, também começaram a se tornar douradas, sendo que o processo continuou passando do amarelo-ouro a um branco metálico brilhante. Agora, o sol pegava nessas primárias enquanto ele ria, acendendo uma ilusão de fogo branco.

— Eu receio — disse ele enquanto sua risada desvanecia — que eu tenha uma notícia que pode lamentavelmente voltar sua atenção em outra direção.

Posta em guarda por seu tom de voz, ela ignorou as pessoas à distância, cujas bocas caíram abertas perante a visão do divertimento de Raphael, o Arcanjo de Nova York não era conhecido por rir.

— O que é?

— Eu tenho dois pedaços de... notícias interessantes.

O estômago de Elena caiu.

— Lijuan? — De acordo com o espião de Raphael, a antiga arcanjo louca estava criando renascidos de novo, mesmo que apenas em pequenas quantidades. Lijuan chamava de dar vida, mas seus funcionários, mortos que caminham, eram pesadelos, uma praga sobre o mundo, e o pior de tudo era que muitos deles sabiam, seus olhos gritavam por ajuda enquanto seus corpos se arrastavam para seguir as ordens de sua mestra.

Em seguida, houveram os estranhos corpos dissecados encontrados perto de sua fortaleza que ninguém pode explicar. O consenso geral era de que eles foram tentativas fracassadas de criar renascidos, mas se isso foi uma boa ou má notícia, era uma incógnita.

— Ela não esta...

Raphael balançou a cabeça, antes que ela pudesse terminar sua pergunta, balançando a seda negra de seu cabelo rico e escuro.

— Minha mãe, — disse ele — convidou-nos para um baile.

Elena puxou uma lâmina de uma das suaves bainhas dos antebraços, que tinham sido um presente de Raphael.

— Desculpe-me enquanto eu me apunhalo nos olhos, e estripo-me enquanto estiver nele. — A última vez que Elena tinha assistido a um baile imortal, ela acabou se banhando no sangue dos renascidos enquanto Beijing queimava ao seu redor. E sim, não vamos esquecer do esmagamento na terra depois de ter sido arrancada do céu.

— Receio que eu não possa permitir isso — disse Raphael, no que ela pensava como sendo sua voz de “Arcanjo”, formal e cruel. — Quem então me divertiria no baile? Caso contrário, posso ser conduzido a arrancar meus próprios olhos e acredito que você está completamente apaixonada por eles.

— Engraçado. — Suspirando, apoiou a cabeça contra a força de seu braço musculoso, sua pele nua através dos couros castanhos de combate, o que lhe disse que ele vinha de uma sessão de treinamento, provavelmente com Illium. — Por que Caliane terá um baile?

Ele estendeu sua asa sobre as dela, em um sussurrado de som que era intimamente familiar.

— Sua cidade e as pessoas estão totalmente despertas, e ela deseja cumprimentar formalmente as outras potências do mundo. — Uma pausa. — Minha mãe pode ter sido muitas coisas, mas algo que ela nunca foi é sem educação; como uma Antiga, ela está ciente de sua responsabilidade de tomar parte na condução do mundo, mesmo que seja de longe.

Complexa, inteligente, a mãe de Raphael não era uma mulher que poderia ser colocada facilmente em qualquer tipo de categoria. A Antiga tinha deixado seu filho quebrado e ensanguentado em um campo abandonado, uma eternidade atrás, mas ela também se levantou perigosamente cedo de um sono secular para salvar a vida do mesmo filho.

— Quando será o baile?

— Em menos de duas semanas.

— Eu me certificarei de que minhas joias estarão brilhando e minhas unhas feitas.

Os lábios de Raphael se curvaram novamente enquanto ela deslizava para longe a faca e estendia as mãos para exibir as unhas curtas de caçadora. A parte de trás de sua mão esquerda estava machucada de uma briga com um vampiro desobediente que ela recuperou para a Sociedade poucas horas antes, e as palmas, quando ela virou as mãos, provaram ter um grande número de calos.

Mesmo seu corpo recém-imortal não poderia apagar esses calos, não quando ela trabalhava constantemente com armas.

— Eu não acho que uma manicure vá tirá-los.

— Se você me tocar com mãos suaves, saberei que uma impostora está em seu lugar.

Algumas mulheres poderiam ter tomado as suas palavras como um insulto, mas elas fizeram Elena querer iniciar um beijo muito quente e público.

— Então — disse, prometendo a si mesma que saciaria essa necessidade especial, logo que eles estivessem sozinhos — Qual é a outra notícia?

— Talvez eu devesse tomar suas armas em primeiro lugar.

Elena tentou pensar no que poderia ser pior do que comparecer a um baile com os anjos e vampiros mais poderosos e cruéis no mundo, e testou com:

— Meu pai quer jantar com a gente?

— Não, não é Jeffrey. — O repentino ângulo brutal de sua mandíbula fez clara sua opinião sobre o pai dela. — Venha, não podemos falar sobre isso onde possam nos ouvir. — Afastando-se brevemente, com suas asas deslizando de cima das dela, ele disse: — Você gostaria de tentar uma decolagem vertical?

Elena pensou no número de testemunhas, e avaliou esse fato contra o esforço que seria necessário para ela chegar no alto. Esse esforço de ranger os dentes trairia uma fraqueza, de uma forma que iria refletir não apenas nela, mas também em Raphael, e um arcanjo nunca poderia ser visto como fraco, pelo bem dos mortais e imortais.

Com toda a probabilidade, teria feito uma escolha diferente até poucos meses atrás, ela estava lutando arduamente para manter seu senso de si mesma no novo mundo para o qual foi empurrada. Agora que entendia muito mais sobre o intrincado balanço de poder no mundo, entendeu também que, enquanto Raphael pode ocasionalmente frustrá-la com seu protecionismo, ele não tinha vontade de cortar suas asas.

— Não, aqui não. — Entrando em seus braços, dobrou para trás suas asas, e ele levou-os facilmente para o ar, seu abraço de aço em torno de sua cintura, seu batimento cardíaco forte e constante.

O choque das ondas batendo e o sal do mar, a chuva limpa e clara, que era o cheiro mental de Raphael e que permanecia em cada respiração dela, fez seu corpo doer. Sempre a fazia doer. Mudando um pouco em seu abraço, ela apertou os lábios em sua garganta e sentiu o pulso dele acelerar.

— Quer dançar comigo acima de Manhattan?

A respiração dela ficou presa ante o murmúrio sensual, a ideia de seus corpos e asas entrelaçadas no cru ato sexual era pura adrenalina em seu sangue.

— Ainda não. Eu não acho que eu sou tão corajosa. — Raphael pode possuir a capacidade arcangélica para protegê-los de todos os olhos, mas ela ainda seria capaz de ver a cidade abaixo. — Eu gostaria de dançar com você sobre o mar. — Amando o sentimento de poder absoluto dele quando eles caíam de alturas letais para atingir a água. — Hoje à noite?

— Me seduzindo? — Facilitando seu agarre acima da camada de nuvens, reclamou sua boca em um beijo escuro e apaixonado que fez seus seios se contraírem, seu corpo ansioso pela promessa selvagem da noite.

— Pronto? — Ele perguntou quando seus lábios se separaram, seu corpo duro contra o dela.

Perante seu assentimento, ele tirou o braço do redor de sua cintura e ela caiu através das nuvens... para desdobrar suas asas e circundar em uma corrente ascendente, a alegria de voo em nada diminuída pelo fato de que ela teve um ano para se acostumar com a maravilha surpreendente nisso.

É urgente? Perguntou ela. *O que temos que discutir?*

Não é tão urgente para que não possamos voar.

Olhando para cima, viu-o voar mais e mais alto com uma facilidade de tirar o fôlego, até que ele era um ponto distante no céu, em seguida, sentiu seu

coração parar quando ele se deixou cair, uma flecha elegante de branco e ouro que passou por ela, acelerando até que se pode ver as pessoas gritando no parque abaixo. Um segundo antes do que teria sido o impacto terminal por um mortal, Raphael abriu as asas e disparou de volta.

Você aterroriza a todos.

Seu próprio pulso estava na sua boca e o sangue batia em seus ouvidos.

Os seres humanos precisam ser aterrorizados de vez em quando. Impede-os de cruzarem as linhas que não devem ser cruzadas.

Você já pensou alguma vez que os arcanjos devam ser desafiados? Ela respondeu. *Que isso iria cuidar de toda essa arrogância?*

Qualquer um pode me desafiar.

Quando ele executou um giro em direção ao Hudson, Elena o seguiu, os ventos do rio ondulando os fios de cabelo que tinham escapado a trança.

Como as pessoas podem desafiá-lo quando elas estão com tanto medo?

Isso não te deteve.

Bem, ele a pegou nessa. *Mas, eu sempre tive uma pitada de loucura em mim.*

Voando asa a asa com ele, ela varreu sobre a água, seguindo o rio até o norte, antes de virar a cabeça para a sua casa no Enclave Angélico. Situado ao longo dos penhascos do lado oposto da Hudson de Manhattan, era um magnífico edifício que oferecia uma vista deslumbrante sobre a cidade, mas para Elena, era simplesmente casa.

Montgomery preparou algo especial para você. Não quebre seu coração.

Elena sorriu perante a ideia do mordomo com o coração partido.

Você sabe, Montgomery e eu temos um caso de amor mútuo. Apoiando seus pés no sempre verde gramado que terminou em uma queda acentuada no Hudson, observou Raphael pousar, sua envergadura incrível.

— Uma tempestade — ele murmurou, seus olhos sobre as nuvens que tinham começado a se mover sobre Manhattan. — Ela cresceu rapidamente.

Tão rapidamente que ela não tinha notado nada enquanto estivera no ar.

— Não é outro antigo acordando, certo? — Perguntou ela, os cabelos minúsculos em seus braços em pé com a lembrança da última vez que a cidade sofreu as intempéries.

— Não — disse Raphael para seu alívio. — Seria uma coisa extraordinária que dois despertassem dentro do período de um ano, está provavelmente não é nada, só a primeira chicotada de inverno. Ainda assim, vamos assistir para ter certeza. Não podemos esquecer que o Cascade está em pleno vigor.

— Sim, e não é exatamente o tipo de flores e borboletas. — O Cascade, de acordo com tudo o que tinha sido capaz de descobrir, era uma confluência de tempo e de certos eventos críticos que levavam a uma onda de poder no Cadre. Todos os arcanjos iriam crescer em força, alguns podem ser tocados com a loucura, mas nenhum permaneceria o mesmo. Nem o mundo, pois os arcanjos eram parte de sua própria estrutura.

— A segunda coisa que você quer discutir tem a ver com o Cascade?

— Não — Aqueles olhos de azul infinito encontraram o seu. — Michaela pediu autorização para permanecer por um longo período no meu território.

O queixo de Elena caiu.

— Oh, *inferno*, não. — O arcanjo feminino havia deixado claro que considerava Elena algo menor, um inseto a ser moído sob sua bota de designer. — O que a faz pensar que eu a quero na minha cidade?

— Eu não acredito que Michaela tenha pensado em você. — Palavras brutais de seu arcanjo, mas Elena sabia que a raiva não era dirigida a ela.

— Michaela — continuou ele, com um tom tão frio quanto um corte de bisturi em toda a garganta — teria tido uma melhor chance de receber meu auxílio se ela não tivesse insultado minha Consorte ao pedir.

— O fato de que estamos discutindo isso significa que você está pensando em seu pedido.

— Ela deseja o santuário, porque ela está grávida.

O choque enraizou Elena no lugar. De repente fez sentido, por que a mulher que muitos consideravam a mais bela do mundo não tinha sido vista na mídia por pelo menos dois meses, quando ela sempre amou esse tipo de atenção.

— E sobre o pai de seu filho? — Ela perguntou por fim. — Eu suponho que é Dahariel? — Ante ao aceno de Raphael, ela disse — Ele é um anjo poderoso em seu próprio direito, em segundo a ser um arcanjo.

— Michaela pode ter dormido com Dahariel, mas ela não confia que ele não vá esfaqueá-la pelas costas, enquanto ela está vulnerável.

Elena não podia imaginar tal situação. Ela sabia que Raphael iria lutar até a morte para protegê-la se e quando eles decidissem tentar uma criança.

— Será que ela vai ser? Vulnerável? — Michaela não era um arcanjo simplesmente em nome, ela tinha um poder ofuscante.

— Sim — Olhos de Raphael seguiu um esquadrão de anjos vindo à terra da Torre, seus corpos em ângulo para cortar o vento crescente. — A gravidez pode ser difícil para os arcanjos. O poder de Michaela permanecerá, mas seu domínio sobre ele pode se tornar irregular. É por isso que um Consorte é tão necessário durante este tempo.

— Ela não pode ter o meu — disse Elena, bem consciente que Michaela era inteligente o suficiente para usar sua condição para continuar a sua meta de ganhar Raphael como amante. — Dahariel não considerara um insulto, se ela escolher sua proteção?

— Não. Ele ainda não é seu Consorte.

Por mais que ela não gostasse de Michaela, Elena não podia deixar de pensar na angústia que uma vez tinha presenciado no rosto da outra mulher, a dor indescritível de uma mãe que perdeu um filho.

— Não podemos dizer que não, podemos?

Raphael segurou seu rosto, escovando o polegar sobre sua bochecha.

— Seu coração é muito mole, caçadora da sociedade. Posso e vou dizer não se for necessário. — Seus olhos brilhavam incandescente, o azul chamejando com relâmpagos. — Eu não me esqueci que ela tentou feri-la mais de uma vez.

O instinto pediu a Elena para pressioná-lo a decidir exatamente isso; nada de bom pode vir de ter Michaela nas proximidades. No entanto, este não era apenas sobre a arcanjo fêmea e suas maquinações, mas sobre o inocente que ela carregava em seu ventre.

— Eu nunca me perdoaria se dissesse não e, em seguida, ela perdesse o filho em um ataque.

— Se a situação fosse inversa, você sabe que ela iria deixá-la nas ruas para morrer de fome.

— Eu não sou Michaela. — Era uma linha na areia, uma que ela não iria atravessar.

— Não, você é muito mais do que ela jamais será. — Ele deixou cair sua mão com um único beijo duro, seus olhos voltando para a tempestade. — Eu vou considerar seu pedido e vou considerar as regras para que eu deva concedê-la.

— Eu definitivamente não quero ela na casa ao lado. — Houve uma diferença entre mostrar compaixão por uma mulher vulnerável, e estupidez.

— Se...

Algo suave bateu no chão em frente a eles. Assustada, Elena olhou para baixo para ver um pombo ensanguentado.

— Coitado. — Pelo que podia ver, quando ela se abaixou, seu pescoço havia se partido em uma morte súbita e violenta. — Deve ter sofrido danos nas suas asas e não conseguiu permanecer no ar.

— Eu acho que não é tão simples assim — Raphael disse, enquanto ela estava pensando que deveria enterrar o pássaro morto na floresta, que cercava a casa de cada lado. Olhando para cima, ela seguiu o olhar de Raphael e viu centenas de pequenos pontos no Hudson, o ar acima escuro com uma nuvem em forma de redemoinho, que havia se tornado gordo e preto. Outro pássaro pousou na beira do penhasco, suas asas se levantando sem força, antes dele escorregar nas rochas e na água.

— Esta tempestade — disse Raphael suavemente depois que um terceiro pássaro bateu no chão aos pés de Elena, seu pequeno corpo quebrado, suas penas emaranhadas em rubro pelo impacto do esmagamento. — Não é tão comum, afinal.

CAPITULO 2

Elena estava dentro de sua casa, olhando para o mundo através das portas de vidro deslizantes da biblioteca. Esse mundo tinha enlouquecido. Aves continuavam a cair do céu, a - nuvem - criada de milhares e milhares de suas formas minúsculas. O Instinto de Elena gritava para ela fazer alguma coisa, parar a chuva terrível, mas não havia nada que ela pudesse fazer.

O rio tinha esvaziado rapidamente onde os pássaros circulavam, e Elena esperava que a maioria das pessoas presas sob a borda da enorme nuvem que agora abrangia parte de Manhattan, tivesse o bom senso de se abrigar ou se dirigissem aos metrô para escapar do bombardeio.

— Alguma vez você já ouviu falar de algo parecido com isso? — Perguntou ao arcanjo ao seu lado.

— Não. Eu... — ele se interrompeu enquanto abria as portas. — Fique aqui.

— Aonde você...? — Sua pergunta ficou presa na garganta quando percebeu que as asas que caíam em cima do Hudson eram repentinamente, maiores que a de pássaros mortos.

Anjos estavam caindo dos céus.

Embora o desejo de seguir Raphael enquanto ele se dirigia até a água cheia de asas cortadas fosse uma batida em seu crânio, Elena forçou-se a usar seu cérebro. As aves foram caindo a uma velocidade semelhante à de uma bola rápida, com bicos afiados que iriam destruir as asas se batessem em no ângulo errado, e ela não era poderosa o suficiente para sobreviver a muitos desses golpes no ar, nem ágil o suficiente para evitá-los voando. Ela só seria um estorvo ali fora.

Mas ela poderia ser um trunfo aqui.

— Montgomery! — Ela gritou, correndo para fora da biblioteca.

Ele correu para o centro da casa ao mesmo tempo que ela.

— Caçadora da sociedade? — Ele estava vestido com seu usual e impecável terno preto, mas seus olhos azuis continham a mesma incredulidade que congelava o sangue de Elena.

— Precisamos criar uma enfermaria — disse ela. — Raphael está mais perto deste lado do rio e provavelmente trará os caídos para cá. — Ela olhou para o centro da casa, era enorme de qualquer ângulo que se olhasse, mas asas angelicais tomavam espaço, e ela não tinha como saber o número de feridos a ponto de entrar. — Começaremos aqui dentro, mas podemos armar algo no pátio. Algo forte o suficiente para bloquear os pássaros.

— Começarei a fazê-lo. — O mordomo desapareceu surpreendentemente rápido, em uma silenciosa recordação que dizia que abaixo de sua dignidade e sotaque britânico, Montgomery era tão mortal quanto qualquer vampiro que ela já caçou.

Se celular tocou, quando ela estava prestes a se dirigir para o penhasco. Se ela pudesse ajudar a mover os feridos para dentro, Raphael poderia se concentrar no resgate. Olhando de relance para a tela enquanto corria para a porta, ela viu que era sua melhor amiga.

— Sara?

— Ellie, temos anjos caindo nas ruas. — Escutou o choque em sua voz, mas por baixo disso ouviu o aço que fez de Sara a líder de uma aliança formada por alguns dos homens e mulheres mais letais no país. — Nosso povo está prestando auxílio dentro do possível, mas tenho relatos de anjos caídos sobre gárgulas de arranha-céus e presos sobre torres de igrejas.

Elena soltou um trêmulo suspiro diante da horrenda visão.

— Contate a Torre. — Ela ditou um número que daria a Sara acesso direto à Aodhan. — Se ele estiver fora de ação — *Queira Deus que não* — alguém estará lá para cobri-lo

Desligando sem mais palavras, sabendo que Sara entenderia, Elena correu através do pátio coberto de pássaros ensanguentados, seus olhos enchendo-se com o esquecimento da morte. Entretanto, os pequenos cadáveres encontravam-se distantes o suficiente uns dos outros para observar que a casa e o jardim estavam debaixo da mesma zona afetada. O medo tinha o gosto metálico em sua língua; esperava que as mortes tivessem sido causadas pelo impacto, e *não* a razão deles terem caído, porque diferentemente dos pássaros, os anjos poderiam sobreviver com inúmeros ossos quebrados.

— Peguei-o — Gritou Raphael quando se aproximou, com um anjo em seus braços.

— Ele não está respirando, suas costas estão quebradas e seu coração parou. — Colocando o débil anjo musculoso na parte mais elevada do terreno, Raphael se afastou, mas sua mente permaneceu conectada com a sua. — *Diga para Montgomery fazer os procedimentos médicos, o macho é muito jovem para sobreviver, de outra forma.*

— *Farei isso.*

Colocando um dos braços felizmente incólumes do anjo sobre os ombros, e ignorando os ensinamentos convencionais sobre costas quebradas porque este não era um mortal, ela cerrou os dentes e ficou de pé. O corpo despedaçado da vítima estava encharcado devido a queda, suas asas um peso morto. Poderia ser que devido a ter nascida caçadora, ela sempre foi mais forte do que a maioria dos seres humanos. Sua crescente imortalidade apenas incrementando essa força.

Ainda assim, ela ficou contente ao ver Montgomery correndo levantando o outro lado do anjo, nenhum deles vacilando quando dois pássaros bateram nas suas costas com força suficiente para machucar. — Medidas médicas — ela conseguiu dizer enquanto atravessavam a distância em direção a casa o mais

rápido possível, ela não sabia que haviam quaisquer medidas - do tipo comum pelo menos - que podiam ser aplicadas em anjos.

Mais do pessoal doméstico, e uma série de anjos não afetados de outras partes do Enclave, correram ou voaram por eles, enquanto levavam o anjo ferido pelas portas que levavam para o centro da casa. O espaço que um par de minutos mais cedo tinha todos os pisos de madeira brilhando, com uma elegante estátua na parede, era agora um hospital temporário.

Um jovem vampiro, que Montgomery havia assumido como seu aprendiz, estava arrumando futons grandes que devem ter saído de armazenamento, e uma jovem anjo — Sivia — que normalmente trabalhava na cozinha, foi abrindo uma grande bolsa de fino couro preto, que parecia como um antiquado kit médico.

Logo que puseram o anjo em um futon, Sivia enterrou uma agulha de grosso calibre diretamente em seu coração e comprimiu o êmbolo. Elena tinha mil perguntas, mas agora não era o momento de fazê-las. Quando ela viu asas azuis-prateadas subindo para o ar depois de deixar uma vítima, ela sentiu uma intensa sensação de alívio... misturada com horror quando percebeu exatamente como muitos corpos alados flutuavam nas águas turvas do Hudson.

Outro pássaro bateu nela enquanto corria, o bico cortando uma linha no seu rosto, mas ela sacudiu-o e continuou. Em sua segunda viagem ao interior, ela ouviu uma tosse, viu o primeiro anjo que tinha salvado vomitando do seu lado. Sua asa esquerda e suas pernas foram mutiladas, mas pelo menos ele estava vivo.

Deixando sua carga atual nas mãos de Sivia, ela correu de volta para fora com Montgomery ao seu lado. Parecia uma eternidade, mas ela viria a descobrir que o atual inferno, que viria a ser conhecido como a Queda, durou apenas cinco minutos. Em seguida, os pássaros pararam de cair dos céus... e também os anjos.



Quatro horas mais tarde e eles finalmente souberam o número real de caídos. Oitocentos e oitenta e sete anjos tinha caído sobre a cidade, nesse período horrível que ninguém, nunca, iria esquecer. Oitocentos e dois dos caídos faziam parte da força defensiva composta por dois mil poderosos anjos posicionados na Torre, sendo os restantes oitenta e cinco composta de anjos não guerreiros, que só visitavam a cidade, e dois mensageiros que tiveram a má sorte de chegar quando as coisas ficaram feias.

— Todos os feridos — Aodhan disse a Raphael, enquanto os três estavam de pé na sacada do escritório da Torre, o céu acima pintado na paleta de fogo de um pôr do sol agonizante e imponente — foram recuperados.

Raphael, com suas asas e roupas manchadas de sangue, olhou fixamente para o anjo feito de fraturadas peças de luz. Cada fio de cabelo de Aodhan parecia coberto com diamantes triturados, suas asas tão brilhantes que cegavam os olhos mortais sob a luz solar; de sua íris a sua pupila saiam lascas de um cristalino azul e verde.

— Você tem certeza?

— Sim. Eu verifiquei os caídos na lista que mantemos de todos os anjos na Torre e os residentes de outra forma na área. — Aodhan moveu suas asas, luz deflagrou em filamentos de suas penas. — Illium ficou responsável por todos os visitantes e não tivemos nenhum relato da Sociedade sobre os anjos não recuperados.

— Quantos nós perdemos — Elena não queria fazer a pergunta; suas mãos enrijeceram. Anjos podiam ser imortais aos olhos humanos, mas eles *podiam* ser assassinados... quanto mais jovem, mais fácil. Um coração destruído ou uma espinha quebrada, eram tão efetivos quanto ferimentos internos ou uma decapitação: nenhum deles mataria Raphael, mas ao infligir o mesmo dano físico em um anjo recém-adulto, seria letal.

O rosto de Raphael estava destituído de qualquer emoção enquanto ele esperava pela resposta do Aodhan.

— Cinco — respondeu o anjo. — Foi o trauma secundário que causou as mortes, não o incidente.

— Diga-me — ordenou Raphael.

A voz de Aodhan era calma, mas suas palavras violentas.

— Um empalamento em uma torre, onde o coração e coluna vertebral foram destruídos quase simultaneamente.

— Quem?

— Stavre. Ele estava em sua primeira colocação. Com apenas cento e cinquenta anos.

Com a mandíbula apertada contra a injustiça, Elena obrigou-se a escutar enquanto Aodhan continuava o relatório, seu tom sem emoção, mas ela sabia que as palavras que ele dizia deviam cortar feito navalhas.

Primeiro, ele nomeou os caídos, em seguida, disse.

— Dois morreram como resultado da decapitação combinado com os grandes danos causados ao coração quando caíram no tráfego, na frente de veículos que não puderam parar a tempo; outro foi decapitado depois que bateu no canto afiado de um edifício, seu corpo foi destroçado em vários pedaços devido ao impacto com a rua, e perdemos o último, quando ele caiu em um sistema de ventilação de um edifício. — Uma pausa. — Os seres humanos fizeram tudo o que podiam, mas a velocidade de sua queda nas lâminas significava que não havia esperança de sobrevivência. Seu corpo foi cortado em pedaços.

Cinco, dos quase três mil anjos dentro e em torno da cidade caíram ao mesmo tempo. Não parecia tão ruim... até que percebeu que os anjos não se reproduzem como humanos. Apenas um único precioso filho podia nascer no espaço de uma década. Um século pode passar sem quaisquer novos nascimentos. A perda de cinco anjos no auge de suas vidas foi uma tragédia indescritível.

— Seus corpos devem ser levados para casa. — Naquele momento, Raphael parecia o Arcanjo de Nova York, um líder friamente furioso com a perda de seu povo. — Contate Nimra — disse ele, nomeando um anjo. Elena sabia que tinha poder no território. — Ela vai entender o que deve ser feito.

E a presença dela, Elena percebeu, seria um sinal de respeito e honra de um arcanjo a seus soldados caídos.

— Sire — Aodhan inclinou a cabeça, as nuvens de chuva que tinham começado a rastejar em todo o pôr do sol, não faziam nada para aliviar o brilho cintilante de seu cabelo.

— Os feridos? — Perguntou Raphael.

— Nós estamos movendo-os para centro médicos dentro da torre. A transferência será concluída até meia-noite.

Raphael, com suas asas brilhando em uma silenciosa manifestação de sua raiva, continuou a olhar para uma cidade que estava estranhamente silenciosa. Sem buzinas soando, sem freios gritando, ninguém brigando; os eventos deste dia tão apavorantes que eliminaram os pequenos problemas do cotidiano.

— Status? — Ele perguntou depois de vários minutos.

— Trezentos e catorze intervenções médicas de emergência necessárias como resultado de ferimentos fatais — respondeu Aodhan — eles estarão fora de serviço por meses. O resto têm ossos quebrados, e a maioria vai precisar de pelo menos quatro semanas para se recuperar.

Apesar de explicações, Elena não entendeu muito bem a droga usada hoje, exceto que o análogo humano mais próximo era epinefrina, embora os dois não fossem idênticos. De acordo com Montgomery, a droga era uma opção de último recurso, porque enquanto ela poderia acelerar o processo de auto-cura em um anjo gravemente ferido, quando os corpos daqueles anjos poderiam simplesmente parar de funcionar, tinha um efeito colateral muito ruim: estendia o tempo de recuperação normal em meses.

Depois de ver a droga reviver um anjo que tinha sido quase decapitado, sua cabeça presa ao seu corpo pela umidade brilhando de sua coluna vertebral, e sua parte inferior do corpo arrancado para deixar-lhe um sangrento toco, Elena não tinha qualquer problema com a droga.

— Os curandeiros da Torre foram capazes de falar com um número de feridos que recuperou a consciência — Aodhan acrescentou, o mundo tornando-se um crepúsculo enquanto as nuvens conseguiam esconder os últimos raios do sol. — Todos eles relatam uma súbita sensação de tontura, seguido por inconsciência antes que eles pudessem aterrissar.

Olhando para Aodhan quando Raphael não respondeu, Elena falou com os olhos. Ao contrário de Illium, sua relação com este membro dos Sete de Raphael era nova ainda, mas ele era um dos anjos mais empáticos que ela já conheceu. Agora, ele deu um pequeno aceno com a cabeça e desapareceu dentro da Torre.

— Você está subvertendo outro de meus homens, Elena? — Disse Raphael no silêncio.

Elena se aproximou lateralmente, suas asas se tocando. Um instante depois, as nuvens de chuva lançaram uma torrente de água em um dilúvio inesperado. Isso, pensou Elena, lavará o sangue nas ruas e nos edifícios, mas nunca pagará o trauma deste dia.

— Eu acho que nada nesta terra é capaz de subverter os seus homens. — Os sete eram tão leais a Raphael como caçadores a Sociedade.

— Mas — disse ela, piscando para afastar a chuva dos olhos, enquanto a asa de Raphael erguia-se sobre ela de forma protetora — Tenho alguns direitos como sua Consorte, incluindo o direito de ficar com você contra essa coisa, seja ela o que for.

Seu braço deslizou em torno da cintura de Elena e Raphael atraiu-a para si, os fios de meia-noite de seu cabelo tornando-se ainda mais escuros com a chuva.

— Sinto muito, Raphael — ela sussurrou, espalhando os dedos de uma mão sobre o seu coração, precisando sentir a vida dele como conforto contra o horror do que tinha acontecido. — Eu sei que um arcanjo não pode ser visto se lamentando, mas sei que você sofre pelo povo que perdeu. — Sua própria garganta estava grossa, seus olhos ardendo.

— Eles estavam sob a minha proteção — disse ele e foi tudo o que precisou dizer.

Elena não tentou confortá-lo com palavras. Ela simplesmente ficou com ele enquanto a chuva batia sobre os dois, fria e dura como a morte que chegou ameaçadoramente na sua cidade. Um relâmpago soou a distância, as nuvens turbulentas movendo-se pelo céu. Como se em defesa, morna luz dourada começou a inundar as janelas de todos os arranha-céus à vista, mas não havia nada de estranho ou diferente sobre a escura e selvagem tempestade. Era uma simples e bela exibição do poder da natureza.

— Alguma vez você já voou em algo assim? — Perguntou ela, protegida do vento feroz pelo abrigo que seu musculoso corpo e asas forneciam.

— Sim. — Raphael olhou para o aguaceiro, até as luzes nas janelas refratadas pelo aguaceiro que caía. — Foi em uma ilha no que hoje é chamado de Pacífico, o céu com raivosos trovões, os relâmpagos em uma dança violenta. Meus amigos e eu fizemos um jogo de esquivar-se.

Elena queria sorrir para a imagem, mas as feridas do dia eram demasiadas cruas para permiti-lo.

— Um jogo de crianças imortais?

— Talvez. — Piscando para afastar a chuva, ele recuou. — Venha, temos de verificar os feridos.

Detiveram-se em sua suíte na Torre apenas tempo suficiente para se secarem e trocarem de roupas, antes de irem para a enfermaria. Não fazia nenhuma diferença que ela já tivesse visto o dano, era tão ruim agora como tinha sido a primeira vez. Um anjo com asas como as de um pardal tinha perdido a

maioria de seus órgãos internos, o peito de uma cavidade aberta, mas dentre os quatrocentos, ele tinha sobrevivido ao dano e agora dormia em um coma induzido que iria ajudá-lo a se curar.

Ao seu lado estava a vítima da quase decapitação, seus sinais vitais piscando. Ajoelhando-se ao lado do jovem do sexo masculino, Raphael colocou a mão sobre o ferimento horrível. Apenas Elena estava perto o suficiente para ver o leve brilho azul que era uma indicação da nascente, mas crescente capacidade de cura de Raphael. Ele não poderia corrigir todos os danos, mas ele poderia dar ao homem ferido mais uma chance de lutar.

Duas camas abaixo havia um anjo que tinha perdido as duas pernas e tinha quebrado a maioria dos ossos restantes em seu corpo, incluindo aqueles em seu rosto brutalizados. Mas por sorte ou por meio de destino, seu cérebro ainda estava dentro do seu crânio, seu coração em seu peito, sua coluna vertebral danificada, mas não fatalmente assim.

— Izak não teria sobrevivido de outra forma, seu corpo era muito jovem para curar tais traumas.

— *Desculpe! Desculpe! Acabei de sair do Refúgio. Eu — Um engolir de saliva.*
— *Eu não deveria dizer isso! Por favor não diga a Raphael.*

A raiva e a preocupação combinavam em um nó na garganta ao lembrar de sua primeira reunião. Ele estava pendurado de cabeça para baixo no telhado sobre a pequena varanda de seu antigo apartamento, com seus cachos louros e olhos enormes, enquanto tentava dar uma espiada em um verdadeiro caçador. Ver alguém tão jovem e inocente, quebrado e em silêncio, seu corpo uma massa de carne ferida e rasgada...

Elena queria matar, fazer alguém pagar por este horror, mas no momento, eles não tinham respostas quanto à origem do pesadelo, seu inimigo invisível.

CAPITULO 3

Era bem depois da meia-noite quando Raphael e sua Consorte foram para cama. Ele não precisava de tanto descanso quanto Elena, mas ela dormia melhor se ele estivesse na cama com ela. Quando acordava e encontrar-se sozinha, e ela quase sempre acordava no meio da noite se ele não estava lá, ela iria procurá-lo.

Na primeira vez que aconteceu, Raphael pensou que ela tinha sido arrancada de seu descanso por ecos do horror em que tinha terminado sua infância, mas ela disse que apenas sentia falta dele. Tais palavras simples, mas poderosas. Então, agora ele dormia com ela, por algumas horas a noite.

Hoje, no entanto, nenhum deles estava pronto para se render ao sono.

— Lijuan — disse ela, apoiando a cabeça em seu ombro. — Você está pensando o mesmo?

— A possibilidade tinha me ocorrido. — O arcanjo da China tinha rapidamente se tornado o Arcanjo da Morte, suas habilidades tocadas pela putrefação de um final que terminou sem piedade ou dignidade, por tudo isso, ela chamava a si mesma de doadora de vida eterna.

A versão de Lijuan de vida era uma horrível casca que se alimentava de carne humana.

— Mas? — Elena apoiou-se em seu cotovelo para que pudesse olhar para ele, os fios quase brancos de seu cabelo escovando sobre sua pele, quase como mil carícias fugazes.

Raphael espalmou os dedos sobre o calor da parte inferior de suas costas, acariciando ao longo do arco delicado de sua coluna vertebral. Sua resistente

caçadora ainda era vulnerável de inúmeras maneiras; poderia muito bem ter sido uma entre os caídos hoje, já que os mais jovens foram os que suportaram a maior parte do dano, e Elena era o anjo mais novo na cidade.

— Jason — disse ele, esmagando o pensamento antes que pudesse se tornar prejudicial — contactou-me com um relatório uma hora atrás. — Seu espião chefe estava atualmente no outro lado do mundo, mas ele se inteirou dentro de segundos sobre os eventos mortais em Nova York. — Como sempre, ele tem formas de coletar informações indisponíveis para o resto de nós.

A fina borda de prata em torno da íris de Elena brilhava no escuro do quarto, um indicador silencioso da sua imortalidade em crescimento, no entanto essa imortalidade ainda não estava estabelecida.

— O que ele disse?

— Que ele sabe que Lijuan estava em seu próprio território durante toda a extensão da Queda. — Considerando a certeza na voz de seu espião, ele acrescentou. — Eu tenho uma forte suspeita de que Jason possa ter feito o impossível para rastrear Lijuan até seu covil mais íntimo.

Elena respirou fundo, e ele viu que ela entendeu o perigo. Se Jason tivesse sido descoberto, não retornaria vivo; Lijuan sabia muito bem quão leal os Sete eram a Raphael. Mas, Raphael pensou, seu espião não correria riscos desnecessários, não agora, quando Jason sabia que sua perda seria um ferimento fatal no coração da princesa que aguardava seu retorno.

— Se não foi Lijuan — um lampejo escureceu seus olhos — então...

— Sim. A Cascada esta aparentemente avançando com a velocidade de... — Ele fez uma pausa ante o toque mental de Aodhan. *Algum problema?* Ele perguntou ao anjo que, com Illium, estava atualmente no comando das operações da Torre.

A Arcanjo Caliane me informou que deseja falar com você, senhor.

Vou entrar em contato com ela da casa.

Voltando sua atenção para Elena, ele tocou a curva de sua asa onde as penas da meia-noite tornavam-se índigo.

— Podemos estar prestes a obter algumas respostas — disse ele, contando sobre a chamada de Caliane. Como o único antigo que estava acordado e no mundo, sua mãe sabia muitas coisas que de outra forma teriam sido perdidas nas páginas da história.

— Eu vou ficar fora de vista — disse Elena quando ficaram em frente ao computador em seu estúdio, sua pele brilhando contra o robe de seda azul celeste que ele tinha a presenteado no dia de seu aniversário mortal.

Irritação chiou à vida em seu sangue.

— Elena, você é minha Consorte.

— Você sabe como ela fica — foi sua resposta inabalável onde outros teriam estremecido ante seu tom. — Ela será muito mais comunicativa se não estiver se sentindo insultada por minha presença. — Inclinando-se contra a parede ao lado de uma peça de arte, ela soprou-lhe um beijo.

Vamos discutir isso mais tarde

Ele disse e fez a chamada. Na maior parte do tempo, sua mãe continuava a abominar tecnologia, mas tinha começado a aceitar a utilidade de certos aspectos do mundo moderno. Ele não esperava nada menos. Caliane podia preferir o que ela chamava de costumes mais - civilizados - dos séculos passados, mas ela era uma antiga, e ninguém vivia tanto afundando-se no passado.

Chamas gêmeas azuis na tela, o cabelo de sua mãe um rio de preto, o rosto que moldava o seu próprio.

— Mãe — disse ele, seu coração ainda não acostumado ao fato de que ela respirava mais uma vez, que se ele desejasse, poderia voar com ela, sentir o toque das mãos que lhe embalaram na infância... e que o deixaram quebrado em um campo sangrento longe da civilização.

— Raphael, tenho ouvido sobre os eventos em sua cidade. — Seus dedos tocaram a tela em um familiar gesto de amor. — Seu povo?

A nenhum outro arcanjo, ele teria confiado à verdade, mas apesar de tudo o que ela tinha feito, sua mãe nunca havia apoiado ninguém contra seu filho.

— Nós lamentamos — disse ele em silêncio e viu a dor nos olhos dela.

Foi a partir de Caliane que ele aprendeu como um arcanjo deve governar. Mesmo quando sua loucura distorceu a verdade de quem ela era, ele nunca tinha esquecido que ela também era o arcanjo cujo povo olhava-a com amor em seus olhos. Ele não era Caliane, inspirava medo tão frequentemente quanto não, mas como aqueles que eram dela, seus homens e mulheres sabiam que ele ia lutar com fúria implacável para protegê-los.

— Cinco começaram sua jornada para casa esta noite.

Raphael levantou o voo para fora sobre as escuras águas até Manhattan que agora era uma silhueta ao longe; Elena de um lado e Nimra do outro. Cada anjo na cidade que podia voar, ainda que apenas o esquadrão necessário para mantê-lo seguro, tinham sido parte do cortejo silencioso, e cada um levava uma lanterna que protegia a vela dentro, iluminando o caminho para casa.

Em seguida, eles tinham pairado no lugar, enquanto Nimra e o esquadrão sob seu comando se afastavam na noite sem estrelas, os caídos levados em ataúdes cobertos de flores que chegariam ao Refúgio em 24 horas. Teria sido mais rápido enviar os corpos para casa em um jato, mas eles eram criaturas do vento e do céu, e seria pelo céu que eles voltariam para casa.

— Choramos com vocês — disse Caliane, uma única lágrima escorrendo pelo seu rosto. — Vou enviar um esquadrão para o Refúgio para agir como uma guarda de honra para aqueles que são levados para casa.

— Agradeço-lhe mãe, mas neste tempo de agitação, eu acredito que você deva manter seu povo próximo. — Caliane era a mais perigosa inimiga de Lijuan, e ela tinha apenas dois esquadrões alados, desde que o povo de Amanat caiu em seu sono.

Com uma alterada expressão que traia uma aguda inteligência política, sua mãe recostou-se na cadeira, seu vestido de um turquesa vibrante que emoldurava sua beleza deslumbrante, até que ele mal podia acreditar na sua verdadeira idade.

— Eu sei que você quer me perguntar se vi algo parecido na Cascata anterior — disse ela — mas devo dizer-lhe que não houve nenhuma Queda no meu tempo. — Uma súbita sombra em toda a sua expressão, e ele sabia que ela estava pensando na loucura que acreditava que a havia tocado durante aquela Cascata. — Houve, no entanto, outros acontecimentos estranhos.

Raphael esperou enquanto sua mãe pensava. Ele sabia que a demora não era um jogo de poder, ou uma postura arrogante. Caliane era simplesmente muito, muito velha e suas memórias estavam escondidas em cantos, há muito esquecidos, de sua mente.

— Uma vez — ela murmurou em silêncio — uma cidade inteira de anjos se voltou uns contra os outros, por um único minuto. Golpes foram trocados, facas lançadas, então todo mundo pareceu acordar e ninguém sabia por que tinha agido assim. — Ela franziu o cenho — Havia alguns que acreditavam que o caos deve ter sido causado pelo uso de uma nova capacidade arcangélico, mas nunca houve uma repetição do incidente.

Era tentador acreditar que a Queda tivesse sido outra grande aberração, mas... — Não posso ser complacente, não tendo em conta as mudanças que ocorrem no Cadre.

— Aquela que dispensa a morte. — As asas de Caliane brilharam com um repentino e letal resplendor. — Aquela que chama a si mesma de Antiga, você acha que ela tem uma mão nisso.

— Não parece ser obra de Lijuan. — A mente de Raphael piscava com imagens de um outro momento em que sua mãe tinha brilhado... durante uma execução que quebrou seu espírito e estilhaçou sua família. — Mas — acrescentou, fechando a tampa sobre as memórias da morte violenta de seu pai — nós mal começamos a busca por respostas.

— Você não permitirá que isso o mantenha afastado de minhas terras. —
Era uma ordem.

Ele infundiu sua resposta em aço inoxidável.

— Eu vou tomar essa decisão quando for a hora. — Sua mãe tinha um jeito de esquecer que ele era um arcanjo com um território próprio.

Os lábios de Caliane se curvaram, a música em sua voz lembrando-lhe das músicas que ela cantava para ele quando era um menino, canções que tinham contido todos dentro do Refúgio.

— Você sempre foi uma criança teimosa. A única maneira que seu pai poderia fazê-lo ficar calmo quando era uma criança, era tomá-lo nos braços levá-lo para voar. Oh, como você gostava de voar com Nadiel — Amor e uma agonizante tristeza em cada palavra. — Você sempre voltava rindo, seu cabelo selvagem e suas bochechas vermelhas, meu menino bonito.

Raphael tocou os dedos na tela como ela tinha feito, seu coração dolorido para as perdas que marcaram sua mãe. Ele não sabia se poderia perdoar seus crimes, nem sabia se ela estava realmente sã ou se este, era um período de calma passageira, mas sabia que ele a amava.

— Eu espero — disse ele enquanto seus dedos tocavam o final da tela — que você não conte tais histórias quando tivermos companhia.

Sua risada era uma canção, seus olhos iridescentes.

— Eu prometo que você vai ser um bebê somente em meus olhos, sempre o meu filho. — O riso sumiu ante a tristeza mais uma vez, e ela disse — eu sinto muito, Raphael. Perder qualquer um de nosso povo é profundamente triste.

Virando-se para Elena quando a chamada tinha terminado, ele encontrou-a enxugando uma lágrima, sua forte caçadora cuja casca não era tão forte para aqueles que a conheciam.

— *Hbeebti* — Ele tomou-a em seus braços, a seda de seu robe deslizando sobre sua pele.

— Ela te ama tanto. — O sussurro de Elena era áspero, rouco. — Está lá, em cada respiração, cada palavra. Eu não posso imaginar o que deve fazer com ela saber que te machucou durante a sua loucura.

Raphael entendia que sua mãe não estava em seu juízo perfeito quando ela lançou-o em pedaços na terra, suas asas destruídas, mas alguma parte dele ainda era aquele menino quebrado, caído e ensanguentado no encharcado orvalho da grama, enquanto os pés dela dançaram sobre as folhas verdes salpicados com vermelho viscoso.

— Eu não posso esquecer.

— Eu sei — disse Elena, com essa compreensão dolorosa ligando-os a um nível que ninguém jamais iria entender. — Eu sei. — Sua mãe a amava também, mas a memória mais duradoura de Elena de Marguerite era de seu sapato de salto alto deitado de lado no azulejo preto e branco.

Estranho, como a memória daquele sapato fazia com que sua pele esfriasse, que seus pulmões lutassem por ar. Mas isso era o que era. Algumas memórias cavavam mais fundo, se mantendo mais fortes.

— O que acontece agora?

— Esta cidade, a minha torre, não podem ser vistas como fraca.

— Claro. — Qualquer outra coisa podia ser tomada como um convite a uma conquista por certos outros no Cadre. — Temos que convencê-los de que a Queda causou menos danos do que realmente o fez. — Quase metade da força defensiva da torre estava indisponível em um futuro próximo: um déficit vertiginoso.

— Sim. — Raphael alcançou entre eles, soltou o cinto de seu robe, deslizando suas mãos dentro. — Como parte disso — disse ante seu receptivo tremor — minha Consorte deve ser vista cedendo ao seu estranho fetiche de caçar vampiros.

— Há, ha. — Abrindo os botões da camisa que ele tinha colocado para fazer a ligação, ela deu um beijo nos firmes músculos de seu peito. — Direi a Sara para

não me retirar da lista. — Perseguir vampiros delinquentes não parecia importante ante a sequência de tragédias que se abateram sobre a cidade, mas se iria ajudar a criar a ilusão de uma Manhattan sem danos pelo horror que tinha ocorrido em poucos minutos, era o que ela faria.

Sabia que os anjos em geral ficavam fascinados com ela, o primeiro anjo Criado de que se tem registro e que continuou a caçar. De acordo com o que ela tinha ouvido falar de Illium, havia tantos anjos colados nas reportagens sobre ela, como havia seres humanos e vampiros. Então, por que não usar essa notoriedade em benefício da cidade?

As mãos de Raphael removeram o robe, deixando-a nua, sua pele inflamou sob seu toque.

— Você precisa descansar — argumentou sem entusiasmo, uma dolorosa necessidade dentro dela, de provar a vida em sua forma mais primitiva. — Você empurrou sua nova habilidade para o limite na enfermaria.

Lábios nos dela, a boca demandando tudo o que tinha.

— Há — disse ele, apoiando-a contra a parede — outras formas de me revitalizar.

Elena engasgou quando ele a levantou, fechando suas pernas em torno de sua cintura para deixá-la intimamente exposta.

Ele estava duro e exigente naquela noite, seu arcanjo, sua fúria ante o ataque à sua cidade se estendia em seu sangue, mas ela não era pássaro frágil. Devolvendo cada beijo apaixonado, ela tomou os violentos impulsos seu pênis e exigiu mais, até que não havia mais pensamento, apenas a mais bonita tempestade de sensação.



Raphael só pensou em manter Elena por perto enquanto ela dormia no tapete grosso em frente à lareira do estúdio, seus corpos e asas emaranhados,

mas ele devia estar mais cansado do que esperava, porque logo percebeu que não estava acordado. Em vez disso, ele se viu no campo esquecido onde Caliane o havia deixado há mais de mil anos atrás, quando tinha sido um menino no início da sua existência.

Um menino que tinha pensado em matar sua mãe antes que ela se tornasse um monstro ainda maior do que aquele que havia orquestrado a morte de duas cidades prósperas, os adultos afogados, as crianças quebradas de tal maneira que até mesmo Keir, o maior curador, não pode reparar. Nenhum imortal ia até as antigas ruínas dessas cidades até hoje. Havia um silêncio penetrante, criado da dor de milhares de almas, tal silêncio que Raphael nunca iria esquecer, a dor de um vento gelado.

Hoje em dia, quando ele estava envolto em um silêncio pesado com o eco de memórias, ele via sangue na grama, o líquido carmesim que havia pingado enquanto ele jazia estilhaçado sobre a terra debaixo de um céu tão azul cristalino que doía. No entanto, ele não estava com o rosto na grama como estava antes, suas asas rasgadas e pesadas em seu corpo, partes delas desaparecidas. Não, ele estava de pé e era um homem, um arcanjo, não esse assustado e determinado menino com o coração partido.

Flexionando as mãos como se em prontidão para a batalha, ele deu um passo para frente... e andou em um muro de sussurros. Centenas de vozes, cada uma rouca e de alguma forma não utilizada, as palavras entrelaçadas e incompreensíveis. Elas vinham de todos os lados, mas quando ele se decolou no céu claro, não viu nada além dos corpos retorcidos das árvores que cercavam o campo, sentinelas antigas que permaneciam através da eternidade.

E ainda assim, todas as vozes sussurravam e murmuravam, empurrando-o em ondas que subiam e desciam, até que, finalmente, ele ouviu uma voz forte e única através do caos. Os outros sussurros morreram, mas não desapareceram completamente enquanto uma voz lhe perguntava.

— *Quem é você?*

Seus pés tocavam a grama mais uma vez, o orvalho molhado sobre as pontas de suas asas, ele sentiu uma onda de raiva surgir.

— Quem é você para fazer perguntas a um arcanjo?

Os murmúrios ressuscitaram, o volume subindo para um crescendo ensurdecedor.

Arcanjo.

Arcanjo.

Arcanjo!

CAPITULO 4

— Arcanjo. — Elena agarrou o ombro de Raphael, sua pele estranhamente fria sob a ponta dos dedos. — É hora de levantar.

Ele sempre acordava com seu primeiro toque, mas hoje ela teve de chama-lo uma segunda vez antes de seus cílios levantarem, o implacável azul de seus olhos sombreados por uma escuridão que silenciava sua vívida tonalidade.

— É de dia — foi a primeira coisa que ele disse, seu olhar focado nos raios de luz que entravam através das janelas de estúdio.

— Você estava em um sono tão profundo, eu pensei em dar-lhe alguns minutos extras. — Era o único presente que poderia dar, proteger um arcanjo era uma coisa impossível — Quase amanheceu — Ver que este magnífico e letal macho era seu, a deixava feliz, ela levantou-se e vestiu o roupão. — Você tinha um olhar irritado em seu rosto no final. Sonho ruim?

— Não ruim, mas estranho. — Ele não falou novamente até que eles tivessem tomado banho e começado a se vestir, seu quarto banhado pelo sol do amanhecer que entrava pela claraboia e pelas portas abertas da varanda. — Eu sonhei com o campo onde lutei com Caliane.

Atando sua trança, ela se ocupou verificando sua besta, entretanto ela não viu nada da arma, cada gota de seu ser concentrado em Raphael. Ele raramente falava sobre esse dia agonizante, e ela não o tinha empurrado, porque toda aquela coisa de “o tempo cura todas as feridas” era um monte de besteira.

— Sua mãe estava no sonho?

— Não — Caminhando para a varanda, com a parte superior do corpo nu, ele abriu as asas como se submergissem com os raios do sol, os filamentos de ouro escondido no branco acendendo com um fogo tão brilhante, que Elena encontrou-se escovando os dedos ao longo da seda.

— O que você vê, Elena?

— Há uma espécie de fogo em suas penas agora. — Ela quase esperava capturar um pedaço da penetrante chama branca em sua mão. — É incrivelmente bonito.

Raphael olhou para suas asas e deu de ombros.

— Desde que elas funcionem. — Dobrando-as, ele virou-se para pegar uma das lâminas de Elena e deslizou-a para dentro da bainha em seu braço esquerdo. — O sonho não era... o que deveria ser — disse ele, enquanto ela arrumava uma das alças da bainha. — É claro que ontem não foi um dia comum. Não é inexplicável que eu tenha sonhado com violência.

— Pode ser tão simples assim. — Elena estendeu seu antebraço direito, colocando a bainha no lugar, para que ela pudesse deslizar outra lâmina. — Mas eu vi muitas coisas estranhas desde que você me convocou para cumprir suas ordens para acreditar em algo tão simples.

— Você foi péssima em seguir minhas ordens. — Era uma lembrança recente. — Eu pensei que você era a criatura mais fascinante que eu já conheci.

— Você não fez — Ela apontou uma faca reluzente para ele antes de colocá-la em uma bainha na coxa, amarrada sobre suas delgadas calças de couro pretas, suas roupas projetadas para reduzir a resistência do ar. — Você pensou que eu era um incômodo e que deveria me jogar do lado de fora de um edifício, a fim de me ensinar boas maneiras. — Em vez disso, ele a fez fechar a mão sobre uma lâmina, seu sangue escorrendo no telhado, um ser tão aterrorizante que ela não tinha visto nada de humanidade nele. — Você era uma espécie de bastardo, se estamos sendo brutalmente honesto.

Seus lábios se curvaram e ele pegou a lâmina longa e fina que ela usava escondida ao longo de suas costas, em uma bainha construída na sua blusa preta de mangas compridas, o tecido resistente o suficiente devido as exigências da vida de uma caçadora.

— Você — disse ele, deslizando a lâmina no lugar quando ela se virou, — é a única pessoa que me diria isso na cara.

— Lembre-me de algum dia lhe dizer sobre como eu decidi que deveria ter *Grande Idiota* tatuado na sua testa. — Diante dele mais uma vez, ela alisou as mãos sobre os seus lindos ombros. — E o que diz sobre eu achá-lo fascinante e mais sexy do que o pecado, mesmo depois de você fazer com que eu me cortasse?

— Que você era uma guerreira que sabia que finalmente tinha encontrado seu par.

Elena bufou.

— Diz que sou uma idiota que não sabe quando ser submissa e servil nem para salvar minha bunda, é isso que diz.

Seu sorriso se aprofundou até que suas bochechas vincarem, Raphael curvou uma mão em torno de sua nuca, usando os dedos de sua outra mão para acariciar o arco superior sensível de sua asa, com traços firmes e longos.

— Se você fosse mansa e subserviente¹ — ele murmurou enquanto seus joelhos ameaçavam derreter — Eu nunca a teria chamado para seguir minhas ordens.

Seu beijo ameaçou terminar o que suas carícias haviam começado. Lambendo sua língua contra a dele, seus seios esmagados contra o duro músculo do peito, Elena não queria nada mais do que ficar neste minuto roubado, esquecer o mundo lá fora, mas a realidade feia que a aguardava não podia ser ignorada.

¹ Que consente em servir a outro de maneira humilhante; que se presta às vontades de outrem servilmente; servil.

— Eu estive longe da Torre por mais de seis horas — disse Raphael, quando eles se separaram, sua expressão mudando de uma forma que lembrou que ele não era simplesmente seu amante, não era simplesmente o homem que usava seu anel no seu dedo. Não, ele era um arcanjo, responsável pelas vidas de milhões, mortais e imortais.

— Termine de se vestir. — Libertando-o, ela se dirigiu para a porta. — Eu vou trazer um pouco de comida. Você precisa reabastecer depois de toda a cura que fez.

No momento em que ela voltou, a transformação estava completa, o Arcanjo da New York tinha um sombrio olhar ao seu lado enquanto comiam em pé na varanda. Ele tinha escolhido vestir uma simples camisa preta e calças, o corte intocado, ao invés do equipamento de combate de couro que usava normalmente. Tudo parte da ilusão, ela percebeu, um elegante “foda-se” a quem ousou atacar sua cidade e prejudicar o seu povo.

Elena assistiu ele cortar o frio do vento apenas alguns minutos mais tarde, a luz do amanhecer acendendo um fogo branco sobre os filamentos alterados em suas asas, e sentiu seu coração em um aperto profundo, com medo. Nunca tinha esperado encontrá-lo, e ficar profundamente, descontroladamente, insanamente apaixonada, às vezes, a alegria no fundo de sua alma sobre seu entrelaçamento apaixonado a aterrorizava, o medo de perdê-lo como tinha perdido suas irmãs, sua mãe, era um intruso furtivo em sua mente.

Depois de ontem, esse intruso tinha forçado o seu caminho para o fundo de sua mente.

Com as unhas cravando em suas palmas, ela voltou para o quarto para pegar seu telefone. Atualmente, não tinha nenhum trabalho ativo, mas ela podia usar seu tempo dando uma aula na Academia de Caçadores, não tinha tanta visibilidade como uma caçada, mas era perfeito em sua normalidade absoluta. No entanto, como parte de sua contribuição para a atitude “Foda-se” de Raphael, ela parou em um carrinho de café na cobertura, criado por um humano astuto o suficiente para perceber que anjos também gostavam de café.

Obrigou-se a rir da piada do barista, ouviu câmeras de telefone clicando em silêncio, enquanto os empresários do prédio aproveitavam sua proximidade para atualizar suas páginas de mídia social. *Engole isso*, pensou ela ao desconhecido inimigo que tinha causado tal carnificina e perda. *Você pode ter conseguido matar cinco de nós, mas você não chegou nem perto de quebrar esta cidade.*

Com a sensação de ter rocha na garganta ao pensar no resto, mesmo agora em seu caminho para o Refúgio, ela foi embora só depois de fazer uma varredura no local, incitando-os a tirar mais fotos enquanto segurava um café.

O treinador da Academia da Sociedade estava mais do que feliz em tê-la como a responsável da classe avançada de Balestra, já que a Sociedade sempre ajustava o cronograma para tirar proveito de caçadores ativos que tinham algum tempo livre.

Lição completa, ela tinha acabado de subir no telhado, preparando-se para decolar em direção a sede da sociedade, quando o telefone tocou.

— Eve — disse ela com um sorriso, — eu estava pensando que devíamos conversar. — Para grande desgosto de Jeffrey, o maldito hipócrita, a meia irmã mais jovem de Elena também nasceu uma caçadora.

— E-Ellie, você pode v-vir agora? — Soluços na voz geralmente efervescente de Eva.

Com o sorriso desvanecendo, disse.

— Você está na escola?

Tanto Evelyn quanto sua irmã mais velha, Amethyst, eram internas em uma escola particular do norte do estado até que os acontecimentos sangrentos que lá ocorreram na primavera passada. Foi o resultado das habilidades de caça de Eve vindo à luz, levando-a a se transferir para uma escola privada mais perto da Academia da Sociedade. Amethyst tinha escolhido ir com ela.

Eve fungou.

— S-sim. Eu estou me escondendo.

— Eu estou a caminho.

Sua irmã devia estar vigiando Elena de seu esconderijo, porque ela correu ao redor do imponente prédio de tijolos vermelhos assim que Elena pousou no bem cuidado gramado.

Eve tinha feito onze anos há uma semana, mas ela parecia muito mais jovem hoje, com o rosto manchado, seus soluços profundos, silenciosos e devastadores.

— Querida — disse Elena, acenando para um professor que tinha aparecido nos degraus da escada.

O homem mais velho vestido de terno franziu a testa, mas retornou através das pesadas portas de madeira esculpida com uma espécie de crista.

Encontrando-se com o corpo revestido pelo uniforme de Eve em seus braços, Elena cerrou os dentes e conseguiu uma decolagem vertical por pura força de vontade. De acordo com cada fato conhecido sobre o desenvolvimento angelical, ela não deveria ter sido capaz de fazer isso, seu corpo não tendo formado a musculatura necessária, mas a ideia de estar indefesa no chão era insuportável, assim ela aprendeu a levantar. Não era elegante e *doía*, mas ela podia fazê-lo.

Ela capturou a emoção da escola através da janela enquanto elas passavam. Bom. Ninguém iria provocar Eve por suas lágrimas agora; os outros alunos estariam mais interessados em suas histórias de voo.

— Está tudo bem — ela disse quando Eve, percebeu que seus pés não estavam mais no chão, agarrou-se a ela. — Eu tenho você.

Levou mais alguns soluços antes de sua irmã esticar o pescoço para ver ao redor das asas de Elena, seu cabelo chicoteando no vento. No momento em que elas aterrissaram no Enclave, seu rosto estava alegre, suas bochechas felizmente irritadas pelo vento.

— Se você estiver indo para jogar hooky² — disse Elena, aliviado ao ver o espírito resistente de Eve subindo à superfície — faça-o em grande estilo.

Isso rendeu-lhe um sorriso de olhos brilhantes, o cinza da íris de Eve era um lembrete que Jeffrey pôs em ambas.

— Podemos fazer isso de novo?

— Depois que comermos algo. Vamos lá. — Andando na frente da casa, certa de que Montgomery não iria decepcioná-la, ela levou Eve até sua estufa.

— Oooh. — Eve levou seus dedos até as pétalas de uma margarida florescendo descontroladamente no interior do recinto aquecido. — Você a fez crescer aqui?

— Sim. Deverias ver esta.

Apenas três minutos depois, Montgomery mais uma vez, provou que podia se confiar nele.

— Chocolate quente e bolos para sua convidada, Caçadora da Sociedade — disse ele, colocando a bandeja que carregava em cima da pequena mesa de ferro forjado, que Elena tinha situado em um canto aconchegante da estufa na primeira vez que Sara veio visitá-la.

— Obrigada — disse ela, consciente de Eve parada educadamente ao seu lado, as mãos cruzadas na frente dela. — Eu não acho que você tenha conhecido minha irmã mais nova, Evelyn. — De suas três irmãs que estavam vivas, apenas Beth tinha ido à casa do anjo no Enclave e ela tinha estado tão intimidada que não falou nada o tempo todo. — Eve, este é Montgomery.

Uma elegante reverência.

— Senhorita, Evelyn.

Com os olhos arregalados, Eve estendeu a mão.

— Oi.

² Creio que seja algum ditado americano, mas traduzido não fez muito sentido. Sorry

Elena nunca tinha visto Montgomery apertar a mão de ninguém. Esperando que ele se escandalizasse com a ideia, ela encontrou-se encantado com a solenidade que ele aceitou a mão de Eve.

— Se precisar de mais alguma coisa — disse ele, após terminarem as formalidades — Eu estarei em casa.

Movendo-se até uma das cadeiras perto da mesa depois que a porta se fechou atrás Montgomery, Eve se aproximou para sussurrar.

— Ele era um mordomo?

— O melhor que você já conheceu. — Pegando o lindo e pequeno bule, Elena derramou chocolate quente em copos delicados que ela nunca tinha visto antes, as bordas com arabescos e a superfície de porcelana branca pintada com minúsculas flores de cor rosa.

Perfeito para uma jovem.

— Uau. Temos uma empregada, mas eu não conheço ninguém que tenha um mordomo.

Elena sorriu, pensando em sua própria reação na primeira vez que tinha visto Montgomery, colocando um bolinho no prato de Eve, glacê de redemoinhos amarelos decorado com violetas cristalizadas.

— Agora — disse ela, quando sua irmã terminou de comer o bolinho — diga-me o que fez você chorar. — Ela nunca tinha sido tão direta com Beth, mas Eve era mais resistente, mesmo sendo uma criança.

Com uma expressão abatida, sua irmã empurrou uma migalha em seu prato.

— Eu me sinto uma idiota agora. Não deveria ter chamado você, eu sei que você deve estar triste e agitada por causa da Queda. — Ela esmagava as migalhas, olhando para elas como se fossem a coisa mais importante do planeta. — Eu estava com medo que você tivesse caído, e Amy também estava. Obrigado responder minha mensagem.

— Não é necessário me agradecer. — Elena estendeu a mão para colocar os profundos fios pretos do cabelo da Eve atrás das orelhas. — Lembre-se do que eu disse? Estou sempre aqui para você. — A amargura entre ela e Jeffrey podia tê-la mantido afastada de suas meio irmãs durante a maior parte de suas vidas, mas esse era um erro que Elena nunca mais repetiria. — Foi bom receber sua mensagem ontem, e estou feliz que você me ligou hoje.

Respirando entrecortadamente, Eve olhou para cima, seus olhos enormes e molhado.

— Eu sei que não deveria, mas esta manhã eu disse ao pai sobre como ganhei um exercício na Academia.

O estômago de Elena se retorceu. Ela sabia o que estava por vir, mas ela ouviu de qualquer maneira, porque Eve necessitava liberar o veneno antes que apodrecesse, como tinha feito com Elena e Jeffrey, até que ele houvesse causado um buraco irregular através do que uma vez fora uma forte relação entre eles.

— Ele fica sempre tão orgulhoso quando eu vou bem na escola — Eve continuou. — Eu pensei que ele ficaria orgulhoso desta vez também... mesmo sabendo que ele odeia os caçadores. — Com seu lábio inferior tremendo, ela engoliu. — Eu pensei que se pudesse fazê-lo feliz, então talvez ele fosse bom com você também, mas e-ele me disse para sair de sua vista.

— Oh, Eve. — Com seu peito doendo ao ver sua irmã ferida, ela contornou a mesa para ajoelhar-se ao lado da cadeira de Eve.

Soluçando seriamente agora, Eve jogou os braços ao redor de Elena, o rosto molhado contra seu pescoço. Ela não disse nada, simplesmente acariciou as costas de sua irmã, deixando-a chorar por toda dor que sentia. Era melhor assim. Quando era uma criança, Elena havia engolido sua própria dor uma e outra vez, até que ela tinha se tornado um nó dentro dela, que não tinha certeza que poderia desatar.

Algumas feridas foram infligidas quando era muito jovem, com cicatrizes muito profundas.

Levou tempo, mas Eve finalmente parou de chorar. Enxugando as bochechas de sua irmã com um guardanapo umedecido com água do pequeno jarro que Montgomery havia deixado sobre a mesa, Elena beijou as duas.

— Jeffrey te machucou, e ele não tem direito de fazer isso, não importa se ele é seu pai. — Mesmo enquanto falava, ela sabia que tinha que pisar com cuidado, certificando-se que suas cicatrizes não influenciassem a visão que Eve tinha de Jeffrey.

Porque apesar do bastardo que ele tinha se tornado no que se referia a Elena, aparentemente ele tinha sido um bom pai para Eve e Amy. Não o mesmo homem que tinha jogado Elena no ar quando criança e dançado com sua primeira mulher na chuva, essa parte dele foi enterrada no mesmo túmulo que Marguerite, no entanto era um pai em que Eve e Amy podiam confiar.

Elena nunca faria nada para prejudicar esse vínculo, não quando ela sabia o que era para uma criança ser alienada pelo homem que estava destinado a protegê-la em seu estado mais inocente e vulnerável.

— A verdade é — disse ela suavemente, suas asas espalhadas no chão da estufa, enquanto ela continuava ajoelhada ao lado da cadeira de Eve — Jeffrey não é racional sobre esse tipo de coisa.

Não tenho nenhum desejo de abrigar uma abominação sob o meu teto.

Palavras que Jeffrey tinha jogado contra ela durante a feia luta final, que tinham destruído os últimos e quebradiços fios que os uniam.

— Mas *por quê?* — Eve apertou os punhos, sua mandíbula projetando-se quando fez a pergunta que Elena nunca tinha sido capaz de responder. — Se eu sou uma nascida caçadora e você é uma nascida caçadora, isso não significa que o Pai tem de ser nascido caçador, também?

CAPITULO 5

— Não — disse Elena, respondendo à pergunta como pode — isso significa que alguém em sua família era, e ele carrega os genes nele. — Um fato que ele conscientemente tinha escondido de Elena até que o surgimento da capacidade de Eve tinha jogado uma granada no seu segredo particular. — Mas a capacidade não está ativa nele, como está em mim e você. Entendeu?

Acenando positivamente, com linhas de expressão marcando a pele cremosa que Eve tinha herdado da segunda esposa de Jeffrey, Gwendolyn.

— Como se estivesse dormindo nele e acordado em nós duas.

— Sim. — Elena se pôs de pé, espalhando suas asas em um trecho de luz em que o ouro branco atingia um pote de crisântemos floridos. — Eu acho que é uma boa maneira de colocar. — No entanto, seu pai não poderia continuar fingindo sua voluntariosa e dolorosa cegueira. Elena não permitiria que ele machucasse Eve como ele tinha machucado-a.

— Ele nunca pôde entender, não é, Ellie? — Eve disse com sua habitual franca natureza, poucos minutos mais tarde, à medida que se preparavam para sair. — É por isso que ele está sempre tão zangado com você.

Elena apertou a mão de sua irmã, seus calos encontrando os calos que apenas estavam começando a se formar nas palmas das mãos macias de Eve.

— Jeffrey e eu — disse ela — temos outros problemas.

Slater Patalis tinha sido atraído para sua casa suburbana por causa de Elena. Até aquele dia horrível e cruel uma vida atrás, eles tinham sido uma família de seis. Jeffrey, Marguerite, e suas quatro meninas. Mirabelle, com seu

sangue quente e carinho selvagem. Ariel, mesmo mal-humorada, mandona e protetora. Elena, que queria fazer tudo o que suas irmãs mais velhas faziam, e Beth, jovem demais para lembrar que eles estavam juntos antes de Slater Patalis entrar pela porta da cozinha.

Onde o vampiro assassino havia massacrado Ariel e Belle em um reinado de horror de sangue, torturado a mãe mais e mais... torturado a mulher que era, e sempre seria, o maior amor de Jeffrey. Beth não estava em casa, mas Elena estava. E ainda que fosse tudo sua culpa, *ela* era a única que tinha sobrevivido.

— Ele te ama — disse Elena, enquanto as memórias dela machucavam por dentro, esperando não estar prestes a mentir para sua irmã. — Pode levar tempo, mas ele vai aceitar a sua caça.

Levando Eve de volta para a escola e pronta para assumir a responsabilidade por sua ausência, Elena voou direto para o elegante edifício de arenito que Jeffrey utilizava como um escritório privado, apenas para encontrá-lo fechado, seu assistente em nenhum lugar em evidência. Sabendo que seu pai iria chamá-la em breve, Elena não se incomodou em deslizar uma nota sob a porta e foi em direção a sede da Sociedade. Mais uma vez, seu telefone tocou antes dela pousar. Respondendo no ar, ela encontrou Sara na outra extremidade.

— Ellie, eu sei que você provavelmente não pode cuidar disso, considerando o que aconteceu ontem, mas...

— Na verdade, eu estava indo vê-la, queria perguntar se você tinha uma caçada para mim.

— Bom, porque nós temos um problema sério. — Suspirando audivelmente, ela disse: — Um de nossos caçadores saiu dos trilhos. Podemos estar falando de assassinato se não o detivermos.

Elena pousou em um telhado próximo, seu pulso de repente em sua boca, as palmas das mãos úmidas, as palavras de Sara tinham desbloqueado um cofre oculto: Bill James tinha sido um caçador famoso, mentor de Elena... e um serial killer. Um tão bom em esconder sua psique desmoronando, que nenhum de seus

amigos tinham percebido o que estava acontecendo até que o primeiro menino foi morto.

— Quem? — Perguntou ela, com um nó na garganta.

— Darrell Vance. — Aliviada por não ser um amigo, Elena levou a mão trêmula ao rosto. Talvez não fosse justo ou ela não tivesse o direito de se sentir desta forma, mas já tinha tido que executar um amigo, e nunca esqueceria o olhar de traição nos olhos de Bill quando ele morreu em seus braços, o seu sangue quente em sua pele.

— *Ellie.* — *A incompreensão em sua voz.* — *Por que, Ellie?*

A voz de Sara interrompeu a memória que ainda a acordava em algumas noites, com a boca seca e as palavras “*Sinto muito*” em seus lábios.

— Darrell teve que ir numa caçada seriamente difícil — Sara disse — O vampiro mudou de ideia depois de ser convertido e voltou para a família mortal que tinha deixado, só para descobrir que sua esposa voltou a se casar, e que agora outro homem criava seu filho.

Elena já conhecia essa história.

— Ele matou o marido.

— Não, isso seria ruim, mas... — Quando Sara teve que fazer uma pausa, como preparando-se para o que estava por vir, pavor começou a rastejar pela espinha de Elena. — Ele rasgou a garganta do marido, em seguida amarrou seu filho e esposa, envolveu-os em seus braços e ateou fogo.

Oh, Jesus.

— Darrell encontrou-os enquanto eles ainda estavam queimando, tentou apagar as chamas, mas você sabe como vampiros queimam. É como se eles estivessem mergulhados em gasolina.

Elena já havia testemunhado um vampiro queimar como resultado de um crime de ódio. Tinha sido horrível, o cheiro de carne assada ameaçando fazê-la

vomitaram enquanto tentava freneticamente apagar as chamas. Mas encontrar uma mulher e uma criança na mistura? Seu estômago revirou.

— Darrell desapareceu do radar?

— Sim. A forma como acabou não foi culpa dele, ele achou o rastro em tempo recorde, mas provavelmente ele não vê assim. Como resultado, ele atacou um vampiro inocente e colocou-o no hospital há duas noites; mais alguns socos e ele teria danificado fatalmente o coração. Eu descobri uma meia hora atrás, que o vampiro acordou.

Os vampiros podem ser fortes, mas há alguns deles que são destreinados e não tinham a menor chance contra um membro da Sociedade.

— Você já contactou o assassino? — Perguntou Elena, referindo-se ao caçador anônimo, cuja tarefa era caçar os Caçadores que perdiam o controle.

— Ela teve uma lesão grave recentemente e está fora de serviço. Este caso nós teremos que lidar sem ela. Ransom está na caçada; ele tem os escassos detalhes que possuímos até agora, e sei que ele quer você como o seu apoio. — Um reconhecimento tácito do vínculo que se formou entre eles no dia em que Bill morreu. — Como estamos, se ele se deparar com algo que provavelmente terá que ser encaminhado para a Torre, você estará fazendo o trabalho em dobro.



Raphael olhou para o canal de notícias mortais em execução em uma parede de seu escritório na Torre e sorriu. Não era um sorriso de humor, mas de orgulho. Sua Consorte tinha feito exatamente como ele tinha pedido, a mídia estava perplexa diante da aparente indiferença com que ela comprou uma xícara de café nessa manhã. Os especialistas que anteriormente julgavam a Queda como um desastre catastrófico agora estavam começando a questionar seu julgamento. Cada vez mais, ele ouviu-os chamando de um acidente de algum tipo que “felizmente não causou danos duradouros”.

— Elena certamente sabe como chamar atenção — disse Dmitri do outro lado do telefone, depois de observar o mesmo feed de notícias.

O segundo de Raphael e sua Consorte nunca tinham se visto com bons olhos. Para Dmitri, Elena era uma fenda na armadura letal de Raphael, mas hoje ele ouviu certa admiração sombria no tom de voz do vampiro.

— Se pudermos continuar a manipular a mídia — disse, colocando a tela no modo silencioso — e mantivermos um domínio sobre qualquer notícia que sai da Torre, podemos convencer o inimigo que os cinco que perdemos representam o único prejuízo real. — Aqueles cinco estavam a meio caminho de casa até agora, cruzando sobre a extensão azul-esverdeada de um mar mercurial.

— Reconhecer algumas lesões graves, ou permitir que a informação vazze. — Dmitri falou com a inteligência glacial que o fez um mestre estrategista. — Cuidarei das imagens que já vazaram, de anjos que caíram no tráfego ou foram feridos publicamente, e explicarei aos curandeiros. Illium é muito bom sussurrando as palavras certas nos ouvidos certos.

Raphael enviou a instrução para o anjo de asas azuis, enquanto ele continuava a falar com Dmitri, seus olhos sobre o aço e vidro que era a metrópole brilhante de Manhattan.

— Precisamos trazer tranquilamente as tropas das áreas periféricas. — Nenhum inimigo que queira ser levado a sério no mundo imortal iria lançar um ataque a qualquer alvo, exceto a Torre. No jogo dos arcanjos, para conquistar, era necessário atacar a base de poder do outro.

— Preciso que ajude Aodhan a organizar essa movimentação. — Aodhan ainda era novo no território, tendo anteriormente sido a mão direita de Galen no Refúgio. — Tenho Illium focado na criação de novos esquadrões de trabalho. — Com as baixas de anjos, os esquadrões atuais tornaram-se desequilibrados em áreas críticas.

— Sire, deseja que eu retorne à cidade?

— Não — disse Raphael, consciente de que a esposa Dmitri ainda estava recuperando suas forças depois de sua transformação de um mortal para um vampiro. — No momento, sua ausência serve ao meu propósito. — Todo mundo sabe que Dmitri é o mais velho dos Sete de Raphael, e Raphael o considera um amigo. — Quando começar a guerra, eu vou querer você ao meu lado, mas agora não.

Ainda não.



Elena pousou na frente de uma antiga casa de dois andares, localizada em uma rua abandonada, 20 minutos depois da ligação de Sara. Rodeado por ervas daninhas altas e coberta por elas de um lado, o edifício na frente poderia ser um protótipo de uma casa assombrada; na verdade, toda a rua tinha escapado de qualquer tentativa de modernização. Até mesmo os postes eram de ferro oxidado, os pedaços de vidro se espalhavam na calçada, nenhum sinal de eletricidade ou de cabos de telefone à vista.

Isso era surpreendente em uma cidade cheia de anjos e vampiros, apesar de que nem todos abraçaram a mudança. Se, no entanto, este lugar pertencia a um imortal ou quase-imortal, ele o havia permitido se deteriorar notavelmente. Os mais velhos que gostavam de manter as coisas do jeito que tinham sido em algum momento no passado, tinham grande orgulho em manter o detalhe histórico e beleza de suas propriedades.

Parecia que ninguém mexeu nessa casa há décadas.

A pintura, que poderia ter sido branca, estava descascando e enegrecida pelo pó das ruas da cidade, as janelas quebradas, os beirais tinham penduradas teias de aranha espessas e pegajosas, as cortinas em pedaços podres, pelo que ela podia ver de sua posição na rua. A madeira estava retorcida, até que a casa não poderia ser de forma alguma a prova de intempérie, e uma árvore extraordinariamente alta havia caído sobre parte do telhado, afundando um lado da casa.

— Que diabos é esse lugar? — Ela disse para Ransom quando ele apareceu do outro lado da varanda.

Com seus olhos verdes vívidos contra a pele de cobre e ouro, ele levantou uma sobrancelha.

— Você está falando sobre este imóvel de milhões de dólares?

— Sério?

— Qual foi à última vez que um terreno esteve a venda em Manhattan? — Perguntou ele, encolhendo os ombros largos abraçados pelo couro preto de sua jaqueta de motociclista, suas pernas envoltas em velhas calças azuis sobre suas resistentes botas desgastadas. — Toda esta rua é uma parcela. Os desenvolvedores têm fódidos orgasmos públicos sonhando em colocar suas patas sobre ela.

Elena assobiou.

— Alguém está sentado em uma mina de ouro.

— Ele estava. Agora está morto. — Com o coração batendo contra suas costelas, ela focou sua atenção na casa apodrecendo do outro lado da rua.

— Não...

— Não, não era Darrell, mas é alguém que a Torre vai estar interessado. — As proeminentes maçãs do rosto de Ransom estavam rígidas quando disse — Precisamos esclarecer isso rapidamente e continuar com a caça.

Concordando, ela caminhou devagar até os degraus da frente, não confiando que não entrariam em colapso, e a colocariam caída em sua bunda.

— Como é que vamos entrar? — A porta da frente estava cheia de tábuas, os pregos e a madeira pichada com frases obscenas.

Virando a cabeça para a esquerda, a brilhante cauda preta de seu cabelo amarrado na nuca com uma tira de couro cru, Ransom levou-a ao redor da casa.

— Seus amigos anjos estão bem? E aquele jovem loiro, que te segue ao redor como um grande filhote de cachorro pateta?

Com pontadas no estômago, sua mente se rebelando contra as imagens brutais das pernas de Izak arrancadas, sua pele esfolada.

— Ele está muito ferido.

— Merda. Ele é apenas um garoto.

A garganta de Elena fechada enquanto pensava em outro jovem soldado que não tinha sobrevivido, cuja família ainda hoje realizada vigília para o retorno de seu corpo.

— E o anjo da frente do caminhão, conseguiram salvar? — Ela disse, forçando-se a não ceder à raiva inútil.

— Vai levar tempo, mas ela vai se curar.

Ransom soltou uma respiração irregular.

— Não acreditei que ela fosse conseguir. Ela estava... — Balançou a cabeça. — Eu tive que recolher o braço de debaixo dos pneus, Ellie. — Gesticulando para que tomasse cuidado com uma placa quebrada, ele disse: — O que eu encontrei hoje? Vai adicionar-se ao monte de merda.

Porra. A cidade não precisa de quaisquer problemas.

— Rastrou Darrell até aqui?

— Darrell não iria sair logo depois do episódio com a mãe e a criança — foi a surpreendente resposta. — Ele veio, teve aconselhamento, disse todas as coisas certas, e foi atribuído a um trabalho fácil de recuperação.

Lendo nas entrelinhas, Elena se deu conta de que o conselheiro percebeu que algo estava errado e pediu para que Darrell fosse mantido dentro do alcance.

— O vampiro que possuía este lugar era seu alvo atribuído. — Ransom tirou suas armas dos coldres de ombro que ele usava sob o casaco, a ação mortalmente silenciosa. — Imaginei que poderíamos usá-lo como um ponto de

partida, já que Darrell enviou um relatório dizendo que estava na trilha desse cara.

Elena tinha suas lâminas na mão quando eles viraram a esquina. Metade da parede de trás tinha apenas ido embora, deixando uma entrada escancarada cheia de detritos de rua, folhas mortas, agulhas hipodérmicas descartadas, e outras coisas que ela não queria pensar muito profundamente. Tentando manter suas asas longe da porcaria, ela deu um passo para dentro... e um rato do tamanho de um maldito gato correu sobre sua bota.

Reprimindo seu grito instintivo, ela olhou para Ransom, que visivelmente *não* estava sorrindo.

— Você não poderia ter me avisado?

— Você é uma valente caçadora que fica nua com um maldito arcanjo, tem um lança-chamas em miniatura que, por sinal, você deve me deixar no seu testamento e uma besta, todos de fácil acesso. — Suas bochechas vincaram e seus olhos brilhavam. — Os ratos tremem em sua presença.

— Agora, eu lembro porque você é só um quase amigo

— Oh, Ellie, isso me machuca. — Ele fez uma pausa. — Será que você pegou as máscaras?

— Sim. — Colocando a mão no bolso lateral de sua calça, ela passou-lhe uma máscara descartável. Como ela, ele era um nascido caçador, e seu sentido de cheiro agudo.

— Obrigado. — Ele colocou-a em cima da boca e do nariz, apertado o elástico. — Cheiro pior no andar de cima.

Desde que o cheiro aqui era uma mistura nojenta de fezes, comida estragada, e urina. Elena não perdeu tempo e seguiu seu exemplo. Puxando um par de luvas de látex do outro bolso, assim como Ransom, ela acenou para ele liderar, e eles contornaram o que parecia ser o corpo mumificado de um gato selvagem, e saíram da cozinha. O corredor era tão estreito que Elena teve de se inclinar ligeiramente para a direita para evitar raspar suas asas sobre a

espessura marrom escura que manchava a parede, agora todo ar que entra era através de sua boca... pois seu cérebro tinha identificado o componente principal do mau cheiro pútrido, como o de um cadáver em decomposição.

CAPITULO 6

Parando ao pé da escada estreita que corria ao longo de uma parede, Ransom murmurou.

— Mantenha-se à esquerda e espere até que eu esteja no topo, em seguida, suba.

As escadas rangeram sob seu peso, novamente sob Elena, mas se mantiveram.

Com as armas em punho, Ransom levou-a para o corredor no andar de cima, em um quarto tão pungente com a morte, que seu estômago teria se revoltado se ela não tivesse se preparado contra o reflexo de vômito. A segunda sensação foi de umidade, algo sobre a forma como o quarto foi construído agia para prender o pouco calor que havia e acelerar o processo de decomposição.

Identificaram imediatamente o colchão imundo abaixo das janelas com tábuas como a fonte do cheiro de putrefação, Elena atravessou, confiante de que Ransom a cobriria. O corpo estava inchado com os gases de morte, a pele de um verde doentio, mas a cabeça permaneceu ligada ao pescoço e o peito coberto pela camisa estava intacto, olhando superficialmente. Isso significava que seu coração provavelmente ainda estava dentro de seu corpo.

Ajoelhando-se, Elena piscou rapidamente para secar os olhos que ameaçavam lacrimejar devido às ondas pulsantes de fedor, ignorou as larvas, ela separou os lábios do cadáver.

Caninos afiados de um branco brilhante.

— Ele não é um vampiro bebê — disse ela com os dentes cerrados, — De modo que isso não é uma conversão malfeita.

— Olhe para a garganta.

Com as asas farfalhando contra Deus sabe o que no chão sujo, ela pegou a fina lanterna que mantinha escondido ao lado da faca em sua coxa esquerda e apontou o feixe para o pescoço da vítima.

— Inferno — pústulas grossas cheias de líquido sangrento cobriu a garganta do homem, todo o caminho até o colarinho aberto de sua camisa... e para baixo.

— O cheiro está me afetando, Ellie, — disse Ransom, justo quando seu próprio estômago começou a se agitar.

— Eu também. — Ambos arrancaram suas máscaras e tomaram goles profundos do ar de inverno no instante em que atingiram a rua. A pele de Elena picava para respirar. Quando Ransom pegou um par de garrafas de água do corpo de sua moto, jogando-lhe uma, ela aceitou com um aceno de agradecimento.

— Os vampiros não deveriam ficar doentes — disse ele, depois de esvaziar metade da garrafa.

Espirrando um pouco de água em uma mão, Elena jogou sobre o rosto, sabendo que levaria várias chuveiradas para tirar esse mau cheiro fora de seu nariz.

— Não, eles não ficam.

— Cortando suas cabeças, eles morrem — continuou Ransom. — Coloque-os no fogo ou arranque seus corações, e eles morrem a menos que sejam muito fortes ou muito *velhos*. Mas assim que eles são feitos, eles não ficam doentes. Uma coisa é certa, Darrell definitivamente não tem nada a ver com isso.

Elena concordou.

— Eu vou ter que consultar a Torre. — Um dos anjos mais experientes ou vampiros; talvez *houvesse* um vírus vampiro estranho que afeta uma minoria deles e ela simplesmente não sabia sobre isso. — Quem quer que seja, provavelmente irá pedir-lhe para assinar um acordo de confidencialidade com sangue.

Ransom fingiu cortar uma veia enquanto ela ligava para Aodhan.

— Eu acho que isso é sério — ela disse ao anjo, depois de descrever a situação. — Ransom e eu precisamos continuar a nossa caçada, você pode enviar alguém para guardar o corpo até que ele possa ser movido para um necrotério?

Aodhan pediu-lhe que esperasse 5 minutos, mas foi quase 15 minutos mais tarde que ele escoltou pessoalmente outro anjo até o local. Descalço, com 1,70 e esbelto como um menino, os olhos inclinados para cima do anjo eram de um inesperado suave castanho, seus lábios exuberantes em um rosto quase feminino, exceto pela pura masculinidade que se exalava de Keir.

Sua frustração com a espera dissolvendo-se em profundo afeto, ela se inclinou para o beijo de Keir na bochecha.

— Você deve ter deixado o Refúgio assim que aconteceu. — *É. A Queda.* Uma enorme maldade reduzida a duas palavras simples.

— Raphael me mandou um jato, assim eu não estaria cansado após a minha chegada — ele disse, os olhos dolorosamente sábios. — Foi estranho voar nas entranhas de uma criatura de metal quando tenho minhas próprias asas, mas ele estava certo.

Quando Aodhan foi inesperadamente solicitado pela Torre segundos depois, Elena permaneceu para monitorar Keir, enquanto Ransom continuou a circular fora da casa, à procura de qualquer sinal de que Darrell tivesse chegado tão longe. Com os músculos do estômago contraídos devido ao mau cheiro nocivo, Elena levou Keir até o cadáver, onde o curador examinou-o em silêncio, sem dizer uma palavra até que eles estavam de volta na rua deserta.

— Uma verdadeira infecção. — Escura preocupação nublou seus exuberantes olhos marrons. — Devo fazer uma autópsia do corpo sob uma iluminação melhor, ver se consigo identificar como a infecção foi introduzida em seu corpo.

— Ransom e eu estávamos conversando antes de você chegar, e pensamos que talvez a vítima tenha bebido da pessoa errada.

Sua expressão ficou mais escura, ainda mais grave.

— Os corpos de nossos parentes de sangue — Keir disse — são construídos para filtrar impurezas no sangue, isto é, por que um vampiro pode se alimentar de qualquer doador, mesmo o mais doente. — Fios de cabelo de seda preta caíram sobre sua pele escura quando ele olhou para o chão, perdido em pensamentos. — Se esse mecanismo falhou...

Com um súbito brilho de azul, Illium aterrissou na frente dela. Tendo falado com ela enquanto Keir examinava o corpo, ele trouxe um saco de corpo para transportar a vítima para os laboratórios de pesquisa debaixo da Torre, um pequeno recipiente de risco biológico para ela, bem como melhores máscaras e luvas substitutas, e não discutiu quando ela o fez usar o equipamento de segurança.

— Esta casa precisa ser queimada até o chão, — disse ele quando voltou com o corpo, sua expressão mais dura do que a maioria das pessoas jamais viu. — Não podemos correr o risco de que a causa da infecção possa estar ali dentro.

Sentindo que Keir estava ansioso para examinar o corpo, e consciente de que Raphael precisava de Illium, disse ao anjo de asas azuis que ela cuidaria da situação e chamou Ransom assim que ele decolou.

— Eu vou dar uma última volta entorno da casa. — Depois que ela fizesse isso, teria uma ideia de como destruí-la. — Eu preciso terminar isso, parar a doença aqui, se não já tiver se espalhado, então se você quiser...

— Não, tudo bem, — ele interrompeu. — Eu vou acompanhá-la. Trail está tão morto que está em rigor-mortis, não acho que Darrell tenha chegado tão

longe. Relatório de fundo deve vir em breve, por isso vamos ter uma ideia melhor de outros lugares que ele possa ter frequentado; pode também tentar descobrir o que aconteceu aqui nesse meio tempo.

Recolocando as máscaras e as luvas, ela e Ransom passaram por todo o lugar mais uma vez, à procura de qualquer coisa que pudesse fornecer uma pista.

— Por que você disse que esta pista era um tiro certo? — Ela perguntou, colocando as agulhas hipodérmicas que tinha notado anteriormente dentro do recipiente de risco biológico.

— O vampiro não fugia. Ele só tinha saudades de casa de vez em quando, seu anjo lhe dava três ou quatro dias, em seguida, enviava um caçador para buscá-lo. — A pena tranquila em sua voz ressoava com a mesma emoção dentro de Elena. — Os registros dizem que ele nunca resistiu, era sempre educado e se desculpava, e estava cheio de histórias sobre seus planos para renovar a casa.

Era uma imagem comovente, de um homem inofensivo que não merecia a morte. Igual aos cinco anjos que a esquadra de Nimra levou para casa em ataúdes cobertos de flores. Brasas de raiva queimavam de forma lenta e escura dentro dela, não respondeu e os dois terminaram o resto da varredura em silêncio.

— Eu tenho que concordar com o menino-bonito, a casa precisa ser queimada — disse Ransom, uma vez que eles estavam fora da casa em ruínas.

— Você está chamando Illium de menino bonito? — Elena riu, feliz por se concentrar em outra coisa que não na nuvem pesada de morte que pairava sobre a cidade. — Você já se olhou no espelho hoje?

— Eu tenho cicatrizes, como qualquer homem respeitável.

— Cara durão. — Olhando fixamente para a casa onde um vampiro tinha morrido, no que esperava ser uma morte rápida, ela colocou as mãos nos quadris. — Você acha que Sara ficaria chateada se nós apenas colocássemos fogo e disséssemos 'oops' quando o corpo de bombeiros chegasse?

— Eu não acho que ela tenha te perdoado por todo o incidente de “ser perseguida por um vampiro em Manhattan” — Ele esfregou o queixo. — Arson, no entanto, inventaria uma boa desculpa. É o tipo de lugar que algum piromaniaco incendiaria.

Uma hora mais tarde e graças a conexão de Sara com cada agência na cidade, a casa passou por uma queima controlada, iniciada pelo corpo de bombeiros. Se apenas, Elena pensou, eles pudessem apagar da mesma forma a ameaça representada pela doença que pode dizimar as células de um quase-imortal.



Depois de ter voado para a Torre para deixar o contentor de riscos biológicos, Elena teve a chance de escapulir para sua suíte de Raphael, tomar uma chuva e trocar de roupa. Ransom tinha ido fazer o mesmo, eles não só estavam às cegas com o rastro perdido, como nenhum deles esconderia-se muito bem de outro caçador, com o fedor que se agarrava às suas roupas e pele.

— Era melhor usar um sino — foi a irônica observação de Ransom.

Ela tinha acabado de esfregar seu cabelo e corpo várias vezes quando seu celular tocou, o nome de Jeffrey na tela. Agarrando um conjunto de roupas limpas que mantinha na Torre, ela deixou a chamada ir para o correio de voz, não tendo nenhuma intenção de discutir por telefone.

Uma vez vestida, seu cabelo trançado e suas armas no lugar, ela entrou em contato com Ransom.

— Você precisa de mim neste exato momento?

— Não, eu quero verificar algo por conta própria.

Imaginando que ele precisava contactar um dos seus contatos de rua, pessoas cautelosas que só confiavam em Ransom, ela concordou em se encontrar com ele em um endereço da Upper East Side em uma hora e, saindo pela

varanda, voou no vento frio da chuva. Ela tinha falado com Raphael enquanto estava no chuveiro, então ela sabia que ele estava voltando para a Torre sobre a água, Aodhan ao seu lado e dois esquadrões integrados a sua volta, tendo acabado de completar um exercício crítico.

Preparação, Elena pensou, para uma guerra não provocada e já feita.

Palavras que poderiam muito bem se aplicar ao seu relacionamento com Jeffrey.

A mulher que abriu a porta do escritório de arenito tinha a pele de um brilhante mogno, seu corte de cabelo lustroso cortado curto e seu corpo envolto em um elegante terno-saia verde joia. Nada como a morena viciada em vampiros que foi a antiga assistente de Jeffrey, sua pele pálida de muitas doações em um tempo muito curto.

— Você tem hora marcada? — Perguntou a nova assistente, sua garganta se movendo enquanto engolia.

— Não. Diga ao Sr. Deveraux que vou esperá-lo no jardim — Enquanto ela fazia seu caminho para essa pequena caixa verde através de um caminho de acesso restrito, sua mente se encheu de imagens de outro triplex, uma outra porta. Sara e Deacon tinha mudado o layout e tamanho de sua casa para que Elena se sentisse bem-vinda, e ainda assim seu próprio pai não tinha feito absolutamente nada para garantir o mesmo. Não que Elena estivesse surpresa, estava apenas furiosa consigo mesma por continuar permitindo que ele a ferisse.

Jeffrey apareceu na porta de trás quando ela chegou.

— Elieonora. Tenho uma reunião em cinco minutos. — Impaciência cortante nos olhos cinza pálido em uma face aristocrática e escondida atrás de óculos emolduradas em ouro fino, o cabelo de um puro branco penteado com perfeição, seu terno cinzento que assentava perfeitamente em seus ombros.

Sem dúvida, seu pai era um homem bonito, o tipo de macho confiante, irresistível para as mulheres jovens e ingênuas o suficiente para pensar que poderiam penetrar no seu interior gelado. Ele não teria nenhuma dificuldade em

encontrar outra amante para tomar o lugar da que tinha sido brutalmente assassinada durante a caça que havia alterada para sempre a vida de Elena. Talvez ele já tivesse feito isso, substituído a mulher que parecia em nada com a beleza elegante que era a atual esposa de Jeffrey. Não, a pobre mulher tinha sido uma pálida imitação do Marguerite... e um símbolo vivo da dor que seu pai nunca tinha reconhecido em voz alta após os primeiros dias brutais.

Em vez disso, ele limpou Marguerite de sua casa, o que Elena agora entendida, foi uma raiva fria. Sua esposa o havia traído no dia em que ela fez o laço ao redor de sua garganta, e Jeffrey ainda estava muito *zangado* com ela por isso. Elena podia ter perdoado a raiva, mas o que ela não podia perdoar era que ele também tivesse jogado um dos filhos de Marguerite fora, com o lixo.

— Você sabe por que estou aqui, — disse ela, lutando para manter a calma, para não ser reduzida para o nível de um adolescente gritando.

— Você não tinha autoridade para tirar Eve fora da escola.

— Pare. Eu não estou fazendo parte dessa dança com você hoje. — Ela continuou falando apesar do frio de seus olhos. — A razão pela qual eu fui para Eve era porque ela estava se escondendo em um canto e chorando.

Pele branca sobre o osso, um tique em sua mandíbula.

— Você sabe por que — disse ela, implacável em seu amor por uma irmã que era ainda um inocente. — Ela é o seu bebê, e você disse para ela sair de sua vista? — Elena não fez nenhuma tentativa de esconder seu desgosto. — Você não vai fazer isso, Jeffrey, não para ela. Ela acha que você pendurou a porra da lua!

— Cuidado com a língua — ele retrucou, as mãos ainda nos bolsos da calça de seu terno. — E a minha filha não é de sua incumbência.

— Ela é minha irmã, seu bastardo. Mesmo sangue, se lembra? — Sua voz vibrava com a velha raiva que ameaçou endurecer sua intenção de permanecer racional, mas ela não recuou. — Você nos fez, e você sabe o quê, eu não me importo mais. — Era uma mentira que ela desejava que se tornasse verdade. — Mas Eve, ela importa. Então faça crescer um par de bolas e seja um homem.

— Elieanora! — Caminhando pela grama, ele agarrou seus ombros e a balançou com força suficiente para fazê-la bater os dentes. — Eu ainda sou seu pai e você não vai falar comigo dessa maneira. Marguerite lhe ensinou melhor que isso.

Foi a primeira vez em mais de uma década que tinha ouvido-o dizer o nome de sua mãe e por um instante, ambos congelaram, antes de fúria inflamar em seu sangue.

— Não se atreva a trazê-la para isso! Você optou por deixar de ser o meu pai há muito tempo.

Com os dedos cavando em seus ombros, ele esculpiu suas próximas palavras.

— Eu sempre serei seu pai... e eu desejo a Deus que não fosse.

Vacilando ante ao vicioso golpe emocional, ela finalmente se lembrou de sua formação de caçador e se afastou, sua asa batendo com força contra seu corpo enquanto ela se contorcia.

— Sim, eu também. — Como ele podia fazer isso toda vez? Cortá-la tão profundamente? — Mas eu e você, isso não importa. História antiga.

O pai que a amava tinha morrido com a mãe, a casca deixada para trás era esse estranho cruel capaz de apontar um pontapé no coração mole de uma criança. — Só pense se você quer ter essa mesma conversa com Eve daqui há 10 anos.

Ela não deveria ter feito isso, já tendo forçado suas asas hoje, mas ela fez uma decolagem vertical, ignorando as palavras que Jeffrey falou enquanto estendia a mão para ela. E quando verteram lágrimas pelo seu rosto, ela disse a si mesma que eram pela dor em seus músculos. Não era uma mentira total, o corpo dela gritava com o abuso. Dois minutos depois, um tendão rasgou com um estalo audível, e ela percebeu que agora, não só era inútil para Ransom, mas que, em sua fúria irracional, ela poderia ter cometido um erro fatal.

CAPITULO 7

Ela mal chegou à Torre, seus joelhos bateram duro sobre o concreto da varanda da suíte que havia deixado há apenas 25 minutos. Quando uma minúscula pena azul escorregou para a superfície dura enquanto ela se apoiava sobre as palmas das mãos em uma tentativa de combater a dor do impacto, ela sabia que não estava sozinha.

Illium pousou ao lado dela um instante depois, as mãos indo para seus ombros e com a asa roçando na sua.

— Ellie, você está ferida.

Ela deu de ombros, sendo ainda capaz de sentir o aperto de Jeffrey em seus braços.

— Há quanto tempo você esteve me seguindo?

— Só um minuto... parecia que você não ia ser capaz de fazer o pouso.

— Bem, eu fiz, então vá — disse ela. — Vai. *VAI!*

Um instante depois que as palavras saíram, ela levantou a cabeça para se desculpar, mas Illium já tinha saído da varanda. Odiando-se por permitir que Jeffrey a ferisse até que ela tivesse ferido um de seus amigos mais próximos, ela se arrastou até área de estar da suíte, caindo de bruços no chão no instante em que se ocultou das janelas, o tapete contra a bochecha e a besta cavando em seu quadril. Abaixando-se, ela conseguiu tirá-la, juntamente com o lança-chamas em miniatura, colocando ambos no lado esquerdo de seu corpo.

Um sussurro não muito tempo depois, lhe disse que Illium não estava ofendido, ele simplesmente tinha ido buscar um armamento mais forte.

— Caçadora da Sociedade. — Palavras mortais e frias do Arcanjo de Nova York. — Você machucou suas asas.

Seus dedos cavaram no tapete, e ela admitiu seu erro.

— Eu fiz duas decolagens verticais difíceis hoje.

— Fique quieta. Vou tentar reparar o dano.

— Eu vou ficar bem, — disse ela através da agonia gritante. — Os outros...

— Estarão na cama por semanas ou meses, independentemente das minhas ações. Sua estupidez, no entanto, posso ser capaz de consertar imediatamente.

Açoitada por seu tom de voz, ela começou a se mover.

— Eu não pedi sua ajuda!

— Não, em vez disso, você fez o seu melhor para garantir que eu tivesse que lidar com uma Consorte morta, *quando, por toda força que demonstras, está destinada a estar ajudando a proteger a cidade.*

Com a mandíbula cerrada contra a raiva represada dentro dela, não disse uma palavra, e um calor que derretia os ossos invadiu os músculos das suas asas um segundo depois, escorrendo pouco a pouco dentro dela até atingir seus joelhos, como se a capacidade de Raphael houvesse sentido as fraturas em suas rótulas. A dor começou a diminuir quase imediatamente, e ela percebeu que ele havia se tornado muito mais forte do que tinha sido, inclusive há um mês... mas isso não altera o fato de que, em contraste com as violentas capacidades físicas que se manifestam no resto do Cadre, o novo poder de Raphael era pacífico.

Ironicamente, sua capacidade de curar poderia acabar sendo uma fraqueza letal.

— Haverá uma guerra — ele previu semanas antes, enquanto observavam o chegar da meia-noite a sua cidade, os ventos da noite empurrando através de seu cabelo como dedos avarentos. — É inevitável durante uma Cascata, pelo que sabemos, um ou mais do Cadre ou alcançará a loucura ou ganhará um poder que

eclipsará as habilidades dos outros, ele ou ela vai procurar apoderar-se do mundo. Eu não vou me permitir estagnar, ter apenas a força que sempre estive a minha disposição.

— Seu poder anula o de Lijuan — ela apontou. — E ela é a maior ameaça.

— Um poder anulador não será suficiente para ganhar, e, enquanto ela pode ser a maior ameaça, não é a única. — Um olhar frio de um homem que manteve seu território por meio milênio. — Neha cria fogo e gelo, Astaad espalhou boatos de que controla o mar, e há rumores de que Favashi detém os ventos na palma da sua mão. Para que o Cadre permaneça em equilíbrio, não posso ficar estagnado.

Agora, a culpa que a corroía desde essa conversa, combinada com sua raiva impotente que tinha de Jeffrey, criaram uma confusão cáustica em seu intestino, corrosivo e prejudicial. Raphael jamais culpou-a, mas foi Elena que o fez um pouco mortal, um pouco mais fraco, exatamente como Lijuan, uma vez o alertou.

— Você rasgou um tendão. — O gelo em sua voz não tinha descongelado. — Faça isso de novo e eu vou deixá-la para curar normalmente. Talvez então, você vá desenvolver algum respeito por seu corpo.

— Eu estava chateada e eu agi antes que pudesse pensar, — disse ela, dando-lhe uma verdade, mesmo enquanto escondia a mais nociva, que continuava corroendo-a. — Eu sei que foi infantil e perigoso, você não tem que me dizer.

— Jeffrey? — Disse Raphael, permitindo-lhe sentar, o que ela fez, sem uma pontada de dor.

— Ele machucou Eve. — Raphael a conhecia bem o suficiente para entender o que aquilo significava.

Os cromados olhos azuis a olharam com renovada fúria.

— Ela está bem?

— Sim.

— Bom. — Torcendo a trança em seu punho com essa única palavra, Raphael puxou sua cabeça para trás e tomou sua boca em um beijo que era paixão em vermelho vivo, a fresca pincelada da ira de um arcanjo. *Se você não o amasse*, ele disse em sua mente, sua mão fechando possessivamente sobre seu peito, *eu cortaria este homem de sua vida como o membro doente que ele é.*

Eu não tenho certeza se eu o amo ou odeio, ela confessou enquanto ele a fazia deitar no tapete mais uma vez, *mas Beth, Amy, Eve, eles precisam dele.*

Com um suspiro, ela arqueou para trás; Raphael tinha queimado os laços que mantinham seu top junto, deixando os seios livres. Sua boca tocou a carne sensível um instante depois, seus dentes roçando seu mamilo. Com um suspiro, ela cravou as unhas em seus ombros e tentou virá-lo usando suas pernas, querendo a vantagem... mas seu amante era um arcanjo, e ele não queria ser movido.

Ele mordeu mais forte, até chegar a borda da dor. *Quando você decidiu continuar voando, você pensou sobre o fato de que poderia ter sido eu que a rasparia das ruas?* Soltando seu peito com essa pergunta cheia de raiva, ele devastou sua boca e, ao mesmo tempo, rasgou a braguilha das calças cargo que ela colocou meia hora atrás.

Seus dedos roçaram através de sua carne úmida, sua calcinha quem Diabos sabia onde foi.

— Sinto muito — disse entre dentes enquanto ele esfregava o polegar deliberadamente duro contra seu clitóris, sabendo que iria enviá-la ao longo da borda... só para relaxar a pressão quando o corpo dela pairava à beira do prazer excruciante.

— Foda-se — com o peito arfante, ela olhou para um rosto masculino, que continha um toque de crueldade neste instante. — Isso foi maldade.

— Estou me sentindo cruel, Caçadora da Sociedade.

Ele tocou-lhe de novo, empurrando dois dedos dentro dela e usando o polegar para brincar com seu clitóris enquanto, novamente, inclinava a cabeça para o peito exposto, os dentes marcando sua carne macia. *Muito malvado.*

Seu corpo tremia quando ele lhe negou um orgasmo pela segunda vez, Elena rosnou e passou as unhas em suas costas, rasgando o tecido preto fino de sua camisa. Sangue perfumou o ar, a cabeça de Raphael elevou para revelar olhos incandescentes, suas asas brilhando acima dela. Batendo suas bocas juntas, ele rasgou a calça e ela sentiu a dureza contundente de seu pênis empurrando contra ela... mas ele não empurrou, claramente ainda em um estado de espírito infernal.

Faça! Mordendo seu lábio inferior com força suficiente para romper a pele, ela trancou as pernas ao redor de seus quadris e empurrou para cima.

Um centímetro a mais, e então ele empurrou profundamente, estendendo sua carne apertada com sua espessura. Elena gozou sem aviso, seu corpo apertando ao redor do seu pênis tão possessivamente que ele quebrou o beijo para apoiar as mãos em punhos ao lado de sua cabeça. Recusando-se a perder essa ligação, mesmo enquanto seu corpo se contraiu em um orgasmo quase doloroso, ela agarrou seu rosto, deu início a mais um beijo que era todo língua, calor e fúria.

Seu pênis deslizou sobre seus músculos sensíveis quando ele tirou todo o seu comprimento, apenas para bater de volta tão forte que ela o sentiu na garganta. Em seguida, ele estava gozando dentro dela, a umidade íntima empurrando-a sobre a borda em um prazer tão cruel, ele a rasgou em pedaços.



— Você ainda está usando todas as suas facas.

— Eu deveria tê-las usado — Elena murmurou, presa sob o corpo de Raphael, seu pau ainda dentro dela e seu hálito quente contra seu pescoço. — Bastardo.

— Você me tirou sangue, então eu acredito que estamos quites.

Com os braços em volta de seu pescoço, ela beijou sua testa.

— Me desculpe por tê-lo assustado. — Não era próprio de um arcanjo admitir o medo, mas ele era dela, e ela machucou-o sem querer, assim dependia dela corrigir seu erro.

Suas asas se moveram, mas ele não separou seus corpos.

— Eu não conhecia o medo até você, Elena. Use esse poder com sabedoria.

Sua desumana admissão foi como um soco em seu coração.

— Bem. — Disse ela em uma tentativa de fazê-lo sorrir — se eu estiver em fodida...

Apoiando-se nos cotovelos, seu cabelo uma bagunça turbulenta e seu lábio inferior já curado, ele a imobilizou com um olhar que beirava mais de um toque de arrogância masculina.

— Não acabei de satisfazê-la?

Deus, ele era sexy. Ela queria arrancar suas roupas e levá-lo à loucura quando ele tinha aquele olhar em seu rosto.

— Dado que eu enchi de gritos a estufa outra noite — ela disse, seus dedos enrolando-se com a lembrança de como ele tinha tomado-a por trás, suas mãos apoiadas na bancada — Eu acho que você sabe exatamente o quão bem você vem me satisfazendo. — Ela gemeu quando se retirou do seu corpo, seus tecidos deliciosamente inchados. — Embora o sexo com raiva tenha suas vantagens.

Com uma curva leve finalmente em seus lábios, ele abaixou sua cabeça para pressionar um beijo sobre a mordida que ele tinha feito em seu peito, a marca ainda vermelha.

— Sim — Ele se levantou, pôs suas calças e colocou-a de pé. — Pode tornar-se minha maneira favorita de trabalhar as nossas diferenças.

— Não, se você fizer isso para todas as minhas roupas — ela disse, percebendo que os sons de rasgos tinham sido real. — Caramba. Eu acabei de me trocar. — Com um pânico súbito, olhou para o relógio. — Eu ainda tenho 15 minutos para ir ao encontro com Ransom. — Correndo para o quarto, ela tirou as armas, deslizou para fora do resto de suas roupas, e depois de uma corrida rápida até o banheiro para lavar alguns fluidos ardentemente pessoais de seu corpo, voltou a se vestir.

Em instantes três minutos depois, e Raphael, vestindo uma camisa branca idêntica à que tinha destruído, deslizou novamente a sua lâmina mais longa pelas costas.

— A caçada pode durar até tarde — disse ela. — Portanto, não envie os esquadrões atrás de mim.

— A menos que você esqueça seu compromisso anterior — disse Raphael enquanto ela arrumava seu cabelo, — ou você está tentando evitá-lo.

Veio-lhe uma rápida memória, em um grosso papel estampado, um convite educado que tinha tomado suas horas para elaborar uma resposta elegante e formal, com um delicado desenho de uma lêmure em um canto.

— Eles não cancelaram?

— Elijah se ofereceu para fazê-lo, mas eu disse que gostaria de ter ele e Hannah na nossa mesa. — Dobrando suas asas com força às suas costas, ele saiu para a varanda, o ar frio de inverno em uma rajada fria enquanto seguia. — Eu acho que é hora de começarmos a construir algumas amizades verdadeiras entre o Cadre. Outras alianças já estão se formando e podem ser destrutivas na guerra que está por vir.

Esfregando os braços nus, ela tentou lembrar se tinha deixado bainhas extras na Torre. No entanto, não foi apenas o vento e a camada espessa de nuvens que tinha levantado os cabelos ao longo de seus braços.

— Você está pensando em Neha e Lijuan. — Os dois arcanjos poderosos eram vizinhos, e sempre tiveram uma relação cordial.

— Poderia ser uma ligação letal.

Elena pensou em uma Manhattan sob o cerco de uma chuva de fogo e gelo, enquanto os renascidos se alimentavam com carne mortal em uma praga sangrenta em toda a cidade, e sentiu sua garganta bloqueada.

— Jason disse que estava seguro que Neha não foi recrutada por Lijuan.

— Neha também tem uma irmã gêmea em seu território que ainda pode levantar seu exército contra Neha — Raphael destacou. — E ela me culpa pela morte de sua filha. — Um lembrete de que não importa a aceitação de Neha de Jason recentemente em seu território, certas feridas continuavam a apodrecer. — Lijuan, entretanto, tem sido muito educada mantendo tanto seus renascidos, quanto suas forças a distância de sua fronteira comum.

Posto desta forma, Elena podia ver a aliança em formação na frente de seus olhos.

— Elijah e você... já não são mais amigos.

— Mais ou menos isso. Ele sempre ofereceu o seu apoio a mim em assuntos do Cadre. — Notando a aproximação de um esquadrão liderado por Illium, que parecia o lutador sangrento que ela às vezes esquecia que ele era, Raphael disparou um pulso aleatória de energia.

Elena prendeu a respiração quando Illium deu um único comando e o esquadrão dividiu-se para evitar o pulso do qual Illium desviou com a espada que puxou de suas costas. Ele atingiu a Torre sem causar danos, e Illium cumprimentou-os com um sorriso antes de seguir a diante.

— Isso não foi Fogo de Anjo. — O fogo de Anjo, assassino de arcanjos, podia quebrar concreto.

— Não, foi um fraco golpe para testar o estado de alerta do esquadrão. — Olhos sobre a cidade, Raphael retornou para seu tópico anterior da conversa. — Se Elijah e eu vamos criar uma verdadeira amizade, uma aliança se sustentará nas lutas por vir, então eu devo não apenas convidá-lo para o meu território, mas confiar nele em um nível além.

— Você vai dizer-lhe todos os efeitos da Queda? — Aberta surpresa no tom de sua Consorte.

— Não. — Não confiava em nenhum do Cadre o suficiente para compartilhar a comprometida situação de suas defesas. — Elijah pode ter oferecido o ramo de oliveira de amizade, mas ele também manteve seu território por mais tempo do que eu fui um arcanjo. Ele é tão implacável quanto qualquer um de nós.

— Quão ruim é? — Elena perguntou em voz baixa. — Agora que você já teve a oportunidade de avaliar todas as lesões.

— Nós começamos o processo de transferência de homens e mulheres das zonas periféricas para reforçar a nossa força defensiva, mas o pessoal da Torre é escolhido por uma razão. Eles são o melhor dos melhores, cada um pessoalmente testado e selecionado por Galen — Além disso, seu mestre de armas tornou inegociável que cada lutador retorne ao refúgio uma vez a cada dois anos para treinamento intensivo.

— As áreas periféricas não ficaram vulneráveis? — Verificando a arma que carregava em um coldre interno de coxa, tendo trocado uma de suas facas pela peça elegante, Elena a deslizou de volta, as linhas finas de preocupação marcavam seu rosto na luz tempestuosa. — Desde que nós estamos tomando o seu povo.

Era exatamente o tipo de pergunta que uma Consorte faria, uma que desafiava sem julgamento. Ele sabia que Elena muitas vezes pensou que ela não conhecia as "regras" do comportamento imortal, mas o conhecimento de pompa e cerimonial era inútil sem o coração para amar o seu povo e a coragem de dizer o que pensa.

— É considerado covarde conquistar pouco a pouco um território, é uma mancha que nenhum arcanjo desejaria em sua honra.

— Bem. — Disse ela, quando um pontinho de chuva atingiu sua bochecha, o céu segurando o dilúvio, por agora — Eu acho que é uma boa notícia.

— Em um sentido. Mas não há nenhuma vergonha em ser inteligente sobre a sua invasão. — Imortais valorizavam a inteligência tanto quanto força. — Para preparar um ataque à cidade utilizando um evento como a Queda? Seria considerado uma boa estratégia, no entanto.

— O vampiro doente. — Olhos de cinza invernal encontraram os dele, o aro de prata fraco a esta luz. — Não pode ser uma coincidência.

— Nós não sabemos nada ao certo, até Keir concluir seus testes, mas eu disse a todos os anjos e vampiros seniores para relatar qualquer comportamento aberrante ou preocupante. Nenhuma dessas doenças podem ser permitidas para ganhar uma posição em qualquer parte do território. — Ele olhou para as nuvens mais uma vez. — Complete a sua tarefa para a Sociedade, Elena. Seja visível executando-a. O nosso objetivo continua a ser o mesmo, para não dar aos nossos inimigos qualquer indicação de que a cidade foi tão gravemente ferida.

— Tanto quanto estou preocupada — disse Elena entre dentes — se A Queda foi um ato planejado, não foi inteligente e sim covarde. Assassinato.

As palavras que ele esperava de uma guerreira.

Um beijo fugaz, as pontas ásperas dos dedos em sua bochecha.

— Eu não vou chegar tarde.

Ele a observou lançar-se entre a meia-noite e o amanhecer, suas asas diferentes de qualquer outra, e ele sabia que condenaria sua própria honra e tomaria vingança sobre o mundo, se alguém ousasse colocar um dedo nela.

CAPITULO 8

Ransom estava sentado em sua moto olhando para um mapa colado com fita adesiva, quando ela aterrissou ao lado dele com apenas quatro minutos de atraso. Sua jaqueta de couro preta aberta, revelava uma camiseta verde escuro combinando com calças de couro e as pesadas botas pretas que ele estava usando antes, e com óculos de sol espelhados escondendo seus olhos verdes vívidos, parecia um anúncio para as empresas motos, muito bonito para ser verdadeiramente perigoso.

Exceto, é claro, pelas armas amarradas a suas coxas, as lâminas e poder de fogo extra que ele usava escondido debaixo de sua jaqueta.

— Qualquer coisa de suas fontes? — Ela perguntou.

— Nope — disse, sem tirar os olhos do mapa antigo que se recusava a abandonar, mesmo que, cada caçador, tivesse um smartphone dado pela Sociedade com a capacidade completa de GPS. — Mas pelo menos sabemos agora que Darrell não está engatinhando no subterrâneo.

Não estando no humor para provocá-lo hoje sobre seu mapa infame, ela olhou ao redor e se obrigou a devolver o sorriso educado do vampiro que passava na calçada, sua bengala e seu chapéu impecáveis, como o terno que envolvia sua forma curta e de pernas arqueadas.

Pó de cobre e canela, com um toque subjacente de carvalho queimado.

Complexo, interessante e original.

— Eu sempre quis perguntar algo — disse ela em uma tentativa deliberada para obter sua mente fora da natureza repulsiva do ataque contra a cidade; e depois dos comentários de Raphael sobre "amolecer" uma cidade, ela tinha

poucas dúvidas de que isso era exatamente o que tinha sido. — Você cheira os mesmos perfumes que eu?

Ransom fez uma careta quando ela descreveu o que tinha cheirado do vampiro que passou.

— Sim, só que eu não digo merdas como — canela temperada com uma pitada de carvalho queimado. — Eu digo — cara cheira como uma árvore eletrificada com um pouco de cobertura de rosquinha.

Sufocando o riso inesperado, apoiou o braço em seu ombro e olhou para o mapa, ciente quando as duas babás que empurravam os carrinhos pararam e tiravam fotos escondidas deles, do outro lado da rua tranquila.

— Então, quem é que vamos ver? — Um cheiro de citrus, forte e limpo. — Shampoo gostoso.

— Limões, espertinha. Minha avó diz que é a melhor maneira de se livrar de maus cheiros. A avó de Darrell, por outro lado, é a dona da construção lá, — apontou para a direita — e se Darrell é próximo de alguém, é provável que seja de sua avó.

— Eu não sabia que você o conhecia.

— Eu não, não realmente. Nós estivemos em uma caçada juntos há três anos. — Dobrando o mapa, ele deu a ela para guardar na mochila que usava. — Ele não disse muito, mas peguei que sua avó praticamente o criou e uma rápida pesquisa online deu-me o endereço dela.

— Nós ainda não temos o relatório dos antecedentes? — Com uma caçada neste tempo crítico, precisamos da informação para ontem. Se Vivek fosse o responsável, mas ele não era.

— Aparentemente — uma mandíbula apertada que lhe disse que ele estava prestes a dar más notícias — houve algum tipo colapso nos computadores. A Sociedade tem trabalho manualmente para formar um relatório.

Frustração produzindo em seu intestino, ela deu um passo atrás para que ele pudesse desmontar da moto, mantendo os olhos abertos para qualquer movimento por trás das janelas com cortinas da antiga casa real que era seu destino. Completa com cornijas elegantes intocadas por nenhuma das partículas de poeira da cidade, todo o local foi pintado com um branco reluzente.

— A senhora Flaherty está indisposta — uma empregada disse a eles quando chegaram à porta.

— Isto é sobre seu neto, Darrell. — Ransom mostrou a mulher de cabelos brancos imponente, sua licença de Caçador. — Eu acho que ela gostaria de saber.

Uma dica do que parecia ser verdadeira preocupação passou por seu rosto antes de ela apontar-lhes uma sala ao lado do corredor.

— Por favor, aguarde na sala.

Com as asas passando através das portas, Elena andou até ficar na frente de uma janela que dava para a rua, enquanto Ransom rondava ao redor da sala depois de deixar sua mochila cair em uma cadeira estofada em Borgonha com redemoinhos de ouro, os braços e as costas esculpidas em madeira cor de mel.

Eles ouviram o zumbido silencioso do que poderia ter sido um elevador alguns minutos mais tarde, em seguida a empregada entrou com a Sra. Flaherty em uma cadeira de rodas. A avó de Darrell usava um turbante cor de pêssego em sua cabeça, seu corpo magro debaixo de um caftan fluxo de violeta suave, sua fina pele de cor mocha. No entanto, a mão que ela estendeu para apertar a da empregada, pareceu forte, seus olhos castanhos alerta e claro.

Um rosto, Elena pensou, que detinha tanta força e caráter quanto beleza. Não uma mulher que ia quebrar sob a notícia preocupante do status mental de seu neto, se ela já não o soubesse. Poderia ser que Darrell tivesse voltado para casa para esconder-se, para tentar obter a sua cabeça em linha reta. Seria o melhor resultado possível.

Cruzando as mãos em seu colo depois que a empregada se foi, Sra. Flaherty olhou para Elena.

— Meu neto está morto?

— Até onde sabemos, ele está vivo — disse ela de uma vez, porque se Sra. Flaherty não sabia do paradeiro de Darrell, qualquer outra resposta seria um tormento.

A ínfima queda de seus ombros antes da senhora idosa tomar o controle da situação.

— Parem de enrolar e sentem-se. — Ela não falou novamente até que os dois obedeceram. — Então, se ele não está morto, então deve estar em apuros. Quão ruim é isso?

— Ele não cruzou a linha ainda. — Ransom tinha aparentemente chegando à mesma conclusão que Elena sobre a avó de Darrell: ela pode parecer fraca, mas esta senhora não iria agradecer-lhes por serem cautelosos. — Nós precisamos capturá-lo antes que ele faça algo que a Sociedade não possa consertar.

— Ele colocou um vampiro inocente no hospital — Elena explicou, quando a Sra. Flaherty se virou para ela. — Foi uma surra impiedosa.

— Sorte para ele, que ele escolheu um vampiro fora de seu contrato, com sonhos de cruzar o mundo e não teve tempo para aborrecimentos como uma queixa oficial. — Ransom inclinou-se para frente, braços apoiados sobre as coxas. — A diretora da Sociedade convenceu-o a aceitar um pagamento em lugar de prestar uma queixa oficial, o que significa que a Sociedade não tem de suspender oficialmente a licença de Darrell, mas se ele machucar mais alguém está acabado.

— Esse não é o meu menino. — O corpo de Sra. Flaherty vibrava com clara indignação. — Darrell faz o seu trabalho. Ele não abusa daqueles que caça.

— As coisas que vemos no curso do trabalho. — Elena sustentou os olhos afiados da senhora idosa. — Podem causar rachaduras que não cicatrizam sem intervenção, e recentemente Darrell andou em um pesadelo.

Os dedos de Sra. Flaherty tremeram no seu colo, mas sua voz não quebrou quando ela falou.

— Eu não tenho visto ou ouvido falar dele há uma semana, e ele sempre me chama a cada dois dias, especialmente desde que eu tive esse maldito frio que não me deixa parar de tremer. — Tomou uma respiração profunda, mas fez caso omissso de sua preocupação para apontar o dedo para Ransom. — Encontre o meu menino antes que ele faça algum dano. Não o deixe cair, ele faz parte de sua Sociedade. Ele sempre disse que vocês eram como uma família.



— Nós somos uma família — Ransom murmurou quando voltaram para a sua moto, nenhum deles acreditava que a Sra. Flaherty havia mentido. — Por que o idiota não avisou quando percebeu que estava se perdendo? Ele sabe que ninguém teria piscado um olho se ele dissesse que precisava de mais aconselhamento ou, inferno, se quisesse ficar bêbado todos os dias durante uma semana. Nós teríamos ido com ele, levado-o para casa do maldito bar.

— Ele está em um lugar ruim, sem pensar claramente. — Elena recusava-se a falhar em trazer Darrell casa. Talvez ela não pudesse parar uma guerra Arcangélico, ou transformar seu pai em um ser humano decente, mas esta fratura ela poderia e iria consertar. — Uma vez que não temos detalhes, o que acha de começarmos a tentar os esconderijos usuais da Sociedade?

— Isso é o que eu... — Agarrando seu telefone, ele deu-lhe o polegar para cima. — Sara tem falado com seus amigos, enviou-nos uma lista de seus outros esconderijos conhecidos. Um de seus amigos já verificou seu apartamento, encontrou-o vazio. — Colocando seus óculos de sol, ele enviou de seu telefone, a lista por e-mail. — Você pega a metade de cima, eu a parte inferior, veremos se vamos conseguir pegar uma trilha. Se você acha que o tem, me chame. Com a cabeça fodida que tem, ele pode esquecer que nós somos uma família.

— Você me chame, também. — Digitalizou sua metade da lista depois de obter o seu assentimento, Elena notou uma loja de armas, uma loja de roupas de

reabastecimento que atendia aos caçadores e aos policiais, um apartamento que, aparentemente, abrigava uma profissional discreta, e a Biblioteca Pública de Nova York. — Ele deve gostar de ler. — De alguma forma, esse pequeno e inesperado fato tornou-o mais humano, mais real.

— Sim. Sempre tem um livro em seu bolso de trás. — Colocando seu capacete, Ransom montou a moto, tirou o suporte de apoio com uma bota, girou a chave, e deu o pontapé inicial do motor. A máquina rugiu para a vida ronronando. — Suba. Eu vou te levar a um edifício que você possa usar como plataforma de lançamento.

— Não, obrigada. Vou ter que abrir minhas asas para mantê-las fora da rua e a próxima coisa que eu sei, é que serei cortada por alguns taxistas de mau humor. — Elena não ia flertar com o perigo novamente. Para não falar que ela então, teria que lidar com um arcanjo extremamente chateado.

Com um sorriso com o poder do Diabo, Ransom acelerou a moto.

— Vamos, Ellie. Aposto que vamos parar o trânsito.

— *Seja visível ao fazê-lo.*

Ela tinha a impressão de que Raphael não tinha considerado isso quando ele tinha falado aquelas palavras. Era sem dúvida uma má, má ideia, mas maldição se ele não iria receber uma quantidade estúpida de cobertura, talvez dar à cidade algo para sorrir.

Eles deveriam fazer motos para os anjos.

Foi um pontapé no estômago, que lasca de memória. As palavras tinham sido ditas pelo jovem anjo cujo cortejo fúnebre chegaria ao Refúgio após o cair da escuridão, sua declaração dirigida a um amigo quando os dois estavam sentados com as pernas penduradas para fora de uma sacada da Torre, a esquerda de onde Elena estava. Ela sorriu no momento, mas agora as palavras incitaram uma onda renovada de tristeza e raiva.

Isso é para você.

Ela pensou e balançou a perna por cima da retumbante máquina. No entanto, ela não se sentou, o que deixaria suas asas tocando o chão. Em vez disso, ela colocou as mãos nos ombros de Ransom e os utilizou como ponto de apoio. Ela teve que abrir suas asas um pouco para evitar o embaraço delas na moto, mas não foi tão ruim quanto ela temia.

— Você vai ter que lidar com uma considerável resistência.

— Minha doce menina como resistência no café da manhã. — Então eles estavam fora, o vento batendo em seu rosto e em suas asas quando Ransom executava um giro e rugiu pela rua ante os olhos arregalados de espanto de todos que passavam. Rindo, Elena jogou a cabeça para trás e desfrutou do passeio como esse jovem soldado teria feito, se lhe tivesse sido dada a oportunidade.

Ela e Ransom tinham, sem dúvida, dado uma impressão no momento em que ele trouxe a moto para uma parada suave na rua silenciosa atrás de um edifício antigo.

— Está bom? — Ele perguntou, apontando para as escadas de incêndio externa que levava todo o caminho até o telhado.

— Sim. — Saltando da moto, ela verificou suas asas. — Ainda em uma peça.

— Eu te disse.

Batendo o punho contra o dela, ele se foi pela rua.

Eu acredito que esta tenha sido a primeira vez que um anjo andou de moto.

Sorrindo ante o beijo de vento e chuva dentro de sua mente enquanto ela subia a escada de incêndio, ela disse.

Eu aposto que consegui abaixar as calcinhas do nosso grupo de invasores.

Uma imagem interessante, senão como uma distração do estado de nossas defesas, ela foi inspiradora. Se, no entanto, eu não soubesse que Ransom é muito apaixonado por outra, eu agora teria que matá-lo.

Sem tocar em meus amigos, lembra?

Eu não teria de tocá-lo para matá-lo.

Muito engraçado.

Tendo chegado ao telhado, ela abriu suas asas e, varrendo para fora da borda do edifício, voou na direção da loja de armas enquanto Raphael retornava aos negócios da Torre. Ela se debateu se deveria ir para a profissional³ primeiro, os homens sendo homens, mas de acordo com a inteligência de Sara, Darrell não tinha visitado a mulher em mais de dois meses. A loja de armas, no entanto, era onde ele ia cada vez que estava na cidade.

O proprietário, barbudo e com uma pança de cerveja, estava feliz em cooperar uma vez que ela lhe assegurou que ele não tinha de alguma forma ganhado a ira da Torre.

— Darrell? Ele é um bom cliente, bom tipo, também, mas eu não o vejo há, vamos ver... há em uma semana agora. — Uma risada. — Ele realmente se abasteceu da última vez.

Quando Elena ouviu o que Darrell tinha comprado, sua cabeça quase explodiu. *Ele tem um arsenal*, ela enviou uma mensagem para Ransom e obteve # % &! Como resposta, em seguida, recebeu uma chamada.

— O campo de tiro interno era uma perda de tempo. Literalmente. — O tom de Ransom estava tenso. — Uma tubulação de água estourou há cinco dias, mas o proprietário diz que Darrell veio todos os dias antes do dano, era um exímio atirador com várias armas.

— Merda. — Se Darrell tivesse mudado de punhos a armas tão rápido, eles poderiam estar falando de um massacre.

— Estou indo checar o lugar de sua mãe. Eles não são próximos, mas se ele estava irritado, ele poderia ter aparecido lá.

³ Nesse caso, creio que esteja se referindo a uma profissional do sexo.

A próxima parada de Elena, a loja de reabastecimento, teve-a batendo de frente contra um ex-policial que lhe deu um olhar inexpressivo e disse que não fazia fofocas sobre os clientes. Muito fodidamente preocupada para aturar essas merdas, Elena pôs as cartas na mesa, sem mentiras.

— Darrell está em apuros. O tipo de problema onde ele poderia pegar uma arma — para não mencionar *o maldito fuzil de assalto* que ele comprou — e colocá-lo em sua cabeça ou de outra pessoa.

— E o quê? — Olhos planos de policiais. — A Torre se importa?

Esse era o seu problema?

— A Sociedade importa. — Ela bateu sua licença na mesa.

— Ouvi dizer que você ainda estava caçando — disse ele, depois de examinar o emblema — mas eu achei que era besteira.

— Sim, bem, não é. — Ela guardou sua licença. — Agora, Darrell?

— Eu o vi há três dias.

— O que ele comprou?

— Não, ele não estava aqui. Eu o vi na esquina de bar a um par de quadras com uma ruiva. Pernas até seus ouvidos. — Um encolher de ombros. — Eu imaginei que o homem estava curtindo seu tempo livre, e quem era eu para incomodá-lo.

O apartamento da profissional, também, Elena percebeu, era apenas a duas quadras.

Pessoas apontavam e sussurravam no instante em que ela saiu da loja, esta parte da cidade ocupada, mas ninguém a abordou. Tudo o que tinha tomado para ela conseguir seu espaço foi atirar um dardo da balestra na bota de um idiota que queria ver de perto. Tinha vivido, apesar de sua lamentação, e agora ela tinha que representar exatamente como ela gostava.

— Ransom — disse ela com o telefone celular no ouvido enquanto ela caminhava, como qualquer outro nas ruas de Nova York — a profissional é ruiva e de pernas longas? — Contornando um empresário envolvido em seu tablet em miniatura, ela ouviu um estrondo e virou-se para encontrá-lo olhando de boca aberta para ela, seu dispositivo caro no chão.

— Turista — comentou uma executiva que passava, seu cabelo um loiro elegante e uma xícara de café em sua mão.

O comentário mordaz fez Elena sorrir, em seguida continuaram andando.

— Espere — disse Ransom. — Eu estava apenas procurando por sua foto, sim, é ela. Peito duplo GG, também.

— Deveria saber que você iria notar.

— Eu teria que estar morto para não notar isso. Eu conheço um pequeno bar...

— Eu posso ver a sua moto. — Desligando, ela ergueu a cabeça. — A equipe do Bar sabe alguma coisa?

— Eles o viram há três dias, é isso.

Cruzando a rua sem uma palavra, eles foram para o apartamento da profissional em menos de um minuto. Seu porteiro, com os olhos esbugalhados nas armas visíveis de seus corpos, não resistiu as suas perguntas, divulgando que a mulher não tinha deixado seu apartamento nas últimas 48 horas.

— E Honey, ela nunca perde seu clube do livro. Isso foi ontem à noite.

Os olhos de Elena encontraram os de Ransom ante a conclusão do porteiro, o sabor acre de medo em sua língua. Havia uma boa chance de que Honey Smith não seria mais capaz de ler um livro, capaz de fazer qualquer coisa, com seu corpo em decomposição deitado irremediavelmente quebrado em seu apartamento.

Elena estava cansada de chegar tarde demais.

CAPITULO 9

Tendo tomado as escadas para o telhado, Elena se abaixou, com a intenção de olhar através das janelas do apartamento, apenas para descobrir as cortinas fechadas. Ela voltou para reunir-se a um Ransom armado até os dentes na frente de uma das portas que ladeavam o andar da cobertura elegantemente decorada e mal iluminada. Com sua própria arma em mãos, ela mudou-se calmamente para o outro lado da porta grande o suficiente para que suas asas não fossem um obstáculo em uma luta.

— Não sinto cheiro de decomposição. — Foi um simples sussurro.

Elena também não, mas e se sua presa tivesse sido inteligente e mudado a temperatura no interior?

— Ar condicionado — ela murmurou e viu os lábios de Ransom achatarem em uma linha fina.

— Perguntar ou entrar?

— Entrar logo que tivermos algum detalhe. — Ransom deslizou sua arma. — Não podemos assumir o risco que ele tenha uma arma apontada para sua cabeça se ela já não estiver morta, e ele estiver lá com ela.

Fazendo sinal para ela se manter fora de vista, ele colocou seus óculos escuros e bateu na porta.

— Ei, querida. — Foi apenas alto o suficiente para que a residente, se ela estivesse viva, fosse se preocupar com seus vizinhos. — Abra. Temos um encontro e eu pago com antecedência!

Ao ouvir um farfalhar de sons de dentro do apartamento, Elena fez uma careta para Ransom ficar longe da porta em caso Darrell atirasse através dela.

Quando ele ficou onde estava, ela cerrou os dentes, preparada para empurrá-lo para fora do caminho no instante em que ouvisse qualquer coisa que soou vagamente como uma arma.

Exceto que a próxima coisa que ouviu foi a porta sendo destrancada e aberta, a corrente de segurança mantendo-a no lugar.

— Cale a boca, seu bêbado idiota — sussurrou uma mulher claramente irritada. — Você está no apartamento errado.

— Você é Honey Smith? Eu marquei o encontro através de seu website.

— Eu não estou aceitando novas reservas. — Com frustração evidente. — Você deve ter cometido um erro.

— Eu tenho o caralho do número de confirmação.

— Mostre-me.

— Aqui. — Abaixando a mão no bolso, Ransom golpeou com algum tipo de ferramenta de metal e a corrente de segurança foi arrancada.

A ruiva gritou quando eles entraram, armas para fora para encontrar-se virada para o lado errado de uma Glock semi-automática segurada por um homem alto e magro nas calças de brim que pendiam baixo em seus quadris e, pelo menos, três dias de barba no rosto.

— Querida. — A mulher vestida em um robe preto de cetim deslizou atrás dele ante a breve ordem.

Ransom foi o primeiro a baixar a arma.

— Merda. Nós pensamos que você tinha fodidamente se perdido, homem.

Darrell não baixou a própria arma nenhuma polegada até Elena deslizar a dela de volta no coldre.

— A Sociedade — disse ela a Honey, em um esforço para diminuir a tensão — vai pagar os danos.

A outra mulher revirou os bonitos olhos cor de avelã em um rosto Botticelli.

— Eu vou enviar-lhes a fatura. Agora feche a maldita porta e entre antes que me faça te expulsar a chutes do meu apartamento. Vou fazer um café.

— Ellie descobriu sobre as armas — disse Ransom para Darrell após a ruiva desaparecer pelo corredor. — Estávamos com medo que você estava planejando fazer um massacre.

— Eu pensei sobre isso. — Uma declaração monótona, sua pele vários tons mais claros do que a de sua avó, olhos de um cinza escuro. — Foi quando eu comecei a elaborar os melhores pontos de observação para um Sniper⁴ que eu tranquei todas as armas, exceto esta, em minha caixa forte de armas, mudei a combinação sem olhar, então não poderia abri-la sem um maçarico, e vim aqui.

— Qualquer que seja sua desculpa — disse Elena, seu tom duro porque Darrell necessitava que fosse dura — você deveria ter comunicado a Sociedade e sua avó.

Foi sua declaração final que chamou sua atenção, seus olhos torturados.

— Eu sabia que ela seria capaz de dizer que eu estava com problemas, e ela está tão doente. Eu não queria preocupá-la.

Elena jogou-lhe o seu telefone, incapaz de esquecer o tremor das mãos da Sra. Flaherty.

— Faça-o agora.

O cheiro de café filtrado encheu o ar assim que ele terminou a chamada, e Honey voltou para a entrada.

— Vocês planejaram vir e visitar, ou apenas ficar por aí parecendo malvados?

Elena sorriu, decidindo que ela gostava da outra mulher, justo quando Ransom cruzou os braços no seu peito alto.

⁴ Franco-atirador-refere-se a atiradores especiais de uma exército ou outra força de segurança, que tenham por objetivo eliminar um adversário previamente selecionado com um tiro preciso que é realizado de um local estratégico.

— Eu sempre pareço malvado.

— Exceto pelo cabelo, certo? — Disse Darrell, um brilho em seus olhos.

Ransom mostrou-lhe o dedo e pronto, não havia mais tensão.

Meia hora e uma xícara de café mais tarde, Darrell entregou-se à Sociedade, pronto para passar por uma avaliação psicológica e para realmente cooperar com o conselheiro. Foi uma pequena vitória para os mocinhos, mas Elena iria aceitá-la. Agora, ela tinha que voar para casa e fazer o seu melhor para ajudar Raphael a forjar uma aliança que poderia significar a segurança de centenas de milhares, a escala de morte que poderia resultar de uma guerra arcangélico incompreensível.



Depois de um dia que envolveu inúmeros movimentos estratégicos sutis enquanto ele deixava sua cidade em prontidão para defender-se contra o ataque de um inimigo desconhecido, Raphael ficou ao lado de sua Consorte no gramado de sua casa, assistindo Elijah e Hannah aterrissarem. O outro par tinha decidido ficar em um local não revelado a cerca de uma hora de voo do Enclave, embora tivessem notificado Raphael no instante em que cruzarem seu território.

— É como um cortejo, não é? — Elena murmurou, seu vestido esvoaçante de seda azul-esverdeada em um beijo frio de primavera nos braços de inverno. — Ambos sendo tão bem-comportados e formais.

Eu compreendo a alusão, hbeebti, mas talvez você possa encontrar outro termo.

Ele roçou sua asa com a dela, aliviado ao notar que ela parecia não levar nenhuma dor residual.

Eu não tenho nenhum desejo de cortejar Elijah.

Diversão em um rosto que mostrava apenas o toque leve da imortalidade, a transição demasiado lenta para protegê-la dos perigos no horizonte. Entretanto,

Elena não era daquelas que se sentavam em segurança. Não, a caçadora iria lutar ao lado dele, aconteça o que acontecer. Isso era quem ela era, como ele era um arcanjo que combateria até a morte para proteger os seus.

— Elijah — disse ele, uma vez que o casal visitante tinha dobrado suas asas — minha Consorte e eu lhes damos as boas vindas.

— Nós estamos contentes de estar aqui, Raphael. — O olhar de Elijah encontrou o seu antes de virar-se para reconhecer Elena com uma reverência formal de sua cabeça, seu perfil aristocrático uma inspiração para inúmeros escultores ao longo dos milênios de sua existência, seu cabelo dourado contra a pele de um ouro pálido.

Raphael fez as apresentações e não se surpreendeu quando Elena cumprimentou Elijah com calor e equilíbrio, apesar de suas reservas sobre "não saber qual garfo usar"⁵ como ela havia se expressado. Então, antes que ele pudesse avisá-la que o protocolo entre dois Consortes ditava que ela devia chamar Hannah por seu título de Consorte até ser convidada do contrário, ela sorriu e disse.

— Eu estou tão feliz em conhecê-la finalmente, Hannah.

A Consorte de Elijah sorriu e estendeu as mãos em vez de tomar o insulto, seus cachos negros exuberantes penteados para trás com pentes de joias, o ébano de sua pele brilhante no vermelho-alaranjado do por do sol. As nuvens de tempestade haviam passado com o aguaceiro e o ar tinha gosto de ozônio, limpo e fresco, apagando quaisquer vestígios finais do sangue que tinha embebido a terra em que eles estavam, mas, a cicatriz permanecia. Ninguém nunca iria esquecer o dia em que os anjos caíram.

— Eu digo o mesmo, Elena. — A resposta de Hannah foi feita em uma voz clara e musical, as mãos das duas mulheres se tocando. — Eu vim para o Refúgio especialmente para vê-la, você sabe, mas Raphael foi impiedosamente protetor e não confiou em mim, afinal. Ele estava certo, se eu tivesse visto suas asas de perto, eu teria perseguido-a até que você concordasse em posar para mim.

⁵ Creio que seja algo como não saber exatamente de que forma deve trata-lo.

Com o rosto iluminado, Elena conduziu a mulher mais baixa na direção da casa, o vestido de um bronze profundo, roçando contra sua dona.

— Eu era tão sem graça como um pássaro bebê quando eu despertei e me irritava com isso — ela confessou. — Eu era terrível.

Raphael não pode ouvir a resposta de Hannah, as duas mulheres tendo se deslocado a uma pequena distância, mas o riso misturado flutuava no ar.

— Eu não tenho tanta certeza se fizemos a coisa certa em reunir as duas únicas Consortes do Cadre — disse a Elijah, enquanto seguiam atrás das mulheres.

— Ah, mas poderíamos tê-las parado?

A troca de olhares trocada entre os arcanjos não teria sido entendida por nenhum outro no Cadre, ele levou o outro homem pela porta principal, o jantar teria lugar na extensa sala de jantar fora do corredor. Com teto alto, o piso de madeira rara polido a mão e as arqueadas janelas que enchiam a sala de luz solar ou da lua dependendo da hora do dia, era um ambiente destinado a impressionar.

Elena tinha dado uma olhada no ambiente, logo depois que ela se mudou, e disse.

— Vamos comer na mesa perto das janelas da biblioteca, onde eu possa conversar com vossa Arcangelidade sem precisar de um megafone.

Você trouxe o seu megafone, Caçadora da Sociedade?

Ele perguntou, ciente de Montgomery e sua equipe limpando, tendo calmamente transportado o champanhe e os canapés.

Um olhar estreito sobre o ombro.

Onde exatamente eu iria colocá-lo neste vestido? Não pude descobrir nenhuma maneira de usar calcinha sem arruinar a linha das curvas.

O sangue de Raphael aqueceu quando Hannah disse.

— Elijah, olhe. — Sua voz carregada de admiração.

Agarrando a mão de seu Consorte, a mulher de cabelos escuros puxou-o para a pintura gloriosa do Refúgio que dominava o extremo do aposento. Ela atravessava a parede inteira e era um estudo de doloroso e penetrante branco e azul sobre o cinza rochoso, exceto pelas asas dos anjos que voavam acima da cidade, cada um pintado em intrincados detalhes.

— Este é Dahariel. — Hannah passou os dedos com reverência sobre as asas desenhadas como as de uma águia, e Raphael sabia que sua admiração não foi para o anjo nomeado, e sim para o artista que o havia capturado na tela. — E, oh, é Galen com três dos pequenos de Jessamy.

— Esta é um trabalho de Colibri.

— Não, é de Aodhan — disse Hannah em resposta ao murmúrio de Elijah.

Com o cenho franzido, Elijah se aproximou mais da obra.

— Onde está a assinatura?

— Ninguém assina seu trabalho de forma usual. — Hannah franziu o cenho para seu Consorte. — Temos de encontrar a pista na imagem.

Você está sem calcinha com outro homem na mesma sala?

Raphael passou a mão pelas costas de Elena e sobre suas curvas mais baixas, buscando as linhas e encontrando nada além de carne feminina firme.

Você realmente não está usando.

Os ombros de Elena tremiam, vincos profundos em suas bochechas.

Oh, meu Deus, você está escandalizado!

Seus olhos lacrimejavam no esforço para combater sua risada, ela pressionou suas mãos contra o peito e olhou para o chão.

Devo dizer-lhe que encontrei uma maneira de usar uma faca? Em uma bainha na coxa.

Claro que sim. De nada importa a calcinha desde que você tenha o seu aço.

Pare!

Seus ombros tremeram mais forte, o pino cravejado de diamantes que ancorou o nó na nuca captando a luz, enquanto seu toque queimava através do branco de sua camisa formal.

Eu estou tentando ser elegante e graciosa como uma Consorte.

Tocando sua nuca, ele apertou.

Os nossos convidados estão prestes a se virar.

Recusando-se a olhar para Raphael por medo de que qualquer contato visual a provocaria, Elena andou com o outro casal pelo salão, no grande espaço aberto.

— Este é um lugar lindo.

Hannah sentou em um elegante sofá dourado, enquanto Elena tinha aprendido que a peça da mobília era chamada, suas asas fluir graciosamente em torno do suporte para as costas. As penas da outra mulher eram de um creme profundo e luxuoso com rubores de pêssego sobre as primárias e pareciam tão exuberantemente suave que Elena estava tentada a cometer suicídio social, e tocá-las.

— As pequenas mesas ali — disse Hannah enquanto Elena lutou contra o incivilizado e o impulso muito pouco próprio de uma Consorte, — quem foi que desenhou?

— Eu vou ter que confessar e admitir minha ignorância. — Elena mostrou as palmas das mãos vazias desde o sofá oposto. — Acredito que iria obter um D nos aspectos da vida de uma Consorte.

— Se você está obtendo um D em tais coisas, então temo que tenha que confessar que iria obter um F em formação defensiva. — Com olhos brilhantes, um sussurro conspiratório. — Elijah recorreu a ensinar-me a esfaquear as pessoas nos olhos com os meus pincéis.

— Isso é realmente uma excelente ideia, se você sempre tem pincéis à mão.

— Elena tocou o lábio inferior com um dedo, sua mente nas outras ferramentas de ofício de Hannah. — Eu vi Aodhan com um raspador de pintura, que poderia cortar a jugular de alguém com isso.

— Eu sabia que a sua Consorte era uma mulher inteligente, Raphael.

Elijah se sentou ao lado de sua própria Consorte e, apesar de seu sorriso leve, Elena não pode deixar de estar alerta para o poder letal que pulsava em sua própria pele. Isso a fez perceber o que seus amigos deveriam ver quando eles olhavam para Raphael, e por que as outras caçadoras mulheres ásperas e duras tinham brindado por ela ter “bolas de bronze” por ir para a cama com ele.

Elena colocou sua mão sobre a dele, sobre o fino veludo do sofá quando ele se sentou ao lado dela, suas asas sobrepostas.

Eu estou contente que nós estamos fazendo isso, mesmo tendo em conta as circunstâncias.

Enquanto que uma aliança política tinha sido seu principal e fundamental objetivo, Elena também sabia que não podia rejeitar as propostas cálidas de uma mulher que não só entendia as pressões de ser uma Consorte, mas cuja amizade poderia levá-la através dos milênios por vir.

Porque um dia, se eles sobreviverem aos próximos conflitos, ela pegaria o telefone para ligar para Sara, só para lembrar que sua melhor amiga não estaria mais lá, sua luz brilhante tendo desaparecido na noite final. Sara a chamava de tola por se preocupar tanto com um tempo que poderia ser décadas no futuro, mas o coração de Elena quebrava ante a ideia de não ter o carinho e amor de Sara em sua vida.

— Elena — Hannah começou.

— Ellie — disse ela, engolindo o nó de dor no peito e lembrando sua promessa a Sara que ela daria a Hannah uma chance real, em vez de mantê-la no comprimento do braço por lealdade a Sara. — Todos os meus amigos me chamam de Ellie.

— Ellie. Sinto-me honrada por ter esse direito.

A conversa continuou a fluir sem esforço através das horas que se seguiram. Consciente da preferência de Hannah por ficar fora das políticas angelicais, Elena estava disposta a sufocar a sua própria fome de se sentar próxima ao diálogo entre Raphael e Elijah, e levar a outra mulher ao seu solar para uma discussão tranquila. Hannah, no entanto, dispensou o convite, quando ela o fez depois do jantar.

— Em um momento tão escuro — disse ela, a voz suave, mas os olhos firmes — uma Consorte deve ficar ao lado de seu arcanjo.

A conversa passou para assuntos de maior peso quase que imediatamente, e, exceto por um minuto comovente de silêncio quando Raphael recebeu o recado de Galen, de que os caídos estavam em casa, o foco foi sobre as consequências da Cascata.

— Eu ouvi — disse Elijah, quando o relógio marcou meia-noite — que você ganhou a capacidade de lutar contra o poder de Lijuan.

O ar parecia imóvel, o silêncio encheu a sala; era a primeira vez que qualquer um dos dois homens chegou perto de mencionar suas novas habilidades.

CAPITULO 10

Confie, Raphael.

Elena encontrou os olhos da tonalidade azul prussiano, exceto que nenhum pigmento poderia ser tão intenso, tão puro.

Tem que começar em algum lugar.

— Sim. — Nenhuma indicação no tom de Raphael do passo transcendental denotado por essa única palavra. — Eu posso lhe causar dor e um certo nível de dano, mas se eu posso causar sua verdadeira morte continua sendo uma incógnita.

— Eu também ganhei uma nova habilidade intrigante — disse Elijah, enviando a sua Consorte um olhar tão abertamente afetuoso que Elena encontrou-se vendo o homem por trás do poder pela primeira vez. — É um que inicialmente causou à Hannah uma certa consternação.

— Conhecido também como terror puro. — O tom de Hannah era seco. — Qual — disse ela à Elena, — seria sua reação se em uma manhã ensolarada, você andasse, felizmente para sua estufa, e descobrisse que uma família de onças-pardas tinha se mudado durante a noite? — Hannah acenou para ante o olhar arregalado de Elena. — Sim, isso é exatamente o que eu encontrei no meu estúdio.

Raphael olhou para Elijah.

— Você pode falar com os animais?

— Eu não sei quanto a *falar*, mas posso certamente fazer gatos grandes e pequenos atenderem a minhas ordens. Meu primeiro comando, é claro, foi que

eles desocupassem o estúdio de minha Consorte e que parassem de rosnar para ela. — O riso suave de Hannah encheu o ar antes dele acrescentar. — Eu também posso comandar as aves de rapina. Elas agora são sentinelas no meu território.

Os grandes felinos e aves de rapina?

Elena sabia que a América do Sul tinha muitas dessas, graças aos extensos santuários patrocinados por Elijah, um ponto que mais uma vez provou que as novas habilidades dos arcanjos tinham suas raízes no que cada membro da Cadre era como um indivíduo.

Isso é um exército em si mesmo.

Sim.

— Nem um de nós, é claro — Raphael disse em voz alta, — é indefeso contra um ataque. Mas — seus olhos trancados com o dourado olhar de Elijah — nós seríamos mais fortes juntos.

A resposta de Elijah foi solene.

— Sua amizade é uma a que dou Boas vindas. Não tenho nenhum desejo de viver em um mundo dominado pelas monstruosidades de Lijuan.

— Ou, — Hannah sussurrou, sua mão deslizando para Elijah — em um onde anjos caem do céu.



O outro casal não foi embora até o amanhecer, a informação compartilhada enquanto a cidade dormia e Montgomery entrava e saía discretamente trazendo vinho, em seguida, café e suco de laranja, finalmente, foi muito além do que qualquer casal esperava, o nascimento de uma confiança que tinha Elijah dizendo-lhes o que tinha descoberto sobre Titus.

— Parece que ele ganhou poder sobre a terra, meu homem disse que Titus agora pode causar tremores de terra. Se a sua capacidade continuar a desenvolver-se no mesmo sentido, ele pode um dia, em breve, ser capaz de colapsar o chão sob os pés de um exército invasor.

Por sua vez, Raphael compartilhou as informações de Jason sobre a dominação do Astaad sobre o mar, e, possivelmente, de outros organismos de água.

— Há também rumores de que Favashi pode controlar os ventos — acrescentou — embora eu não tenha nenhuma confirmação. Michaela e Charisemnon permanecem um mistério.

— Eu também não fui capaz de descobrir o que eles podem ter ganhado — disse Elijah, a pele tensa sobre os ossos de seu rosto e mandíbula apertada. — Mas sabendo o que sei sobre os apetites de Charisemnon e a crueldade de Michaela, não pode ser nada bom.

Raphael não podia fazer nada além de concordar, sua aversão à Charisemnon profundamente talhada. O outro arcanjo tomava as meninas apenas florescidas⁶, tendo de alguma forma convencido seu povo que tal ato era uma honra para as filhas escolhidas.

Quanto a Michaela, ele estava mortalmente seguro de que ela tinha instigado Uram quando ele tomou a decisão fatal que tinha virado o outro homem em um monstro encharcado de sangue, seu efeito, o de uma aranha que se alimenta de seu companheiro.

— Compartilharei qualquer outra coisa que descobrir sobre os outros, se você fizer o mesmo — disse Elijah, quando saiu para o gramado, oferecendo o braço para selar o pacto.

Raphael aceitou a oferta, sua mão fechando-se sobre a parte superior do antebraço de Elijah e o outro homem fazendo o mesmo, o cumprimento de dois guerreiros.

⁶ Creio que seja algo como as que acabaram de menstruar.

— Está feito.

— Esse pode ter sido o meu primeiro show oficial como sua Consorte em nossa casa. — Elena escondeu um bocejo com a mão enquanto observavam Elijah e Hannah voarem alto no céu — Mas acho que foi um sucesso absoluto.

— A cooperação de Elijah me causa preocupação. — Deslizando um braço em volta da cintura dela, ele a puxou para seu peito. — Arcanjos não cooperam tão facilmente.

— Facilmente? — Com a boca aberta, Elena segurou seu rosto com as mãos. — Vocês dois levarem *seis horas* para chegar ao ponto. Era como assistir a um par de tigres circulando entre si, decidindo se seriam amigos ou morderiam um ao outro.

— Primeiro, um cortejo e agora tigres? — Ele passou a mão por sua coluna, e quando ela bocejou mais uma vez, levou-a para a casa, sua asa roçando a parte inferior de seu braço. — Você precisa descansar. Hannah pode ser capaz de aguentar uma noite sem sono, mas você é um bebê em termos imortais.

— Eu não deveria estar cansada — ela murmurou. — Passei diversas noites em claro na Academia da Sociedade, pelo amor de Deus, e depois fazia os exames no dia seguinte.

Espalhando a mão na curva de seda de seu quadril, ele inclinou para beijar sua boca carrancuda.

— Você está se tornando imortal, Elena. Nem uma única célula do seu corpo verdadeiramente descansa.

Uma pausa, seus pés parando sobre a grama.

— Não te chateia algumas vezes?

Surpreso com a penetrante vulnerabilidade da pergunta, ele inclinou o queixo para que ela pudesse ver seus olhos.

— Que a minha Consorte necessita dormir?

Elena percebeu que ele não tinha entendido a pergunta.

— Sim — disse — e o fato de que o farei por ainda por muito tempo. — Como humana, ela tinha sido mais forte do que a maioria; o que fez sua fraqueza como um imortal ainda mais difícil de aceitar. — Neste momento, Hannah, com sua falta de habilidades ofensivas, poderia me vencer em uma luta simplesmente aguentando até que eu estivesse muito cansada e fraca para ir em frente.

Raphael levantou uma sobrancelha.

— Não, ela não poderia, porque se chegasse a uma luta até a morte, você arrancaria sua cabeça nos primeiros dez segundos, cortaria seu coração nos próximos vinte, em seguida, queimaria seu corpo para se certificar de que ela nunca se levantasse novamente.

Piscando ante a resposta a sangue-frio, ela o olhou.

— Você realmente acha que sou capaz de fazer isso?

— Se Hannah se provasse ser uma ameaça para mim ou as outras pessoas que você ama, sim. — Um sorriso fraco, seu beijo uma marca notoriamente sexual, seus dedos empurrando em seus cabelos para evitar os pinos, espalhando-os na grama, seu corpo todo cumes duros e calor contra sua pele. — Seu amor é uma coisa feroz, Elena, uma coisa com garras e dentes quando se trata de proteger aqueles que você reclamou.

Ele estava certo; ela se encarregaria da louca Lijuan pessoalmente se isso significasse salvar as vidas das pessoas que ela amava.

— Isso te incomoda? Que eu sou tão sanguinária?

Rindo, ele se agachou e a fez girar em seus braços com uma força fácil que a fez se sentir como uma suave belle do sul, tirada de um drama de época.

— Eu vou responder a isso no andar de cima. Depois de ver sua bainha de coxa.

Oh, Deus, ele parecia que estava ronronando.

— O sono é superestimado — ela sussurrou, envolvendo os braços em volta do pescoço e beijando a deliciosa inclinação. — Eu prefiro ficar nua com o meu homem.

No instante em que estavam atrás das portas fechadas de seu quarto, ele a jogou na cama e despiu-a de seu vestido e sapatos, deixando-a usando apenas a fina faca amarrada a coxa. Quando se abaixou para se livrar-se dela, ele balançou a cabeça e, segurando seu olhar, tirou suas próprias roupas formais para revelar um corpo que a fez gemer antes que ele chegasse em cima dela.

Um beijo em seu quadril, sua língua passando rapidamente para provar sua pele; seus dedos traçando a alça da bainha; espalhando suas asas; o exótico sabor erótico de pó de anjo em seus lábios; a respiração bloqueada na garganta.

Então, sua boca era uma quente umidade em seu umbigo.

— Raphael. — Seu nome saiu em uma carícia, enquanto ela emaranhava as mãos na seda meia-noite de seu cabelo para segurá-lo a ela, seu amor por ele era uma coisa grande em seu interior.

Ele beijou seu quadril novamente, lambendo o osso em um movimento que a fez tremer. Um muito masculino Raphael, sorriu contra sua pele. Quando ele se moveu, ela estava pronta para seu beijo, mas nunca estava realmente pronta para o beijo de Raphael. Ele a fez arder, o prazer uma quente explosão líquida que brilhava sobre sua pele em ondas.

— Eu poderia beijá-lo para sempre — ela murmurou contra seus lábios, chupando o inferior, brincando com o superior, o peso de seu corpo uma pressão deliciosa. — Adoro sentir você contra mim.

— Você diz essas coisas, Elena. E me tornará seu escravo. — As asas espalhando-se mais sobre ela, ele segurou seu rosto e se inclinou para o beijo, aprofundando-o até que suas línguas se emaranharam em uma doce e quente batalha, a respiração de Elena perdida. Ofegando em busca de ar apenas o suficiente para continuar, acariciou suas mãos contra o músculo tenso dele, e voltou a beijá-lo.

Mais?

Era uma pergunta íntima entre amantes.

— *Sim* — ela sussurrou. — *Mais*.

Com um braço apoiado sobre a cabeça dela, ele deu o que ela queria e continuou a beijá-la, enquanto acariciava o arco superior altamente sensível de sua asa com sua mão livre. Ela estremeceu, deslizando suas próprias mãos para sua nuca, em seguida, para baixo, seus dedos escovando suas asas. Ele adorou quando ela beijou seu caminho para os arcos interiores, onde suas asas cresceram a partir de suas costas, e ela amava saber isso sobre ele, sobre seu amante.

— Pare com isso, *hbeebti* — disse ele, seus lábios se separando em um molhado beijo sonoro.

Ela sorriu, seus mamilos ruborizados contra a parede dura de seu peito.

— Você gosta.

— Muito. E hoje, eu gostaria de dar prazer a minha Consorte. — Ao pressionar o polegar para baixo em sua mandíbula e separar os lábios, ele a beijou novamente, pó de anjo brilhando no ar.

— Mmm. — Ela esfregou-se contra ele. — Você fez uma alteração em sua mistura especial? — Pó de anjo, ele disse a ela, normalmente era rico e requintado, mas não sexual. Elena tinha provado a mistura de Raphael, e sempre foi “oh, tão sexual”, hoje, também tinha um toque perigoso.

Beijos em sua garganta.

— Eu não queria que minha Consorte se entediasse.

— *Oh!* — Levou algum tempo para que suas células cerebrais desembaralhassem depois que ele tomou um de seus mamilos em sua boca, rolando-o em sua língua como se fosse uma baga inchada, em seguida, voltando sua atenção para o outro. Seu peito arfava, quando ele levantou a cabeça para

dar um beijo logo abaixo dos seios, e ela conseguiu dizer: — Tédio, sim, isso é exatamente o que eu sinto agora.

Seus olhos brilharam.

— Então, minha Consorte me desafia. Muito bem.

Tremendo, porque sua voz, que era pele sobre seus sentidos, através de seus mamilos úmidos, apertados, ao longo de seus lábios, ela o viu mergulhar sua cabeça, colocar um beijo molhado em seu umbigo. Ele soprou sobre o molhado, até que ela tivesse um arrepio.

— Agora — ronronou — é a minha vez de ser intoxicado.

Sua espinha curvou na cama com o primeiro toque de sua boca em sua carne mais privada. Como ela conhecia seu amante, ele a conhecia. Cada pequena curva tremia nervosamente. Agora, levantando suas coxas sobre a vasta amplitude de seus ombros, ele segurou suas nádegas com as mãos e beijou-a com uma intimidade que roubou seus sentidos, fazendo-a sentir-se deliciosa, decadente, bonita.

Com as mãos enterradas em seu cabelo, ela se agarrou a ele quando seu corpo estremeceu uma e outra vez, o orgasmo um passeio requintado e lento. Ele a lambeu até o fim, acariciando as mãos sobre as coxas para mudar suas pernas para os lados de seu corpo, seus dedos demorando-se na alça que segurava a faca em sua coxa.

— Minha guerreira. — Outro beijo em seu umbigo antes que se levantasse sobre ela novamente, empurrando sua excitação em sua umidade inchada pelo prazer.

Ela agarrou a parte superior de seu braço, os músculos e tendões se flexionando sob seu toque enquanto ele apertava uma mão sobre seu quadril, enquanto apoiava a outra em sua asa — acrescentado um prazer — e empurrava seu pênis dentro dela. Gemendo na tempestade erótica de sensações e precisando dele ainda mais perto, ela puxou-o para sua boca. Ele veio, sua mão deslizando para cima de seu corpo para moldar seu peito enquanto ele se movia dentro e

fora dela em um ritmo profundo e preguiçoso que dizia que ele não tinha outro lugar para ir, sua atenção apenas e absolutamente nela.

Seu corpo despertou a vida novamente, sob o foco incansável de seu arcanjo para apertá-lo em seus impulsos sensuais. Quebrando o beijo para vê-lo encontrar seu próprio prazer, ela acariciou com os dedos a linha de sua garganta, por cima de seus ombros, e ao arco ascendente de sua asa esquerda. Ele estremeceu e empurrou com força quando seus dedos se fecharam sobre esse arco.

— *Elena.*

O prazer de Raphael, seu beijo, enviou-a em um segundo orgasmo e não foi até que ambos se moveram outra vez, Raphael abaixou e soltou a alça de sua bainha, colocando ela e a faca na mesa de cabeceira.

— Como esta bainha é bela — disse ele, tocando o couro, — eu prefiro muito mais que a minha lâmina.

Elena bateu a mão fechada em seu ombro, o riso borbulhando em suas veias e em seu desossado corpo.

— Estou feliz em saber que ganhei do couro bem trabalhado.

— Sempre. — Com os lábios curvando-se em um sorriso que fez seu corpo apertar sobre a “lâmina” ainda dentro de seu corpo, ele inclinou a cabeça para os seus lábios.

E mais uma vez, lâmina e bainha provaram seu ajuste perfeito.



Deixando Elena felizmente exausta e dormindo em sua cama, Raphael não voou para a Torre, mas para a casa que pertencia a Jeffrey Deveraux e sua família. Uma única explosão habilmente cronometrada de Fogo de anjo e ele poderia eliminar o macho mortal da face do planeta, deixando sua esposa e filhas ilesas.

Ou ele poderia simplesmente voar baixo e enfiar a mão pela caixa torácica de Jeffrey para arrancar seu murcho e inútil coração. Seria intensamente mais satisfatório do que derramar o sangue do outro homem à distância.

Exceto que, tomar qualquer ação iria quebrar a fé de Elena nele, não fazendo nada para selar o corte que Jeffrey tinha rasgado em sua alma. Ele ia continuar a rasgar em momentos inesperados, como tinha feito esta manhã. Levou até a última gota de seu controle considerável para não responder com raiva quando ele percebeu a importância das perguntas de Elena, e que era a mesma coisa que ela perguntou a ele de forma sutil nos últimos meses.

A raiva havia machucado e confundido, mas sua Consorte não reconheceu o medo do que a levou a fazer essas perguntas, um medo que poderia ser encapsulado em sete palavras simples que formaram uma sentença viciosa.

Será que esta falha fará você me rejeitar?

O que Jeffrey tinha feito, tinha marcado Elena em um nível além do consciente. Ela *sabia* que detinha o coração de Raphael, ela sabia, e ainda uma parte cautelosa e ferida dela, se preocupava que ele um dia iria mudar de ideia, e encontrar alguém mais digno de amar.

Raphael.

Era um murmúrio meio drogado com o sono.

Por que você está rosnando na minha cabeça?

Dentes cerrados, ele tomou a decisão deliberada de se afastar da casa Deveraux e dirigir-se à Torre, não confiante de que ele poderia manter a sua determinação e não assassinar Jeffrey se visse o pai de Elena.

Minhas desculpas, hbeebti. Eu não sabia que você podia sentir isso.

Está tudo bem.

Durma, ele disse, e porque não podia suportar a ideia de sua dor.

Quando sonha, sabes que é amada.

Claro que eu sou. Eu sou sua.

O murmúrio sonolento foi suficiente para acalmar sua raiva, dizendo-lhe que, apesar dos temores que a assombravam, Elena entendia a verdade de quem ela era para ele, tão profundamente dentro de si, que se lembrava, mesmo em seu sono. *Sem mais rosnados em sua cabeça*, ele prometeu, mas ela já tinha ido, perdida no sono.

Sire, disse outra voz, um instante depois.

Sim, Aodhan?

Augustus vai chegar ao ponto de encontro em uma hora.

Obrigado.

Ele já tinha se reunido com Nazarach e Andreas, dois de seus comandantes angelicais encarregados de cuidar de uma determinada seção de seu território. Augustus seria o terceiro. Passo a passo e tranquilamente, ele estava se assegurando de que cada um de seus comandantes sabia preparar suas regiões para uma longa ausência em um futuro próximo. Ele precisaria deles em Nova York quando a guerra gritasse, uma guerra que tinha sido inevitável a partir do instante em que Lijuan criou o primeiro renascido.

Se suas perversões da vida fossem permitidas andar livremente, elas infectariam o mundo, transformando-o em um ossuário antes de se tornar um monumento à morte feita de carne.



Sete horas depois, após cinco horas de sono profundo, seguido de uma hora de ensino na Academia e algumas voando ao redor de prédios de escritórios de alta visibilidade, Elena aterrissou na Torre para se encontrar com Raphael que ainda não tinha voltado de uma reunião com um de seus comandantes. Aodhan, no entanto, estava no escritório de onde Dmitri executava as operações Torre, antes dele deixar a cidade com sua esposa.

Ao vê-la, o anjo estendeu um pincel, o seu punho envolto em um pedaço de papel.

Ela aceitou, desconcertada.

— Obrigado, mas por quê?

— O *Sire* me pediu para certificar-me de que você o recebeu.

Rasgando o papel, Elena encontrou sete simples palavras escritas sobre o cabo de madeira fina.

Cada Consorte tem suas próprias armas.

Deus, ela pensou, todo seu rosto com um sorriso, seu Arcanjo fazia sérios movimentos.

Feliz, com o coração profundamente feliz, ela guardou o delgado pincel com cuidado em um bolso lateral com zíper de suas calças apertadas, onde não teria o perigo de cair. Vendo o olhar de estranheza de Aodhan, ela percebeu que não tinha tido uma conversa séria com ele desde sua transferência para a Torre, este anjo que era bonito na mais desumana de maneiras. Fraturas de luz, isso era Aodhan.

Seus olhos estilhaçados até o exterior de uma pupila obsidiana em cacos cristalinos de um azul-esverdeado, sua pele de alabastro acariciada com ouro, seu cabelo tão pálido que parecia ser incolor e ainda assim tão brilhante que era como se cada vertente tivesse sido revestido de diamantes triturados. A ilusão da luz ecoava por suas asas, até a luz solar, ele resplandecia além do que a capacidade humana podia suportar, sua beleza uma lâmina dolorosa. Embora Illium tivesse asas azuis, e Venom os olhos de uma víbora, era Aodhan que era o mais “diferente” dos Sete de Raphael.

Era também o mais remoto, suas cicatrizes invisíveis deixando-o avesso a qualquer contato físico. Elena não podia imaginar uma vida desprovida de toque, mas Aodhan tinha vivido, um *éon* desprovido do simples e necessário sentido de conexão. Tinha que ter sido algo além de vicioso para tê-lo marcado de uma

forma tão violenta, mas essa era a história de Aodhan para contar e ele não tinha escolhido contar a ela.

— Você está gostando de Nova York? — Ela perguntou.

Movendo-se para a varanda com ela, ele deu um passo para a beira para olhar a cidade abaixo.

— Ainda não tenho certeza. — Asas brilhando à luz do sol, ele parecia estar observando os fluxos de táxis amarelos abaixo. — Eu nunca antes experimentei um lugar como este. O domínio do *Sire* não era assim na última vez que estive aqui.

Elena não tinha percebido que Aodhan já havia guardado a Torre, mas é claro que fazia sentido, uma vez que ele estava perto de 500 anos de idade.

— É certamente única. — Ela amava o caos energético da cidade, mas sabia que não era para todos; embora desde que Aodhan tinha solicitado a transferência depois de séculos na fortaleza de Raphael no Refúgio, algo em Nova York havia ressoado com ele.

— A maioria das pessoas ainda não sabe que você está aqui. — A tinha surpreendido que a chegada de Aodhan não tinha feito o barulho que ela esperava. Em seguida, ela descobriu que ele nunca voou a uma altura onde ele pudesse ser discernido por olhos mortais. Aqueles que vislumbraram uma luz ascendente durante os raros casos em que voou abaixo da camada de nuvens, presumiram ser um truque da luz, ou uma impressionante faísca do corpo de metal de um avião que passava.

— Illium gosta de dançar com o mundo. Eu prefiro vê-lo.

— Você não quer explorar a cidade, voar acima das ruas? — Ela podia entender por que ele não gostaria de aterrissar onde pudesse ser tocado acidentalmente, mas isso não significava que não pudesse ver New York de perto.

Aodhan deu-lhe um olhar perscrutador, aqueles olhos de vidro quebrado refratavam seu rosto em um milhão de fragmentos.

— Você está certa, Consorte. Eu deveria ser visto na cidade, especialmente neste tempo, há aqueles que se esqueceram do meu poder, porque eu não escolho exibi-lo.

Elena não tinha dúvida que Aodhan era tão letal quanto o resto dos Sete.

— Eu não estava pensando sobre a política. Estou mais preocupado com você. — Pelo que ela sabia, dos imortais em Nova York, ele era próximo só de Illium, mas mesmo ali, também, mantinha uma distância dolorosa.

Mesmo quando éramos jovens, Aodhan era sério onde eu estava cheio de malícia, mas ele tinha o riso em sua alma e maldade suficiente para ser meu amigo de verdade em todas as coisas. Sinto falta dele.

CAPITULO 11

— Ninguém, — ela disse agora, a tristeza penetrante das palavras de Illium ecoando em sua mente, — pode passar a vida sozinho. — Nem mesmo uma mulher que, quando menina, tinha visto os sapatos de salto da mãe no corredor de azulejos, e jurara nunca mais dar qualquer tanto de poder sobre seu coração. Só Sara tinha conseguido romper essa barreira, e isso depois de anos de confiança.

Então, viera um arcanjo tão perigoso e fascinante quanto os ventos selvagens acima de um mar escurecido pela tempestade.

— Não é só se machucar que você evita quando foge de vínculos, — ela tentou fazê-lo ver a verdade que ela levava quase duas décadas para entender, este anjo tão assombrado em sua solidão — você também perde a alegria dolorosa que vem com abrir totalmente seu coração e se entregar.

Uma pausa, e então palavras que eram como pedras lançadas no espelho tranquilo de um lago ininterrupto.

— Você não tem medo?

— Eu fico aterrorizada, — admitiu ela, pensando na facada violenta de vulnerabilidade que havia batido nela justamente naquela manhã. — Mas você sabe o quê? Foda-se o medo. Eu não vou permitir que isso roube minha vida de mim, e você não deveria, também. — Não, ela não entendia o inferno que Aodhan tinha formado, mas ela tinha enfrentado seu próprio inferno, tinha conhecimento em primeira mão a gaiola que tal horror podia criar. — Voe duro e rápido, Aodhan. Você nunca sabe o que você vai ver. E qual é a pior coisa que poderia acontecer?

A resposta de Aodhan foi tranquila e sangrenta.

— Eu poderia colidir com a terra, minhas asas quebradas e meu corpo uma polpa carnuda.

— Mas imagine o que você teria experimentado nesse ínterim, e se pergunte se a segura solidão é tudo o que você gostaria de conhecer.

Deixando o anjo solene com seus pensamentos quando ele não respondeu, ela endireitou os ombros e fez seu caminho de volta para dentro da Torre, e para o primeiro dos estritamente guardados andares que alojavam os anjos feridos. A maioria permanecia em comas de cura que Keir tinha induzido, seus corpos despedaçados, mas os rostos daqueles que estavam conscientes iluminaram-se no instante em que ela apareceu.

Chamando-a de "Consorte", eles perguntaram-lhe por notícias do que estava acontecendo na cidade e com seus esquadrões, e se desculparam por serem incapazes de se levantar de suas camas. Era a primeira vez que ela tinha real contato pessoal com muitos dos lutadores que defendiam a Torre, e a deixou humilde que eles viam sua visita como uma honra, pois ela era a "Consorte de seu soberano".

Grata pelo sussurro de Keir, que tão concisamente explicou uma resposta que ela tinha estado lutando para entender, Elena se acomodou. Conforme falava com os lesionados nas horas que se seguiram, ela começou a compreender outro aspecto de suas responsabilidades quando se tratava da posição dela ao lado de Raphael. Ela era, sem dúvida, o anjo mais fraco no quarto em termos de poder, mas isso não era o que os homens e mulheres à sua volta viam, não era o que eles precisavam dela.

— Respire fundo, — murmurou Keir quando ela saiu para o corredor após ver os ferimentos brutais feitos a um anjo com olhos escuros, que tinha lhe mostrado com orgulho a espada que ele tinha recebido do próprio Galen, um sinal do respeito por suas habilidades do mestre das armas. A asa esquerda do anjo não era nada além de um tendão agarrando-se ao osso, o rosto em polpa de um lado, seu braço cortado no ombro.

Com as mãos nos joelhos, ela puxou goles de ar e, quando podia falar outra vez, disse.

— Ele vai se curar?

— Sim, embora isso vá significar meses de dor para ele. — Uma mão suave no cabelo dela, o toque de um curandeiro. — Nas horas passadas, você conseguiu entender por que eles respondem a você como fazem?

Um nó de emoção na garganta, Elena levantou-se em toda sua altura, superando Keir por vários centímetros.

— Eu sou sua ligação com Raphael. — Ela não tinha entendido até este instante que as tropas gerais de lutadores tinham a mesma reverência por Raphael que muitos mortais. Mesmo entre os anjos, um arcanjo era um ser para ser temido e respeitado.

Dmitri, Aodhan, Galen, Illium, todos os Sete, eles estavam apenas um degrau abaixo do Cadre, tanto quanto as tropas estavam preocupadas. Os lutadores iriam a qualquer um deles sem hesitação quando se tratava de questões em relação às defesas da Torre, mas nunca pensariam em incomodá-los com qualquer outra coisa.

— Eu estou destinada a ser a única que olha abaixo da superfície formal e estruturada, para os indivíduos por baixo. — A pessoa que mantinha o dedo sobre o coração vivo da Torre, tendo a certeza de que as pessoas estavam felizes.

— Você se sente tola de que te levou tanto tempo para apreender isso.

— Alguém não poderia ter me dado uma dica? — Não que ela teria sabido o que fazer, ela não sabia agora, mas pelo menos ela teria tentado. — Tem sido meses!

A carranca de Keir era uma censura silenciosa.

— Ninguém esperava que você assumisse essas responsabilidades por anos, se não décadas, ainda. Você é uma Consorte jovem; entende-se que você tem muito a aprender, mas o trauma dos últimos dias alterou esse cronograma.

— Sombras pesadas nos finos ossos de seu rosto, o tom de sua voz sustentando uma tristeza assombrosa.

— Eu não sei como fazer isso. — Foi uma confissão arrancada da alma dela. — Não muito tempo atrás, eu disse a Aodhan para assumir riscos, mas Deus, Keir, eu acho que estou no meu limite. Eu não tenho certeza que meu coração é grande o suficiente para abranger milhares. — Alguns dos quais iriam, inevitavelmente, morrer em batalha. A dor da perda não seria distante e gerenciável se ela soubesse seus nomes, seus sonhos, suas esperanças. Cada morte seria um chute direto em seu coração agredido. — Eu perdi muitas pessoas já.

— Coragem, Elena. — Escovando a ponta dos dedos sobre a bochecha dela, ele a levou de volta para a enfermaria. — Disso, sei que você tem uma quantidade imprudente.

Tomou toda a coragem dela para visitar a pessoa na enfermaria que ela tinha evitado até o último momento possível. "Izzy." O jovem anjo loiro, seus cachos tendo sido raspados para revelar seu crânio fraturado, tinha uma doce queda por ela. Mesmo tão gravemente ferido, que ela não podia acreditar que ele estava acordado e consciente, o rosto brutalizado dele brilhou quando ela se sentou em sua cabeceira.

Era impossível fazer qualquer coisa além de sorrir de volta, ele era tão adorável em sua devoção.

— Eu pensei que você tinha me esquecido. — Palavras tímidas, as bochechas ficando rosadas enquanto ela flertava com ele em um esforço para distrair a mente dele da dor excruciante de seus ferimentos.

— Nossos corpos são capazes de curar os mais horríveis ferimentos, — Keir havia dito, — mas o custo é a dor. Nenhuma droga para entorpecer a dor vai funcionar em corpos angelicais, embora nós tenhamos tentado encontrar por séculos e séculos. Eu, também, só posso suavizar a dor, não posso eliminá-la, e enquanto os pequeninos e os com mais de trezentos ou quatrocentos podem ser

colocados sob um sono de longa duração, os jovens adultos acordam constantemente e, portanto, estão muitas vezes conscientes.

Quinze minutos mais tarde, ela teve o cuidado de não provocar, acidentalmente, qualquer outra ferida em Izak quando ela deu um beijo no único pedaço inteiro de seu rosto.

— Descanse, cure-se. Eu vou passar por aqui novamente em breve. — Talvez ela estivesse com medo do que estava sendo pedido dela, mas se Izak pudesse sorrir através de sua agonia, ela poderia malditamente bem encontrar a coragem de ser o que ele precisava que ela fosse.

— Quando você criar sua guarda, — ele disse abruptamente quando ela se virou para sair, — você vai, pelo menos, me considerar? — Olhos enormes com súplica. — Eu sei que sou jovem e eu não me importo de ter o menor...

— Espere. — Ela inclinou a cabeça para o lado. — Você sabe que eu não tenho guarda-costas. — Tinha levado mais de uma luta com Raphael para esculpir essa regra em pedra, e Elena não tinha nenhuma intenção de alterar esse fato.

— Não, não guardas. Uma *Guarda*.

Desta vez, Elena ouviu o G em letra maiúscula.

— Como os Sete de Raphael, — continuou Izak, esperança dolorosa em sua expressão. — Você é uma Consorte. A Consorte de Elijah tem uma Guarda.

Elena não sabia o que ia fazer com uma Guarda, mas dizer não a este frágil, quebrado e esperançoso menino estava fora de questão.

— Considere-se o primeiro membro.

O sorriso dele iluminou todo o quarto.



Era bem depois do anoitecer quando ela deixou a enfermaria e subiu vários andares para encontrar Raphael entretido em uma sessão de estratégia com os Sete, aqueles que não estavam fisicamente na cidade tinham sido chamados em ligações visuais. Ela poderia ter entrado, tomado um assento, e ouvido, mas ela precisava limpar a cabeça depois da intensa tensão emocional do dia passado.

Pegando o celular, ela enviou uma mensagem para sua melhor amiga.

A pequena está dormindo?

Roncando como uma campeã. Quer vir para um café?

Eu não vou interromper você e seu amorzinho?

Meu amorzinho me abandonou pelo workshop dele. Ele está fazendo alguma arma super-especial para outra mulher. Boa coisa que eu te amo ou eu teria que te matar.

Um sorriso rompendo a tristeza e raiva dentro dela, ela enviou uma mensagem para o telefone de Raphael em vez de interromper seus pensamentos, e em seguida, voou para a casa de Sara. A última vez que ela tinha estado por lá, o telhado estava em construção, mas hoje, sua melhor amiga acenava para ela a partir da superfície agora plana, duas canecas fumegantes e um monitor de bebê colocados em cima da mesa de madeira desgastada, na frente de um igualmente desgastado sofá.

— Legal, — Elena disse, analisando os vasos de planta atualmente vazios colocados nos cantos, a parede ao redor do telhado alta o suficiente para que Zoe pudesse brincar aqui, sem qualquer risco de que ela cairia.

— Você vai ter que me ajudar a escolher algumas plantas no verão. — Sara ergueu uma caneca de café e, quando Elena pegou com um suspiro, deu uma tapinha no sofá ao lado dela. — Sem mobiliário adequado ainda, assim suas asas vão ser um pouco esmagadas.

— Na verdade, é tão suave que não é ruim. — Afundando, Elena apoiou as botas na mesa de café, tomando cuidado para não balançar o monitor. — Como está Darrell?

— Bagunçado. — Sara levantou as pernas para sentar-se de pernas cruzadas, as mãos em concha em torno da caneca, a pele de um rico e suave marrom contra a cerâmica branca. — Mas acho que ele vai ficar bem. Você e Ransom chegaram a ele a tempo.

Elas se sentaram em um silêncio confortável por vários minutos, seus olhos nas estrelas acima, o céu segurando a clareza afiada da mais fria das noites, a respiração delas congelando no ar. Quando conversaram, elas serpentearam de tópico para tópico, a amizade velha o suficiente para que elas pudessem pular de sua preocupação com as hostilidades arcangélicas previstas para uma discussão sobre a vida sexual de Sara para irromper em gargalhadas quando ambas murmuraram, — Homens, — ao mesmo tempo.

Então Sara, depois de ter se enrolado contra o braço do sofá, cutucou a coxa de Elena com um pé revestido de meia.

— Pare.

Assustada com a explosão de raiva inexplicável, Elena a encarou.

— O quê?

— Pare de pensar sobre o que vai acontecer quando eu me for. — Era uma flecha no coração. — Você já pensou sobre o fato de que talvez eu tenha que ver *você* morrer?

— Eu estou me tornando imor..

Sua amiga bufou.

— Desde quando o mundo imortal tem sido um tipo de lugar feliz-vamos-dar-as-mãos-e-cantar-‘Kumabya’, hein? Nós não estávamos apenas discutindo uma guerra, gênio?

Boquiaberta, Elena piscou e percebeu que Sara estava certa. Sua vida não era nada menos perigosa agora do que tinha sido durante seu tempo como uma caçadora. Na verdade, podia argumentar-se que ela nadava em águas muito mais mortais como a Consorte de Raphael.

— Bem, droga.

— Exatamente. Portanto, não me deixe ver aquele olhar nos seus olhos de novo. — Sara bateu com a caneca na de Elena. — Você sabe o que eu aprendi com a minha garotinha? Desfrutar o momento. Terá ido em breve, e ninguém sabe o que a próxima hora, muito menos o amanhã, trará.

Elena decidiu que ela devia gravar aquelas palavras em seu cérebro, dizendo isso para Raphael duas horas mais tarde, enquanto eles estavam deitados, pele com pele, em seu quarto no Enclave. Ele tinha vindo a ela com um olhar triste em seus olhos e planos de batalha em sua mente, seu toque tão suave, que lágrimas tinham molhado o rosto dela.

— Isso foi um maravilhoso momento bonito, — ela sussurrou depois.

— Sim. — Um murmúrio masculino profundo.

A cabeça no peito dele, ela embebeu-se em seu calor, sabendo que eles tinham sorte de ter estas horas juntos, possíveis apenas por causa da confiança dele em seus Sete. Palavra viera de Jason de que os outros membros da Cadre foram confirmados como estando atualmente em seus territórios, o que deu a Nova York algum espaço para respirar.

— Eu visitei os feridos, — disse ela, sabendo que a trégua era temporária, como Raphael, ela não acreditava em coincidências, especialmente uma coincidência que trouxe a morte aos anjos e vampiros igualmente. — Eu consegui falar com todos que estavam conscientes.

— Eu sei. — A mão dele fechou-se em punho no cabelo dela. — Você agiu como uma Consorte deveria, apesar do custo. Eu estou orgulhoso de você, *hbeebti*.

Peito apertado ante o simples reconhecimento, ela passou o pé sobre a canela dele.

— Eu também pareço ter adquirido o início de uma Guarda.

— Oh? Quem você escolheu?

— Izzy, — disse ela, e contou a ele como tinha acontecido.

Raphael riu.

— Eu vou, naturalmente, ter que lançar o garoto em treinamento com os homens mais duros sob meu comando tão logo ele se recupere. Ele pode se arrepender de ter se voluntariado.

— Eu não espero realmente que ele faça por mim o que os Sete fazem por você.

— Você feriria o orgulho dele?

Elena suspirou, deixando afundar o sentimento de que ela inadvertidamente terminou com uma *verdadeira* Guarda.

— Como é que eu ia dizer não para alguém tão adorável? — Ela levantou a cabeça para fazer cara feia para seu amante. — Teria sido como chutar um filhote, e em seguida, pisar em seu coração.

Raphael cruzou um braço atrás da cabeça, seu bíceps flexionando.

— Ele não é tanto um bebê quanto você acredita.

— Não? — Inclinando-se, ela roçou os dentes sobre o músculo firme.

Os dedos dele curvaram-se sobre o peito nu dela em retorno, nenhum deles com qualquer pressa.

— Izak esteve em treinamento com Galen desde que ele era mais jovem do que Sam.

— Galen com *bebês*? Impossível, — ela disse, mesmo quando se lembrou de Hannah apontando o oposto na pintura no piso térreo. — Galen comendo bebês eu posso entender, mas treinando-os?

Diversão aberta.

— Eu acho que você sente falta do nosso mestre de armas.

— Ha-ha.

Ela conseguiu com isso um beijo longo, preguiçoso, suas línguas lambendo uma contra a outra, a coxa dele empurrando possessivamente entre as dela.

— Quando Galen estava cortejando Jessamy inicialmente, — Raphael disse com um roçar de seu polegar sobre o mamilo dela quando seus lábios se separaram, — ele começou a ensinar habilidades de voo para os menores. Com o tempo, tornou-se uma tradição. Galen é sempre aquele que dá instrução básica de voo para os bebês, e alguns, como Izak, nunca param de treinar com ele.

A ideia de Galen, com suas asas parecidas com de um northern harrier⁷, liderando um esquadrão de bebês, nem todos os quais podiam voar exatamente direito, fez Elena sacudir a cabeça.

— Desculpe-me, eu preciso ver para acreditar nisso. É como se você tivesse acabado de me dizer que o céu fica roxo toda quarta-feira.

Riso sensual retorcendo ao redor dela, o humor de Raphael não mais preto.

— Pela idade dele, Izak é excepcional. Em comparação a lutadores mais velhos, ele tem muito a aprender, parte da razão pela qual Galen organizou-lha uma colocação na Torre.

— Assim, ele poderia estudar com os mais experientes homens. — Era semelhante ao que a Associação fazia, emparelhar um caçador novato com um experiente pelo primeiro ano após a graduação.

Raphael assentiu.

— Izak pode ser comparativamente fraco no momento, mas ele vai crescer com você, e também vai o vínculo entre vocês. — Os olhos dele se fecharam quando ela estendeu a mão para acariciar a parte mais sensível de sua asa direita, a carne úmida dela esfregando contra o músculo duro da coxa dele. — Aodhan era um adolescente, Illium ainda mais jovem, quando eu os aceitei no que se tornaram meus Sete.

⁷ Um tipo de pássaro predador.



Ela estava se inclinando para beijá-lo novamente quando os olhos dele se abriram, relaxamento lânguido apagado pelo foco de olhos frios em um único batimento cardíaco.

— Keir está no seu caminho para nos ver.

Elena pensou no vampiro em decomposição encontrado naquela casa agora queimada até a terra, os anjos feridos na enfermaria, os cinco levados para o Refúgio nos carros fúnebres cobertos de flores, e soube que a notícia não poderiam ser nada boa.

CAPITULO 12

Olhando em direção a miragem brilhante de Manhattan a partir de sua varanda alguns minutos depois, ela viu a sombra escura de asas sobre o Hudson.

— Illium está fornecendo escolta? — Mesmo com o selvagem cintilante azul e prata perdido na noite, o anjo tinha um estilo distinto de voo.

— Eu ordenei que ninguém voe sozinho durante a noite ou caso eles estejam indo para uma área isolada. — Um olhar duro. — Isso se aplica à minha Consorte, também. Você deixou a Torre durante a noite antes que eu pudesse falar com você sobre isso.

— Sem argumentos aqui. — Puxando o cinto de seu robe, ela disse, — Eu deveria colocar roupas adequadas.

— Isso vai servir. — Raphael, vestido de jeans e uma camiseta branca, correu os dedos pelo lado do rosto dela. — Keir é um dos poucos homens a quem eu permitirei ver a minha Consorte nua de sua armadura.

Porque, Elena pensou, o curador tinha visto cada parte de seu corpo quebrado e ele tinha ajudado a trazê-la de volta.

— Quanto a seu Bluebell, o coração dele já é seu.

Os dedos dela apertaram o cinto.

— Raphael, ele não está realmente... não desse jeito, está? — Ela não podia suportar machucar Illium.

— Eu acho, — disse Raphael, conforme o vento da noite trouxe consigo a promessa sussurrante de neve, — que Illium precisa se curar e você é segura.

Elena esfregou o rosto.

— Eu espero que isso seja tudo. — Independentemente disso, ela vestiu calças jeans e uma camisa verde-e-branca listrada simples, Raphael abotoando os botões nas fendas das asas para ela antes de eles descerem para abrir as portas da biblioteca e sair para o gramado.

Os dois anjos fizeram um pouso tranquilo um minuto depois.

O rosto de Keir era solene, mostrando uma estirpe que Elena nunca tinha visto antes nele, certamente não quando ela deixara a enfermaria mais cedo naquela noite. Com o intestino retorcendo, tomou o braço dele e levou-o para dentro, para encontrar o fogo aceso e a mesa perto das janelas disposta com café e chá, assim como uma bandeja de frutas, nozes, e um queijo rico e cremoso. Bolachas estavam colocadas ordenadamente em um prato diferente, ao lado de um pão crocante fino e aromatizado com ervas.

Graças a Deus por Montgomery.

Cutucando Keir em uma poltrona na frente das chamas crepitantes, ela colocou para o curador, o chá que ela sabia que ele gostava, enquanto Illium arrumava um prato para ele.

— Você tem que comer, — disse ela, quando ele teria acenado um não para a comida.

Expressão drenada, olhos desprovidos de seu calor natural, ele não respondeu.

Elena não estava pronta para admitir a derrota. Tomando o prato de Illium depois de colocar o chá sobre a pequena mesa lateral ao lado do curador, ela acenou para o anjo de asas azuis ir falar com Raphael, enquanto ela se sentava na poltrona oposta a Keir. Colocando um pedaço de queijo em uma bolacha, ela estendeu-a.

— Por favor, Keir.

Sacudindo o olhar para ela, ele pegou o pedaço.

— Então, a paciente cuida do curador.

— A paciente sabe que se ela ficar machucada novamente, ela vai precisar de você, por isso, é autosserviço.

Um raio de luz na expressão dele.

— E se eu não comer?

— Este curandeiro uma vez me disse que eu tinha a inquebrável vontade de uma mula. — Tinha sido um elogio, o deleite de Keir ante seu progresso aberto.

Os belos lábios dele se curvaram ligeiramente afinal e ele comeu o biscoito, pegou o próximo. Ela conseguiu que ele comesse isso e alguns pedaços de pão, assim como um pêssego que ela cortou em pedaços.

— Você fez isso para mim uma vez, lembra? Quando eu estava entediada e mal-humorada depois que você me disse que eu tinha que ficar na cama. — Tinha sido logo após o baile de Lijuan. — Bailes estúpidos. Eles deveriam ser proibidos.

Uma suave risada, o pêssego comido por pedaços, enquanto Illium e Raphael ficavam na mesa de Raphael, conversando em voz baixa sobre os furos atuais na sua linha defensiva. A luz do fogo brilhava no branco-ouro das penas de Raphael, e uma vez que ele estava logo ao lado de Illium, os filamentos de prata nas asas de Bluebell também captando a luz, a diferença de efeito era cristalina.

— Fogo branco. — A expressão intrigada de Keir disse a ela que ele estava de volta. — Extraordinário.

Era, Elena pensou maravilhada, uma ressonância ao fogo deslocante que dava às asas de Raphael uma sensação de movimento, embora ele estivesse no lugar.

Recostando-se em sua cadeira, Keir disse.

— Eu não tenho visto tal efeito nos outros que são do Cadre.

Elena forçou-se a desviar o olhar de Raphael, suas antenas em alerta.

— Você sabe qualquer coisa sobre o que está acontecendo com as habilidades de Michaela?

Keir balançou a cabeça.

— Ela não confia em mim, embora saiba que eu nunca quebraria meus votos como curandeiro. Também é verdade que tenho sempre favorecido Raphael. — Abaixando seu chá, ele olhou para ela com seus velhos olhos sábios. — Como eu favoreço a Consorte que o trouxe de volta da beira cruel da imortalidade.

Elena colocou de lado o prato no qual ela tinha cortado o pêssego, e se inclinou para frente depois de uma olhada rápida para garantir que Raphael permanecia absorvido em sua conversa com Illium.

— Lijuan advertiu Raphael que eu ia torná-lo um pouco mortal.

— Você o tornou. — Equanimidade tranquila. — E você se preocupa que o tenha enfraquecido. Você fez.

Elena se encolheu.

— Elena. — Balançando a cabeça, Keir esperou até que ela encontrasse seu olhar novamente. — Mesmo um arcanjo precisa de uma fraqueza, poder absoluto é uma corrupção. Disso, Lijuan é o perfeito exemplo.

Um farfalhar de asas, Illium e Raphael caminhando para se juntar a eles antes que ela pudesse apontar que, enquanto o último podia ser verdade, Raphael precisava estar na força máxima para vencer Lijuan e sua laia.

Raphael não perdeu tempo ou palavras.

— O que você descobriu, Keir?

— A doença que matou o vampiro, é semelhante à varíola.

Elena respirou fundo enquanto Illium veio inclinar-se contra a sua poltrona, com os olhos ouro líquido à luz do fogo e suas asas quentes contra as dela.

— A doença que tem, tantas vezes, matado dezenas de milhares de mortais?

— Sim. — Keir levantou a mão quando eles teriam falado novamente. — Não é idêntica, tem um efeito mais virulento sobre os órgãos internos, transformando-os em líquido, mas ainda não pareceu ser infeccioso. Exige mais que um pontinho ou dois de sangue para transferir. Algumas gotas, talvez até mesmo uma pequena alimentação, embora eu não possa ter certeza desse último ponto.

Raphael balançou a cabeça.

— Você não iria voar para nós, quando você está tão claramente esgotado, se você tivesse uma boa notícia.

— Você me conhece há muito tempo. — O curador respirou fundo. — Meus testes mostram que a doença tem um período de incubação de seis horas. Depois disso, parece progredir a velocidade viciosa, a vítima teria estado muito debilitada para procurar ajuda no momento em que entendesse que estava doente. Terrível como foi para ele, é bom no esquema mais amplo das coisas.

— Portanto, há uma chance muito alta de que ele não teria tido a oportunidade de infectar outras pessoas.

Keir assentiu ante as palavras de Illium.

— A má notícia é que a varíola mostra todos os indícios de ter sido projetada para atacar vampiros. — Virando-se para Raphael, ele disse, — Seus instintos se provaram verdadeiros, eu detecto uma inteligência por trás da doença. Não é uma coisa natural.

— Primeiro, os meus anjos caem do céu, e agora isso. — A expressão de Raphael era brutal. — Não há mais qualquer dúvida de que a cidade está sob ataque.

Illium disse algo em uma língua que Elena não entendia, mas a sua última palavra foi definitivamente identificável e a mesma sobre a ponta da língua de Elena. — *Covardes*.

— Concorde, — disse Raphael, sua voz gelada. — Temos focado em Lijuan porque ela é um inimigo conhecido, mas devemos ficar atentos.

Todos eles assentiram.

— Tal covardia elimina Titus, — Raphael continuou. — Ele é um guerreiro no sentido mais antigo, e a menos que existam indicações de que ele foi tocado pela loucura, — um olhar para Keir, o curador sacudindo a cabeça. — Então ele não se rebaixaria a estratégias que patinam tão perto da linha do que é permitido em uma guerra.

— Astaad, — Keir disse suavemente, — apesar de suas ocasionalmente maneiras secretas, acredita absolutamente em honra, e eu acho que tais ações manchariam isso. Ele continua a sentir uma profunda vergonha sobre suas ações violentas em direção a sua concubina durante o despertar de sua mãe, embora todos nós saibamos que ele não estava em seu juízo perfeito naquele momento.

— Neha está demasiado ocupada mantendo sua irmã gêmea na linha para se incomodar conosco. — Preocupada com o que a Arcanjo da Índia faria em seu luto contínuo pela execução de sua filha, Elena tinha lido cada um dos relatórios de Jason conforme eles vinham. — Elijah é falso o suficiente para oferecer amizade com uma mão e apunhalar-nos nas costas com a outra?

— Elijah tem um coração nobre e a inclinação de não causar dano a você ou aos seus, — disse Keir para Raphael, então olhou para Elena. Obviamente notando a surpresa dela, o curador sorriu. — Ele é o mais raro dos arcanjos, aquele que não mostrou sinais de tal poder violento como um adolescente ou como um jovem macho.

Pela maneira que Raphael estava olhando para o curandeiro, ele não conhecia esta história em particular, também.

— Você não vai parar agora, Keir.

Rindo, o curandeiro disse.

— Elijah era um experiente e leal general no exército de outro arcanjo no dia de uma grande batalha contra. — Interrompendo-se, Keir sacudiu a cabeça.

— Eu vou lhes contar essa história outra hora. É muito longa e interessante para encurtar assim precipitadamente.

Fascinada, Elena esperou que ele continuasse.

— Elijah, — Keir disse no silêncio, — tinha acabado de derrotar o último dos inimigos, e levantado a espada para declarar vitória quando bateu, uma súbita e total ascensão que o enviou gritando para os céus. Era extraordinário, como todas as ascensões são extraordinárias, mas o que é mais importante é que, quando ele voltou do céu para a terra, ele não era mais um general, mas um dos Cadre.

Raphael disse o que Elena estava pensando.

— Ele era general de Caliane.

— Sim, então a menos que você o traia, ele não vai te trair primeiro. Ele teria caçado sua mãe em sua loucura se ela não tivesse desaparecido no Sono, mas ele não teria tido nenhum prazer nisso, por que ele nunca abandonou os votos que fez de não causar nenhum mal a ela e àqueles de seu sangue.

— Caliane nunca falou dele.

— Você perguntou a ela? — Uma pergunta astuta. — Você sabe a idade dela. É muito provável que ela não tenha assimilado totalmente que você é agora um aliado de Elijah, pois ele era um arcanjo antes de você nascer, e aos olhos dela...

— Eu sou uma criança ainda. — Raphael enfiou a mão através de seu cabelo. — Eu gostaria que você tivesse compartilhado o passado de Elijah comigo antes. Teria tornado algumas negociações muito menos preocupantes.

Keir levantou-se para servir-se de uma xícara de chá.

— Você é filho da sua mãe, Raphael. Até que você tivesse julgado e decidido aceitar a amizade de Elijah por si mesmo, não teria feito nenhum bem.

— Não há, — disse Illium na pausa pensativa que se seguiu, — muita diferença entre a morte e a doença. Lijuan continua a ser uma excelente candidata.

Raphael olhou para as chamas.

— Não para os Caídos, — disse ele, por fim. — Eu não posso acreditar que tal ato em grande escala não precisa de uma mão mais próxima, e Jason confirmou que ela estava em seu próprio território na época, ocupada com seu renascimento. Para a varíola vampira, no entanto, ela poderia ter simplesmente enviado um portador da doença.

— Poderia até ser um mortal. — Keir retomou seu assento, sua expressão atenta. — Meus dons me dizem que a doença é transmitida através do sangue, e um doador estaria na melhor posição para infectar muitos. — Com o cenho franzido, ele balançou a cabeça. — No entanto, se é assim, deveríamos ter mais corpos, o vampiro morto tinha estado desse jeito há dois dias, pelo menos.

— Se as vítimas morrem em tal velocidade, — Illium disse em voz baixa, — eles podem estar presos em decomposição em suas casas.

Era uma imagem horrível, e Elena ficou contente pela distração quando Montgomery apareceu na porta, os olhos enviando uma mensagem silenciosa a ela.

— Caçadora da Sociedade, — disse ele quando ela pediu licença para ir até ele. — Há uma chamada urgente para você da Diretora da Sociedade.

Pegando o telefone portátil da casa, ela disse.

— Obrigada.

Dez segundos naquela chamada, e seu intestino agitou-se. Porque Ransom tinha acabado de encontrar os outros corpos, e Illium tinha estado certo: eles estavam trancados dentro de suas casas, apodrecendo lentamente de uma doença mal-intencionada que tinha acabado com a chance de imortalidade.



Dentro de uma hora, todos os quatro pousaram na pequena garagem da casa de um andar em uma parte suja do Bronx. Tendo estado esperando lá fora, Ransom levou-os para dentro do prédio sem nada mais do que um aceno de cabeça, suas maçãs do rosto cortando contra a sua pele pelo jeito que ele apertava a mandíbula. Ela cheirou a razão para seu rígido autocontrole logo que deu um passo para dentro da casa, o ar pútrido com a doença e pesado com um calor que disse a ela que o aquecedor central tinha estado ligado.

— Quantos? — Perguntou Raphael, as asas delineadas em um brilho letal.

— Cinco, e eles têm estado mortos por um par de dias, pelo menos. — Ransom foi para a esquerda, em direção ao que era, provavelmente, um quarto, enquanto Keir e Illium romperam em direção ao outro lado da casa. — Eu desliguei o aquecedor e abri as janelas para liberar o pior do cheiro.

Por que é sempre Ransom que aparece com esses corpos?

Ouvindo a suposição mortal no tom de Raphael, Elena prendeu os olhos com os do homem que era seu amante, mas que ela sabia que não via os outros mortais da mesma forma que ela via.

Não tenha ideias. Ransom cresceu nas ruas e ainda tem todos os seus antigos contatos. As pessoas que falam com ele, dizem coisas para ele, não iriam falar nunca com ninguém da Torre ou mesmo com a maioria dos outros caçadores na Sociedade.

— Quem descobriu os corpos? — Raphael perguntou em voz alta.

A resposta de Ransom foi imediata.

— Eu. Tive uma dica sobre o cheiro, e entrei quando o reconheci.

Ele está mentindo.

Ele está protegendo alguém.

Era o que Ransom fazia quando se tratava de pessoas da rua, que eram tão família para ele quanto seus companheiros caçadores.

*Eu não posso permitir que notícias disto se espalhem, Elena. Incitaria pânico.
Ou Ransom fala ou eu vou ter que tirar a informação da mente dele.*

Com o estômago apertado, a mão dela se apertou na espada que ela tinha
prego quando eles entraram na casa.

Ele é meu amigo. Eu confio em Ransom para manter a boca fechada.

O mar, limpo e brilhante, o vento uma explosão gelada.

Eu não confio naqueles em quem ele confia.

E se eu te pedir para deixar isso para lá?

Eu não vou.

CAPITULO 13

Sacudindo-se ante a franqueza viciosa da resposta de Raphael, na constatação de que ela estava impotente para proteger alguém que ela se importava profundamente, ela parou Ransom na porta do quarto.

— Você precisa dizer a verdade, — ela disse, cada palavra como uma navalha na garganta. — Quem encontrou os corpos?

Um sacudir de cabeça, a mandíbula dele rígida.

— Se eu contar, eu torno essa pessoa um alvo.

— Vou pegar essa memória eu mesma e não causar nenhum dano à testemunha. — Raphael veio para ficar ao lado de Elena.

— Ele ou ela vai viver e não vai lembrar de nada desta noite.

Os olhos de Ransom deslizaram para Elena e neles ela viu a realização dura de que, se ele não respondesse à pergunta, Raphael tomaria a informação de qualquer maneira.

— Sinto muito, — ela sussurrou, pronta para a raiva.

Mas Ransom deu de ombros.

— Ele é um arcanjo, Ellie. Nós somos apenas ratos para ele.

Ela sabia que ele não tinha nenhuma intenção com isso, tinha tentado de fato confortá-la, mas as palavras de Ransom exemplificaram quão pouco poder ela tinha nesse relacionamento. Raphael poderia sobrepô-la de muitas maneiras, mas ela se acostumara a tê-lo ouvindo-a, ser capaz de discutir seus pontos. Ela nunca esperara ouvir uma negativa plana, sem espaço para negociação.

— Você não vai tocar as outras memórias dela? — Ransom perguntou a Raphael, enquanto ela ainda estava cambaleando sob a força da bofetada emocional cruel.

— Questionar a palavra de um arcanjo é uma boa maneira de acabar morto.

Raphael! Pare.

Furiosa, ela encontrou os olhos verdes de Ransome.

— Ele não quer nada além dessa memória em particular.

Não faça de mim uma mentirosa, disse ela de mente para mente no mesmo instante.

Uma pausa perigosa.

Você questiona a minha palavra, também, Elena?

Ransom está certo. Nós somos ratos para você.

Você não é parte de qualquer outro grupo. Você é minha Consorte.

Ransom falou antes que ela pudesse responder e isso foi bom, uma vez que o que ela queria dizer, provavelmente, só teria jogado combustível na briga feia nascendo entre ela e Raphael.

— Cici mora descendo a rua, — disse ele. — Ela veio para assistir o último episódio de *Hunter's Prey* como faz todas as semanas, e quando ninguém respondeu, ela usou a chave que eles deram a ela um tempo atrás, quando ela precisava de um lugar para se esconder de um ex violento. Ela soube que algo estava errado assim que conseguiu um sopro do cheiro, mas ela pensou que talvez o gato tivesse arrastado para dentro um rato morto ou algo assim enquanto todo mundo estava fora.

Passando a mão pelos cabelos, ele bagunçou-o, tirou o laço de couro cru para arrumá-lo novamente.

— Ela é uma garota dura, encontrou-se contra assaltantes armados com facas e saiu vencedora, mas eu a encontrei enrolada em uma bola chorando quando cheguei. — Um olhar para Raphael. — Janvier está com ela. Nós estávamos passeando juntos quando eu recebi a chamada.

Isso explicava a motocicleta vermelha desconhecida na frente, estacionada ao lado da preta de Ransom. Quanto a como Ransom conhecia o vampiro que tinha a confiança do pessoal sênior da Torre, Janvier tinha algum tipo de relacionamento - ninguém entendia muito bem qual - com uma de suas colegas caçadoras.

— Que casa?

— É um apartamento. Eu vou mostrar.

Permanecendo para trás após Raphael sair com Ransom, Elena forçou-se a passar pela casa, enquanto Keir focava nas vítimas e Illium ficava de guarda do lado de fora para certificar-se de que ninguém decidisse ficar curioso.

Três homens e duas mulheres estavam mortos. Mais cinco vidas ceifadas. Dois casais, julgando pelas fotos que ela podia ver nos quartos. Um casal estava na cama, os dois homens abraçados juntos como se tivessem se segurado um no outro conforme a doença tornava-se muito para aguentar. A metade masculina do outro casal estava caída no sofá, sua namorada no chão, e para Elena, parecia que a menina tinha caído em um espasmo e fora incapaz de subir de volta. A segunda menina estava em um quarto minúsculo na parte de trás, a beleza diminuta evidente nas fotos dobradas sob as bordas de sua vaidade obliterada pela varíola.

O quarto desta vítima podia ter sido o menor na casa, mas estava bem conservado e decorado individualmente pelos pôsteres emoldurados da Broadway nas paredes e as máscaras brilhantes penduradas em torno do mesmo espelho vaidoso que continha as fotos. Uma dançarina, Elena percebeu, vendo os trajes no armário sem porta. Ela reconheceu um deles de um show de fora da Broadway que tinha fechado seis meses atrás, depois de uma temporada respeitável.

Uma vez que a vampira morta estava vivendo nesta parte da cidade, ela deveria ter sido uma dançarina de reserva e não uma das principais ainda... provavelmente, tinha abraçado a quase-imortalidade do vampirismo para assim ter mais tempo para perseguir o sonho do palco. Elena entendia por que alguém assinaria por uma centena de anos de escravidão na parte de trás de tal desejo irresistível; sonhos podiam ser uma força de comando.

Belle tinha sido uma dançarina. Pernas longas e com mil sonhos em seus olhos enquanto praticava no quintal. Ela rira quando Elena tentara copiá-la, mas tinha sido o riso carinhoso de uma irmã mais velha, e muitas vezes, ela tinha parado sua própria prática para ensinar Elena como fazer os movimentos.

— Assim, *Ellie*. Você tem que se tornar a música, tornar-se o ar.

Tristeza pesando em seus ombros, Elena sussurrou, — Eu sinto muito, — antes de sair do pequeno quarto brilhante, sua cor e exuberância uma folha dolorosa para o corpo pequeno e podre que jazia enrolado na cama.

Conforme ela passava pela casa mais cuidadosamente, ela notou outro pôster, este de um sucesso de Hollywood que tinha uma nota pegajosa no topo proclamando: *Extras dominam!* Em seguida, havia o script de televisão marcado em uma mesa de cabeceira, uma partitura musical em outra, ao lado de um violino de madeira brilhante tão bonito que Elena não se atreveu a tocá-lo.

— Eles eram artistas, — ela disse para Keir, vendo como ele examinava o corpo da menina na sala de estar. — Dançarinos, atores, músicos. Devem ter se unido para alugar este lugar, para que pudessem economizar custos. — Surpreendeu-a. — Eu sempre achei que depois de uma centena de anos de serviço para um anjo, vampiros sairiam com pelo menos algumas economias.

— Nem todo anjo é generoso. — Keir manteve seus olhos sobre o corpo, as mãos suaves e respeitadas quando ele abriu a camisa da menina para verificar a progressão da doença. — É uma regra tácita de que o parente de sangue que completa seu Contrato deve receber dinheiro suficiente quando sair para começar uma nova vida, mas a soma está aberta à interpretação.

Ele fechou os lados da camisa, abotoando-a para que não abrisse. — Então, — ele disse, mudando o olhar para o homem, — existem vampiros que saem de seus Contratos tão acostumados a serem ditos o que fazerem, que eles não têm ideia de como gerir o seu dinheiro e acabam gastando como água.

— O músico, — Elena disse, — eu acho que ele gastou seu dinheiro em seu violino; a atriz, em aulas de teatro, pelas brochuras que eu encontrei no quarto dela; assim que estes cinco, pelo menos, estavam trabalhando em direção a algo. — Havia uma vibrante sensação de promessa em cada quarto da casa, o tipo de energia que dizia que todos os cinco haviam estado na mesma sintonia. — Parece tão injusto. Eles eram os bons, os que fizeram seus cem anos, e esta é a sua recompensa?

— A vida raramente é justa, Elena. — A voz de Keir segurava ecos de milhares de anos de existência. — Mas isso, pelo menos... não, isso não deveria ter acontecido.

Não encontrando nada na sala de estar que poderia fornecer uma pista sobre a maneira como todos os cinco colegas de quarto, aparentemente, tinham sido infectados de forma simultânea - um fato que parecia negar a teoria de doador de sangue deles - Elena seguiu em frente. Ransom voltou enquanto ela estava na cozinha.

— Raphael é um filho da puta assustador, — foi a sua saudação.

A mão de Elena se apertou em torno da borda da porta do frigorífico, o ar frio penetrando suas roupas para raspar sobre sua pele.

— Cici?

— Dormindo como um bebê. E sim, o seu namorado assustador voltou para a Torre para lidar com alguma outra coisa. — Linhas de tensão ao redor de sua boca, ele soltou uma dura respiração. — Parte de mim está feliz que Cici não será assombrada por este horror, não vai acordar choramingando e gritando, noite após noite, mas nós pegamos um pedaço da vida dela, Ellie.

— *Eu preferiria morrer como Elena do que viver como uma sombra.*

Ela dissera isso a Raphael uma vez, e ele mantivera a fé dela, não tinha mexido com suas memórias. Talvez fosse por isso que ela tinha se tornado complacente, esquecendo o que ele faria com outros sem pestanejar. Mesmo com as pessoas que eram mais família dela do que Jeffrey jamais seria.

— Sinto muito, — disse ela novamente, a borda da porta cavando em sua palma pela força de seu aperto.

O ombro de Ransom esbarrou nela.

— Não é culpa sua. Eu teria tido que comunicar esse fato à Torre, estivesse você ou não com Raphael. A única diferença é que eu teria tido memórias eliminadas, também, e nunca saberia disso, por isso obrigado por me apoiar. — Curvando-se, ele começou a mover as coisas ao redor na geladeira. — Ei — completa imobilidade — você viu isso?

Alertada pela reação dele, ela empurrou a porta aberta e se abaixou ao lado dele.

— Sangue. — Garrafas disso, escondidas na parte de trás da segunda prateleira. A maioria dos vampiros preferia na veia, mas o sangue engarrafado era como fast food, toda cidade com vampiros tinha algum de fácil acesso. — Fornecedor?

Se fosse um dos principais serviços de sangue focados em vampiros, isso poderia ficar feio muito, muito rápido. Esses serviços não testavam para doença, porque *vampiros não deveriam ficar doentes*. Em vez disso, eles pegavam os doadores que os bancos de sangue humano rejeitavam, pagando-lhes o suficiente para que, para alguns, doar - sangue como alimento - fosse uma constante fonte de renda. E com Nova York sendo uma cidade da Torre, com uma população vampírica forte, a demanda era alta. Teria sido brincadeira de criança para o portador desta mortal varíola, escorregá-la na linha de doadores.

— Blood-for-Less, — Ransom leu. — Isso é uma loja nova no Quarteirão Vampirico.

Conhecido como Soho durante o dia, a área não era exatamente uma parte barata para aluguel na cidade, o que significava, pensou Elena, que o negócio tinha que ser, pelo menos, moderadamente bem-sucedido.

— Cafeteria de sangue pequena, mas com uma base de fãs crescente, — continuou Ransom, fechando a porta da geladeira. — Sangue de qualidade inferior, de acordo com meus contatos vampiros.

— Como pode ser de qualidade inferior o sangue doente?

— Palavra é que eles aceitam anêmicos, pessoas que doam demais, podem até estar misturando um pouco de água no sangue, mas é barato. Há um mercado para isso, sangue que é suficiente para um lanche, não uma refeição. E já que esse é o lema da Blood-for-Less, ninguém se sente traído.

Elena atravessou a cozinha para abrir a tampa da lata de lixo.

Nenhuma garrafa.

Então ela avistou uma caixa de plástico branco ao lado, marcada com *Reciclagem* em roxo brilhante que apagava qualquer distância que ela poderia ter conseguido manter das vítimas.

— Aqui vamos nós, — ela disse através da garganta tapada. — Uma grande garrafa.

— Havia esse bolo comido pela metade na geladeira.

— Sim. — O resto da palavra *Parabéns* ainda estava legível, letras brancas sobre cobertura de chocolate. — Uma celebração completa, com bolo e uma garrafa partilhada de sangue para fazer o brinde. — Deus, a irritava que essas pessoas tinham morrido para que um arcanjo, já inchado com poder, pudesse ganhar mais.

— Eu posso alcançar os meus contatos, — linhas de estresse pontuavam ambos os lados da boca de Ransom, enquanto ele falava — descobrir se há qualquer outra operação orçamental como Blood-for-Less, se essa informação vai ajudar com o que quer que diabos está acontecendo.

Elena podia provar a frustração dele, mas não estava disposta a arriscar sua mente ou suas memórias.

— Sim, — disse ela, e o flash de raiva em resposta no rosto dele cortou como uma faca; ela teve a sensação de uma parede subindo entre ela e alguém que tinha sido uma parte de sua vida desde o dia em que ela entrou na Academia. — Eu vou verificar Blood-for-Less.

Menos de um minuto depois, ela disse para Illium.

— Eu tenho que voar para fora, — depois de ter agarrado o endereço com Ransom antes de sair, a expressão dele apertada. — Eu quero que você fique aqui, mantenha um olho em Keir. — Nenhum arcanjo são faria um alvo em um curandeiro, mas não havia nenhuma garantia de que eles estavam lidando com qualquer pessoa sã. E que melhor maneira de aleijar Nova York do que eliminar a única pessoa que tinha um verdadeiro controle sob a doença?

— Você não pode voar sozinha à noite, — lembrou Illium. — É uma proibição geral.

— Merda. — Ela se esquecera da precaução e não era uma que seria inteligente desprezar, dada a situação atual. — Quem.. — Ela parou quando a motocicleta vermelha brilhante, que tinha desaparecido no momento em que ela estava dentro, ronronou em uma parada na frente da casa, mais uma vez.

O homem alto que deslizou para fora após retirar seu capacete, tinha olhos de verde profundo e cabelo castanho, com o rosto segurando uma inerente e preguiçosa sensualidade reforçada por cada movimento seu. Seria um erro, no entanto, confiar nessa primeira impressão, porque enquanto Janvier não era um dos Sete, ele trabalhava diretamente com eles. Ninguém mantinha o respeito dos homens tão perigosos sem ser mortal ele mesmo.

— Eu retorno pelo seu comando, querido Bluebell, — disse o vampiro agora, a cadência de sua voz evocando imagens de bayous escuros e misteriosos.

A ordem de Illium foi direto ao ponto.

— Tenha a certeza de que ninguém chegue a Keir. Aodhan está arranjando backup aéreo, alguém deverá estar aqui dentro de dez minutos. — Quando Janvier lançou uma saudação, sua jaqueta de motociclista deslocando-se para revelar o bumbum preto reluzente de uma arma, Illium virou-se para Elena. — Uma ajudinha?

— Sim.

As mãos dele ao redor da cintura dela, as dela nos ombros dele, Illium decolou. Embora ele fosse rápido e pudesse manobrar como ninguém mais que ela conhecia, ele não tinha tanta força bruta quanto Raphael, a subida tomando mais tempo do que tomava quando era seu Consorte quem a segurava. Olhos de ouro encaram os dela conforme eles subiram para o céu estrelado, os espessos cílios negros pontuados com azul de forma natural ecoando seu cabelo.

— Você parece estar com raiva, Ellie.

Oh, ela estava. Não importava se entendia que ela estava sendo irracional, humanos não podiam ser permitidos ter certo conhecimento para o bem dos mortais e imortais. E se alguém vazasse a notícia da doença, não só incitaria o pânico, que poderia dar aos inimigos de Raphael o sinal de fraqueza para o qual eles, sem dúvida, esperavam.

Independentemente de tudo isso, ela estava com raiva de Raphael por ser tanto um arcanjo. Isso, também, não era de forma nenhuma lógica ou racional, simplesmente um sinal de que tinha perdido de vista a verdade nele porque ele se tornou outra pessoa para ela. Foi um choque nos ossos, ser tão brutalmente lembrada de que, o homem que era seu amante, era aquele homem *só para ela*. Para o resto do mundo ele era - devia ser - o letal, perigoso e, às vezes, cruel Arcanjo de Nova York.

Nada disso era algo que ela podia compartilhar com Illium, essa batalha era muito privada, por isso tudo o que disse foi. — Tem sido uma noite difícil.

A expressão dele disse a ela que ele sabia que isso não era tudo, mas ele a soltou sem outras palavras, logo que eles ganharam a altitude correta, e eles

voaram em silêncio para o pequeno armazém bonito, que funcionava como a base atual de operações de Blood-for-Less... e o coração da infecção.

CAPITULO 14

Sem surpresa, a cafeteria de café sangue estava aberta, a porta brilhando com uma luz silenciosa que seria muito escura para a maioria dos seres humanos, mas perfeita para a clientela. Enquanto o armazém era tecnicamente no Quarteirão Vampírico, era bem na ponta, nenhuma outra empresa vampírica ao redor. Como resultado, a área estava atualmente deserta, sem tráfego a pé.

No interior, o armazém tinha sido dividido em dois lados usando cortinas pretas pesadas em veludo exuberante, um lado agindo como a loja e o escritório, enquanto o outro foi organizado com três conjuntos de inesperadamente encantadores arranjos que caracterizavam sofás vermelho-vinho, acentuados com tapetes pretos. Havia até mesmo arte nas paredes, fotografias preto-e-branco cuidadosamente escolhidas para completar o ambiente sombriamente sensual.

Era o tipo de lugar que pode tentar um grupo de amigos a ficar, beber um copo de sangue juntos... talvez comprar outro mais caro; porque quando Elena pegou um menu de uma mesa lateral laqueada em preto brilhante nas proximidades, ela viu que Blood-for-Less também oferecia um serviço premium sob medida para o seu mercado: sangue rico aromatizado ou temperado em diferentes maneiras, mas a um preço que não quebraria o orçamento, pois cada porção era relativamente pequena. Atraente o suficiente pelos preços que um casal em um encontro, por exemplo, poderia comprar vários sabores para compartilhar, e extravagante o suficiente para que se sentisse como uma ocasião especial.

Negócio inteligente.

— Bem-vindos. — A bonita mulher latino-americano que tinha saído do escritório cortou sua lengalenga no instante em que os viu. — Consorte. — Babados de renda branca na garganta e nos punhos, unidos com um colete

colado e calça preta, ela baixou a metade superior do corpo em uma profunda reverência. — Como posso ser útil? — O olhar dela estalou para a porta que Illium estava fechando enquanto ela se endireitava, o medo rastejando em seus olhos com uma rapidez que disse a Elena que o anjo desta vampira não tinha sido gentil com ela. — Eu te asseguro que eu completei meus cem anos. Eu tenho meus pápeis de dispensa.

Elena levantou a mão para aliviar a mulher de seu pânico.

— Eu não estou aqui para levá-la, mas preciso que você responda a algumas perguntas. Quanto sangue você tem em armazenamento?

Piscando, a vampira se recompôs com velocidade louvável.

— Eu comecei neste negócio há apenas três meses, por isso, é executado com o essencial. Meu estoque atual é de duzentos frascos.

Uma batida em algum lugar além das cortinas de veludo fez a proprietária olhar por cima do ombro, antes que ela trouxesse seu olhar de volta para Elena, suor brilhando em sua pele.

— Essa é a entrada de doadores. Eu recebo o suficiente de casuais para manter o estoque relativamente estável, mas eu ainda não construí uma forte rede de doadores regulares. Pode ficar ruim algumas vezes, na semana passada, eu estava com vinte garrafas antes de um grupo de estudantes universitários passar por aqui. — A explicação veio super rápida, como se ela estivesse tentando afastar a suspeita de más notícias afogando o ar em palavras.

— Eu preciso ver o sangue, — disse Elena, odiando o fato de que agora ela inspirava tanto medo em um vampiro trabalhador legal.

Um aceno desajeitado.

— Claro. — A mulher mais baixa e com mais curvas levou-a para dentro do escritório e para três grandes frigoríficos. — É... existe um problema com o meu sangue? — Os dedos dela tremiam enquanto ela puxava o laço de seus punhos.

— Eu não posso dizer ainda. Se você puder sair, ficar com Illium.

Abrindo o frigorífico mais próximo uma vez que a vampira saiu, Elena pegou a primeira garrafa, abriu-a e deu uma cheirada.

Ferro frio, uma pitada de doença... mas era uma doença que ela tinha cheirado antes.

— Câncer, — ela murmurou e fechou a tampa de volta.

Levou um número de horas para verificar todo o estoque, e pelo tempo que ela estava na metade, ela tinha encontrado três que pulsavam com o mau cheiro pútrido que ela associou com a varíola vampira. Um anjo enviado mais cedo para o serviço de entrega levou o sangue infectado para Keir quando foi descoberto, o curador tendo retornado aos laboratórios debaixo da Torre.

Nenhuma outra alertou os sentidos dela.

Independentemente disso, nenhum sangue neste armazém poderia ser permitido ficar em circulação. Quando ela informou a proprietária, a vampira - quem, Elena tinha aprendido, chamava-se Marcia Blue - quase rompeu em lágrimas.

— Eu coloquei meu pagamento inteiro neste negócio, — ela disse, abraçando-se a si mesma. — Eu não posso me dar ao luxo de reconstruir o meu estoque do zero.

— Você tem seguro?

Uma negação cabeça da mulher.

— Seguros eram muito elevados, dada a minha localização e clientela. — Tremendo, ela mordeu o lábio inferior e engoliu em um claro esforço para segurar as lágrimas. — Eu tive lucro, pela primeira vez, na semana passada.

Elena pensou na injustiça dilacerante de muito do que tinha acontecido ao longo dos últimos três dias, culminando com os sonhos desfeitos desta vampira, que colocara seu tempo, cumprido seus cem anos, e ela tomou uma decisão.

— Eu vou adiantar a você uma percentagem dos lucros futuros, — ela disse, sabendo que não poderia simplesmente dar o dinheiro a Marcia.

Severo como poderia parecer, aquilo faria a Torre parecer muito generosa, a Sociedade entre ela e Elena automática. E a Torre não podia se dar ao luxo de ser nada, além de implacável, como Raphael não podia deixar que a humanidade dela alterasse o equilíbrio de poder que mantinha a cidade estável.

Os olhos de Marcia se abriram.

— Vocês?

— Sim, eu preciso começar a investir o meu dinheiro, e eu gosto da sua ideia. Mas, — ela adicionou quando Marcia teria falado, — você entende, eu vou ter que verificar seu plano de negócios a longo prazo para ter certeza que é um bom investimento? — Isso parecia ser o tipo de coisa que um investidor diria.

— É claro. — Um sorriso trêmulo, o coração de Marcia em seus olhos. — Eu vou enviá-lo para a Torre agora mesmo. — Curvando-se, novamente, a outra mulher olhou para cima, lágrimas escorrendo pelo seu rosto. — Você não se arrependerá. Eu juro.

Desconfortável, Elena virou a conversa de volta à caça.

— Enquanto isso, vamos lhe adiantar algum sangue limpo, e você vai começar a operar novamente amanhã, em seu horário normal. Aceite os doadores, como de costume, mas não venda qualquer sangue seu. Venda apenas o sangue que receber de nós. Entendido?

Um assentir rápido.

Prestes a continuar, Elena teve um pensamento.

— Você colocou uma placa explicando o fechamento desta noite? — Se o transportador tivesse voltado durante aquele tempo e tivesse suspeitas, ele ou ela poderiam não voltar.

Foi Illium quem respondeu.

— Porta da frente e de doadores. Apenas dito, *Emergência familiar, de volta amanhã.*

Desde que vampiros, muitas vezes, consideravam outros vampiros com quem eles tinham servido como família, essa era uma desculpa que ninguém questionaria.

— Você tem vigilância? — Ela perguntou para Marcia.

— Não. Não havia dinheiro para isso.

Um rápido olhar para Illium, um aceno de cabeça em troca, e ela sabia que câmeras estariam no lugar antes das portas abrirem no dia seguinte.

— Eu preciso que você mantenha dados rigorosos sobre quem doa qual sangue, — ela disse para Marcia. — Etiquete tudo.

A vampira acenou com a cabeça, os olhos astutos.

— Alguém está vendendo sangue contaminado, e a mácula é perigosa. — Continuando antes que Elena pudesse interromper, ela disse, — Eu não vou dizer uma palavra sobre isso, e eu vou garantir que nenhum dos doadores de sangue deixe a cafeteria.

— Espero que sim, — disse Elena suavemente. — Qualquer coisa a mais, poderia custar a você.

Suor irrompeu sobre o rosto da vampira mais uma vez, um brilho liso.

— Eu não minto, Consorte.

Estômago apertado ante o pulsante medo renovado nos olhos da mulher, Elena disse a vampira para deixá-los com as chaves e retornar no dia seguinte uma hora antes do que ela normalmente abria.

— Eu apenas a assustei de propósito, — ela disse para Illium. O ato tinha sido instintivo, a percepção do que ela tinha feito horrível.

Illium deu de ombros.

— O medo vai mantê-la viva.

— Talvez, mas eu não quero tornar-me isso, tornar-me alguém que controla os outros através do medo. — A deixava doente pensar que ela estava sendo corrompida pelo poder agora a sua disposição. — E se daqui a uma centena de anos, eu olhar para o espelho e ver Michaela? — Cruel, caprichosa e desagradável.

— Você acha que iríamos permitir isso? — Lábios se curvando, ele bateu um dedo no nariz dela. — Raphael seria o primeiro a avisá-la se você estivesse em perigo de perder a si mesma.

Elena não tinha tanta certeza. O homem que possuía seu coração não via nada de errado em atos que a perturbavam profundamente. *Ela* era a humana na relação deles. Raphael havia dito mais de uma vez que ela tinha o trazido de volta do abismo da idade e poder; o que aconteceria com o equilíbrio entre eles, se ela sobrevivesse a guerra só para quebrar sob a pressão implacável de uma imortalidade texturizada pelo poder de ser a Consorte de um arcanjo?

Esfregando uma mão fechada sobre o coração, ela disse.

— Posso te perguntar uma coisa?

— *Ellie*. — Os dedos dele roçaram levemente sobre a parte de trás da asa dela, tomando cuidado para evitar as zonas sensíveis, mas ainda assim uma intimidade. — Quando nós fomos tão formais? Pergunte.

— Por que você nunca se ressentiu de mim? — Era uma pergunta para a qual ela precisava de uma resposta desde o dia em que aprendeu sobre o passado dele. — Ressentiu-se de Raphael?

Illium tinha sido punido com a perda de sua própria amante mortal séculos atrás, depois que ele quebrou o maior tabu da sua raça e falou segredos angelicais no ouvido dela. Apagando das memórias da mulher o anjo de asas azuis e tudo o que ele disse a ela, Raphael também tinha despojado Illium de suas penas, deixando-o no chão até que os ferimentos estivessem curados. Mesmo quando ele pode voar de novo, não houve cessar do castigo; ele tinha que manter distância, eventualmente assistir sua ex-amante se apaixonar por alguém, viver sua vida sem ele.

Olhos dourados sombreados com tristeza velha, Illium retirou um pequeno pingente de metal do bolso da calça jeans, a superfície desgastada pelos séculos de manipulação.

— Quando Raphael te contou nossos segredos? — Ele disse, não tendo que explicar a ela que sua amante tinha lhe dado o pingente.

O coração dela doía ante a tristeza que ele, ordinariamente, escondia debaixo de uma impressionante joie de vivre.

— Quando caíamos, — ela sussurrou. — Raphael me disse conforme nós caímos. — Tudo dentro dela se revoltou contra a agonia ligada àquele fragmento de tempo, não da carne, pois seu corpo quebrado tinha estado além disso, mas da alma, porque Raphael estava morrendo com ela.

— Na véspera do que ele acreditava que seria a morte dele e a sua. — Guardando o pingente, Illium balançou a cabeça, os fios negros de seu cabelo com pontos azuis beijando os lados de seu rosto. — Eu não tive essa desculpa. Minha amante era jovem e obstinada, e nervosa que eu guardava segredos dela. Eu não podia suportar o afastamento dela... assim, eu contei.

Um sorriso triste falava do jovem apaixonado que ele tinha sido.

— Estou certo de que outros anjos disseram aos seus amantes mortais ao longo dos séculos, os segredos indo para o túmulo com aqueles homens e mulheres, mas eu disse a uma menina que não poderia manter seu silêncio, que começou a sussurrar dicas para os outros em sua aldeia.

Desta vez, foi Elena quem tocou as asas dele, a seda prata-azul um pedaço vivo de arte sob seus dedos.

— Eu sinto muito.

— Nenhum anjo pode se dar ao luxo de romper com tal facilidade, — Illium continuou, — e embora eu a amasse com todo o meu ser, eu também a conhecia profundamente, sabia que ela não tinha a força de vontade para guardar segredos. Raphael estava certo em me punir.

Quando ele abriu as asas e levantou o braço, ela foi e abraço-o como um amigo, foi abraçada de volta, o aperto dele tão feroz que ela sabia que ele lutou para não estilhaçar sob o dilúvio de memória.

— O Sire, — disse Illium, seu peito subindo contra ela em um suspiro longo e irregular, — ficou ferido pelo que ele teve que fazer. Eu pude ver isso, sentir isso, e é a maior vergonha da minha vida, que eu o levei ao ponto onde ele não tinha nenhuma outra opção.

De tudo o que ele tinha dito, aquilo era o menos esperado, mas Illium não tinha acabado.

— Se apenas, — ele disse, — eu tivesse ido a ele assim que percebi meu erro em dizer, ele teria silenciosamente apagado a memória dela dos segredos angelicais, me alertado para não cometer o mesmo erro novamente, e eu estaria livre para amá-la. Mas eu não fiz e ele não pode me ajudar uma vez que outros descobriram a minha transgressão.

O coração de Elena se torceu conforme ela entendeu, afinal. Impiedoso ele poderia ser, mas Raphael protegia aqueles que eram dele. Para ele, não só ser incapaz de fazer isso, mas ser realmente forçado a causar danos em vez disso, teria exigido um preço terrível. Especialmente quando tinha sido Illium, filho de um anjo que tinha tanto o respeito quanto o amor de Raphael: Hummingbird, alguém que ele tratara com delicadeza comovente.

— Qualquer preço que eu paguei, — Illium disse no silêncio, — ele pagou duas vezes.

Ferida pela perda que definiu o anjo de asa azul até este dia, e pelas circunstâncias que tinham levado a isso, Elena inclinou para trás, levantou a mão para tocar o rosto dele, e encontrou-se hesitante.

Tenha cuidado com Illium, Elena. Ele é vulnerável à humanidade que você carrega dentro de si.

O eco da voz de Dmitri, pecado e sedução e violência, a expressão do vampiro inesperadamente séria quando ele a advertiu sobre Illium não muito tempo depois de seu retorno a Nova York.

— Está tudo bem, Ellie. — Um sorriso torto, o corpo quente de Illium pressionando contra o dela. — Você é do Sire e eu arrancaria minhas próprias asas antes de quebrar essa confiança.

Abaixando a mão, ela deu um passo para longe, colocando mais distância entre eles.

— Eu não quero causar-lhe dor, — ela disse, afeto entrelaçada com preocupação. Sua preocupação não era só pela forma como ele reagia a ela, mas também pelo fato de que ele continuava a lamentar por uma mulher que tinha virado pó séculos atrás, tendo esquecido que ela já tinha sido tão insuportavelmente amada.

Quando Elena tinha sido humana, ela às vezes se perguntava como casais mortais-imortais lidavam com o envelhecimento de um, enquanto o outro parecia tão jovem quanto no dia do primeiro encontro. Nunca antes ela tinha considerado que se o amor fosse verdadeiro, a dor seria interminável para aquele que ficasse para trás.

— Você já tem dor o suficiente dentro de si.

— A única coisa que vai doer é se você permitir que meus erros danifiquem nossa amizade. — Um sorriso lento, que pintou sobre a tristeza, olhos iluminados em ouro líquido com maldade. — Devo te contar sobre as minhas amantes para que você não sinta pena de mim?

Ela inclinou a cabeça.

— No plural?

— Eu não gostaria de dar a ninguém a ideia errada. — Puxando de brincadeira a trança dela, ele se dirigiu para a porta. — O time que veio pegar o sangue chegou.

A equipe vampírica, com luvas e máscaras, fez um rápido trabalho de limpar os frigoríficos. Fechando as portas atrás deles, Elena pegou uma elevação rápida de Illium e angulou as asas em direção à Torre. Independentemente de sua raiva pessoal com Raphael, eles eram e seriam sempre uma unidade quando se tratava de proteger sua cidade, e ela queria atualizá-lo sobre a situação de Blood-for-Less, bem como descobrir por que ele tinha deixado o local da morte dos cinco vampiros tão precipitadamente.

A coluna cheia de luz da Torre uma queimadura fria na frente dela, ela o chamou para ter certeza de que ele estava lá dentro.

Raphael?

A resposta veio imediatamente, mas continha o ligeiro afastamento que denotava certa quantidade de distância.

Temos uma situação, Elena. Michaela está aqui.

CAPITULO 15

Raphael não tirou os olhos de Michaela enquanto instruía Illium a levar Elena para Gable House, o lugar que a arcanjo feminina tinha tomado a curto prazo. Ele havia deixado a casa com os doentes logo que um dos seus escoteiros avançados tinha visto que ela voava para o território, e feito o longo voo para escoltá-la, um gesto que ela tinha visto como boas vindas, mas que ele tinha feito para ter certeza de que ela não trouxera nenhum exército.

Ela não tinha, sua escolta consistindo em um único esquadrão angelical e um vampiro, o vampiro pegando uma carona com os anjos através de um transportador leve concebido para esse propósito. Se Michaela tivesse estado em perigo, ou com o receio de um ataque iminente, ele teria esperado para ter esta discussão, mas vestida em um macacão verde que abraçava suas curvas, ela movia-se com sensualidade opulenta, suas ações projetadas para lembrá-lo de que ela era considerada a mulher mais desejável do mundo.

Raphael preferiria dormir em um poço com cobras venenosas do que com Michaela.

Ele tinha, no entanto, permitido um tempo para que ela descansasse e tivesse uma refeição depois de sua viagem, pois ele não iria prejudicar o bebê no ventre dela.

— Eu estou feliz que você teve o bom senso de não colidir com a minha casa, — ele disse agora.

Um sorriso insinuante.

— É uma inconveniência não usar minha propriedade, mas eu sei que você é protetor com sua pequena mortal, e Riker tem um gosto por ela. Teria sido

impossível impedi-lo de cruzar a cerca para chegar até ela se tivéssemos sido vizinhos.

Riker, Raphael pensou, não tocaria Elena. Na última vez que ele chegou perto dela, Raphael tinha simplesmente rasgado o seu coração e o deixado se contorcendo sobre a terra. Caso o vampiro de estimação de Michaela tivesse esquecido aquela lição, Raphael ficaria feliz em ensiná-lo de novo, desta vez, com uma conclusão definitiva.

— Não traga Riker para meu território novamente, a menos que você queira vê-lo morto.

— Oh, Raphael, eu não queria te deixar zangado. — Praticamente ronronando, ela se moveu para colocar a mão no peito dele.

Ele agarrou seu pulso antes que ela fizesse, os ossos delgados dela sob seu domínio, e, impulsionado pelo instinto que dizia que cada palavra dela era uma mentira adocicada, ativou a sua capacidade de cura. Conhecimento verteu nele, da força física de Michaela, da mancha verde ácida e doentia que ela carregava dentro de si como resultado do dia que Uram tinha rompido suas costelas para brincar com seu coração escorregadio com sangue.

Soltando-a com força suficiente para que ela cambaleasse para trás, ele disse.

— Não cruze mais linhas do que você já fez, entrando em minhas terras sem convite. Eu não sou seu para tocar. — Apenas uma única mulher, teimosa, inteligente e perigosa tinha aquele direito.

Um aperto da pele morena exuberante sobre as proeminências de suas bochechas, a rejeição um anátema para uma mulher acostumada a ser adorada pelo sexo masculino.

— Eu pensei em pleitear meu caso pessoalmente. — Inclinando a cabeça para o lado, os cachos negros intensos de seu cabelo brilhando com mechas de bronze, ela colocou as mãos espalmadas contra a inclinação côncava de seu abdômen. — Eu pensei que você, de todo o Cadre, mostraria bondade para com

uma mulher grávida. — O tom dela se alterou, tornou-se mais rouco, seu sorriso despontando doloroso na sua aparente ternura. — Você cuidou das enfermarias angelicais quando jovem. Eu sempre respeitei isso em você, Raphael, sua vontade de proteger nossos tesouros mais preciosos.

Raphael se perguntou se Michaela estava tão acostumada a manipular os homens que ela simplesmente não entendia que ele não podia ser influenciado pelas requisições dela com palavras doces, reforçadas por um tom de sexo.

— Eu não sou mais um homem jovem, — ele disse, vendo os olhos dela estreitarem-se ante o gelo contínuo em seu tom de voz, — e você chegou perigosamente perto de uma fatal violação das regras de Convidados.

Deixando cair as mãos, ela virou em um dramático voar de bronze cintilante, suas asas fazendo um arco graciosamente sobre suas costas.

— Você está sendo cruel. — Verde vívido, os olhos dela estavam brilhantes e molhados quando ela virou para ele mais uma vez. — Eu te peço abrigo e você quer que eu brinque com formalidades? Você sabe que eu perdi um filho! Eu não posso perder outro.

Por um instante, ele quase acreditou nela, pensou que talvez ela tivesse perdido o embrião em um aborto e esquecido disso em sua agonia... mas então ela traiu a si mesma, seus lábios curvando-se na menor fração ante a hesitação dele. A presunção felina dela respondeu às perguntas finais dele, demonstraram que ele não tinha necessidade nenhuma de ser gentil.

— Chega de charadas, Michaela.

— Charadas? Você zomba de mim! — Um fino anel de pulsante verde ácido em torno da tonalidade mais rica da íris dela, um sinal físico inconfundível da influência de Uram. — Eu estou vulnerável; você é forte. Eu peço por sua ajuda! Onde está a charada?

Permitindo que seu próprio poder se elevassem, ele sentiu suas asas começarem a brilhar.

— Você não carrega nenhum bebê.

Silêncio, o choque dela transformando-se rapidamente em fúria.

— Uma acusação de falsidade deliberada! Você incita uma guerra!



A luz dourada encheu as grandes janelas gradeadas da casa graciosa onde Illium indicou que Elena deveria pousar.

— Caçadora bonita, eu senti sua falta.

Ela assobiou uma respiração, lâminas caindo em ambas as mãos quando ela reconheceu o vampiro loiro que moldara a simples declaração em uma ameaça, os ossos do rosto dele refinados em uma beleza sobrenatural que deixava claro que ele estava muito além de cem anos de idade.

Na última vez que ela vira Riker, ele tinha estado preso à parede da casa ao lado da deles, uma perna de cadeira arrancada através de sua garganta e sangue escorrendo pelas têmporas. Hoje, o guarda favorito de Michaela mostrou os dentes para ela em um sorriso selvagem que não tinha nada natural, nada são, em seguida, acenou com o braço em direção à porta da frente como forma de boas-vindas em zombaria.

Minha senhora esfolou a pele das minhas costas e transformou em uma bolsa.

Cabelos subindo em sua nuca com a lembrança do jeito que ele tinha feito aquela admissão com o mesmo sorriso estranho fixo, Elena apertou suas mãos nas lâminas.

— Eu vejo que você se curou.

Um lascivo passar de língua ao longo do lábio superior dele.

— Eu estive esperando muito tempo para ficar sozinho com você. — Os olhos dele correram sobre a cabeça dela logo que ela ouviu o sussurro frio de um som que era Illium desembainhando a espada que ele sempre carregava ao longo

das costas, a arma escondida por um glamour que demonstrava o poder crescente de Illium.

— Vá, — ele murmurou, depois levantou sua voz. — Eu vou observar o cão raivoso de Michaela, tirá-lo de sua miséria se ele se provar problemático.

Os olhos de Riker brilharam vermelho-sangue, suas presas aparecendo, mas ele manteve a distância quando ela passou por ele e pela porta da frente.

Raphael, quão ruim é isso?

Michaela não está grávida, provavelmente nunca esteve.

Eu não posso acreditar que ela usou a memória do próprio filho morto em um esquema.

Enojada com a insensibilidade de tal ato, ela seguiu o som de uma voz elevada, mas de qualquer maneira normal, o som vinha da sala central da casa. Raphael estava no centro, Michaela a alguns pés a frente dele.

A pele requintada do arcanjo mulher, a cor de café misturado com leite e polvilhado com ouro, estava vermelha, como resultado de um argumento apaixonado; o corpo dela, a epítome da perfeição feminina, em um macacão verde esmeralda que acariciava cada curva e vale.

Raphael respondeu o que fosse que Michaela tinha dito exatamente enquanto Elena dava o primeiro passo em direção a ele.

— Não é uma mentira que você pode ter a esperança de manter - então, a menos que você deseje uma guerra, corte a conversa e saia.

Atirando a Elena um olhar como uma adaga afiada, Michaela disse.

— Olha, seu animal de estimação chegou, — as palavras doces. — Ela já aprendeu a sentar e implorar por comando?

Elena fez seu tom de voz tão doce quanto, enquanto brincava com uma faca sobre seus dedos.

— Não, mas minha mira está ainda melhor agora. — Podia ter sido insignificante, mas ela gostou de ver a fúria na expressão de Michaela, com a lembrança de que Elena havia enterrado uma lâmina no globo ocular dela, uma vez.

— Não faça. — Foi um aviso suave de Raphael quando Michaela levantou a mão, as pontas dos dedos dela estalando um verde dramático.

Uma bola de fogo angélico formou-se na palma de Raphael.

— Eu não sei porque você está tão divertido pela criatura. — Michaela fechou os dedos. — Mas eu sugiro que você a ensine boas maneiras.

Eriçando-se, Elena, no entanto, percebeu que Michaela queria uma desculpa para machucá-la, e manteve seu silêncio enquanto Raphael falava num tom que poderia ter drenado sangue.

— Eu sugiro que você obrigue seu esquadrão a fazer a viagem de volta de uma vez, então você pode permanecer como uma hóspede até a meia-noite. Qualquer atraso e eu vou considerar isso um ato de transgressão.

Pinceladas de vermelho violento através das bochechas de Michaela, o sinal de intensidade emocional servindo apenas para destacar sua incrível beleza.

— Um dia, — ela ronronou, — um dia você vai entender o que você rejeitou esta noite, e então você vai implorar por meus favores.

Posso esfaqueá-la?

Só se ela ainda estiver aqui após a meia-noite.



Nenhum deles falou novamente até que pousaram no gramado de sua própria casa. No curto espaço de tempo em que Elena tinha estado dentro de Gable House, a noite tinha começado a dar lugar ao dia, e do outro lado do rio,

Manhattan estava envolta em suave redemoinho cinza, as luzes nos arranha-céus silenciadas.

— Eu quero que você mantenha uma vigilância discreta em Michaela e seu povo, — Raphael ordenou a Illium, o anjo de asas azuis tendo voado de volta com eles. — É quase amanhecer, então você pode ir sozinho, mas faça contato com Aodhan a cada dez minutos.

— Sire. — Illium decolou com um farfalhar de som, o prata-azul de suas asas engolido pelo cinza conforme ele subia acima da camada de nuvens.

Asas escovando a grama orvalhada, Elena andou pelo gramado.

— Sou só eu ou a Deusa Cadela estava 'desligada' hoje à noite? Ela estava estranhamente desajeitada em seus movimentos.

— Mancha de Uram.

A garganta de Elena tapou-se ante o pensamento do antigo amante de Michaela, o arcanjo insano que tinha deixado um rastro de corpos mutilados e sangrentos em seu acordar... incluindo a amante de Jeffrey, aquela cópia lamentável e pálida de Marguerite. Membros rasgados e empurrados nas bocas abertas, caixas torácicas dilaceradas para revelar vísceras brilhante, corpos pendurados e sangrando, Uram tinha cometido atrocidades que Elena não tinha sequer imaginado possível.

— Uram arrancou o coração dela, — ela disse, recordando seu horror ante a ferida aberta, — deixando aquela brilhante bola de fogo vermelha em seu peito. Contato direto. — A única outra pessoa a ter contato tão íntimo com Uram, e sobreviver, era Sorrow, e ela saiu disso alterada, inegavelmente, em um nível fundamental.

A jovem mulher não era mais humana, mas também não era uma vampira; ela morreria pela fome de sangue assim como pela fome de comida. Então, houve o suposto assaltante com o dobro do tamanho dela, cujo pescoço ela estalou em uma fuga de auto defensiva. Agora em treinamento para aprender como gerenciar conscientemente sua força e velocidade, Elena sabia que Sorrow também estava

sob constante vigilância para sinais da mesma insanidade assassina que seu pai de sangue, o termo, um que ela ouvira Dmitri usar.

Enfurecia Elena que a jovem e valente mulher não conseguiu escapar de Uram, mas Sorrow não era a questão neste instante.

— E se Michaela se recusar a sair?

— Então, vou forçá-la para fora.

A culpa agarrou-a em suas mãos ossudas. Se Michaela tivesse ganhado um poder ofensivo no Cascade, qualquer batalha seria uma desigual traição para Raphael.

— Eu esqueceria a noite, Elena. — Raphael virou em direção à casa.

Estômago em nós, sua raiva anterior com ele sepultada sob o lembrete gelado de que ela poderia ter acabado de matá-lo, ela entrou em silêncio.

Fechando a porta do quarto atrás deles, Raphael caminhou para abrir as portas da varanda, deixando entrar o ar frio da manhã.

— Venha aqui, Caçadora.

— O que é?

— Eu gostaria de saber, — o tom de voz como uma lâmina serrilhada — por que minha Consorte está mantendo segredos que a fazem voar sozinha.

Ela se encolheu, passando por ele para ficar no limite da varanda.

— Estou com raiva de você, pelo que aconteceu com Ransom.

— Você pode estar com raiva, mas você entende a decisão. — Tão implacável como resposta quanto a forma como ele lidou com Cici. — Isso não é o que você está escondendo de mim.

— Não é nada.

— Agora, você mente para mim? — Frias, mortais, cada palavra afinada tão brilhante quanto o aço de uma espada.

Girando para encará-lo, ela deixou as mãos em punhos.

— Pare de tentar me intimidar, eu sou sua *Consorte*.

— Eu não acho que você tem a capacidade de ser intimidada, — veio a resposta gelada, mas os olhos dele, eles eram chamadas azuis violentas. — O que você está escondendo, Elena?

Inflexível e acostumado a obter respostas para suas perguntas, ele não iria deixar isso de lado, ela sabia, mas o pensamento de contar a verdade a ele era uma rocha no intestino dela.

— Deixe para lá, — ela disse, a mandíbula apertada. — Eu estou pedindo que você simplesmente deixe para lá.

— Quando coloca sombras sob seus olhos e faz com que você engula suas palavras? — Ele cruzou o caminho para agarrar a mandíbula dela. — Não. Você está magoada e quero saber por quê.

Mas eu não fiz e ele não pode me ajudar uma vez que outros descobriram a minha transgressão.

As palavras de Illium jogaram água fria no calor de sua resposta de autoproteção. Ela não poderia fazer o mesmo com Raphael, não podia torná-lo impotente em face de sua dor. Tomando uma respiração instável, ela colocou uma mão em punho no peito dele e soube que era hora de parar de se esconder dos danos que ela tinha feito.



Prestes a dizer a Elena que eles não deixariam aquela varanda até que ela dissesse a verdade a ele, Raphael foi silenciado pelo peso leve do punho dela contra seu peito.

— No Refúgio, — ela começou, — eu ouvi o que eles disseram: que você era o jovem mais poderoso que alguém tinha visto. — A voz dela era emoção crua,

suas feições sombrias. — Você se tornou do Cadre no final de seu primeiro milênio, isso te torna extraordinário. E agora...

Ele percebeu então, a tortura que ela estava infligindo a si mesma, e teve que voluntariamente acalmar sua raiva de que ela faria isso, causar-se danos de uma forma tão insidiosa. Soltando seu aperto do queixo dela para que ele não fosse, inadvertidamente, machucá-la, ele terminou a declaração que ela tinha começado, sem se preocupar em esconder sua fúria.

— Agora outros estão ganhando poderes malignos, enquanto eu pareço ter ganhado apenas uma capacidade negativa.

Teimosa como sempre, sua Consorte segurou o olhar dele.

— É verdade e é por minha causa. — Dor visceral. — Eu sou sua assassina, nenhum outro.

CAPITULO 16

Elena podia empurrá-lo para borda mais rápido do que qualquer outra pessoa, mas Raphael lutou contra sua crescente raiva, para dizer a ela o que aparentemente tinha esquecido.

— Minha habilidade é a única que teve um impacto sobre Lijuan. — O Arcanjo da China parecia aturdido quando ele conseguiu causar danos físicos.

— Sim, mas nós dois sabemos que não será suficiente. — Sua pele ficou branca pela forma como ela se abraçou, com todos os músculos e tendões tensos, Elena deixou cair as mãos para os lados. — Não contra os renascidos de Lijuan e não contra a capacidade de criar fogo e gelo de Neha, só para citar dois dos outros. Você mesmo disse.

Nunca quis tomar suas palavras como uma acusação. E, além disso, ele nunca esperava que Elena, ousada e honesta, tivesse tantos pensamentos ruins em seu interior, mas deveria saber. Sua caçadora, afinal, tem mantido a perda horrível de sua família no seu interior durante quase duas décadas, escondendo até mesmo sua melhor amiga.

— Eu — disse exasperado com ela, mesmo quando queria reviver Slater Patalis, para assim poder matá-lo de forma tortuosa ele mesmo — não tenho o hábito de esconder acusações atrás das palavras que eu digo a minha Consorte. — Com isso, ele poderia acreditar que uma parte dele tinha raiva vermelha cobrindo sua visão. — E não vou tolerar que você esconda seus pensamentos de mim dessa maneira.

Havia um brilho nos olhos de sua Consorte.

— Eu disse a você... não fale comigo como um soldado que você está disciplinando.

— Romperia cada osso do corpo de qualquer soldado que se atrevesse a mentir. — Elena nunca se conteve ao seu redor, mesmo quando teria sido a escolha mais inteligente, e Raphael não tinha intenção de permitir que isso mudasse.

Ele viu a violência naqueles olhos prateado.

— Você está me fazendo desejar pegar uma faca.

Ele arqueou uma sobrancelha, sabendo que ela entenderia como uma zombaria.

Silvando, Elena passou as mãos pelos cabelos, puxando-o para baixo, pressionou seus lábios contra os dele, em vez de deslizar o aço frio através de sua carne.

Raphael tomou o beijo, exigindo mais, reivindicando tudo. Mesmo chateado e na borda, ela pertencia a ele, sempre o seria. Envolvendo seus braços ao redor dela enquanto suas línguas se misturavam, seus corpos pressionados em uma furiosa batalha íntima, disse:

Recolha suas asas e subiu no ar, espalhando seu glamour para cobri-la, até que eles estavam invisíveis para o mundo.



Com um peso no peito, Elena interrompeu o beijo para ver que Raphael levou-os através do rio para Manhattan.

— Deixe-me ir. Eu tenho minhas próprias fodidas asas. — Estava chateada com ele pela forma como tinha falado com ela.

— Ainda não. — Beijou-a novamente, segurando o cabelo dela pela trança para prendê-la enquanto tomava sua boca.

Ela poderia ter escapado se realmente quisesse, sua formação como caçadora, além de seu treinamento com Galen lhe tinham ensinado muito, mas não queria lutar com ele. Então, ela mordeu o lábio inferior, e quando Raphael respondeu aprofundando o beijo, seus braços apertados como uma barra de metal ao seu redor, sua língua lambendo seu paladar, teve que lutar com a resposta instintiva do seu corpo, sentindo o lugar entre as coxas umedecer.

Afastando a cabeça, ela olhou para baixo... e viu que estavam mais mais elevada, acima de Manhattan, a uma altitude que só poderia alcançar por si só. Seus olhos se arregalaram.

— Não. — Ela olhou para ele. — Eu disse que não ia dançar com você sobre... — As palavras terminaram com um grito quando Raphael virou-se para a cidade e fechou suas asas.

— Raphael! — O ar soava como um rugido em seus ouvidos quando ele caiu como uma bala do céu. — Se sobrevivermos a isso, eu vou te matar!

Seu riso era escuro, perigoso e sexy, e ecoou na noite quando ele abriu as asas para levá-los através do espaço estreito entre dois arranha-céus, o céu nas primeiras horas do dia quase vazio. "Quase" era a palavra chave.

— Para casa, agora! — Ela ordenou, mas Raphael voltou a levantá-los para o céu, seu corpo duro, os músculos flexionados contra ela de uma forma que fez seus seios crescerem, todo o seu corpo sentindo-se quente.

Dentes à mostra, Elena agarrou-se a seu cabelo novamente e forçou-o a encontrar seu olhar.

— Para casa, ou nunca, nunca vai fazer sexo novamente.

Ele deu um sorriso arrogante enquanto se movia, e seu pênis rígido pressionado contra sua área molhada, a roupas entre eles não fornecendo qualquer barreira, não com tanto calor.

— Você poderia resistir a mim?

— Pressione e vai descobrir. — Seus olhos se estreitaram enquanto se moviam através das nuvens acima. Mais acima. E então: — Porra! — Seu cabelo jogado para trás enquanto ela olhava para os arranha-céus que se aproximam uma velocidade violenta... e sentia a adrenalina subir no interior, o prazer como uma droga perigosa.

Quando Elena exigiu outro beijo, a resposta de Raphael foi quente e difícil. Mas ele quebrou a conexão muito cedo.

— Segure-se.

Elena pensou que tinha visto como Raphael voava. Não era assim.

Lançando um olhar para o lado, desceu-os em uma espiral que a levou a cerrar os dentes para conter um grito de alegria. Apenas quando eles estavam a poucos passos da calçada, Raphael voltou a espalhar suas asas e subiu novamente, deslizando através de um espaço tão estreito que as suas asas tocaram as bordas dos edifícios nos seus lados, os madrugadores em seu interior sem ter ideia de que o Arcanjo de Nova York estava dando a sua Consorte um voo louco.

Não foi nada em comparação com a forma como ele rodeou em torno da Torre, tão rápido que ela pensou que ele iria bater contra um vidro mais de uma vez, em seguida, atirou para o céu em uma explosão de velocidade incrível.

— Raphael, cuidado, o avião! — Eles iam colidir diretamente com um jato regional.

O sorriso de Raphael foi letal. Indo além do nariz, a poucos centímetros de distância, lentamente desceu como uma pena, até que seus pés tocaram uma das asas metálicas, cobertas com uma leve camada de neve.

— Cuidado.

Ela se sentiu insegura por um momento, até que suas botas estavam firmemente plantadas, ela disse.

— Eu tenho isso.

Soltando-a, voou para a outra asa, assim o avião não desbalancearia.

Os mais jovens fazem isso às vezes, chamam surf de avião.

Elena riu com os braços estendidos para manter-se equilibrada contra o enorme vento que pegou suas asas.

Eu li uma reportagem no jornal uma vez, mas eu pensei que alguém tinha bebido demais margaritas no voo.

Não é permitido, mas sempre faço vista grossa.

— Ops! — Quase caiu quando o avião inclinou, e Raphael estava lá, seus braços em volta dela enquanto os movia antes de serem engolidos pelos motores. Forte e protetor contra ela, era todo seu, e de repente, teve o suficiente do jogo. Beijando sua garganta, ela sussurrou. — Já chega.

Ele não respondeu, mas em menos de um minuto de impressionante rapidez, estavam em seu quarto. Ele tirou suas roupas enquanto a beijava, logo Elena tirou as roupas de Raphael, até que não houvesse barreiras ao seu toque, o calor de seus corpos contra o outro. Conversando com sussurros e carícias famintas, amantes da língua que sabiam o ponto fraco um do outro, se moviam juntos com uma crua intimidade.

Mantendo-se em seu interior até o fim, sua dureza esticou sua carne, Raphael segurou o olhar dela.

— A eternidade não significaria nada sem você. Não há poder neste mundo que eu trocaria por minha Elena.

Com o coração ardendo ante a penetrante ternura em suas palavras, ela tocou seus lábios com os dedos trêmulos, e esperou que sua escolha não o destruísse, não a esse homem que amaria até que não pudesse mais respirar.



Com o sangue doado vindo da Blood for Less e verificado a cada hora, encontraram o doador contaminado às três da manhã seguinte. Saindo da cama, Elena estava vestida e indo tomar café quinze minutos depois, com Raphael ao seu lado. Ele não tinha dormido, já que teve que escoltar uma raivosa, mas obediente Michaela, para fora do território, e depois voltar para falar com Galen e Venon através de uma ligação visual do Refúgio.

Eles aterrissaram na parte de trás da Blood for Less para não alarmar os clientes, encontraram Marcia nas sombras. Quando ela não pode falar ante a visão de Raphael, seu medo era tão forte que Elena viu o olhar de Raphael alterar-se com uma raiva sutil, e deu início ao interrogatório.

Ela provavelmente nunca esteve perto de um arcanjo. Dê-lhe um descanso.

Não é a senhorita Blue o motivo da minha raiva. Meus anjos são treinados para serem brutais se necessário e para manter seus vampiros sob controle, mas os registros dela estão limpos.

Elena não percebeu que Raphael tinha revisado o arquivo de Marcia.

Você acha que ela foi abusada?

Dada a violência e crueldade visto no mundo imortal, não pensava que os vampiros tivessem *algum* direito.

Danificar uma ferramenta útil até que ela esteja muito frágil para trabalhar é um desperdício, foi a resposta fria e prática. *Parece que terei de necessitar lembrar alguns anjos esse fato.*

Sentindo que Marcia falhou em sua tentativa de falar as palavras através de seu terror, Elena acenou para que Raphael desaparecesse nas sombras e viu como ele levantou uma sobrancelha antes de obedecer.

Eu tenho uma teoria: Se você não pode ver, você pode fingir que não está aqui.

Pareceu funcionar.

— Só tivemos dois outros doadores depois do doador contaminado, e agora a Torre está verificando seu sangue — disse Marcia em resposta à sua pergunta, os olhos da vampira se deslocando com cuidado para as sombras que envolviam Raphael.

— As imagens de vigilância?

Provando sua inteligência e preparação, Marcia estendeu a fotografia de uma jovem mulher magra com o cabelo castanho pegajoso.

— Ela tem o sangue que foi marcado como contaminado pelo pessoal da Torre. — A imagem sacudiu quando seus dedos começaram a tremer.

Elena pegou-a antes que ela caísse no chão.

— Tem certeza?

Escondendo imediatamente as mãos nas suas costas, Marcia assentiu.

— Eu anotei o horário de cada doação e imprimi uma foto instantânea da câmera de segurança, logo que saiam.

— Qualquer outra coisa que devemos saber?

Marcia engoliu, mas disse as palavras.

— Eu atendo doadores doentes o tempo todo, muitas vezes precisam de dinheiro, e sangue é sangue. Em geral. — O suor brilhava em sua testa. — Mas ela parecia meio morta, mais doente do que a última vez que a vi.

Era possível que a transportadora não fosse o verdadeiro portador, apenas alguém que pudesse resistir aos efeitos da infecção por um pouco mais de tempo.

— Você pode especificar a hora da doação anterior?

— Realmente sinto muito, Consorte. — Os dentes de Marcia começaram a tremer. — Per-permitimos doações anônimas então tudo o que posso dizer é que foi den-den-dentro da semana pa-pa-passada.

Elena enviou a vampiro para dentro do café antes que tivesse um ataque cardíaco induzido pelo medo, e em seguida, virou para Raphael.

— Espero que você assuste a merda do fodido que fez isso, ou eu o encontrarei e o espancarei pessoalmente antes de cortar suas bolas depois de bater nelas até que sangue.

— Um grande castigo. Vou me certificar de realizá-lo.

Entregando as fotos instantâneas a Raphael sem sentir pena pelo que disse, ela pôs de lado sua raiva crescente, e depois de verificar que o lugar era seguro, dirigiu-se para a porta. Era um carnaval de aromas, o que não foi inesperado dado o número de vampiros que certamente estavam ao redor do edifício, o verdadeiro problema era que o doador contaminado era humano e Elena era um cão de caça que se dava bem melhor com vampiros.

Por outro lado, ela havia sentido a presença da doença no sangue coletado, então talvez a química do transportador de sangue se alterasse o suficiente para se destacar ante o nariz de Elena.

Marcia certamente é uma ferramenta valiosa, Raphael disse em sua mente. Ela enviou a foto pelo correio para a Torre, logo que o alarme disparou e Aodhan está monitorando. No entanto, Ransom Winterwolf poderia ter os melhores contatos quando se trata de vampiros e humanos que frequentam a área.

Elena parou o que estava fazendo para encontrar o doloroso azul de seus olhos, extraordinariamente puro, extraordinariamente letal.

Se eu colocar Ransom nisso disse, mantendo a conversa mentalmente para evitar atrair a atenção do equipamento de vigilância, e terminar com informações que um mortal não pode ser autorizado a possuir, você apaga suas memórias.

Você sabe de nossas leis, Elena.

Exatamente.

Ela pensou no castigo de Illium e sabia que não podia pedir esse favor a Ransom. Raphael já tinha ultrapassado os limites do que podia fazer quando

permitiu que Sarah entrasse no Refúgio. Se Elena quisesse proteger seus amigos, ela tinha que ser a única a colocar limites... mesmo que isso significasse que eles deixassem de fazer parte de sua vida. Era melhor um doloroso rompimento do que os ver serem tratados como marionetes pelos imortais.

Por conhecer essas leis é que não trarei Ransom a este assunto.

Você vai deixar vampiros inocentes morrerem?

Isso não é justo. Ela deu um passo, e assim ficaram frente a frente, sem vacilar. A vida de Ransom é tão boa quanto a de qualquer vida de um vampiro, e eu não vou me envolver em roubar parte dela.

Alguns dos vampiros que poderiam morrer podem ser seus amigos. Imagens de um vento selvagem e escuro oceano apareceram em sua mente. Você acha que protegeria a sua própria vida pelo custo da de outras?

Conhecia Ransom, sabia quão leal era, como preferia morrer para o outro, porque era feito do mesmo tecido.

Você não saberia dos seus contatos se não fosse por mim, então esta decisão é minha. E eu não vou trazê-lo para isso.

Elena, a minha cidade está sob ataque. O tom de Raphael foi duro, com o rosto tão frio que me fez querer empurrar até quebrar essa máscara. Eu não posso permitir que você proteja um amigo pelo custo de perder o meu território.

Isso é uma ameaça? Ciente de que seu temperamento era facilmente inflamável, ela tentou se controlar. Você vai me fazer trair um amigo? Era algo que eu nunca esperava. E se fosse um de seus Sete?

Não é. É um mero mortal.

CAPITULO 17

A resposta fria foi um golpe emocional, outro lembrete de que na hora da verdade, os mortais permaneciam sendo descartável para Raphael.

Bem, disse, ciente de que algo precioso estava prestes a se quebrar entre eles, uma fratura que nunca poderia ser reparada. Faça o que quiser, mas você deve saber que nunca vou confiar em você de novo da mesma forma.

Um brilho fraco, asas de fogo branco no escuro.

Chantagem emocional?

Não. Nada de raiva agora, apenas um senso crescente de perda incipiente que fez seu peito doer, apertou sua mandíbula tão forte que a dor se propagou até sua têmpora. Eu estou lutando para manter meu senso de honra, lealdade. Se eu não posso confiar em você para não abusar da informação que eu dou sobre os meus amigos, como você pode me pedir para lhe dizer alguma coisa?

Nossa conversa não acabou. Arrastando sua Consorte quando ele virou de volta para a estação dos doadores, Raphael estendeu seu glamour para cobri-la.

O que mais há a dizer? Uma dureza em seus olhos que não tinha visto desde o início de seu namoro. *Um mero mortal, não é esse seu juízo final?*

Ninguém poderia empurrá-lo até a borda mais rápido do que Elena, batendo através de séculos de controle rígido.

Eu deixei Sarah ir ao Refúgio. Foi um ato que ia contra as suas leis mais profundas, permitido somente porque ele assumiu total responsabilidade pelo silêncio de Sara. *Outros acreditam que apaguei suas memórias. Só por você deixei sua mente intacta.*

Supõem-se que eu deva me sentir grata para sempre? Um rubor vermelho colorindo suas bochechas, o anel de prata em torno de sua íris brilhando contra o cinza pálido. *O amor não funciona assim.*

No entanto, te permite me dar as costas depois de jogar estas palavras? Um lembrete da pergunta que fez e que o enviou à caça de Jeffrey, um lembrete do veneno que continuava a agir sobre ela, anos depois de ser introduzido em sua vida.

Ele percebeu que não podia permitir que ela se mantivesse cega a essa tóxica influência.

Eu não sou seu pai, Elena.

Sua respiração era rápida e superficial, ela balançou a cabeça. *Jeffrey não tem nada a ver com isso.*

Tem tudo a ver com isso, Raphael respondeu, empurrando as mãos em seu cabelo solto quando ela levantou as mãos para agarrar seus braços, como se ela pudesse afastá-lo. *Nós não passaremos a eternidade com você esperando o pior de mim.*

Um visível estremecimento, mas sua teimosa e raivosa Consorte se recusou a retroceder.

Isso não é o que estou fazendo. Seu corpo tremia com a força de suas emoções, ela disse, *te conheço, e sei como você vê os humanos: como vaga-lumes que vivem e morrem num instante, que não valem nada!*

Eu me apaixonei por uma mortal! Na medida em que ela era sua para sempre. *Você questiona isso também?*

Seus olhos se arregalaram ante a enfurecida pergunta.

— Não — ela sussurrou em voz alta, antes de retornar a voz mental. *Seu amor é a única constante na minha vida, mas eu tenho tanto medo do que a imortalidade vai exigir de nós dois, do que roubará.*

Não pode levar nada do que não dermos.

Então você tem que me escutar. Teimosia novamente, sua expressão a da guerreira que ela era, que iria lutar até a morte para proteger aqueles que tinham ganhado sua lealdade. *Meus amigos são a minha família. Eu preciso ser capaz de protegê-los, se você tirar isso de mim, bem, você pode também cortar o meu coração.*

Havia uma eternidade desde que viu os mortais como ela via, desde que tinha formado uma amizade com um simples agricultor que se tornou um homem a quem confiava não só sua vida, mas a de Elena.

Esqueci-me, aparentemente, que eu, também, uma vez tive um amigo humano que queria proteger. Ele tinha falhado, a vida de Dmitri foi despedaçada, e o fracasso que marcou Raphael, também, o mudou de maneiras que nunca poderiam ser desfeitas.

Então você entende. O cabelo de Elena brilhava branco na luz intensa que iluminava a porta dos doadores. *Não é seguro para os meus amigos serem atraídos mais profundo no mundo imortal. Não, a menos que você confie neles para guardar...*

Não. As nossas leis existem por uma razão. E não foi só porque os anjos pensavam nos humanos sob seus cuidados. *Jogar jogos imortais quebraria os mortais em um piscar de olhos.*

O silêncio de sua Consorte, seguido de uma declaração única e resoluta.

Então, ele não pode estar aqui.

Ele não pode estar aqui, concordou Raphael, sua mente reproduzindo a memória do dia em que encontrou Dmitri agarrando uma faca ensanguentada, seu peito em ruínas, o outro homem havia tentado forjar seu coração em uma tentativa de se juntar à sua família assassinada.

Raphael nunca se esqueceria da dor de Dmitri e do horror que o precedeu... e não teria Elena carregando tais memórias por toda a eternidade.

Eu não vou forçá-la a arrastar seus amigos para o nosso mundo.



Emocionalmente abalada como resultado de uma discussão que sabia que tinha traçado uma linha brilhante na areia da vida que ela estava construindo com seu arcanjo, seu relacionamento saindo dele mais forte e não fatalmente danificado, Elena voltou para desvendar a complicada tarefa de odores em torno da porta dos doadores.

Mesmo focada, não poderia esquecer o que Raphael disse.

Não vamos passar a eternidade com você esperando o pior de mim.

Ela argumentou contra a percepção, mas agora estava pensando se era verdade. Seu pai a tinha marcado tão profundo quando era criança? Não, era muito mais complicado do que isso. — O maior abuso de confiança — Ela encontrou-se dizendo em voz baixa, depois de se mudar para longe da área vigiada — foi o da minha mãe.

Seus olhos lhe disseram que ele sabia o que ela queria dizer. Entendendo a agonia que a tinha quebrado enquanto permanecia muda ao lado do túmulo de Marguerite, a pequena mão de Beth apertada na dela. Jeffrey estava atrás delas, as mãos nos seus ombros, seu corpo sua rocha, forte e *ali*.

— Eu estava tão zangada com ele por não a impedir. — Captando uma concentração de odor suspeito, agachando-se de cócoras, suas asas sobre o asfalto-frio. — Depois do funeral, eu o ataquei, gritando que era sua culpa, quando eu sabia que não era. — Sua mãe não sobreviveu a Slater Patalis e ao que ele fez a seus dois bebês mais velhos, independentemente de seu corpo ter conseguido sair com vida.

— Você era uma criança.

Elena balançou a cabeça ante a resposta de Raphael.

— Tinha idade suficiente para saber melhor, mas você sabe o quê? Jeffrey nunca, nem uma vez, argumentou contra minhas acusações irracionais. Porque ele culpou a si mesmo também.

Não tinha pensado naqueles primeiros dias após o suicídio de sua mãe há anos, apenas no que veio mais tarde, quando o coração partido de Jeffrey se converteu em uma raiva fria que o fez limpar Marguerite de sua casa e de suas vidas.

— Toda vez que acho que entendo o que somos, Jeffrey e eu, eu descubro um outro lado e de repente não é tão sim...

Putrefação, o miasma da morte, um tom de carne queimada.

— Há algo aqui. — Seus sentidos zumbiam — É fraco, é difícil cravar os dentes, embora eu possa sentir cada nota — Feio, fétido, antinatural — Possivelmente, porque é um ser humano.

— Você pode segui-lo?

— Sim, acho que sim.

— Vigiei a partir de cima. — Caminhando a uma curta distância para não perturbar os odores, ele decolou e desapareceu atrás de um véu de glamour.

Tomou uma paciência meticulosa puxar um fio tênue entre as dezenas que cobriam a área. Blood for Less poderia estar na periferia do Bairro Vampirico, mas, aparentemente, tinha um monte de negócios. Ao contrário de sua visita anterior, Elena tinha ouvido o murmúrio de vozes pesado de dentro, indicando que Marcia tinha a casa cheia esta noite.

Quanto mais fundo eles entraram no Bairro, mais frequentado ele se tornava, a parte central é uma das favoritas entre os jovens vampiros da moda suburbana, eles queriam andar no lado selvagem sem entrar em partes mais perigosas da cidade. Modelos de pernas longas, mortais e imortais, eram tão comuns, uma parte da paisagem assim como os vampiros inteligentemente vestidos à espreita, todos congregando em torno dos clubes abriram as suas portas ao anoitecer.

Ninguém se atreveu a ficar em seu caminho.

Mantendo suas asas firmemente dobradas nas costas, garantiu que suas lâminas fossem visíveis enquanto rastreava. *Não que ela tivesse medo de ser abordada por um vampiro obsecado pela moda*, ela pensou com um grunhido interior. Além disso, os estiletos eram fodidas armas letais, tanto quanto lhe dizia respeito.

Dez minutos mais de meticulosa observação e passou para a zona central e do Mercado de Carne. A maioria dos guias turísticos diria aos visitantes para terem "cuidado" nesta parte da vizinhança. Pois, embora os vampiros nesta área fossem tão bem vestidos e corteses, eles eram mais velhos, com apetites mais escuros. O Clube Masque, mais a frente, tinha um sinal em cima da fila de mortais, dizendo: *Carne fresca*.

E tinham os jovens, em idade de casar e estúpidos, alinhados.

Raphael disse após outra quadra, as lojas fechadas à noite e vazias de tráfego, exceto por um casal que atravessava a rua quando viram um traficante de drogas e de repente tinham assuntos urgentes em outro lugar. *Eu tenho que ultrapassar por essa passagem*. Não era completamente um beco, mas de acordo com o que ele poderia fazer com sua visão noturna aguçada, era perto o suficiente para os desabrigados.

Eu tenho você na mira.

Apertando suas asas em suas costas tão duro quanto podia, ela rompeu os castelos de papelão que abrigavam os restos e dejetos da cidade. Eles não eram exclusivamente humanos. Vampiros poderiam descer para esta vida como os seus homólogos mortais, tudo o que precisavam era de um vício de alguma coisa. Empresários sanguessugas tinham criado algumas drogas recreativas que funcionavam em sua espécie, mas aparentemente, o efeito não durava tempo o suficiente para incomodar a maioria das pessoas.

O mais "quente" do momento era o "doce", onde um doador humano se drogaria com certas drogas e, em seguida, permitia a alimentação do vampiro. A biologia vampírica logo neutralizava as drogas, mas não é suficientemente rápida

para negar completamente o prazer sexual e, é claro, também muitas vezes no mesmo menu. Tudo por um preço. Depois havia o jogo, e os casos mais tristes, casos em que um indivíduo, vampiro ou humano, perdia a luta contra demônios pessoais que ninguém mais podia ver.

— Caçadora. — O sussurro rouco veio de um velho enrugado escondido dentro de uma caixa de papelão modelado em uma casa, as "cortinas" abertas revelavam os olhos injetados de sangue e o papel marrom ensacando um frasco em suas mãos.

Surpreendida que ele tivesse focado em marcá-la como da Sociedade, ao invés de em suas asas, Elena fez uma pausa, uma sensação de mal-estar no estômago, com os olhos adaptando-se o suficiente para distinguir as cicatrizes de faca em suas mãos. Nenhum caçador jamais foi abandonado por seus irmãos... mas alguns escolheram andar nas trevas e nunca mais voltaram.

— Caçador — respondeu, devolvendo o mesmo respeito que ele tinha oferecido. — A Sociedade está sempre aberta para você. — Todos os caçadores pagavam uma porcentagem de seus ganhos para a Sociedade, um dos motivos era poder fornecer o cuidado a um caçador que vivesse física ou mentalmente incapacitado. — Eu posso fazer a chamada.

— Eu gosto daqui.

Elena não tinha nenhuma maneira de saber a que ele tinha sobrevivido, as razões para as suas decisões, por isso não o condenou.

— Você está sempre aqui?

Um aceno de cabeça.

— Eu vou pedir a uma das patrulhas da Sociedade que tragam um pouco de comida. — Eles o levariam para melhores bairros também, quando a neve começasse a cair novamente. — Eu também posso pedir-lhes para trazer uma barraca forte e básica para você. — Nada que faria dele um alvo para os ladrões. — Está bem?

Uma longa pausa, seus olhos pareciam julgá-la antes de dizer.

— Desde que você traga o suficiente para dois. — Seu olhar foi para outra embalagem alguns metros adiante e ao longo do estreito corredor. — Temos que cuidar das costas um do outro. É o que fazemos.

Elena assentiu.

— Mantenha-se seguro.

— Boa caçada.

Continuando ao longo da passagem escura até a outra extremidade, Elena se encontrou atrás de um estacionamento de um restaurante asiático; tinha chegado à beira de Chinatown. Uma única lâmpada amarela polvilhava a área com um brilho anêmico, criando poças de sombra tão espessa como líquido, os contentores de lixo verde-escuro eram uma ameaça silenciosa.

— Acalme-se, Ellie.

Seguindo o cheiro suspeito de uma parte quebrada do muro, ela conseguiu atravessar o elo da cadeia sem enganchar suas penas. O cheiro era limpo agora, não mais oprimido pelos vampiros, nesta área, com seus restaurantes baratos e saborosos eram um refúgio mortal, embora conhecesse um par de anjos que eram clientes regulares. Os restaurantes foram fechados durante a noite, todos exceto um lugar de macarrão vinte e quatro horas, onde um trabalhador empurrava um esfregão enquanto dançava com a música que saía de seus fones de ouvido.

Um vira-lata desalinhado a acompanhou por uma quadra antes de ser seduzido por uma transbordante lixeira, apesar de ter visto o cadáver em decomposição de mais de um pássaro morto nos cantos e recantos. Ninguém se preocupou em limpar aqui como faziam na área do restaurante, e até mesmo os gatos selvagens e cães sabiam que deviam ficar longe daquela carne purulenta.

Quando olhou em volta e viu o andaime, percebeu a razão para a falta de cuidados, ninguém residia atualmente ou fazia negócios nesta rua, e pela aparência das coisas, tampouco nenhum trabalhador da construção tinha vindo aqui há algum tempo. Problemas de dinheiro, provavelmente.

Um fim súbito do cheiro, e em seguida, ele seguiu para outra direção.

Recuando, notou que o indivíduo que rastreava tinha escalado um dos andaimes de construção.

Parece que a nossa portadora está invadindo ilegalmente. Não há segurança, por isso não será difícil.

Ela está presente no interior?

A menos que haja uma entrada na traseira

Espere. Raphael fez uma pausa antes de dizer: *A porta traseira é inacessível.*

Então, está dentro. Eu achei uma trilha de cheiro recente com uma mais antiga abaixo, assim, acredito que saiu para vender o seu sangue e depois veio direto para cá.

Um vento repentino foi o único sinal de que Raphael pousou na rua.

Tenha cuidado com os degraus, disse ela, depois de voltar para a porta. *Parece que o alvo passou através dessa janela.* Empurrando o restante do vidro, ele estaria ao seu alcance se alguém escalasse parte do andaime. *Precisaremos de seus músculos viris para entrar. Se isso não estiver muito abaixo de sua Arcangelidade.*

Seu beijo a pegou de surpresa, sua mente lutando para compreender o fato de que ela estava sendo deliciosamente tomada por um homem que não podia ver. Libertando-a antes que ela tivesse processado isso, ele começou a retirar as tábuas que impediam a entrada à porta principal, fazendo com uma facilidade que parecia que as tábuas estavam apenas encaixadas lá.

Trinta segundos depois, a porta estava aberta.

CAPITULO 18

Apertado, mas conseguiremos se espremermos nossos corpos. Eu vou primeiro.

Sou a caçadora, lembrou Elena. Eu vou primeiro.

Claro que você pode ir primeiro... Quando eu estiver morto.

Franzindo a testa para que a declaração feita em um tom muito razoável que a tinha enganado, fazendo-a acreditar que ele concordaria, sacou a besta.

Vamos lá. Vamos discutir suas tendências autocráticas mais tarde.

Esperarei ansiosamente.

Desde que ele deixou cair o glamour e entrou, suas asas encheram sua visão até que saíram para uma área mais aberta que parecia ser a residência privada, embora pudesse ter sido um negócio/domicílio combinados, a planta baixa sem paredes interiores suficientes, podia funcionar como uma loja de varejo

Em cima, ela disse, o rastro do odor um farol pulsante.

Você não quer revistar esse andar?

Só tem mortos aqui em baixo. Mais do que alguns dias, a partir da degradação do cheiro da doença. Os corpos não estavam podres, provavelmente porque a casa estava tão fria como uma geladeira, mas sem dúvida era a mesma varíola vampiro.

Suas primeiras vítimas?

Talvez suas cobaias. Provavelmente vampiros viciados, desesperados por um doce alimento, não precisa de muita coisa para seduzir um se ela parecesse muito chapada. A refeição perfeita.

Mais uma vez, Rafael se adiantou e, embora eles tentassem ficar quietos, as escadas eram velhas, rangiam e gemiam não importa o quê. No entanto, nenhum sinal de que seu alvo tinha ouvido alguma coisa, mesmo quando Elena quase caiu através de uma tábua velha e Rafael puxou-a para a segurança. Na verdade, não havia nenhum sinal de vida em tudo.

Tem certeza que ela está aqui?

Sim. O aroma é rico e fresco. Ela o olhou nos olhos. Eu não posso dizer se ela está morta ou apenas doente, mas o cheiro da doença é muito forte para os meus sentidos, especialmente considerando sua mortalidade.

Rafael se adiantou para olhar dentro do umbral que ela apontou, enquanto ela deu a volta rapidamente na direção contrária para ver a outra sala, certificando-se de que estava vazia. A expressão dele quando ela se virou para olhar para ele contou-lhe tudo o que precisava saber.

— Porra. — Entrando no quarto, parou ao lado de uma cama velha que parecia ter sido esquecido quando a casa estava desocupada. Nela, estava sua presa, os olhos abertos e cegos, as partes expostas de sua pele pastosa borbulhavam com pequenas feridas que faziam eco das mais virulentas nos corpos das outras vítimas.

— O transportador só pode durar um curto período de tempo — Rafael disse, observando a cena com um olhar clínico. — Ineficiente.

— Se estamos certos e isso é um ataque à cidade por um do Cadre...

— ...Então, pode ser que ele ou ela não tem força suficiente para imunizar as transportadoras. — Rafael assentiu. — Todas as habilidades nascidas do Cadre parecem estar limitadas em termos de força no momento.

Elena examinou o corpo, mas não encontrou nenhum sinal de que a mulher era uma viciada em drogas que poderia ter sido infectada, de alguma forma, talvez por outro indivíduo que era o portador real. Eles teriam que esperar até a autópsia para uma resposta definitiva. Sabendo que Rafael já tinha contactado Keir, ela deu uma boa olhada ao redor da sala.

— Nada. — Ela segurou a vontade de chutar uma parede mofada, o mofo uma melhora no gigante papel floral. — Não há absolutamente nada aqui para nos dizer quem ela era ou de onde veio.

— Pouco surpreendente. Seu arcanjo não queria que ela o traísse.

Elena tinha que concordar com a conclusão tácita de Rafael de que a mulher devia ser voluntária para a tarefa, porque, embora parecesse lamentável agora, uma boneca quebrada, havia trazido e difundido a morte, bombeando o veneno de seu corpo sempre que vendia seu sangue. Os vampiros mortos que Elena percebeu lá embaixo, deixava indiscutível que a mulher sabia exatamente o que estava vendendo.



Ao meio-dia, Keir confirmou que a doença no corpo da menina era idêntica à encontrada nas outras vítimas. Mas a tinha por muito mais tempo, disse o curador, seus velhos olhos cansados naquele belo rosto que poderia ter sido a de um menino à beira da idade adulta.

— Pelo menos, duas semanas, o que a torna a primeira vítima ou portadora.

Elena manteve seu ouvido atento para quaisquer outros relatórios de vampiros mortos em circunstâncias misteriosas. Nada. Não nos quatro dias após a descoberta da menina, o que estava tornando cada vez mais certo que ela tinha sido a única portadora. Finalmente, no quinto dia, eles limparam o Blood for Less para o renovado uso de doadores de sangue, com controles aleatórios e contínuos só para ter certeza.

— Existe alguma maneira de nós podermos fugir desse baile? — Ela disse a Raphael, na véspera de sua viagem a Amanat, ambos na cama depois de uma brincadeira amorosa inesperada que tinha fluído a partir de uma sessão de treinamento, onde eles puderam extravasar a tensão que os mantinham sob seu

domínio como uma garra durante dias, enquanto esperavam o que ia acontecer... só o ritmo normal da vida descia sobre a cidade.

Não era paz, isto era Nova York, mas certamente era uma guerra.

— Eu sei que você não quer deixar a cidade. — Nem ela queria, uma coceira no pescoço lhe dizia que esta estranha calma a parte, a Queda e a doença tinham sido apenas o começo.

— Não comparecer — disse Raphael, sua cálida e forte asa debaixo de seu corpo, sua voz estranhamente familiar no escuro sem lua — seria visto como um sinal de desconfiança a Illium, Aodhan, e aos esquadrões que guardam a Torre.

Confortado pelo ritmo constante de seu coração, traçou desenhos tranquilos no muscuroso calor do seu peito.

— Isso importará se a cidade for atacada por um bando de Renascidos com espuma em suas bocas enquanto estamos comendo chocolates em Amanat?

— Tens uma maneira tão vívida de dizer as coisas, hbeebti. — Seus dedos acariciando as sensíveis bordas interiores de suas asas, um ato distraído que a fez profundamente feliz de uma maneira que não entendia conscientemente. — Mas nenhuma horda descera sobre a cidade durante o baile.

Espalhando suas asas em um pedido silencioso, suspirou enquanto as acariciava por fora.

— Soas confiante.

— Aquele por trás desses ataques é certamente do Cadre. Nenhum outro anjo poderia ter adquirido tais habilidades mesmo na Cascata.

Elena assentiu, depois de ter visto a investigação de Jessamy do resultado da última Cascata. Qualquer informação estava fragmentada, na melhor das hipóteses, mas a história pode confirmar as memórias de Caliane de que apenas os arcanjos foram basicamente alterados.

— Eu entendo o seu ponto — ela disse — Seja quem for, está preso na mesma armadilha.

Rafael moveu seu cabelo para o lado, para massagear sua nuca, sua outra mão dobrada atrás de sua cabeça.

— Ele ou ela deve comparecer ao baile ou não só será um insulto ao único Antigo desperto no mundo, mas um sinal de que o Arcanjo em questão não confia naqueles, que de outra forma, teria deixado no cargo. Depois há o outro fator.

— Espere, não me diga. — Com os ossos derretidos, resultante da forma que ele a tocou, ela acelerou seu cérebro, esforçou-se para se apoiar nos cotovelos para poder ver sua expressão enquanto ela testava o seu entendimento de como os arcanjos viam mundo. — Seria considerado *extremamente* mal-educado — disse usando o tom mais gélido e grave que alguns dos anjos mais velhos usavam — atacar uma cidade, enquanto seu arcanjo estava em um baile dado por um Antigo. Assim, na realidade, eles poderiam também ter sido educados por *mortais*, se agissem dessa forma.

— É absurdo, não é? — Diversão no azul inebriante, sua mão um possessivo peso em suas costas. — No entanto, estas regras de hospitalidade são parte do que mantém a estabilidade mundial. Qualquer arcanjo rude o suficiente para ignorá-las de uma forma tão inefável, seria condenado ao ostracismo. A eternidade é muito tempo para ficar sem amigos.

— Vendo por esse lado — disse Elena, inclinando para roubar um beijo só porque podia — não é absurdo, mas totalmente racional. Como alguém alguma vez daria uma festa, com a certeza de que os arcanjos estão sempre tentando esfaquear o outro.

Com um sorriso curvando sua boca, seu arcanjo assentiu.

— Mesmo Lijuan não poderia suportar tal rejeição. Você pode ser capaz de forçar a obediência pela força bruta, mas perderia o respeito que é ao mesmo tempo que a sua alma e seu poder. — Dedos acariciando ociosamente as curvas inferiores de seu corpo. — Você consegue adivinhar a real ironia desta situação em particular?

Franzindo o rosto, ela estava prestes a dizer não quando compreendeu. Rindo tanto que teve que esperar até que pudesse recuperar o fôlego suficiente para moldar as palavras, disse.

— Lijuan não foi convidada — Não depois de tentar assassinar Caliane e seu filho. — Mas ela é tão apegada às velhas maneiras, que os outros sabem que a terão sobre eles se quebrarem as regras.

— Exatamente.

— Gostaria de saber se existe um manual de etiqueta Angelical, alguns ... — Interrompendo-se, tocou seus dedos na têmpora direita de Rafael.

— O que é? — Incisiva inteligência em seu olhar.

— Espere. — Ele acendeu as lâmpadas, que banharam a metade de cima da cama em uma luz suave. Inclinando, aproximou o rosto de Rafael, esfregou o polegar sobre o lugar, seu cabelo roçando seus dedos. — Há algo em sua pele. — Incapaz de ignorar isso, ela saiu da cama para pegar uma toalha úmida.

Rafael estava na porta do banheiro quando ela se afastou da pia. Pedindo para que ele se inclinasse para poder limpar o pequeno ponto, ela tentou duas vezes, a segunda vez com um pouco de sabão sobre o pano, no caso dele de alguma forma ter sido tocado pela ponta de um marcador preto permanente... exceto que, mesmo quando o pensamento cruzou sua mente, ela sabia que teria notado antes.

A mancha não tinha estado lá antes, e agora...

— Não está saindo. — Sua voz era a mesma, apesar da terrível sensação na boca do estômago.

Entrando do banheiro, Raphael estudou seu rosto no espelho. Elena se aproximou dele, querendo acreditar que era um truque da luz. Não era. Tão pequena, a mancha podia passar despercebida para a maioria, mas ela não deveria estar ali.

— Talvez seja uma picada de inseto. — Começou tentando não pensar sobre vampiros mortos e doenças.

— Não, nos curamos muito rápido para que uma mordida tenha algum impacto. — Com expressão sombria, ele virou para ela. — Você consegue vê-la agora?

— Não, ela se foi. — Esmagador alívio — O que você fez?

— Ela ainda está lá — disse, e o alívio foi curto. — Eu a escondi usando o toque mais básico de glamour.

— Eu queria que Keir ainda estivesse aqui. — O curandeiro teve que voltar para o Refúgio para abordar outras questões, e se encontraria com eles novamente em Amanat. — E se...? — Ela não pôde falar, não podia sequer imaginar, seu horror violento demais.

— O que acontece se for o prenúncio da doença? — Rafael disse para ela. — Se assim for, Keir seria incapaz de fazer qualquer coisa, de modo que o avisar é um ponto discutível. Eu sou um arcanjo, Elena. Nós podemos enlouquecer com a idade e tempo, ou por causa da toxina, mas não doença.

Suas palavras fortes a obrigaram a enfrentar a fria e dura verdade, que um Arcanjo doente era um rasgo no tecido do mundo. Isso não significava que ela estava prestes a desistir.

— Jessamy — disse — Nunca iria traí-lo, podemos pedir que olhe nos arquivos para ver se houve outros casos similares na história dos anjos.

— Não há nada para dizer-lhe ainda — respondeu Raphael, com impossível calma. — É apenas uma mancha escura, se ela é o sinal de uma doença criada por um novo poder Arcangélico, meu corpo deve ser capaz de combatê-la.

— É claro, a sua capacidade de cura. — Ela virou para jogar um pouco de água em seu rosto em um esforço para acalmar seu coração acelerado, as mãos trêmulas, mas Rafael puxou-a em seus braços, suas asas prendendo-a em uma prisão de seda.

— Tudo bem, *hbeebti*. — Seus batimentos cardíacos fortes e constantes sob sua bochecha enquanto ele falava, seus braços músculos de aço. — Eu não tenho nenhuma intenção de deixá-la sozinha para enfrentar a imortalidade.

Se esta é a morte, Caçadora da Sociedade, então te verei do outro lado.

Ele disse isso enquanto ela morria em seus braços. Agora, ela sussurrou.

— Eu te seguirei, onde quer que você vá. — Havia perdido muitas pessoas que amava, sobreviveu a muitas mortes. — Eu não posso ir em frente. Não posso. — Como se ela tivesse virado a chave em um pesadelo, ouviu o som que a perseguia desde o dia em que Slater Patalis entrou em sua casa de infância.

Pinga.

Pinga.

Pinga.

Havia muito sangue, seus pés deslizavam e a enviavam para o chão com força o suficiente para causar contusões.

— Vamos, Elena. — A voz de Raphael continha uma delicadeza que lhe disse que ele viu o seu terror, que entendia. — Você acha que eu sou tão fraco? Essa crença é realmente um golpe para o meu ego.

Elena tentou sorrir, para não permitir que o medo a consumisse, mas ele rugiu dentro, nascido de uma infância em que todo mundo que ela amava foi afastado dela. Jeffrey e Beth podiam ter sobrevivido à matança, mas estavam perdidos para Elena da mesma maneira. Ela não podia perder Rafael, também. Não podia.

Pensamentos de pânico correram em círculos em sua mente até que eles eram tudo o que ela era.

Em seguida, o mar varrido pela chuva estava lá, cortando as nuvens escuras de sua memória. Alcançando Raphael com o corpo e a mente, ela se afogou na enorme e poderosa força de vida do arcanjo, que era o único homem que amaria.



Segurando Elena quando ela finalmente caiu exausta no sono, sua forte Consorte tinha uma ferida aberta em sua alma que rasgou com uma força viciosa hoje à noite, Raphael a vigiava, uma sentinela de pé contra a escuridão. E embora ele não estivesse cansado, percebeu que ele dormia quando começou a sonhar.

Nesse campo esquecido onde seu sangue tinha se tornado brilhantes rubis espalhados na grama, o líquido vermelho cristalizando em pedras preciosas que fascinavam os pássaros que eram seus companheiros constantes, enquanto o sol se movia através do céu e as estações mudaram desde a primavera até o verão. As flores cresceram em torno dele, sobre ele, a grama protegendo seu rosto, e ele ainda estava lá, esperando para se curar o suficiente para chegar ao refúgio.

Arcanjo. Arcanjo. Arcanjo.

As vozes ao seu redor continuavam repetindo essa palavra, até que ele disse. — Silêncio! — Em um tom que ninguém exceto Elena já havia desobedecido.

As vozes silenciaram.

Erguendo-se sobre o campo novamente, o seu corpo intacto e do adulto que agora era, esse quebrado e assustado menino tendo ido há muito tempo, deu uma segunda ordem.

— Mostrem-se.

CAPITULO 19

Em resposta veio em um mar de sussurros, as palavras verdadeiramente inaudíveis.

— *Raphael.*

Foi inesperada, essa voz feminina. E era muito familiar, a conheceria mesmo na morte, a asa guerreira que roçou a sua própria de um vívido índigo e preto beijado com o azul da meia-noite, a sombra inquietante do céu pouco antes do nascer do sol.

Quando virou em direção ao som de sua voz, ele viu que o corpo de Elena era translúcido junto ao seu, suas cores eram como água corrente. Rubis de morte envolviam seu pescoço, as pedras preciosas de cereja escuro criadas a partir de seu sangue endurecido.

Isso estava errado. Elena nunca usaria essas coisas.

— O que diab... — Alcançando seu colar, puxou-o com um estremecimento, o sangue caindo de suas gemas sem fazer barulho na verde, verde grama. — Onde estamos?

— O campo em que eu lutei contra minha mãe. — Ele pegou a mão dela, e era quente, viva, mas ainda permaneceu feita de vidro.

— É bonito.

Olhando através de seus olhos como o sol da manhã jogado na grama verde, as árvores banhadas em um brilho dourado e destacando as flores que viu brotar e logo florescer, viu a verdade de suas palavras, mas para ele, seguia sendo - sempre seria - um lugar de dor, morte e perda.

— Minha mãe foi embora, seus pés esmagando as flores, enquanto os insetos lambiam meu sangue. — As Pequenas criaturas morreram, seu sangue muito rico. Depois vieram as aves, curiosas sobre esta criatura alada no chão. — Os pássaros sentaram comigo por horas, me trouxeram bagas como se eu fosse um novato caído do ninho. — Eu tinha esquecido isso sob o peso do horror. — Eu não pude comer por dias, minha mandíbula e ossos faciais foram estilhaçados.

— Este é um lugar muito triste. — Uma única lágrima escorrendo pelo rosto de sua Consorte. — Você deve acordar agora.

Seus cílios levantaram para ver a claraboia sobre a cama, um céu sem lua só iluminado pelas estrelas, mas não era isso que ele queria na sua frente. Virou e limpou as lágrimas que marcaram a pele dourada de Elena enquanto ela estava deitada com os olhos abertos ao seu lado, e ele pensou que deveria se surpreender que um anjo tão jovem conseguisse invadir o sonho de um arcanjo, mas esta era sua Caçadora, que nunca fazia o que se esperava.

— Você estava no meu sonho.

Ela abriu as asas para cobri-lo, com a mão em seu ombro. Como se o protegesse. — Foi triste, terrível e belo, o que eu vi lá.

— Era o dia que eu lutei com a minha mãe. Triste, horrível... e bonito. Ela cantou para mim no céu, eu te disse?

Um movimento de cabeça de sua Consorte, seu cabelo de seda selvagem sob sua mão.

— Sua voz é um dom e uma arma, um som tão puro que pode quebrar um coração ou curá-lo. — Ele tinha visto anjos ajoelhados, oprimido pela maravilha da canção de Caliane, seus olhos brilhando úmidos. — Naquele dia, ela cantou uma canção que costumava cantar para mim na infância e queria esquecer o motivo de eu tê-la seguido.

Por esse fragmento inquietante de tempo, não viu o monstro que Caliane tinha se tornado, e sim, a mãe que afastou com beijos suas dores de infância.

— O céu se fraturou com assombro... e então rompeu com o poder. Foi uma batalha difícil desde o início, a criança não completamente crescida contra uma Antiga.

Elena apertou os lábios em seu bíceps, seu corpo um cálido beijo contra o seu.

— Os sussurros em seu sonho, você os escutou enquanto lutava com sua mãe?

— Não, eu estava sozinho com Caliane. — Depois, simplesmente sozinho.

— Eu me pergunto, quem são eles?

Ele não se lembrava que tinha sido apenas um sonho, tinha sido uma mentira quando ele sentiu a estranheza em seu sangue.

— Durma, Elena. Temos um longo caminho pela frente.

Ela não falou, mas sabia que não dormiu, não até o amanhecer tocar o horizonte. E percebeu que ela continuou com o medo arrepiante que ele tinha visto em seus olhos enquanto estava de pé no banheiro tentando limpar uma mancha de sujeira que não podia ser apagada. Era um medo triste e terrível que se via nela... e bonito, que lhe dizia quem ele era para ela.



O primeiro pensamento na mente de Elena quando acordou foi a mancha na têmpora de Rafael, um medo surdo em seu coração. Empurrando esse sentimento feio para um cantinho onde não ameaçava paralisá-la, se concentrou em fazer uma lista mental dos pontos fortes do Raphael. Tinha executado um arcanjo milênios mais velho e Criado um anjo, pelo amor de Deus, a doença não conseguiria a melhor sobre ele.

— Claro que sim! — Murmurou para si mesma, enquanto sentava na luxuosa cabine do jato particular de Raphael, usando sua silenciosa conclusão como um escudo contra a impotência que a tinha levado de volta aos 10 anos de idade, assustada, sangrando e sozinha com um monstro.

— Você quis dizer algo, *hbeebti*?

Foi uma pergunta gentil, ele foi cuidadoso com ela toda a manhã e, dada a forma como tinha se assustado na noite anterior, não podia exatamente reclamar, mas era hora de dizer ao seu arcanjo que remendou suas feridas.

— Toda vez que voo nesta coisa — disse a ele — eu me lembro o quão asquerosamente rico, você é. — Raphael poderia ter completado a viagem voando por conta própria, sem problemas, mas sua capacidade de voo ainda era lamentável. — É como voar em uma mini Torre.

Um olhar divertido, nenhum traço de tristeza que sentiu quando ele flutuava no campo onde tinha estado quebrado e ensanguentado.

— Você pode me passar isso? — Ele apontou para a pasta a sua frente, que continha a situação financeira de Marcia Blue e seus planos de negócios.

Entregando-lhe, pois não tinha ideia de metade do que estava nessa pasta, e não era orgulhosa demais para admiti-lo, disse.

— Eu também estou a caminho de tornar-me imensamente rica.

— Com um coração tão macio quanto o seu — abriu o arquivo — será um desafio me certificar de que você não acabe sem um tostão.

Elena se contorceu no seu assento deliciosamente confortável.

— Tudo bem, tudo bem, eu me senti mal por ela. Pelo menos, perguntei as informações sobre o negócio, isso devia me dar um pouco de crédito.

— Hmm.

Deixando os documentos, ele enganchou seu telefone na rede de comunicações de alta tecnologia do jato e fez uma chamada de vídeo para Sam, o

divertido menino doce que havia se tornado seu amigo e guia, quando ela estava no Refúgio. Ele falou de suas recentes aventuras, a fez prometer ter um cargo em sua Guarda para ele até que fosse "maior" e mostrou-lhe o presente que secretamente fazia para sua mãe.

— Sam — disse por fim — Galen realmente ensina habilidades do voo?

— Uh-huh. — Assentiu forte. — Ele é rigoroso, mas não de uma maneira ruim. Nós gostamos. — Sorrindo, ele começou a contar a história de sua última lição com o professor de armas de Raphael, e que Galen tinha acabado rindo das palhaçadas de seu esquadrão de bebes.

No momento em que a chamada terminou, Elena sabia que tinha vislumbrado apenas um limitado aspecto da personalidade de Galen.

— Seu mestre de armas parece ter um coração de verdade — ela disse a Raphael. — Quem teria imaginado?

— Jessamy.

— Eu vou admitir esse ponto. — Logando para verificar seus e-mails enquanto Rafael continuava a ler todo o arquivo, viu um de Sara perguntando sua opinião sobre uma arma antiga que estava pensando comprar para Deacon como presente de aniversário.

Tinha acabado de terminar de enviar uma resposta para sua melhor amiga quando um novo e-mail chegou à sua caixa de entrada. Era de Aodhan, a linha de assunto fez os dedos de Elena apertarem tremulamente ao redor do telefone e a sua mente colidir com os últimos dois meses.



Elena tragou a saliva, o som do papel amassando na mão sendo o único ruído enquanto ela se colocava de pé em frente ao elevador que a levaria para o

porão, a zona protegida da sede da Sociedade. Ela aproveitou a casa segura no subsolo quando degolou Dmitri durante a caça que mudou o curso de sua vida para sempre, mas em sua defesa, ele provocou a ação.

Foi Vivek, o caçador que comandava os Porões, quem lhe deu uma arma projetada para ferir um anjo o suficiente para dar a um mortal a chance de correr, de escapar. Essa arma tinha feito mais, o sangue de Raphael se acumulou nos pedaços de vidro quebrado do que tinha sido a parede externa de seu apartamento.

— Faça-o, Ellie — ordenou, sabendo que a viagem através de memórias era apenas sua maneira de protelar.

Estendendo a mão, ela afundou no botão para chamar o elevador e quando as portas abriram, pediu para introduzir um código especial no painel de toque auxiliar escondido, de modo que a gaiola desceu ao invés de subir para a sede da Sociedade. O código mudava diariamente e desde que tinha contatado diretamente Vivek para obtê-lo, ele a estava esperando.

— Eu vou chutar o seu traseiro hoje — ele previu, referindo-se a sua batalha continua no Scrabble.

Sempre jogavam uma partida ou duas quando Elena estava na cidade por mais de vinte e quatro horas. Agora que ela se estabeleceu em Nova York, fazia questão de vir pelo menos uma vez por semana, porque Vivek não iria até ela. Ele era capaz disso, sua cadeira de rodas era de alta tecnologia, mas para os nascidos caçadores como ela, era difícil para Vivek estar fora quando ele não podia exercer as suas habilidades de caça. O bombardeio constante de odores vampíricos, arranhava seus sentidos, deixando-o sangrento por dentro.

Ao sair do elevador na área preta sob o edifício, navegou sem usar a pequena lanterna que tinha no bolso de suas calças. Demorou algum tempo para encontrar um caminho viável após o retorno para a cidade com suas asas, mas agora moveu-se através da escuridão com confiança, evitando facilmente os pilares fortes que eram a base do edifício.

Chegando à porta de metal marcada por grafites, destinada a desencorajar qualquer intruso que chegou até aqui, ela codificou a si mesma utilizando outro teclado oculto, e logo pôs o olho no scanner de retina. Segundos depois a porta abriu, convidando-a a uma cabine de metal sólido, onde foi verificada em três maneiras diferentes em uma nova camada de segurança, apontando suas armas.

— Dessa forma — Vivek lhe dissera, na primeira vez que o visitou após a adição — se você for uma menina má, posso liberar os gases, e adeus, Elena malvada.

— É engraçado — disse naquele momento, pensando muito sobre a confiança que tinham em Vivek aqui embaixo, todos eles mortalmente seguros que essa confiança nunca seria rompida. Ele poderia ser, por vezes, mesquinho, mas Vivek sempre foi fiel a Sociedade.

Quando as portas se abriram para liberá-la da cabine de aço, sabia que não foi uma ação automática; Vivek pessoalmente cuidava de todo o tráfego de entrada e saída.

— Ohayo, Vivek — disse ela ao vento.

— Gozaimasu Elena. — Uma pausa. — Realmente? Isso foi tão fácil que até Ransom teria descoberto.

— Vou dizer para ele que você disse isso. — Esperou pacientemente enquanto foi escaneada uma segunda vez, sem saber que outros truques tinha na manga; ela não iria dizer-lhe que ele estava errado por ter travas automáticas construídas nas paredes.

— Hey, eu acho que tenho que checar sua identidade novamente. — A voz de Vivek saiu forte e sonora através das caixas de som. — Normalmente, você iria começar a reclamar sobre quanto tempo demora o scanner no segundo depois de entrar nele.

Com os dedos segurando o pedaço de papel que tinha esmagado além de qualquer esperança de reparação, revirou os olhos.

— A Próxima vez que você reclamar sobre eu estar reclamando, eu vou te lembrar desta pequena conversa.

Um riso a altura do peito, um som inesperado quando se tratava do caçador muitas vezes mal-humorado, antes das portas se abrirem diante dela. Ela foi diretamente para o núcleo reforçado de onde Vivek comandava sua corte, a mão controlando todos os aspectos dos Porões. Isso, no entanto, era apenas um aspecto, o verdadeiro trabalho era manter vigilância sobre tudo e qualquer coisa que pudesse afetar a Sociedade ou os seus caçadores.

Hoje, ele soou em seu santuário interior, sem fazer qualquer salto através de aros extra.

— Você está de bom humor — ela disse, quando ele chegou e o viu sorrindo de orelha a orelha.

— Acabo de ter um sujo, sujo sexo cibernético com uma quente morena da Itália. Um aplauso para os relacionamentos íntimos internacionais.

— Excesso de informação. — Agarrando uma cadeira, virou-a para sentar com os braços descansando ao longo das costas. Em frente a ela fiava o grande ecrã montado na parede, onde costumava jogar Scrabble, abaixo de um banco de computadores elegantes, apenas um jogo entre os muitos que estavam na coleção.

— Tenho dificuldade em obter uma cadeira construída para suportar asas — Vivek reclamou — e você sempre faz isso.

— Se você algum dia se livrar dessa cadeira, eu nunca irei perdoá-lo.

Fingindo pensar sobre isso, ele trouxe o jogo.

— Espero que você tenha lenços, porque tenho a intenção de te fazer chorar como um bebê.

Ele estava de bom humor, ela pensou novamente. Vivek era muitas vezes sarcástico, às vezes mal-humorado, mais do que um pouco brusco, mas verdadeiramente feliz? Era uma coisa rara. Ela não queria mudar o tom da conversa, queria deixá-lo tão feliz como o havia encontrado.

— Quer fazer a primeira jogada? — Ele perguntou, depois que o computador atribuiu suas letras.

Sacudindo a cabeça, sabendo que o atraso só faria isso mais difícil, ela estendeu a mão para colocá-la sobre a que estava no braço de sua cadeira de rodas, embora fosse ciente de que ele não podia sentir o toque. No entanto, viu a curiosidade viva naqueles olhos castanhos escuros.

— O que é isso, Ellie?

— Tenho uma pergunta para você. — Soltando sua mão da dele, usou-a para segurar as costas da cadeira. — É uma pergunta que pode incomodá-lo. Se assim for, me desculpe, mas eu só pergunto porque eu te amo.

Seu sorriso desapareceu, virou a cadeira para encará-la. Quando ele não disse nada, apenas esperou, pensou em simplesmente mostrar o papel amassado em sua outra mão, mas isso seria um ato de covardia, indigno de sua amizade.

— Se você fosse um candidato viável — no silêncio quebrado pelo suave barulho dos computadores de Vivek — você gostaria de se tornar um vampiro?

Piscando rápido, ele virou-se para o jogo.

— A sua vez.

Elena se moveu no piloto automático, de alguma forma terminou com uma pontuação de três palavras. Normalmente Vivek teria franzido a testa e prometido retaliação, hoje, fez uma palavra de três letras que não seria desafio nem para um menino de sete anos de idade. Em troca, ela acrescentou quatro letras para criar deliberadamente uma palavra inexistente, e esperou que Vivek a desafiasse.

Ele não o fez.

Cinco jogos mais tarde, ele disse.

— Você nunca teria me feito essa pergunta a menos que já soubesse que eu sou um candidato viável.

CAPITULO 20

Elena deu um aceno seco.

— Como você conseguiu meu sangue para fazer o teste? — Vivek forneceu sua própria resposta antes que ela pudesse. — Exame da Aliança, certo? — Olhando para ela, ele virou a cadeira novamente. — Você acha que eu preciso ser corrigido?

Ela ouviu a amargura, sabia que tinha de enfrentá-lo de frente se eles quisessem ser amigos mais adiante.

— Eu acho que você é infeliz por dentro. — Este não era o momento para recuar. — Você construiu uma vida extraordinária. — Ela acenou com a mão para abranger o quarto e tudo que resultou de suas habilidades com as máquinas que ali habitavam. — O inferno, você é a razão de metade de nós estarmos vivos. Eu acho que você é brilhante e talentoso, e lindo também, enquanto estamos no assunto.

Mandíbula se apertou, os tendões gritando.

— Não há necessidade exagerar.

— Eu não minto para meus amigos. — Vivek era classicamente bonito, os ossos de seu rosto limpo e nítido contra a pele marrom que seria sexy se fosse tocado pelo sol com mais frequência. Era verdade que ele era muito magro, mas seus ombros eram largos, as pernas compridas. — Revesti-los de alguns músculos, algum peso, e você terá as mulheres comendo em sua mão. — Ela fez uma pausa. — Se você não as assustar com a sua atitude.

Uma carranca, então ele estreitou os olhos.

— Você está tentando me deixar bravo?

— Você é sempre mais divertido bravo. — Estourando uma respiração, ela fixou seus olhos nos dele. — Eu pedi para que você fosse testado, porque, apesar

de você ser incrível, eu sei que aqui, — ela bateu com o punho contra seu coração. — Você está ferido.

— Eu sou um caçador nascido. Eu sei exatamente o que é tentar engaiolar os instintos. — Ela tentou tão difícil quando primeiro percebeu o quanto seu pai odiava qualquer coisa a ver com a caça. — Isso se sente como ser despedaçado em pedaços de dentro para fora. O fato de que você conseguiu manter a sanidade. Isso faz você mais forte do que eu jamais poderia ser.

Vivek bufou.

— Você cortou a garganta de um vampiro em plena luz do dia, atirou em um arcanjo, e viveu para contar a história. Eu acho que você não tem nada para se preocupar. — Seus olhos desceram. — O que é isso na sua mão?

— A confirmação da sua candidatura. — Suavizando a peça mutilado de papel, ela o colocou em um scanner. Dois segundos depois, isso apareceu em uma das telas. — Por causa da quantidade de danos à sua coluna vertebral e quanto tempo você teve a lesão, vai levar anos para que você possa receber de volta pleno uso do seu corpo. — Ela não iria mentir para ele, não iria fingir que seria de qualquer forma uma transição sem esforço. — Esse tick no lado direito significa que você foi liberado para avançar para a próxima fase. Se você decidir que quer ser feito, o processo pode começar no prazo de doze horas.

Vivek lançou um suspiro trêmulo.

— Jesus, Ellie. — Engolindo, ele fez algo usando os controles complexos de sua cadeira para mover a forma para a tela principal, o jogo Scrabble minimizada em um canto. — Levei muito tempo para chegar a um acordo com o fato de que eu nunca mais poderia andar, correr, foder - um irônico sorriso - Nunca caçar.

Elena não disse nada, sabendo que ele precisava dela para ouvir agora.

— Uma vez eu fiz, eu jurei não olhar para trás, só para a frente. — Desta vez, seu sorriso era uma auto-zombaria. — Eu não controlo isso o tempo todo. Você me viu valentemente pensativo, não amuado, suficientes vezes para saber isso. Mas, — acrescentou, — Eu tento ser consciente de qualquer espiral descendente, e eu encontrei maneiras de desfrutar da minha vida fora do trabalho. Caso em questão: uma morena quente. Só porque eu não posso foder não significa que eu não entendo de prazer.

— V, isso nunca passou pela minha cabeça, — disse ela honestamente. — Especialmente depois que eu entrei no seu quarto na Academia para perguntar se eu poderia emprestar uma caneta e encontrei Neve Pelletier gritando em seu orgasmo.

Um sorriso deslumbrante.

— Um dos meus momentos de maior orgulho. — Movendo sua cadeira sem aviso, ele rolou para outro banco de computadores e fez uma chamada antes de retornar. — Desculpe, vi algo entrar para Sara talvez possa estar interessada.

— Você tem os olhos na parte de trás de sua cabeça?

— Exatamente. — Passando rapidamente o olhar mais uma vez para a confirmação de candidato, ele disse: — Se eu me tornar um vampiro, eu não posso ser um Caçador.

— Claro que você pode. — Elena já tinha pensado nisto. — Você não vai ser capaz de fazer o que você faz agora, lealdades divididas e tudo isso, mas você é nascido caçador. Nós somos raros e cada um de nós é necessário.

— Eu não tive o treinamento.

— Você vai ter todo o tempo do mundo para o treinamento, — ela lembrou. — Vampiros são quase imortais.

— Quem vai cuidar de tudo isso? — Tomou Seu olhar no quarto. — Você mesma disse. Ninguém mais pode fazer o que faço.

— Não, — Elena admitiu. — Mas você acha que alguém na Sociedade vai invejar você por fazer a escolha de mudar sua vida em outra direção?

— Essa não é a questão. Essa informação eu só passei para Sara, isso significa que ela reconhece que a situação poderia ser hostil e que deve ser atribuída uma equipe. Se você não está aqui, a Intel não é captada e as pessoas morrem.

Encolhendo, Elena admitiu a verdade.

— Eu recebi a confirmação, que você poderia ser um candidato, há algumas semanas. A razão pela qual eu só estou dizendo a você agora é porque Sara teve que trabalhar para cobrir sua ausência, se você decidir escolher isso.

Um brilho — Oh? — Perigoso em seus olhos.

— Ela percebeu que precisaria de seis pessoas treinadas para fazer o que você faz sozinho.

O brilho se transformou em um sorriso de satisfação.

— Eu lhe disse que era indispensável.

— Sim, sim. De qualquer forma, estávamos esperando que, se você decidir aceitar a candidatura, você iria treinar seus substitutos antes de ir.

Vivek ficou em silêncio por um longo tempo, seus olhos no formulário.

— Cem anos de escravidão para ter o uso do meu corpo. — Foi um sussurro. — Cem anos à mercê de algum imortal aleatório que pode decidir me tratar como um cão de estimação.

— Os anjos não são estúpidos. Você é altamente talentoso, ninguém vai querer colocá-lo em qualquer tipo de posição servil.

— Eu não vou ser capaz de caçar imediatamente, embora, vou? — A carranca. — Vou até ser um caçador depois que eu for feito?

— Eu não tenho ideia. — Elena não ia mentir para ele sobre qualquer coisa. — Tanto quanto se sabe, nenhum caçador já foi feito, com exceção de mim, e, bem, eu sou um tipo de caso especial. Nascida de caçador.

— Então, eu poderia ganhar o uso de minhas pernas, mas perder minhas habilidades de caça e da Sociedade.

— Sim, o risco é um grande problema. — Só Vivek poderia decidir se valia a pena. — Eu posso te dizer uma coisa, porém: você não estará sob o comando de algum anjo aleatório, você vai ser anexado à torre, diretamente sob o comando de qualquer dos Sete que estiver no comando no momento.

— Puxando as cordas para mim?

— O que você acha? Eu deixaria meus amigos pendurados? — Ela olhou para ele até que ele teve a graça de parecer envergonhado. — Raphael entende lealdade, bem como qualquer um de nós. Assim como os Sete. O fato de estar cuidando do meu próprio não é exatamente uma notícia. — Esticando suas asas, ela as reagrupou. — Mas eu não estou sendo altruísta aqui, por isso não me dê um halo.

— Amigos, — disse Vivek lentamente. — São importantes. Especialmente para um imortal em uma posição de poder.

— Eu sabia que a sexy morena tinha deixado algumas células do cérebro.

— Se eu passar por isso e sair com minhas habilidades de caça intacta, então o que?

— Anjos amam caçadores, — disse Elena. — Suas habilidades serão usadas, embora não necessariamente sempre como seriam pela Sociedade. — Um fato contundente. — Você vai ter que manter segredos da Sociedade, e seu tempo será primeiro da Torre, mas eu tenho uma promessa de Raphael que você pode permanecer nos cadernos da Sociedade.

Vivek jogou para fora da tela.

— Você já pensou em tudo.

— Não, V, eu não pensei. Eu não posso. Somente você pode fazer isso. — Ele era o único que estaria entrando no desconhecido, para o que poderia vir a ser uma centena de anos de inferno, independentemente de suas promessas. — Eu só queria que você tivesse cada pedaço de informação que eu pudesse lhe dar.

— Vamos terminar este jogo, — disse ele, por fim.

Elena apontou para o tabuleiro.

— Você fez ‘gato’ enquanto eu fiz ‘zigoto’. O jogo é tão longo que é pré-histórico.⁸

Vivek riu, seu rosto vincado com ondulações masculinas que eram uma visão incomum, com os olhos brilhantes. E ela sabia que, qualquer que seja a sua escolha, a amizade deles iria sobreviver.



Raphael viu Elena olhar para seu templo enquanto eles iam para as nuvens minutos após o desembarque no Japão, sua intenção era de montar os ventos para a parte final da viagem para a cidade antiga.

— Não houve nenhuma mudança, — ele disse a ela, voando perto o suficiente para que eles pudessem falar.

— Bom. — Ela puxou longas respirações do ar frio do inverno, florestas montanhosas desta parte da Kagoshima espalhavam-se abaixo deles. — Eu sempre esqueço quão indomada é aqui, — disse ela, suas asas um respingo de cor dramática contra o verde escuro quando ela caiu abaixo da camada de nuvem.

⁸ [Scrabble](#) – jogo em que quem forma palavras maiores ganham mais pontos.

Voando mais perto dos gigantes da floresta, ela desviou das copas das árvores com uma graça que teria sido inesperada em alguém tão jovem em termos angelicais se não tivesse sido um caçador, seu corpo e mente treinados para fisicalidade difícil. Seu voo assustou um rebanho de cavalos selvagens, que foram galopando nas névoas que pairavam sobre as florestas de uma tempestade recente.

Viu?

Voando para baixo para se juntar a ela, ele disse.

Quando eu era um bebê crescendo em Amanat, meus amigos e eu gostávamos de correr junto com os cavalos mantidos na cidade naquela época.

Risos no ar, seu cabelo em chamas na luz solar da montanha.

Será que você sempre ganhou?

Não, é por isso que foi muito divertido.

Foi a primeira vez em uma eternidade que ele se lembrou de uma memória, enterrada como tinha estado sob séculos de poder e política.

Olhe para as copas das árvores, ele disse para Elena, vislumbrando movimento. *Nossos amigos curiosos estão de volta.*

Com o cuidado de manter sua altura, Elena olhou para baixo. Ele sabia que no instante em que viu os macacos que sempre surgiam em algum lugar ao longo da sua trajetória de voo para Amanat, seu deleite apareceria, ela pareceu a menina que nunca tinha tido a chance de ser ungida com o sangue de suas irmãs em uma idade em que deveria ter sido uma pestinha para essas mesmas irmãs.

Lá está, um pouco mais para a esquerda, ela disse, sua voz mental um sussurro. *Eles estão apontando para nós.*

Ficando em sua altitude atual quando ela ousou ir um pouco mais perto, suas penas primárias como ouro branco na luz, ele manteve-se atento para as ameaças. Um dia antes do baile, já eram suscetíveis estarem qualquer número de pessoas muito perigosas ao redor da cidade. E todos sabiam que Elena era o coração de Raphael.



O escudo estranho de energia que normalmente protegida Amanat não estava em evidência hoje, eles voaram direto para pousar na borda do mesmo. Fechando suas asas, Elena seguiu o azul selvagem dos olhos de seu arcanjo para um vampiro que corria ao longo da parede defensiva que cercava a cidade antiga.

Credenciais de Elena da Sociedade sempre tinha dado a legenda de *Licenciado para Caçar Vampiros e Outros Diversos*. As licenças históricas emolduravam a biblioteca da Sociedade, amareladas e em ruínas, todos observavam o mesmo, mas o engraçado era, além da caça de Elena a Uram, os homens e mulheres do clã não caçavam nada, exceto vampiros.

Ela sempre imaginou que a tag "Outros Diversos" era para cobri-los em caso eles tivessem que ir atrás de um ser humano no curso de um caso da Sociedade, tinha estado satisfeita com esse entendimento.

Hoje, no entanto, quando ela observou Naasir galopando sobre a parede com uma graça estranha, que o fez aparecer desossado, ela teve a sensação de que ela não sabia tanto quanto pensava.

— O que, — ela disse a Rafael, — é ele? — Independentemente de ter visitado Amanat mais de uma vez até agora, ela tinha muito pouco contato direto com Naasir.

Raphael deu-lhe um olhar distintamente divertido.

— Naasir é um dos meus sete.

Raphael.

— O que você pensa que ele é?

— Um tigre na caça, que é como eu categorizei seu cheiro a primeira vez que eu o conheci, e não mudei de ideia, — disse ela, quando Naasir desceu a parede com uma facilidade que fez parecer que ele andou em uma superfície plana. — Sua voz pode ser cultural, mas há algo intensamente feral sobre ele. É diferente do que eu sinto com Venom... ou mais profundo, eu não sei.

— Eu acho que, — disse Raphael em seu grunhido frustrado, — vou deixar Naasir ser um mistério para você resolver. Eu não gostaria que a imortalidade se tornasse chata para a minha Consorte.

Elena soltou um grunhido, mas ela ficou intrigada com o desafio.

O vampiro chegou a eles no instante seguinte, inclinando a cabeça em uma pequena reverência.

— Sire. — Olhos de pura prata metálica contra a pele de um rico marrom encontraram Elena. — Consorte. — A saudação foi formal, mas como sempre, ela teve a sensação de que em qualquer outra situação, ele a veria como presa.

Balançando a cabeça em troca e resistindo à vontade de ir para uma arma, ela percebeu que o vampiro tinha cortado o cabelo. Chegava a sua nuca a última vez que ela o viu. Isso agora apenas escovava, as ondas irregulares em torno de seu rosto prata ainda agitados e tão vividos.

Era difícil de descrever esse prata, não era nada parecido com o cinza antigo. Não, era verdadeiro prata, brilhante e metálico, até que ela tinha certeza de que se você pegasse os fios de cabelo de Naasir e tecesse-os em uma pulseira, pareceriam como se fosse feita de metal precioso. No entanto, quando o vento levantou seu cabelo longe das linhas exóticas de seu rosto, ela viu que era macio, cada vertente primorosamente fina. Em seguida, eles se estabeleceram de volta no lugar, e assim fez o efeito metálico.

Um tigre com olhos de prata.

Um que tinha sido visto com a cabeça inclinada sobre o pescoço de um anjo claramente na agonia da felicidade sexual, sua mão presa em seu cabelo e suas presas molhadas com o sangue dela. Até aquele momento, ela não tinha percebido que anjos permitiam que vampiros se alimentassem deles, mas, em seguida, Naasir não era nenhum vampiro comum... se ele fosse um vampiro no final das contas.

CAPITULO 21

— Não, Naasir, — disse Raphael, como se o outro homem tivesse falado. — Você não pode fazer de Elena uma refeição.

— Uma pena, — veio a resposta inexpressivo. — Eu nunca tinha comido a carne de um anjo novo.

Os olhos apertados, Elena olhou de um para o outro.

— Muito engraçado.

O olhar de Naasir permanecia sobre ela.

— Eu não percebi que tinha uma piada envolvida.

Ok, isso levantou os cabelos na parte de trás do pescoço.

Era uma piada, certo? Ele na verdade não come anjos?

Raphael esticou suas asas.

Não, normalmente não. Ele prefere jogos selvagens.

Decidindo que ela definitivamente iria devolver isso para seu muito-muito-divertido Consorte, ela caminhou na frente dos dois, a presença de Raphael ao lado de Naasir era a única razão que poderia aceitar a ameaça de olhos prateados em suas costas.

Enquanto caminhava, Elena focou nas mudanças aconteceram desde a sua última visita. Amanat tinha sido despertada em graus lentos, mas estava agora literalmente em plena floração apesar do frio. Recordando a sensação de clima temperado na cidade da última vez, ela decidiu que a blindagem deveria ajudar a manter uma temperatura agradável e constante dentro.

Flores despencavam de vasos e floreiras, vermelhos brilhantes e rosas exuberantes, juntamente com os azuis e os amarelos inesperados e deslumbrantes, as pétalas macias e as flores que iam desde pequenas flores rosas para o tamanho de pratos de jantar. Seu perfume era uma rica tapeçaria que

encantou seus sentidos, e pairava no ar, as cores vibrantes contra a pedra cinzenta dos prédios.

Uma mulher que passava vestida com um vestido de gaze em um tom bonito de doce de pêssego, mas sem dúvida estaria com frio com o escudo para baixo, baixou os olhos no instante em que ela vislumbrou Elena.

Por que cada vez que venho aqui, ela disse, desconfortável com a resposta, *todo mundo me trata como...*

Realeza? Porque você é.

Seus ombros apertaram. Uma coisa era saber que ela era Consorte de um arcanjo, uma outra era ser tratada como se tivesse um poder quando ela sabia muito bem que muitos daqueles que baixavam a cabeça para ela tinha muito mais poder em seus pequenos dedos do que ela tinha em sua totalidade de ‘corpo de bebê anjo’. *Caliane não gosta de mim.* Isso fazia a respeitabilidade formal, ainda mais inquietante.

Na verdade, Elena acrescentou, virando à direita para seguir uma via de outra forma deserta quando Naasir indicou que a Anciã esperava nessa direção, *ela provavelmente ficaria encantada se Naasir liberasse seus instintos carnívoros.*

Minha mãe é um arcanjo antigo. Quaisquer que sejam suas opiniões sobre nosso relacionamento, ela nunca iria lavar roupa suja da família em público.

Eu já te disse o quanto eu odeio todas essas regras estúpidas e educadas?

Carrancuda, ela chegou ao final do caminho... e a respiração correu para fora dela. Em frente a ela estava uma pequena lagoa alimentada por uma cachoeira tão elegante que seu som era uma delicada música. Flores cresciam em torno da água, a área um tapete de jacintos que lembravam Illium.

Apenas um único banco de pedra perturbava o azul-verde do tapete natural e sentado nele estava um arcanjo de beleza de tirar o fôlego, com o cabelo tão negro como a noite e as asas de um puro branco. As safiras em formas de olhos pareciam cheios de uma tristeza quando ela virou para ver quem perturbava a paz, mas a alegria deslumbrante que iluminou seu rosto ao ver Raphael logo eclipsou o que tinha estado ali antes.

— Meu filho.

Levantando-se, caminhou até ele através dos jacintos, suas asas arrastando ao longo da grama... e embora ela pisasse sobre as flores, elas saltaram de volta ilesa. Foi uma exibição poderosa de poder, tanto mais porque Elena tinha certeza que Caliane não tinha conhecimento disso, toda a sua atenção estava sobre Raphael.

Quando ele inclinou para beijar a bochecha dela, Elena viu os olhos de Caliane molhados.

— Vamos. — Ela pegou o braço dele. — Deixe-me mostrar-lhe como minha cidade tem crescido desde nosso último encontro.

— Mãe. — Tranquilo, mas forte. — Você não cumprimentou minha Consorte.

— Caçadora da Sociedade.

Elena sentiu o desejo de verificar o ar para uma geada, já que a saudação foi tão gelada.

Eu pensei que você disse que ela nunca era rude, ela murmurou no plano mental, mesmo quando ela fez um gracioso arco de saudação, cortesia da tutoria de Illium.

Parece que você é um caso especial.

Sufocando uma risada com a fria resposta, Elena saiu em passo ao lado de Naasir quando Caliane colocou Raphael a frente. Ela teria que dizer a Sara sobre isso, sua melhor amiga achava seus problemas com a sogra além de histérica. Como uma mulher que nunca tinha imaginado que pudesse confiar em qualquer macho o suficiente para amarrar sua vida a sua, muito menos conhecer e lidar com sua mãe, Elena encontrou isso catártico, compartilhar a estranheza dessa parte de sua vida com Sara.

— Consorte, — Naasir disse, com aquela voz suave, ela teve o bom senso que poderia tornar-se um rosnado letal sem aviso. — Há algo que o *Sire* me pediu para lhe mostrar.

Ela não podia lê-lo. Nada. Isto era realmente como falar com uma grande besta predatória que ainda não decidiu se vai comê-la. A palma coçou, ela cedeu e puxou uma faca, jogando-a aborrecidamente através de seus dedos como um cobertor de segurança mínima. — O que é?

— Por aqui. — Ele acenou para um caminho estreito para a esquerda.

Raphael, eu estou indo para lugares desconhecidos com este vampiro que não é um vampiro.

Ele prometeu não morder sem aviso prévio.

Imaginando a vingança diabólica que ela ia derramar sob Raphael por provocá-la tão impiedosamente, ela seguiu o homem de olhos prateados que continuou a fazer seus sentidos coçar e a parte primal do seu cérebro estar em prontidão para o voo.

— Posso fazer uma pergunta?

Nenhuma resposta, nenhuma reação.

Decidindo que não queria dizer não, ela foi em frente.

— Quem fez você?

Venom, com a sua velocidade de réptil e os olhos de uma víbora, tinha sido feito pela Rainha das serpentes e venenos; pode ser que Naasir, também, mantinha a marca de quem o tinha feito... se ele *tivesse* sido feito e não fosse uma criatura totalmente desconhecido.

— Um anjo morto há muito tempo que pensava apenas em si próprio, — foi sua resposta enigmática, a prata em seus olhos quase líquido. — Eu arranquei sua garganta. Depois disso, eu comi seu fígado e seu coração. Os restantes dos órgãos internos não eram tão saborosos, então eu dei a suas outras criaturas.

A mão de Elena apertou no cabo da faca, consciente que Naasir carregava reluzentes lâminas nas bainhas amarradas em seus braços.

— Eu não pensaria que um vampiro que matou um anjo teria permissão para viver.

Um lento sorriso feral.

— Eu não disse que eu o matei.

Cada fio de cabelo em seu corpo levantou-se, o mesmo instinto que tinha provavelmente salvado seus antepassados de tigres dentes de sabre dizendo-lhe para correr uma porra de distância! Rápido!

Exceto que eles tinham chegado a um templo antigo que ainda não tinha sido reparado, partes dele caiu e estava coberto com trepadeiras polvilhadas com pequenas flores em forma de estrela azul e branco. O misterioso vampiro-talvez-não-vampiro levou-a pelos degraus. Suas próximas palavras foram pragmáticas e

tão civilizadas, que ela mal podia acreditar que era o mesmo homem que tinha falado sobre comer figado e o coração de um anjo.

— Eu fiz esta descoberta algumas horas atrás, — disse ele. — Como é na periferia da cidade, fácil de guardar, eu decidi esperar para agir até a chegada do senhor.

Um anjo sussurrou fora das sombras no final de suas palavras, suas asas brancas com um beijo delicado de verde nas primárias, a partir do que Elena podia ver, e sua roupa era semelhante à de Elena, exceto pelas calças, a desta mulher eram de algum tipo de forte tecido marrom em vez de couro, e seu tope branco uma coisa que fluía em vez do estilo mais embutido de Elena. Ela ainda não era o suficiente especialista em combate com as asas para arriscar se embaraçar a si mesma ou suas armas com roupas froufrou.

— Consorte, — disse a outra mulher. — Eu sou Isabel.

Parceira da Naasir, Elena percebeu, situado aqui para dar ao vampiro um suporte alado.

— Elena, — ela disse e estendeu-lhe a mão, a outra mulher tinha estado longe de Amanat durante as visitas anteriores de Elena.

Isabel sacudiu-a com um sorriso, seus olhos um extraordinário marrom escuro, seu cabelo preto puxado para trás em um nó elegante na nuca de seu pescoço, e sua pele em um tom dourado que lembrava a Elena, de pinturas que tinha visto de deusas egípcias.

— Eu tenho a certeza de nada foi perturbado, — Isabel disse a ela. — Aqueles que se aventuraram por esse lado, foi fácil persuadir a buscar outros prazeres.

Uma ligeira mudança nos ventos que viajavam através do templo, a blusa de Isabel se levantou de seu corpo por um segundo fugaz quando os sentidos de Elena levantaram em alta velocidade. *O cheiro de decomposição, putrefação... e abaixo dele, de doença.*

Não necessitando de Isabel ou Naasir para mostrar-lhe o caminho, Elena entrou no edifício danificado, o telhado de uma filigrana que criava padrões delicados de luz e sombra debaixo de seus pés. Em qualquer outro momento, ela teria demorado, tirado fotografias do efeito e compartilhado com Eva, sua meia-

irmã caçula totalmente fascinada pela cidade perdida que ganhava vida em uma terra longe de sua pátria original.

Hoje, porém, ela seguiu a trilha de cheiro em uma linha quase reta para do outro lado do templo. A mulher estava sentada com as costas contra uma das colunas entalhadas, uma mão embalada em uma cesta de flores mortas, a cesta posicionada de uma forma que fez Elena achar que a vítima tinha disposto a si mesma para baixo, seu corpo cansado demais para ir mais. Ela usava um vestido de seda vermelho escuro que lisonjeava sua feminilidade sem ser sexual, o tecido vibrante contra o rico creme de sua pele devastada.

O cheiro era distintivo, mas fraco, a corrente fria na cidade tendo preservado a vítima como ela tinha morrido.

Preparando seu estômago contra a corrente de pena e raiva, Elena se agachou, suas asas espalhando sobre a lisura gelada do chão de pedra. Um simples olhar foi suficiente para confirmar que o extraordinariamente pequeno número de feridas que marcavam a mulher era visualmente idêntico àqueles sobre os corpos das vítimas de Nova York. Não havia outras lesões óbvias, mas isso poderia ser ilusório.

Tristeza oprimida enquanto ela se levantou, a vítima aparecendo uma boneca quebrada e descartada por uma criança descuidada. Elena esperava que ela estivesse agora em paz, esta mulher encantadora que passara mil anos no sono, só para morrer antes que ela já tivesse explorado o novo mundo em que ela tinha despertado.

Deixando-a dormir contra a pedra, Elena saiu para a luz do sol onde Isabel aguardada com Naasir.

— Há quanto tempo ela estava desaparecida? — Ela perguntou, andando alguns passos para que ela pudesse espalhar suas asas, a necessidade de aproveitar a luz solar após a tristeza fria dentro de um templo claramente construído para ser um lugar de bela serenidade.

— Oito horas, no máximo. — O tom de Isabel foi direto, mas manteve a mesma tristeza pesada que havia se infiltrado nos ossos de Elena. — Amanat é uma cidade pequena, muito unida, — continuou o anjo, — E ela dividia uma casa com dois primos. Eles soaram o alarme quando ela não chegou em casa para a sua refeição todas as noites.

— Ela estava saudável antes disso?

— Estava tomando a seu corpo mais tempo para ajustar a estar fora do sono do que a maioria. — Isabel desceu para se juntar a Elena à luz do sol. — Como resultado, embora ela fosse mortal e não avessa a compartilhar sua força de vida com a família de sangue, ela não tinha se alimentado de ninguém em muitos dias.

Este último comentário deixou claro que Isabel e Naasir tinha estado atualizados com as descobertas que tinham feito sobre a doença.

— Desde que você não tenha outro infectado, — rápida olhada para Isabel para confirmar. — Isso provavelmente significa que o inimigo pretendia usá-la como um portador. Só que ela estava muito fraca para lidar com o vírus.

A mandíbula de Isabel apertou, olhos duros.

— Se ela tivesse estado mais forte, ela poderia não ter entendido que estava doente, até que fosse tarde demais, assim, infectando aqueles que ela alimentou de boa fé.

Triste como a situação era, isso pareceu confirmar a sua teoria de que a doença só podia ser passada através de uma transferência de sangue, e como Keir tinha declarado, uma certa quantidade da mesma. Caso contrário, o arcanjo por trás dele não se preocupou com um método tão lento da infecção, um que significava que ele ou ela teria de fazer contato com o ser humano escolhido como o portador.

Claro, um arcanjo poderia limpar a mente, por isso não era um risco tão grande no esquema das coisas, mais uma inconveniência.

— O povo de Amanat vai para fora dos muros da cidade a qualquer hora?

O aceno de Isabel foi imediato.

— Caliane encorajou-os a explorar seu novo mundo, mas eles quase sempre iam em grupos e voltavam juntos. Kahla, apesar de sua relativa fraqueza, era mais intrépida, eu posso imaginar ela indo para um passeio por conta própria.

Kahla. Ter um nome, um vislumbre de seu espírito, fez isso pior.

— O momento, — Naasir disse, falando pela primeira vez desde que Elena saiu do templo, — Não pode ser uma coincidência.

— Não. — Virando-se, ela encontrou ambos os seus olhares. — Ninguém pode saber disto. — O arcanjo por trás dele tinha que acreditar que ele ou ela tinha falhado na tentativa de se infiltrar na cidade. — Precisamos também manter as pessoas de Caliane dentro das muralhas, por enquanto. — Devido à alta covardia dos ataques, Elena não achava que o indivíduo por trás disso teria a coragem de raptar e infectar um do povo de Caliane em um modo público.

— Ninguém vai sair.

Elena não empurrou o vampiro para uma explicação sobre a forma como ele pretendia conseguir isso, Naasir pode fazer seus instintos erriçar em aviso de autoproteção, mas ele era um dos Sete por uma razão. Se havia uma coisa que Elena sabia sobre os homens de maior confiança de Raphael, eles eram os que conseguiam o trabalho feito.

— E eu, — disse Isabel, — Calmamente examinarei qualquer pessoa que tenha estado fora dos muros nos últimos três dias, no caso de nosso inimigo ter tocado mais de um. — Um olhar para trás no templo. — Há um vulcão não muito longe. Eu posso levar Kahla para seu descanso final, quando a noite cair.

Tocada pela gentileza na voz de Isabel, Elena, no entanto, negou com a cabeça.

— Keir terá de examinar o corpo. — Sobrancelhas franzidas, ela considerou a logística do mesmo. — Ele vai precisar esperar até depois do baile para evitar suspeitas, mas estou supondo que o escudo vai subir assim que os convidados que irão passar a noite estiverem dentro. — Isabel acenou para ela, — O que significa que a temperatura vai subir. — E Kahla iria começar a apodrecer.

— Amanat não tem instalações de refrigeração adequada, — Isabel disse a ela, — Mas há uma vila de pescadores há duas horas para o leste. Eu vou ter uma unidade local buscando um de seus caminhões refrigerados para a floresta onde vai estar escondida da vista e fora do alcance da audição.

Seria no frio, Elena pensou, Kahla sentaria-se sozinha, enquanto a cidade dançava.



— Eu sinto muito, Mãe, — disse Raphael, quando Caliane andou com ele através de sua cidade, seu povo, oferecendo-lhe sorrisos tímidos, os olhos encharcados com amor quando eles se fixavam em Caliane. — Naasir me contou sobre a perda de um dos seus próprios.

— Kahla era uma menina doce, vivaz como um pequeno pássaro, curioso como um, também. — Tristeza profunda e verdadeira, seguido por uma chicotada de fúria. — É covardia tomar uma vida inocente de tal forma, sem a pretensão da honra de combate aberto.

Sua mãe, Raphael pensou, nunca iria acreditar que ela tinha acabado de ecoar as palavras da Caçadora que era Consorte de Raphael.

— Nós vamos descobrir o criminoso e fazer sua covardia conhecida. — Era uma coisa infectar um voluntário de suas próprias terras, outra era tentar usar uma empregada doméstica que nada sabia da batalha.

A expressão de Caliane suavizou quando ela inclinou a cabeça para trás para encontrar seu olhar.

— Sim, você vai, meu menino bonito.

Novamente, eles caminharam em silêncio por vários minutos.

— No último Cascade, — disse ele, sabendo que ela era o único ser vivo com idade suficiente para saber a resposta, e alguém que nunca o trairia para outro, — Você sabe de algum arcanjo que ouviu sussurros em seus sonhos?

Era uma coisa estranha para perguntar, mas sua mãe simplesmente parecia pensativa e ele podia senti-la virar as páginas de sua existência.

— Não, — ela disse finalmente, parando ao lado de uma parede inteiramente coberta com flores rosa, sua expressão examinadora quando ela virou sobre ele. — Você?

Ele ouviu a preocupação que ela não podia esconder... e ele sabia.

— Pai ouviu sussurros, não foi?

Tristeza mais escura e mais velha do que a causada pela perda de Kahla, uma tristeza que fez seus ossos doerem.

— Meu amado Nadiel teria ficado tão orgulhoso de ver o que você se tornou. Ele sempre disse que você era o melhor de nós dois.

Em evadir sua pergunta, ela havia lhe dado sua resposta. Seu pai tinha ouvido vozes em sua loucura e agora Raphael ouviu-os também.

CAPITULO 22

Vinte e quatro horas depois que ela deixou o templo, Elena encontrou-se na posição surreal de se preparar para se vestir para um baile formal, enquanto um caminhão refrigerado não longe da cidade, estaria escondido da vista dos anjos que iria em breve estar voando em Amanat. Um número já estavam aqui, a cidade em uma onda de excitação, a maioria dos moradores desconheciam a morte de Kahla.

Caliane tinha tomado a decisão de adiar o anúncio até depois do baile. — O meu povo tem trabalhado tão duro por esta noite. — A morte será explicada como uma queda trágica que quebrou o pescoço de Kahla. A jovem ainda seria enviada para o coração de um vulcão, mas como parte de um serviço funeral completo para dar aos seus amigos e familiares a oportunidade de dizer adeus.

— As pessoas não vão questionar o vulcão? — Elena perguntou agora, Raphael tinha acabado de receber a atualização sobre o funeral de Naasir.

Ele balançou sua cabeça.

— Não, o povo de Amanat nunca enterravam seus mortos, por isso vai ser visto como uma despedida apropriada.

— Caliane, — disse ela, apertando o cinto em seu robe, — Ela está bem? — Raphael tinha passado um tempo com sua mãe naquela manhã, enquanto Elena explorava Amanat na companhia de Isabel.

— Ela lamenta. — Sua parte superior sem camisa, ele ficou nas portas da varanda aberta de sua suíte do terceiro andar, com vista para a agitação da cidade abaixo. — Minha mãe sempre estimou o povo de Amanat.

Elena não podia discutir com isso, não quando ela sabia que Caliane tinha levado seu povo para dormir com ela, ela valorizava-os tão profundamente. Essas pessoas por sua vez, adorava-a com uma abertura e um

carinho tão sincero, que lhes deu um raro sentido de inocência e à cidade um calor inesperado no coração.

— Kahla é a primeira que ela perde desde o Despertar. — Suas mãos fechadas sobre a dela quando ela colocou os braços ao redor dele por trás, seu rosto na seda viva de uma de suas asas e as palmas das mãos sobre o músculo ondulante de seu abdômen. — Se ela pudesse cancelar o baile, ela o faria, mas é tarde demais.

Elena pensou na tristeza assombrada que ela vislumbrou no rosto de Caliane.

— Como é que ela não vê ninguém menos como descartáveis, dado o tempo que ela viveu? — De todos os arcanjos que Elena conhecia, incluindo Raphael, era Caliane que aparecia o mais ligado a seu povo, mortal e imortal.

— Perguntei-lhe essa mesma pergunta uma vez quando era um menino, — respondeu Raphael. — Foi depois que tínhamos ido para os territórios dos outros dois arcanjos dentro de um curto período de tempo, nenhum dos dois tratavam seus povos como eu sempre vi minha mãe fazer.

— Ela me disse que havia um tempo em que ela, também, foi totalmente afastada do mundo. Foi seu amor por meu pai, que começou a mudança... e meu nascimento que completou isso. — Ecos de tempo, de memórias do alvorecer da sua vida. — Ao se tornar uma mãe, ela encontrou uma capacidade de amar que transcendia a mudança engendrada pelo tempo e energia.

Elena pensou na vida que Caliane tinha vivido, tentou imaginar o peso de tantos anos. Para ver uma eternidade passar, em seguida, se apaixonar e ter um filho, só para assistir o seu companheiro ser consumido por uma loucura que a obrigou a executá-lo. E, mais tarde, para ser consumida pela mesma insanidade, causar danos à criança, que era o último lembrete acalentado de seu companheiro, para dormir por mais de mil anos e acordar para encontrar o seu filho, um homem de poder incrível... aquele que tinha dado asas a uma mortal.

— Se isso acontecer para nós, — ela sussurrou, incapaz de envolver sua mente em torno da ideia de uma vida tão longa e tão cheia de tragédia, — Se nós sentirmos nós mesmos, quem somos juntos tornando-se perdido no tempo, eu não quero dormir. Eu quero dizer adeus quando eu ainda sou eu e você ainda é você. — Um final limpo, afiado em vez de um desenrolar gradual.

Virando, Raphael segurou seu rosto, seus olhos incandescentes.

— Caliane e Nadiel nunca perderam um ao outro, Elena. Meus pais se adoravam mesmo na loucura. — E assim, Raphael pensou, que seria com ele.

As mãos de Elena caíram de sua cintura, prendendo o dedo ligeiramente para dentro.

— Juntos, — ela disse, e ele sabia que ela estava recordando o que ele disse a ela sobre a admissão involuntária de Caliane sobre os sussurros que atormentavam os seus sonhos, as palavras de sua Caçadora um lembrete da promessa que tinham feito um ao outro.

Se nós cairmos, caímos juntos.

Olhos indo ao seu templo agora, ela balançou a cabeça, a mandíbula.

— Se você ousar ir antes de mim, vou assombrá-lo na vida após a morte.

— Ser assombrado por meu coração não é uma ameaça. — Puxando a cabeça para trás, ele reivindicou os seus lábios. Isso serviu apenas para iniciar um beijo, precisando provar a ardente *vida* dela, mas eles foram para a cama segundos mais tarde, seu robe caindo no tapete para deixar seu corpo de pele dourada aberta a suas carícias. Paixão, um estrondo de sensação em seu sangue, ele a levou para os lençóis, os seus membros emaranhados e pele quente quando eles forjaram uma outra memória que iria manter por toda a eternidade.



Seu corpo tinha a sensação de ser deliciosamente usado, Elena fixava as finais alças do maravilhoso vestido, que ia até os tornozelos e que tinha magicamente aparecido na bagagem que um dos funcionários de Raphael tinha conduzido do jato para Amanat. Ela desistiu de tentar descobrir quando ou como roupas formais, como essas apareciam em seu guarda-roupa, ou em sua mala, aliás, tudo o que sabia era que um alfaiate vinha a cada dois meses, levava suas medidas, e as coisas apareciam quando ela precisava delas. Ela estava bem com isso.

O vestido de hoje era como espuma do mar em torno de seus tornozelos, a cor de um azul-celeste evocativo, os botões minúsculos que ancoravam as correias concebidos para abraçar seu corpo era facetado de diamantes, e o laço azul de um lado era impressionantemente inesperado. Ela não usava suas bainhas no antebraço, mas amarrados nas joias estavam a lâmina e a bainha, conjunto que Raphael havia lhe dado antes do último baile que eles compareceram.

Isso havia sobrevivido à carnificina que se seguiu, e a lâmina, doce e mortal, parecia lindamente decorativa em seu bíceps. Ela deslizou uma segunda lâmina em uma bainha na coxa, seu vestido criado com uma fenda discreta que lhe dava acesso rápido, o alfaiate sabia quem ele iria vestir, isso estava claro. Para o cabelo, ela o colocou em uma chique torção, ela escorregou as lâminas em forma de pinos dadas a ela como um presente pela princesa de Jason, o espião atualmente na outra extremidade de uma ligação que Raphael tinha recebido enquanto estava abotoando sua camisa preta severamente formais.

— O que ele disse? — Ela perguntou, quando ele terminou a chamada.

Tomando à vista de sua Consorte em seu ornamento, Raphael atravessou o espaço para correr um dedo ao longo da curva de seu corpete, a maneira como ela arqueou o pescoço em um arrepio responsivo seduzindo-o a dobrar, pressionar os lábios em sua garganta.

— Você parece uma cortesã mimada. — A lâmina ornada de joias em seu braço só contribuiu para esse efeito.

Ela alisou as mãos sobre o tecido de sua camisa.

— Bom. — Seus dedos trabalhando nos botões restante, — O melhor para enganar as pessoas.

Seria um indivíduo estúpido que iria perder a percepção aguda dos olhos de Elena, a caça fluía na graça de sua caminhada.

— Jason, — disse ele, em resposta à sua pergunta anterior, — Já não ouviu sequer um sussurro de outras mortes vampíricas como as de Nova York, e nenhum incidente com os mortais como em Amanat.

— Hmm. — Deslizando sua mão na dele, ela o levou para varanda, que tinha vista para a praça empedrada que era para ser o centro do baile, a área

iluminada com candeeiros de pé de ferro delicado à moda antiga, e acentuado com as flores naturais da cidade. — São todos os bailes imortais ao ar livre?

— Para a maior parte, um salão de baile grande o suficiente para lidar confortavelmente com tantas asas seria uma estrutura impessoal.

— Como um estádio. — Ela fez uma careta. — Eu entendo porque anjos preferem um ambiente ao ar livre. É muito mais bonito desta forma. O tapete sobre os paralelepípedos, que deve ter levado aos tecelões uma vida humana para ser concluído.

Raphael acenou com a cabeça, fazendo uma nota mental para levá-la para visitar os tecelões mestres no Refúgio em sua próxima visita. Elena gostaria de receber tanto a sua habilidade e sua arte.

— Você vê como os edifícios são construídos em um padrão escalonado ao redor da praça? — Deslizando um braço em volta da cintura, apontou o design com a outra. — É assim que cada cobertura tem uma visão ininterrupta das festividades.

O rosto de Elena brilhava quando ela entrou nas áreas de estar informais que surgiram naqueles telhados, cada um morno com luz de velas.

— Foi construído dessa maneira de propósito!

— Sim. Devemos ter um baile em Manhattan, — disse ele, rindo quando ela fingia apunhalar-se no olho, — Isso vai nos obrigar a ser criativo. Eu não estava pensando nas esferas angelicais quando eu construí a minha cidade.

— Graças a Deus ou eu teria que me divorciar de você. — Inclinando contra ele, suas asas deslizando intimamente umas contra as outras, ela voltou para a escuridão sob o brilho e o dourado. — Se Jason estiver certo, Amanat era o único alvo além de Nova York, em seguida, isso reduz a pequena lista de possíveis inimigos para um.

— Sim, Lijuan parece ser a candidata perfeita, mas Jason está certo que Lijuan não deixou seu reduto o mês passado.

Elena franziu a testa.

— Não que eu duvide dele, mas ela tem uma outra forma não corporal.

— Eu fiz a mesma pergunta, mas seu arcanjo favorito tem estado aparentemente altamente visível, frequentando festas em sua honra no seu território. — Ele viu um pássaro minúsculo vir para saborear em uma das

grandes flores que subia ao lado da casa, suas asas com um pouco de vermelho e verde. — Lijuan estava em um festival de inverno, durante todo o período que Kahla estava ausente da cidade.

— Porra, isso nos leva de volta à estaca zero.

— Não é bem assim, pois agora sabemos que Lijuan não é o fomentador da doença. — No entanto, seus instintos disseram que ela tinha uma mão nisto mesmo assim. — Os outros, Neha... — Que tinha uma razão legítima para se excluir da compilação. — Vai estar aqui esta noite.

Sua Consorte sorriu quando o pássaro em tons de joias pulou sobre uma pequena mesa de um lado da varanda.

— Vou ver se consigo chegar perto o suficiente para pegar o perfume, — disse ela, com os olhos na pequena criatura. — Talvez uma vez que isto é uma doença de transmissão sanguínea, o anjo vai levar algum indício disso em seu próprio sangue e isso vai falar com os meus sentidos de caçadora.

Raphael não estava em desacordo com sua ideia, mas, segurando seu queixo suavemente, ele sustentou o cinza-prata do olhar dela.

— Não se permita ser separada de mim esta noite. — A situação era muito volátil, os riscos mortais. — Eu declararia guerra com qualquer um que te fazer mal, e todo o mundo imortal sabe desse fato.



Duas horas depois o baile estava extremamente civilizado. Elena, com seus sentidos hiperalerta, era quase decepcionante que todos mostraram-se em seu melhor comportamento, mesmo Michaela. O arcanjo tinha escolhido um vestido em vermelho deslumbrante, o corte acariciando cada curva, seus cachos brilhante e exuberante pelas costas, com os olhos com áreas em bronze e ouro; era impossível negar sua absoluta e dolorosa beleza.

Claro, que a beleza não a fazia menos de uma cadela.

— Raphael, — disse ela com um sorriso sensual. — Nós nos separamos de uma maneira ruim e eu estou em falta com você. Você não deve ficar com raiva de mim — um beicinho — Sempre fomos destinados a sermos amigos íntimos.

Ignorada pelo arcanjo feminino e feliz com esse fato, Elena focou em descobrir algum cheiro de Michaela. Tudo o que ela pegou era as notas complexas de um perfume exuberante, em seguida, lá estava isso, um respingo brilhante de ácido escondido.

Eu posso definitivamente sentir Uram nela.

Você pode julgar a profundidade da infecção?

Não.

Seu sentido de anjo era nascente na melhor das hipóteses; o fato de que ela poderia pegar alguma coisa de Michaela foi provavelmente devido ao fato de que Uram tinha sido um anjo nascido. Inchado com a toxina que transformava humanos em vampiros e era concebido para ser purgado em intervalos regulares durante o processo de fazer, ele tinha ido realmente insano, tornando-se um monstro mais cruel do que qualquer vampiro, sua sede de sangue e morte inextinguível.

Depois de Michaela, eles correram para Elias e Hannah, seguido por Tito, em seguida, Favashi. Nem Elena nem Raphael teve quaisquer suspeitas sobre Elias, mas ela fez uma leitura de cheiro, no entanto. Nada. Os outros dois arcanjos não registraram nada nos sentidos de Elena, também, mas poderia não significar nada. Quando Astaad, com seus olhos escuros e cavanhaque bem aparado, levantou sua mão à boca, sua mente brilhou ao que suas próprias mãos devem ter feito poucos meses atrás, quando ele tinha batido em uma de suas concubinas até um nada.

Esse ato brutal teria feito Elena querer cortar as mãos em questão, mas de acordo com a própria experiência de Rafael no território de Astaad, enquanto o outro homem era um governante duro e muitas vezes cruel, ele adorava suas mulheres, mimando-as a níveis exorbitantes. Ninguém jamais havia visto ele levantar sequer a sua voz a qualquer uma delas, e a crença geral era que a aberração tinha sido ligada ao Cascade ou à perturbação causada pelo despertar de Caliane. Assim, enquanto não era fácil, Elena tentou manter uma mente aberta quando se tratava do arcanjo masculino.

Logo que as formalidades foram completadas, ela voltou sua atenção para o vampiro ao seu lado. Os olhos da mulher eram uma escuridão assustadora, sua rica pele marrom e características marcantes colocando sua ascendência nas

ilhas do Pacífico que eram de domínio do Astaad, sua beleza tão refinada quanto um ser sobrenatural. Um velho vampiro, seu requinte o resultado de séculos de mudança sutil.

Sorrindo, ela disse.

— Eu sou Elena.

Olhos da outra mulher se arregalaram.

— Eu sou Mele, — ela respondeu após uma rápida olhada para Astaad que colocou os instintos de Elena em alerta, exceto que Mele não olhou novamente na direção do arcanjo.

Elas acabaram falando por mais de meia hora, descobrindo um terreno comum entre o estudo de longo prazo de Mele sobre os soldados vampíricos e a experiência de Elena como caçadora. Em um ponto, Elena confessou.

— Eu me sinto como um idiota.

— Se eu disse a...

— Não. — Elena balançou a cabeça. — Eu tinha uma imagem mental de uma ‘concubina’ — ela perguntou para Raphael se era educado usar esse termo, foi dito que sim. — E você só o esmagou em pedacinhos. — A outra mulher era uma estudiosa que falava línguas que Elena nem sabia que existia até Mele as mencionar.

— Ah. — Um sorriso aberto que a fez mais impressionante do que Michaela jamais seria. — Você vai, sem dúvida, conhecer outras pessoas que são as peças ornamentais que você espera, mas o meu arcanjo sempre valorizou inteligência e espírito. Todos as suas mulheres são assim.

Confortável com a outra mulher, Elena sussurrou.

— Vocês nunca ficam com ciúmes umas das outras?

Uma risada.

— Elas são minhas irmãs do coração. Eu não posso ter ciúmes de mim mesma.

Raphael, no caso de você está recebendo ideias, eu não seria tão civilizada se você decidisse que precisa de uma concubina. Na verdade, uma boa aposta, é que eu vou virar homicida.

Ele não olhou para cima a partir de sua conversa com Astaad quando ele disse.

Uma pena, naquele frio tom de "Arcanjo". Agora vou ter que pedir ao piloto para esvaziar o porão com as minhas mulheres escolhidas.

Nós vamos ter que falar sobre esse novo senso de humor seu.

Sorrindo, apesar de sua advertência privada, ela continuou conversando com Mele, enquanto Raphael e Astaad sutilmente tentavam extrair segredos um do outro enquanto não entregavam nenhum dos seus próprios.

Depois que eles se separaram, Raphael colocou a mão possessivamente em sua parte inferior das costas, sua asa abaixo do braço.

— Eu acho que você fez de Astaad um amigo.

— Astaad? Passei o tempo todo conversando com Mele.

— Você é Consorte de um arcanjo, e ainda assim você trata sua concubina mais favorecida com verdadeiro respeito. Mesmo muitos meros anjos considerariam as concubinas abaixo de sua notificação.

Tantas camadas nessa sociedade angelical, ela pensou, tanto que não fazia sentido para ela.

— Astaad e Mele estão obviamente ligados um ao outro. — O amor existi ali, talvez não o amor que ela e Raphael entendia, mas amor mesmo assim. — Eu estou supondo que eles têm uma relação mais saudável do que Neha teve com seu Consorte.

— Sem dúvida. — Seus olhos se concentrando em alguém lá na frente, os lábios curvando-se de uma forma que foi bem além de simples polidez. — Tasha.

CAPITULO 23

— Raphael. — O anjo na frente deles havia inclinado os olhos de um verde vívido e asas de cobre contra o cabelo mais escuro escarlate, sua pele quase translúcida mostrando o contraste da coloração vívida para o efeito dramático. Elevando-se quando Raphael abaixou, o ato parecendo familiar para ambos, a estranha apertou os lábios na bochecha de Raphael em uma carícia suave.

— E esta, — disse ela, virando para Elena com um sorriso profundo, — Deve ser a sua Consorte. Eu estou honrada em conhecer você.

— Tasha é uma amiga de muito tempo, — explicou Rafael, um calor nele que não tinha visto com qualquer outro anjo feminino. — Brincamos em Amanat como crianças.

— Você se lembra quando nós decidimos atacar cada figueira na cidade? — O riso musical, olhos brilhantes. — Sua mãe estava tão zangada, que ela nos fez plantar dez árvores de figo cada um. Eu ainda posso ver você com a pá, seu rosto coberto de sujeira e um pouco preso em seu cabelo.

A linda imagem de Raphael como um menino travesso fez Elena sorrir, mesmo quando seus instintos a advertiam para ser cautelosa. Ao contrário de Michaela, que não fez nenhum esforço para esconder seu desejo por Raphael e desprezo por Elena, Tasha era todo o calor e risos... enquanto lembrando sutilmente a Raphael que eles tinham uma história juntos que Elena não poderia se igualar.

A profundidade de sua súbita antipatia fez Elena pausar, se perguntar se ela estava sendo justa, mas, em seguida, Tasha pôs os dedos no antebraço de Raphael quando ela trouxe uma outra memória compartilhada. Elena não jogava jogos como este, e em qualquer outra situação, ela teria chamado a mulher, mas havia coisas muito mais importantes em jogo esta noite. Ainda assim, ela não

estava arrependida de ver as costas de Tasha, quando o anjo foi chamada por um amigo.

A cabeça de Rafael se ergueu sem aviso um segundo depois.

— Lijuan está aqui.

Olhando para cima, Elena viu nada, exceto a luz das estrelas.

— Você pode senti-la?

Parece que minha capacidade tem outro aspecto.

Um instante depois, o céu se abriu em cima deles, semelhante a uma onda de calor em um deserto. Então, um anjo com asas de pomba cinza impecável e cabelo de branco puro, vestindo preto etéreo, estava pousando no centro do pátio em uma descida gracioso. As bancadas ficaram caladas, tensão rastejando pelo grande espaço como o sangue que Lijuan tantas vezes trouxe com ela.

Fique comigo, Elena.

Raphael cortava a massa congelada de convidados, seu alvo não Lijuan, mas Caliane.

A lâmina de sua bainha na coxa já discretamente na mão, Elena fez questão de manter Lijuan em sua linha de visão enquanto se moviam através do encontro.

Será que a sua mãe tomaria isso como um ato hostil? Elena não iria culpá-la se ela o fizesse.

É uma possibilidade. Ela pode, no entanto, decidir pela fria polidez.

Esperamos por uma vitória da etiqueta angélica. Dois segundos mais tarde e eles estavam lá.

O rosto de Caliane uma máscara de fúria gelada, ela reconheceu Raphael com um olhar antes de sair para o agora vazio, exceto por um único não convidado no centro do pátio.

— Você não segue as regras de Convidado. — As palavras de Caliane foram revestidos de gelo e quando a respiração de Elena flutuou a sua frente, ela percebeu que a queda na temperatura não foi apenas metafórica.

Lijuan sorriu, seu cabelo voando em volta de seu rosto em um vento que afetou nada mais.

— Pelo contrário. — Ela levantou uma mão. — Eu trago-lhe um presente.

Dez guerreiros alados aterrissaram atrás dela com precisão militar, todos vestidos de cinza escuro com o símbolo vermelho de Lijuan em seus peitos.

Raphael deu um passo em direção a sua mãe.

Elena.

Compreendendo a mensagem, ela parou um pouco atrás e à esquerda de Caliane, enquanto Raphael ladeava a antiga à sua direita. Como se tivessem estado esperando exatamente isso, um esquadrão de lutadores azul da meia-noite das forças de Caliane pousaram atrás deles.

— O presente, — disse Caliane, geada real começava a revestir a bainha do vestido de Elena e as pontas de suas asas, — É inadequado e deve ser recusado. — Soou como uma resposta habitual, exceto pela aquela voz de navalha de Caliane que tinha estado há milímetros de cortar carne.

— Uma pena. Eles são uma unidade bem treinada. — Sorriso aprofundado contra a pele tão fina que Elena podia ver seu crânio, Lijuan não quebrou o contato visual com Caliane.

Elena se perguntou se a mãe de Raphael ouvia os gritos sempre que acontecia quando se olhava para aqueles olhos perolados, como se Lijuan mantinha dentro dela mil almas presas.

— Eu, — Lijuan continuou, — Também trago reparação do dano que eu fiz na sua cidade na minha visita anterior.

Dois de seus homens trouxeram um baú, abriram para revelar um pirata em ouro e pedras preciosas. — Um sinal da minha boa vontade.

— O dano feito não pode ser tão facilmente reparado, — foi a resposta frígida de Caliane. — A violação é definitiva.

Suspiros audíveis, os convidados mais próximos ao confronto vacilaram como se em antecipação da violência.

Elena intensificou seu aperto em sua lâmina, seus dedos gelados, mas funcional.

Raphael?

Minha mãe apenas disse a Lijuan que não importa quanto tempo elas vivam, nunca poderá ser qualquer coisa, exceto inimizade entre elas.

Não é uma surpresa, e nada explicava o pânico que ela podia ver nos rostos daqueles que estavam por perto.

Não é feito para dizer tão cruamente?

A não ser que um dos lados está antecipando outra traição.

Oh.

Caliane, ela percebeu, tinha apenas chamado Lijuan de uma mentirosa na frente de uma multidão de anjos e vampiros mais poderosos do mundo.

O sorriso de Lijuan não desapareceu, mas Elena viu uma mancha preta começar a rastejar pela palidez fantasmagórica de sua íris.

— Me desilude ao ouvir isso.

— Me decepçiona ter que dizer isso, mas sua recepção também foi uma decepção íngreme.

Outra rodada de elevações de hesitação, mas desta vez Elena tinha pego o insulto enterrado no que parecia, a princípio, uma declaração incompreensível.

Ela está falando sobre o fato de Lijuan atacar logo após ela se levantar de seu sono de mil anos.

O bater do mar de Raphael tocando sua mente, limpo e forte e selvagem.

É uma linha sombria, por isso nem todos podem concordar, mas foi um ato questionável na melhor das hipóteses.

Você pode querer avisar sua mãe que Lijuan é completamente louca, e que não vai jogar pelas regras.

Eu fiz isso esta manhã. Você tem outras armas além da lâmina no seu braço?

Outra faca, mas eu posso facilmente pegar uma espada dos vampiros ao redor como declarações de moda.

Espadas longas não eram a sua arma de escolha, mas Galen lhe tinha treinado até que ela pudesse lutar com elas em uma batalha.

Para referência futura, eu nunca, nunca irei para um baile de novo sem uma besta e um lança-chamas.

Eu não acho que haverá quaisquer desses eventos até o Cascade acabar.

Espalhando seus pés uma fração mais distante sob a saia de seu vestido, Elena se posicionou para sair e pegar a espada à esquerda no primeiro sinal de problemas. Mas então Lijuan desdobrou suas asas em uma varredura sussurrando.

— Eu recebo-a em meu território. Estou certa de que a violação pode ser consertada. — Sua decolagem foi silenciosa, como foi a do seu esquadrão, o silêncio tão espesso, Elena sabia que isso era uma outra exposição flagrante de poder.

Raphael decolou no mesmo instante, o esquadrão de Caliane em suas costas quando eles rastrearam Lijuan para fora do território.

Naasir está perto de você, Elena. Não ande muito longe dele.

Recordando as suas palavras de antes do baile e reconhecendo a preocupação por trás da ordem autocrática, disse ela.

Eu não vou. Seja cuidadoso.

O ar aquecido em torno dela, o gelo derretendo a nada quando Caliane virou, chama azul nos olhos líquido. E, embora Elena soubesse que ela estava além de ultrapassada nas escalas de energia, ela continuou a flanquear Caliane quando a mãe de Raphael atravessou a multidão com elegante graça. Tasha foi para o outro lado de Caliane, e em sua mão estava um reluzente aperto em uma espada, que disse que sabia como usá-la e usá-la bem.

Minhas amantes sempre foram guerreiras.

A realização bateu nela com a força de um golpe de martelo, assim quando Caliane encontrou o olhar de Elena por um segundo fugaz e inclinou a cabeça no menor aceno de reconhecimento.



Raphael voltou para o baile, tendo escoltado Lijuan para à fronteira marítima.

O resto do encontro foi um drama livre, a folia foi até as primeiras horas da manhã. Para Elena, a comemoração teve a sensação de desespero, como se os anjos ordinários e os vampiros sabiam que a guerra pairava no horizonte e estavam cientes de que seria uma luta entre gigantes, seria os mais fracos que iriam se tornado carne para canhão.

Caliane disse boa noite em algum momento após três horas e retirou-se para sua cama, aceitando a escolta de um homem com os mesmos olhos verdes como Tasha. Elena e Raphael ficaram uma hora mais quando ela pediu para

atuar como anfitriões em seu lugar, a dor da perda de Kahla pesando claramente sobre ela mais uma vez.

— Keir? — Perguntou Elena, uma vez que tinha deixado o pátio e os foliões finais ao seu jogo.

— Ele acaba de alcançar o corpo. Tenho Naasir e Isabel lá enquanto ele examina Kahla.

Ao redor deles, Amanat não dormia, em vez disso estava envolvida em uma quietude romântica enquanto casais e pequenos grupos passeavam por sua beleza suavemente iluminada, deixando um ao outro sozinho em sua maior parte. Correndo os dedos ao longo das esculturas que decoravam a parede à sua esquerda, Elena pensou no corpo que estava tão perto da cidade, a morte que quase tinha engolido o povo de Caliane, e deu um suspiro de alívio.

— Eu também aconselhei minha mãe para reiniciar o escudo de energia.

Lijuan, Elena lembrou, poderia passar o escudo, mas era impermeável a um anjo comum, o que deixaria Lijuan lutando sozinha contra Caliane e suas forças. Não é algo que o Arcanjo da China arriscaria.

— Como a sua mãe faz isso? O escudo, quero dizer.

— Alexander também podia criar tal coisa, então talvez seja um dom que vem com a idade. Ele, também, é um antigo e agora dorme. — Ele estendeu sua asa do outro lado dela em um sinal silencioso que ele queria que ela ficasse mais perto.

A intimidade familiarizada desbloqueando as perguntas que a torciam.

— Conte-me sobre Tasha.

— Seus pais eram guerreiros que serviram minha mãe. Eles uma vez mais voltaram para Amanat, você viu seu pai oferecer a Caliane seu braço quando ela deixou a festa esta noite.

Surpreendida, Elena encontrou seus olhos, o desolador azul intenso, mesmo nas sombras suaves da noite que ainda não se tornou manhã.

— Ela não os levou em seu sono?

— Não. Era sua tarefa cuidar de mim, se minha mãe alguma vez desaparecesse ou morresse. — Suas asas brilhavam à luz do lampião que caía de uma janela aberta. — Mesmo em sua loucura escalada, ela pensou em deixar guardiões que eu podia confiar. Avi e Jelena foram, são, para ela o que meus Sete

são para mim, e embora fosse para Colibri a quem eu escolhi para dar a minha confiança, que não diz nada do meu profundo respeito por Avi e Jelena.

A relação entre Raphael e Tasha, Elena percebeu, foi muito mais profunda do que um caso de amor físico simples.

— Você cresceu com Tasha. — Estava conectado com a outra mulher por milhares de fragmentos de tempo.

— Brincamos através de Amanat como criaturas selvagens. — Virando à esquerda, ele a levou para o campo de jacintos ao lado da lagoa onde haviam visto pela primeira vez Caliane. — Ela permaneceu minha amiga enquanto nós crescemos, mas o fim da infância levou-nos para caminhos diferentes.

A área em frente de Elena havia se tornado um paraíso de plantas noturnas cintilantes e escondidas pelos jacintos durante o dia, um oásis de prata não descoberto pelos outros que andavam na cidade, mas não conseguia concentrar-se na maravilha disso.

— Vocês se encontraram novamente como adultos, porém, não foi? Vocês eram amantes.

— Centenas de anos atrás.

Caminhando para a beira da lagoa, ela lutou contra seu hábito de fingir que as coisas não importavam quando realmente fazia, e admitiu a verdade.

— Eu sabia que eu ia encontrar uma das suas amantes, mais cedo ou mais tarde. Eu nunca esperava que a primeira fosse tão impressionante.

Raphael pensou nos séculos que ele tinha vivido cada vez mais distante do mundo, o poder em seu comando corroendo o menino que tinha sido uma vez, e soube que Elena não entendia a profundidade de quem e o que ela era para ele. Tasha, erudita e guerreira, era uma amiga, mas ela tinha visto a superfície dele e se contentou com isso.

Em toda a sua existência, Elena sozinha tinha rasgado essa superfície, sem se importar com o risco, até que ela revelou o homem debaixo do arcanjo. E Elena sozinha havia desafiado suas decisões e seus pontos de vista, forçando-o a olhar o mundo de uma maneira que ele nunca antes considerou.

— Não há comparação, — disse ele para a única mulher que já tinha reivindicado para si próprio. — Você me conhece de uma maneira que ninguém jamais viu ou irá ver.

O anel de prata fundida ao redor de suas íris, os ossos de seu rosto forte e requintado, ela abriu os lábios com seu nome apenas quando outra mensagem tocou sua mente. Então, rapidamente, a noite enluarada não era mais um lugar de beleza, mas uma lembrança da escuridão pútrida que deslizava na periferia, esperando para assolar e violar.

CAPITULO 24

— Keir voltou.

Uma mudança imediata na expressão de Elena, seu Consorte deixando de lado sua discussão pessoal por uma que afetava a seu povo.

Tomando-a em seus braços, os levou diretamente para sua suíte, certificando-se que a Keir fosse atribuído a suíte ao lado. Quando atravessavam a sala de estar de Keir, foi para encontrar o curador olhando para o fogo frio, com os olhos sombrios.

Seu relatório foi mortal em sua familiaridade.

— A doença destruiu os órgãos internos da vítima. — A mandíbula de Keir contraída até ficar com as juntas brancas com a força de suas emoções. — Igual aos outros, as feridas eram um efeito secundário. É categoricamente a mesma infecção, e, dada a falta de novas vítimas e o fato de sua humanidade, concordo que ela estava destinada a ser uma portadora.

Keir se levantou para atravessar o quarto, sua raiva feroz de uma forma que Raphael nunca tinha visto antes, suas asas tão tensas em suas costas que tinha que ser doloroso.

— A única boa notícia é que enquanto a infecção era idêntica a aquela achada em Nova Iorque, — o outro homem continuou, — era sensivelmente mais fraca aos sentidos que me fazem um curador. Se Kahla já não estivesse comprometida, creio que ela e qualquer um dos que se alimentou dela poderia muito bem ter uma recuperação completa.

— Até Lijuan, — Raphael disse lentamente, — não é possível criar renascido atrás de renascido sem descanso entre eles. Isso faz com que sua capacidade de causar infecção diminua.

Keir deixou de caminhar.

— Jason tem passado um tempo em lugares interessantes.

Era o que seu espião mestre fazia melhor.

— Se estivermos certos, — Elena disse, da poltrona em que se aconchegou, — e o criador da doença já se esgotou, isso significa que Nova York e Amanat estão a salvo, pelo menos a curto prazo.

— Nós não podemos prever quanto tempo levará para o arquiteto da doença se recarregar, — Keir murmurou, — mas penso que não será logo. Ele ou ela fez demais e muito depressa. — Detendo-se, ele olhou fixamente para o tapete antes de levantar sua cabeça. — Não posso dizer isto sem nenhuma dúvida, mas creio que a Queda foi causada por uma tentativa de semear o céu com uma doença específica do tipo angelical, como esta doença transmitida pelo sangue se dirige aos vampiros.

Raphael pensou tanto, o risco para seu povo um que tinha que achar uma maneira de anular.

— A energia gasta naquela tentativa também explicaria por que o fabricante da doença está exausto depois de criar apenas dois portadores que nós conhecemos. — Vendo o curador oscilar ligeiramente sobre seus pés, ele disse, — Descanse agora, Keir. — Não deixe que a ira corroa você.

Keir olhou para cima.

— Agora cita minhas próprias palavras para mim.

— Eram sábias. — Disse para o jovem bravo e quebrado que havia sido. — Nós deixaremos você em paz.

A expressão do curador continuava tensa, mas já não caminhava quando eles saíram pela porta. Deixando Elena se trocando em sua suíte, Isabel vigiando do lado de fora, Raphael voou até sua mãe. Ele sabia que ela não estaria dormindo, anjos tão velhos como Caliane dormiam, mas raramente e os dois precisavam conversar; Não só como mãe e filho, mas como arcanjos que logo poderiam ser arrastados para uma guerra global.

— Não estou pronta para a guerra, — ela disse, enquanto caminhavam pelos corredores silenciosos de sua casa, enfiou o braço no dele, sua asa um peso morno contra a dele. — Meu poder voltou, meu povo é forte novamente, mas meu espírito? Ele só quer a paz. — Ela sorriu e era um mundo de tristeza. — Eu lutei muitas batalhas. Agora sinto apenas a necessidade de conduzir a proteção a Amanat e esperar que isso acabe.

Raphael não podia culpá-la por aquela escolha.

— Você deve proteger seu povo. Eles ainda são bebês neste novo mundo.

Olhos tão semelhantes aos seus, ainda com tal idade, tal dor, tal perda neles, encontraram os seus.

— Você é o bebê do meu corpo, Raphael. Eu não o abandonarei como fiz uma vez. — O aço no azul. — Meus recursos são seus. Eu não permitirei que sua cidade caia.

— Mãe. — Ele a segurou contra ele, continuamente surpreso de quão pequena ela era, pois ela sempre parecia maior na vida em suas memórias. — Eu não sou nenhuma criança, e se você desviar seus recursos para Nova York, sabe que Lijuan atacará e destruirá Amanat.

Recuando, ela tomou seu braço novamente e o levou em direção aos degraus largos até o telhado, sua voz inflexível.

— De que serve minha cidade se meu filho está morto?

Percebendo que ele não ganharia esta batalha se ele falasse como um filho a sua mãe, ele falou de arcanjo para outro.

— A vitória em Nova York será sem sentido se Lijuan ganhar uma posição mais forte nesta parte do mundo. — A mera existência de Amanat era um símbolo que Lijuan não era tão poderosa quanto ela queria fazer o mundo acreditar.

— E se você mover seu povo para protegê-los, — ele adicionou, — deste modo abandonando sua cidade, visto como uma capitulação. — Em guerras entre imortais, a percepção frequentemente podia ser tudo. — Aqueles que agora poderiam estar indecisos sobre um lado, começará a vê-la como o verdadeiro poder, um que se tornará conhecido se ela te expulsa de sua cidade.

As elegantes linhas de seu rosto, expostas pela forma como ela prendera o cabelo em um coque frouxo, Caliane se afastou para caminhar até a beira do telhado.

— Eu estarei fazendo uma escolha, não sendo conduzida a qualquer lugar por repugnância a aquela que nomeia a si mesma um arcanjo.

— Essa não é a história que ela dirá, nem a que as pessoas acreditarão. — Quando só houve o silêncio de Caliane, suas penas delineadas com o poder contra a noite iluminada pelas estrelas, ele lembrou a ela de um fato contra o qual ela não podia discutir. — Nós não podemos saber quanto tempo às próximas

guerras durarão, e nós não podemos coexistir no mesmo território, Mãe, não além de um curto prazo. — Era a razão pela qual os membros do Cadre eram separados uns dos outros pela água e terra, seus poderes muito violentos para permitir uma proximidade a longo prazo.

Havia duas exceções conhecidas a aquela regra. A primeira era a gravidez, se Michaela havia estado grávida de verdade, ele poderia ter oferecido seu santuário, porque a vulnerabilidade que vinha com a gravidez teria amortecido o efeito. O segundo era o amor do tipo compartilhado por Caliane e Nadiel, seu profundo vínculo sentimental de alguma maneira melhorando o efeito. Michaela e Uram, pelo contrário, nunca viveram juntos, seu caso amoroso ocorrido ao longo de curtos períodos de intensa intimidade, seguido por semanas de distância.

Um filho adulto não caía em nenhuma exceção.

— Eu iria acabar vendo você como uma ameaça, e você sentiria o mesmo sobre mim, nossos instintos nos deixando loucos enquanto lutamos contra o impulso para não matar. — Foi uma previsão confirmada pela história angelical. — Você precisa manter e defender este território.

— Eu poderia atravessar e destruir a fortaleza de Lijuan enquanto ela for tomar seu território.

— Sua fortaleza está profundamente no coração de seu território e você entrou em seu Sono com dois esquadrões somente. — Homens fortes e hábeis e mulheres, mas um número minúsculo, todavia. — Enquanto você voa em seu território, seus comandantes enviarão esquadrões para destruir Amanat. Você deve pensar em todas as possibilidades de qualquer ação que você tomará.

Asas farfalhando, Caliane virou para ele, sua expressão mais suave, mas sombria.

— Quando você deixou de ser um menino e se tornou um homem tão acostumado aos caminhos da política e do poder?

— Eu sempre iria acabar aqui. — O filho de dois arcanjos, uma Antiga, podia ter pouca opção no assunto, energia fundida em cada célula do seu corpo.

Emoção comovente em seus olhos, ela estendeu suas asas e, andando na beira do telhado, fez uma descida em silêncio até a rua abaixo.

— Caminhe comigo pela minha cidade, — ela disse quando ele a seguiu, — e me conte de sua insensata, mas valente Consorte.

Foi a primeira vez que ela reconheceu Elena como sua Consorte sem seu pedido.

— Primeiro, você deve me dizer a sua decisão sobre assuntos de guerra.

— Você está certo em tudo o que disse, e eu não posso permitir que meu amor pelo meu filho me cegue para isso. — Os dedos roçando sua bochecha. — Não falhe, Raphael. Eu sobrevivi ao meu Consorte. Não posso sobreviver ao meu filho.

— Se eu falhar, — ele disse, em vez de fazer uma promessa que poderia provar ser falsa, — você será a única que resta que poderia derrotar Lijuan. Você não pode anular essa responsabilidade.

— Eu não posso? — Fria arrogância. — Vejo que você acredita que pode tomar decisões por outro arcanjo.

Ele riu, enquanto os ventos noturnos brincavam com o branco invernal do vestido simples de sua mãe.

— Eu aprendi como ser um governante observando você.

Um olhar maternal com o cenho franzido.

— Sempre, você sempre conseguia fazer o que quisesse me dando esse sorriso. — Suspirando, ela o levou a um jardim privado que ele sabia que ela tinha criado para suas donzelas, o ar perfumado pelo tumulto de flores que caíam das sacadas do templo que rodeava o espaço. — Sua Elena, ela não tem senso de sua própria mortalidade.

— Ela é uma guerreira. — Uma com um coração humano. — Como acontece com todos os guerreiros, o medo é uma ferramenta que usa em sua vantagem.

— Tasha é uma erudita e uma guerreira talentosa, mas Avi e Jelena me disseram que vocês não se procuraram além de um único verão. Ela teria sido uma perfeita Consorte.

— Você teria seu filho em uma civilizada aliança política?

Sentando-se em um banco de pedra de onde pendia rosas amarelas prateadas pela luz do luar, Caliane lançou-lhe um olhar exasperado que o lembrou de enrascadas da infância.

— Criança teimosa. — Suspirando novamente, ela disse. — Venha, então. Diga-me por que você ama está uma vez-mortal, o suficiente para desafiar o mundo. Gostaria de ouvir a história de seu namoro.

Vindo para sentar com ela sob as rosas, ele abraçou suas coxas e disse.

— Tudo começou com um anjo nascido do sangue e terminou em ambrosia.



Muito agitada para dormir apesar da hora tardia, Elena conversou com Isabel em uma sessão de treinamento no pátio privado da casa ocupada apenas por Raphael, Elena, Keir, Naasir e Isabel. O outro anjo era bom, mas Elena mais do que provou a si própria.

— Eu acho que fiquei mole nesta posição. — Isabel enxugou o suor de sua testa. — Galen terá minha cabeça quando eu voltar para o Refúgio.

— Ele é um bastardo difícil, — Elena concordou. — Mas desde que eu estaria morta sem as lições que ele diariamente repetia, não posso xingá-lo muito alto.

Isabel abafou uma risada, e as duas se separaram para tomar banho, com Naasir assumindo a guarda. Caliane gostaria de passar tanto tempo com Raphael quanto possível, Elena não esperou por ele antes de ir para a cama, seu corpo felizmente cansado. Ela esperou um completo nocaute, mas era como se os pesadelos soubessem que ela estava só, vulnerável.

Pinga.

Pinga.

Pinga.

As asas de Elena seguiam se arrastando pelo sangue coagulado, sem importar o quão duro ela tentou mantê-las elevadas do azulejo escorregadio, as pontas de ouro branco virando uma ferrugem barrenta.

— Belle? Belle, onde você está?

Sua irmã mais velha rastejou até ela por trás do balcão, seus dedos encharcados de sangue deixando manchas mais escuras nas asas de Elena enquanto ela tentava se agarrar.

— Ellie, minhas pernas doem.

— Espera, eu vou ajudá-la a levantar. — Ela escorregou no líquido que cheirava tão molhado e metálico, mesmo enquanto falava, aterrissando com força em suas costas, suas asas esmagadas entre seu corpo e o azulejo em um emaranhado que torceu seus tendões.

Apertando os dentes, ela conseguiu ficar sobre suas mãos e joelhos, mas seu corpo se manteve deslizando para trás, o chão da cozinha de repente um declive.

— Eu não posso alcançar você. — Sua voz era aquela de criança que havia sido, a menina que costumava ter duas irmãs mais velhas que lhe diziam o que fazer quando não tinha certeza. — Belle! O que devo fazer?

Mas Belle não podia mais falar, sua cabeça separada de seu corpo, suas bonitas pernas longas em pedaços. Soluçando, Elena tentou achar Ariel. Ari saberia o que fazer; Ari sempre sabia.

Com o coração pulsando em sua boca, ela vislumbrou os dedos delgados de sua irmã atrás da cadeira, começou a arranhar caminho para frente. Ela sabia que era Ari, porque Ari acabou de pintar suas unhas com uma cor que ela chamava “nude” - a cor não era sua favorita, mas era uma que não a meteria em problemas na escola.

— Ari? — Ela estendeu a mão para tocar a mão de Ari. — Belle está machucada. Ela está realmente machucada. Temos que ajudá-la. Ari?

Ela estava segurando a mão de sua irmã. Tinha sido arrancada fora do pulso.



Raphael entrou no quarto de madrugada para encontrar sua Consorte na cama, seu corpo rígido, com as mãos em punhos. Imediatamente colocou as mãos em seus ombros, balançou, sabendo que precisava ser arrancada do aperto cruel do pesadelo.

— Elena, acorda! Elena!

Um empurrão na cabeça dela, mas ela não acordou. Puxando-a para si com um aperto em seu cabelo, beijou-a, manteve-se beijando-a até que sentiu as

unhas cravar em seus braços, seu corpo perdeu essa tensão do horrível pesadelo. O soluço que rasgou dela quando ele rompeu o beijo, o fez abraçá-la mais apertado.

— Eu odeio isto, — ela disse, depois que a tempestade passou e eles se sentaram na beira da cama, olhando para o amanhecer se aproximando. Sua voz estava baixa, quase derrotada, diferente da mulher que ele conhecia.

Não diminuindo a distância que ela colocou entre eles porque ele sentiu que ela não estava pronta, suas mãos brancas agarradas na beira da cama, ele manteve seus olhos na linha limpa de seu perfil.

— Você está tendo muito menos pesadelos do que tinha quando nos encontramos pela primeira vez.

Com a mandíbula apertada, ela olhou fixamente para o tapete.

— E eu ainda acordo assim, terrivelmente apavorada. — Um pulsar de raiva por baixo da derrota, sua Elena se levantando através dos lugares golpeados e feridos em sua alma. — Quando isso vai parar? Quando acaba?

Julgando que ela não estava disposta a ouvir a razão, que ela nem poderia ouvi-lo em seu atual estado de espírito, ele levantou-se.

— Nós não estamos programados para sair em duas horas. — Ele não podia ser visto correndo de volta para Nova York. — Nós temos tempo para uma sessão de luta.

Ela não levantou.

— Eu tive uma com Isabel ontem à noite.

Isto, Raphael percebeu, era ainda mais grave do que ele pensava. Elena nunca rejeitava uma chance de lutar com ele, que era uma das poucas pessoas que a empurrava até seu limite absoluto, sem se importar com o risco em causar danos mesmo sem intenção a Consorte de um arcanjo. Para ele, as contusões inevitáveis eram aceitáveis se a lição iria ajudá-la a se manter viva.

Pegando suas lâminas favoritas, ele lançou-as para ela. As mãos levantando-se, ela pegou ambas.

— Eu disse, — falou com dentes cerrados — que eu não quero.

— E eu digo que você ficou amuada por tempo suficiente. — Ele tirou a roupa formal e colocou um par de calças adequadas para lutar.

Olhos semicerrados cinza-prateados em afronta frígida.

— Eu acabei de sonhar que eu tinha a mão decepada da minha irmã em minhas mãos. Desculpe se isso incomoda você.

Raphael deu de ombros e muito deliberadamente utilizou a única coisa que ele sabia que iria enfurecê-la o suficiente para acabar com a apatia.

— Vou ver se Tasha está lá em cima para uma sessão, então, — ele disse e agarrou a maçaneta. — Esteja pronta para sair em duas horas.

A faca balançou ao parar no batente da porta a uns centímetros de seu rosto.

CAPITULO 25

Sem dizer uma palavra, e ciente de que Elena xingava atrás dele enquanto ela se apressava em colocar suas roupas, ele saiu e desceu as escadas até o pátio. Quando ela saiu uns minutos mais tarde, estava de calça cargo cor cáqui e uma camiseta preta especialmente projetada para suas asas. Como ele, seus pés estavam descalços, mas ela tinha facas enquanto ele estava desarmado.

Um equilíbrio justo, dada sua extrema força e velocidade.

Quando ele fez um gesto de “vamos” com ambas às mãos, Elena estreitou seus olhos e lançou uma daquelas lâminas em seu rosto. Ele se distraiu apenas o suficiente pelo ato inesperado que ela quase o golpeou com a segunda lâmina enquanto ela vinha lentamente. Sorrindo, ele evitou o ataque com um giro que lhe deu um tapa com sua asa.

Não pretendia machucar, somente distrair, mas Elena aprendeu de suas sessões anteriores, e girou com ele, indo por sua asa com a lâmina em seu aperto. Sua Consorte tinha uma tendência a cometer erros quando ficava brava, mas não hoje, ele conseguiu irritá-la até o ponto onde ela lutou com fúria glacial.

Apenas evitando a afiada mordida do metal, ele usou suas asas para erguer-se um pé sobre o chão a fim de evitar um pontapé.

— Um pouco lenta, *hbeebti*.

Ela sorriu pela provocação e lançou a segunda lâmina diretamente em sua asa. Posicionado como ele estava, ele não podia evitá-la a tempo e cravou sua asa na parede da casa. Mas ele era um arcanjo, retirou fora de seu corpo um segundo depois que entrou, seu corpo pronto para lidar com seu ataque secundário.

— Você agora não tem nenhuma faca, — ele disse, alegria em seu sangue enquanto se esquivava de seus punhos e pontapés. Elena não podia machucá-lo de verdade, não ainda, mas seu estilo de luta era único, um que ela criou enquanto voltava a trabalhar seu treinamento de caçadora e se adaptava as lições

de Galen até levar suas forças e vulnerabilidades pessoais em conta. E porque ela não havia sido um anjo toda sua vida, ela não sabia que não ia ser capaz de fazer certas coisas, então ela apenas ia em frente e fazia.

Esse elemento surpresa tornava cada sessão tão divertida para ele como normalmente era para ela.

Agora ela se aproximou e de repente tinha mais duas facas dirigindo-se diretamente para seu pescoço. Bloqueando-as, ele usou uma manobra que aprendeu com Alexander, antes do outro arcanjo começar a vê-lo como uma ameaça, ele mostrou seus dentes.

— Isto é trapaça.

— Oh? — Um sorriso doce como açúcar. — Não me dei conta que estávamos jogando justo. — Outra fúria de lâminas, seus corpos movendo-se com uma velocidade e uma ferocidade que atraiu uma audiência intrigada de três, Keir, Isabel, e Naasir. Todos observavam das sacadas que rodeavam o pátio e alguém aplaudiu quando Elena conseguiu golpear seu antebraço, extraindo sangue.

Ignorando o corte, ele tocou a ponta da faca que retirou de sua asa na bochecha dela para registrar um golpe. Assegurou-se de não romper a pele, porque sua apaixonada e bonita amante não curaria tão rápido quanto ele, mas ela não fez nenhum esforço para esconder sua fúria porque ele conseguiu estar tão perto. Girando fora do alcance antes de ela poder tomar vantagem de sua proximidade, ele se moveu para ir pelas costas dela.

Ela lançou as facas sobre seus ombros sem girar.

Surpreso pela tática inesperada, ele quase levou uma no peito, só sua agilidade o salvou de um ferimento que teria levado pelo menos dez minutos para reparar. Girando no momento que as lâminas deixaram suas mãos, Elena varreu com um pontapé para tomar vantagem de seu equilíbrio instável, mas ela esqueceu suas asas.

Agarrando uma, ele puxou-a para perto, sua espada na garganta dela.

— Eu ganhei, — ele disse, com o peito arfando.

Uma ponta afiada contra o seu coração.

— Quer apostar?

Sorrindo, ele abaixou a cabeça e a beijou, meio esperando que ela deslizesse a lâmina, ela estava tão irritada. Mas ela devolveu o beijo, quente, selvagem, e molhado, sua língua se esfregando contra a dele.

— Jamais me insulte com Tasha novamente, — ela disse em um sussurro rouco quando eles romperam o beijo para respirar, — vou castrar você.

Raphael estremeceu.

— Isso tomaria pelo menos um dia para reparar. Você tem certeza que quer perder meus... atributos por tanto tempo?

Um tremor em seus lábios, olhos brilhantes. Ele podia vê-la lutando para conter o riso, mas era uma batalha perdida e logo ela estava dobrada com suas mãos em seus joelhos, seu riso selvagem colorindo o ar.

Pela primeira vez, eu o invejo, Raphael.

Olhando para cima, ele pegou o olhar de Keir.

Não são todos os homens que tem uma amante que tiram seu sangue.

A risada de Keir era tranquila, enquanto se despedia com a mão, ele desapareceu em sua suíte. Foi Naasir que saltou para o pátio com graça selvagem. Recolhendo as facas descartadas, ele as estendeu para uma Elena que agora estava de pé e enxugava as lágrimas de riso de seu rosto.

— Obrigada, — ela conseguiu dizer, antes de guardar as facas com tal velocidade, que Raphael não pode seguir seus movimentos ou dizer onde exatamente ela escondeu as reluzentes armas.

— Por que você trapaceou? — O vampiro perguntou, com a cabeça de lado.
— Com as facas?

— Er, estava lutando contra um arcanjo que pode me esmagar como um inseto. Claro que eu iria trapacear, especialmente desde que tínhamos um assunto pendente.

Naasir olhou fixamente para ela, então sorriu.

— Nós lutaremos quando eu estiver em Nova York.

Vinte e cinco minutos mais tarde, eles tomaram banho, se vestiram e se prepararam para a viagem para casa, e Elena ainda não estava muito certa do que aconteceu.

— Ele agora gosta de mim? — Ela perguntou, enquanto comiam um café da manhã leve se preparando para voar.

— Naasir gosta de muito poucas pessoas, mas eu acho que ele acha você interessante.

— Hmm. — Ela mordeu sua torrada com mel. — Eu não tenho certeza se quero ser achada 'interessante' por uma criatura feroz. Ele provavelmente acha carne fresca interessante, também.

— Criatura feroz?

— Pare de rir. — Franzindo o cenho, ela o serviu de suco laranja e empurrou o copo. — Desculpe pelo mau humor quando eu acordei.

Ele tomou o suco, o humor desaparecendo dos olhos de uma tonalidade impressionante de um lago no alto da montanha.

— Por que hoje? — Ele perguntou suavemente. — Você nunca esteve tão derrotada pelas lembranças de um pesadelo.

— Eu não sei. Realmente não sei. — Simplesmente sentiu como se ela tivesse sido golpeada até uma polpa sangrenta, cada uma de suas realizações apagadas pelo peso feio do horror. — Eu só, — ela deu um suspiro, — gostaria de ser reparada, então eu poderia me lembrar de minhas irmãs, minha mãe, sem a dor.

Raphael não ofereceu banalidades, somente um pragmatismo sombrio.

— Você é jovem. As lembranças nunca desaparecerão, mas elas perderão com o tempo seu poder de causar danos.

— Sem intenção de ofender, mas eu não quero estar gritando ao acordar pelos próximos cem anos. — O conceito imortal de “tempo”, ela aprendeu, era muito diferente do mortal.

— Você é extremamente teimosa para tal possibilidade existir. — Alcançando o outro lado, ele esfregou seu dedo polegar sobre a bochecha dela. — Existe uma razão para os pesadelos ficarem piores, e você sabe por que.

Surpresa, ela franziu o cenho.

— Que razão? Não é perto do aniversário.

— Às vezes, *hbeebti*, você me surpreende. — Soltando sua mão, ele disse uma única palavra, — Eve — e todas as peças se encaixaram.

Sua meia irmã, só um pouco mais velha do que Elena quando Slater Patalis destruiu seu mundo, estava apenas entrando em seu poder como uma caçadora. Quando Elena teve aquele ano fatídico.

— Uau, — ela sussurrou, seus dedos imóveis sobre a toalha de mesa branca. — Como eu não vi isto?

— É demais fechar uma ferida.

— Talvez. — Levantando seu suco, ela terminou o copo antes de falar novamente. — Eu acho que alguma parte de meu subconsciente está apavorado de que vá acontecer novamente.

— Sim, especialmente com você agora formando um laço verdadeiro com Eve.

Onde antes, eram estranhas com metade do mesmo sangue.

— Você acha que Jeffrey está assustado, também? — Ela perguntou, pensando sobre as feridas cruéis que deve marcar a alma de um homem por enterrar primeiro seus filhos, então sua esposa.

— Seu estado emocional é irrelevante. — O rosto de Raphael era brutal em seu repúdio. — É por causa dele que você não teve o que precisava para curar quando uma criança.

Ela sabia que ele tinha razão, mas era estranho, como agora que ela finalmente havia começado a olhar para Jeffrey pelos olhos de uma adulta e não de uma criança, era muito mais difícil desprezá-lo.

— Eu não sei se posso perdoá-lo pelo que ele fez comigo, mas eu não posso odiá-lo se ele for correto com Eve. — Exceto que ela estava terrivelmente assustada de que fosse uma esperança em vão.



Uma meia hora mais tarde e eles estavam a caminho da cidade quando alguém sinaliza de um telhado, senão Tasha.

— Estou tão contente de tê-lo encontrado, — ela disse, seu cabelo amarrado para trás mostrando a lâmina que levava diagonalmente nas costas. — Queria dizer adeus.

Tentando não amordaçar os oh-tão-sinceros comentários que viriam nos próximos minutos, Elena sorriu.

— Sinto muito, não podemos ficar mais tempo, mas parece que vai chover.
— Ela colocou sua melhor carranca enquanto inclinava a cabeça para olhar fixamente para as nuvens.

— Elena está certa, — Raphael disse para Tasha. — Nós não podemos arriscar uma demora.

— Claro. — Tasha foi toda elegância e charme quando disseram suas despedidas. — Eu espero que nos encontremos logo novamente.

Isso foi muito ruim de sua parte, Elena, Raphael disse uma vez que eles estavam no ar. *Você sabe que a chuva de verão passará em um momento.*

Eu também sei que Tasha McCalcinhas Fogosas está se lamentando que ela não o agarrou quando você era jovem e solteiro. Alterando seu tom mental, ela disse. *Oh, Raphael, que sorte que encontrei você. E me vesti como uma guerreira com uma espada e tudo.* Ela bufou. *Sorte meu traseiro.*

McCalcinhas Fogosas?

Cale-se. Estou brava. Especialmente depois daquela façanha que você fez esta manhã.

Então, você sabe que eu sou mais parcial as facas que as espadas de qualquer jeito.

Provocar-me agora pode ser ruim para sua saúde.

Para sua surpresa, ele ficou em silêncio. Não foi até que ele assinalou o vulcão a certa distância a sua esquerda que ela entendeu por que, seu próprio sangue pesado com turbulenta emoção. Mais tarde aquele dia, uma jovem mulher que não fez nada além de dar um passeio no bosque, seria enterrada para descansar no coração daquele vulcão.

Assim que se completassem os rituais, Amanat se tornaria mais uma vez uma cidade fechada, de acordo com o que Raphael disse a ela à medida que eles tomavam banho. Caliane concordou em continuar a ser sentinela contra a escuridão neste lado do mundo, enquanto eles lutavam no outro. Por mais que Elena quisesse que todo seu treinamento fosse por nada, ela sabia que era uma esperança perdida.

Os tambores da guerra soavam mais perto a cada segundo.



Voando para Manhattan depois que o jato aterrissou sobre um aeródromo privado próximo, Elena respirou fundo o ar frio de casa. Prometia neve por umas semanas, mas ela tinha certeza que mudaria logo.

— Sabe alguma coisa de Aodhan? — Ela perguntou, quando Raphael chegou perto dela.

— Não, a cidade tem estado tranquila desde que nós, — ele se deteve, seus olhos fixos no Hudson.

— O que aconteceu? — Parecia como sempre para ela, mas ela sabia que ele tinha a vista penetrante de uma ave de rapina.

— Olha.

A água começou a chocar e espumar à medida que ele falava. Conseguindo pairar ao lado de Raphael quando ele parou na beira do rio, Elena olhou para a direita e foi quando ela viu, a onda vermelha. Rica e escura, que rolou para baixo do rio em uma maré estranha que fez subir os cabelos na parte de trás do pescoço dela, o vivo cheiro metálico no ar.

— Isto é sangue?

— Só existe uma maneira de descobrir. — Ele voou até a água, pairando mais baixo que ela podia administrar com sua atual força nas asas, até que as pontas de seus dedos roçaram rapidamente a mancha vermelha.

Trazendo seus dedos até seu nariz, ele sacudiu a umidade e se elevou até seu lado.

— Sangue, — ele confirmou. — Mas está enfraquecendo.

Enquanto observavam, a água se tornou rosa-avermelhada, em seguida, rosa, até que chegou marrom escuro de um Hudson agitado novamente, o cheiro inconfundível se foi como se nunca tivesse existido. Foi quando a neve começou a cair, flocos areados que sussurravam sobre suas asas e rostos para se estabelecer na cidade, uma carícia de brancura para apagar o sangue.

— O que nós acabamos de ver, — ela olhou fixamente para a água, — deveria ter sido impossível.

— Jessamy não disse algo sobre sangue caindo dos céus durante a Cascata? Isso parecia cair na mesma escala.

— E os arcanjos não eram o que deveriam ser, e corpos apodreciam nas ruas e sangue caía dos céus enquanto impérios se queimavam.

— Jesus, Raphael, — Elena disse, enquanto as palavras da historiadora ressoavam em sua mente, — isto está realmente acontecendo. — E não apenas iria ser uma guerra. — Vai ser um evento que mudará a face do nosso mundo. — Seu cérebro apenas podia compreender a dimensão do que estava por vir.

Os olhos de Raphael encontraram os dela, a neve continuava a cair de um céu cristalino.

— Nas horas que eu passei com Caliane, ela me disse mais da última Cascata. — Sombras de uma terrível escuridão no intenso, impossível azul de seus olhos.

— Eu quase não quero saber, — ela sussurrou, o tempo todo ciente que isso era uma verdade que não podia ser evitada.

Seu arcanjo posicionou suas asas em direção à Torre, e ela fez um voo mais amplo para segui-lo.

— Você é Consorte de um arcanjo. Você não tem mais uma escolha.

CAPITULO 26

Aodhan estava esperando por eles na sacada da Torre fora do escritório de Raphael.

— Sire, eu enviei pessoas para observar quaisquer sinais de distúrbios causados pelo evento.

O evento.

Elena não achava que realmente houvesse outra forma para descrever um rio se transformando em sangue.

— O pânico foi abafado antes de poder criar raízes. — Os olhos de Aodhan refletiam fragmentos de Manhattan enquanto ele olhava em direção à água. — Porém, membros do público, sem dúvida capturaram imagens ao vivo do evento e a Torre precisará emitir uma explicação.

— Não. — O tom de Raphael foi autoritário, seu rosto despojado de todo o rastro de humanidade. — Não tem que dar explicação. Diga somente que é assunto do Cadre e se alguém insistir em obter mais informações, diga a eles para contatar-me diretamente.

Qualquer pessoa suficientemente estúpida para aceitar aquela oferta, Elena pensou, merecia que o perseguisse. A maioria dos mortais nunca se aproximaram a um arcanjo por uma razão, a diferença do poder era tão vasto que criava um abismo que não podia ser cruzado de qualquer lado, exceto nas mais extraordinárias circunstâncias. Quanto mais tempo passava no mundo imortal, mais ela entendia que esse abismo era uma rede de proteção; Qualquer outra coisa levaria somente a morte de inúmeros humanos.

— Ainda assim. As pessoas estarão assustadas. — Ela teve que falar para os humanos e os vampiros em comum, porque Raphael simplesmente não entendia aquele tipo de desamparo. Ele nunca foi fraco, nem mesmo quando

criança. — Se nós não fizermos algo para reduzir o medo deles, a moral da cidade pode afundar a níveis perigosos, e ela já está instável depois da Queda.

— Illium tem a mesma opinião, — Raphael disse, sua pele brilhando com um fino matiz de poder que nunca viu antes. Definia seus ossos até mais nitidamente, seus olhos como chamas intensas eram difíceis de ver. — Ele solicita sua ajuda para criar uma distração.

Elena hesitou.

Raphael, você está fazendo a coisa do arcanjo assustador. O realmente assustador.

Reassentando suas asas para livrar-se da neve, ele tocou a mandíbula dela com os dedos enquanto Aodhan desaparecia na Torre. O toque fez sua pele formigar, seu coração golpear contra suas costelas, porque o poder dele era uma pulsação no sangue dela.

— Você ficou mais forte, — ela sussurrou, seu alívio misturado com preocupação, porque enquanto isto era boa notícia, ela não gostou da súbita distância fria dele.

Este homem, ela pensou, nunca a insultaria em uma luta ou a levaria para dançar pelos arranha-céus. Ele era muito distante, muito inumano. Ele também era dela e ela não iria entregá-lo a nada, nem a ninguém. Levantando sua própria mão naquele voto feroz, ela colocou sua palma contra a bochecha dele, o poder se infiltrando nela o suficiente para roubar seu fôlego.

— Raphael.

— É uma tempestade dentro da minha pele. — Sua voz ecoou com os mesmos sussurros que ela ouviu em seu sonho compartilhado.

A mente dela estremeceu, lembrou os gritos que tinha ouvido na voz de Lijuan, mas isso era diferente. Fez sua pele sentir calafrios de um modo que não tinha nada a ver com a neve caindo, ainda não havia nenhuma repulsa instintiva, nenhum horror, nenhuma sensação do mal. Não, tudo o que ela sentia era o *poder*, de um tipo que nunca tinha tocado, inclusive depois de entrar em contato com o Cadre.

— A tempestade veio com o rio de sangue?

— Sim. Eu senti que se formam quando a maré enche, fiquei mais forte quando meus dedos tocaram a água. — Os sussurros ainda estavam ali, ele a

beijou e ela sentiu o gelo de seu novo poder se infiltrar em seus ossos, o frio amargamente doloroso. Mas ela segurou as mãos dele, suas mãos estendidas em seu peito e seu amor por ele um fogo apaixonado.

— Tal medo eu sinto em você, Elena, — ele murmurou, seus olhos na boca dela antes de beijá-la novamente, a lâmina fria dele chamuscando sua carne. — Acha que vou machucá-la?

— Não. — A respiração severa desde as faixas de gelo que esmagavam sua caixa torácica, ela envolveu os braços ao redor do pescoço dele e falou contra seus lábios. — Estou preocupado com você.

— Não há necessidade.

— Sem ofensa, — ela disse com o cenho franzido, — mas é difícil aceitar isso, quando sua pele está brilhando e eu estou prestes a me transformar em um maldito pingente de gelo!

Ele riu, a brisa soprando por seu cabelo e a neve presa em seus cílios.

— Eu estou digerindo o poder, por falta de uma palavra melhor. — Outro beijo, este cruamente sexual. — Está melhor, *hbeebti*? — Foi um sussurro privado, sua mão no seio dela, no casulo criado por suas asas.

Ela estremeceu, seu seio parecendo inchar para encher a palma dele.

— Uma maneira de aquecer uma mulher. — O gelo de sua nova força permaneceu, mas ela podia sentir o pênis dele contra seu abdômen, sentir seu Raphael baixo a pele cheia de poder do arcanjo. — Eu quero te levar para casa e nos trancar em nosso quarto até que você não esteja mais tão frio.

Um aperto em seu seio, outro beijo exigente antes dele soltar sua mão e dobrar de volta suas asas.

— Mais tarde. No momento, você deve ir e ajudar Illium a acalmar a população.

Não querendo deixá-lo enquanto ele ainda não estava muito bem, mas consciente que eles tinham que conseguir manter o clima da cidade sob controle, ela o beijou novamente antes de voar.

Se você sentir o súbito desejo de comer carne morta, ela disse desde o ar, deixe-me saber, assim eu posso vir para ajudá-lo a superar isso.

Você tem minha promessa.

Ainda incerta se estava feliz por toda a situação do rio de sangue/estranho fluxo de poder, ela pousou sobre um telhado não longe da beira do rio justamente quando a neve parou de cair, os raios do sol refletindo uma cidade coberta com uma fina, e tão leve manta branca. O telhado tinha uma linha direta de visão do rio, e ela podia ver enxames as pessoas no cais, gesticulando freneticamente enquanto eles se reuniam ao redor de telefones com câmeras que sem duvida nenhuma capturou o sobrenatural.

Penas azuis com brilhantes filamentos prateados encheram sua visão um segundo mais tarde, seguido pelas asas de um anjo com olhos dourados cheios de travessuras.

— Vamos, Ellie. — Ele lançou-lhe uma luva de beisebol, sua própria mão esquerda já enluvada, uma bola em sua direita. — Vamos brincar de agarrar a bola sobre o Hudson.

Elena o olhou fixamente.

— Esse é seu grande plano para conter o medo das pessoas?

— Você já viu anjos jogando bola? — Uma sobrancelha levantada. — Exatamente.

Imaginando porque diabos, ela o seguiu até o rio, onde se juntaram com três outros anjos da Torre, todos os quais sorriram e a saudaram antes de gritar para Illium parar de demorar e se preparar para ter seu traseiro chutado. Illium lançou de volta uma provocação e então eles jogaram bola, ao estilo anjo.

— Puta merda! — Ela mergulhou e subiu enquanto a bola passava em todas as direções possíveis, os jogadores tentando golpear uns aos outros evitando golpear a água. Elena não era nem de longe tão rápida quanto Illium ou os outros, mas ela manteve seu próprio jogo usando seu cérebro para calcular ângulos, até mesmo fazendo uma interceptação surpresa que a colocou na mesa de pontos.

Menos de dois minutos depois que eles começaram, as pessoas na margem pararam de olhar fixamente para o Hudson e começaram a aplaudir seu jogador favorito. Grupos formados, um grupo arrojado achou um lenço azul para saudar Illium. A ideia rapidamente ganhou força, e logo havia cinco lenços diferentes para os cinco jogadores, Elena é uma caçadora com distinto dourado.

Tinha que ser alguém do Sociedade lá embaixo, ela pensou com um sorriso.

Elena não foi a menos surpreendida quando um helicóptero da mídia apareceu no céu, um cinegrafista pendurado do lado de fora, embora a tripulação ficou a uma distância respeitosa. Engraçado como eles tinham vindo a fazer isso desde que Illium deixou claro que em uma luta helicóptero-versus-anjo, o helicóptero levaria a pior. Muito pior.

— Consegui! — Conseguindo pegar um arremesso que de outra maneira teria golpeado o centro da animada multidão, ela lançou alto e para a esquerda, onde foi interceptada por um anjo com olhos verdes fragmentados e asas de luz solar gélida. Quando ele disparou a bola em direção a Illium usando sua mão esquerda, o anjo de asas azuis mergulhou com a força do poderoso projétil antes de erguer sua mão com um sorriso, a bola firmemente em seu aperto.

Elena e os outros três jogadores trocaram olhares e silenciosamente se retiraram do jogo, seus tórax levantando enquanto eles se sentaram na beira do telhado mais próximo, felizes de ver Aodhan e Illium mostrar suas extraordinárias habilidades no ar.

— Você os viu fazer qualquer coisa assim antes? — Ela perguntou para o anjo ao lado dela, um comandante do esquadrão mais velho e que ela nunca viu sorrir antes de hoje.

— Não por dois séculos. — A solenidade de sua resposta foi apagada por seu rugido de aprovação quando Aodhan recolheu a bola quando realmente golpeou a água e lançou por cima de seu ombro sem olhar, seu corpo e asas o tornando em um diamante vivo debaixo da penetrante luz do sol de inverno.

Impressionante, Elena pensou, justo quando seu telefone vibrou com uma mensagem de Sara. Illium pegou a bola antes que ela golpeasse o teto de um carro cruzando uma ponte próxima, mas seu corpo parecia estar a ponto de colidir com um ônibus. Alguém gritou, mas o anjo de asas azuis executou um giro perfeito pelas vigas da ponte para lançar um arremesso que enviou a Aodhan voando para trás com a força dele.

Ransom está fazendo apostas sobre qual dos dois "meninos bonitos" perde a bola primeiro.

Elena sorriu e enviou uma mensagem em resposta.

Aposto que Illium vai ganhar. Aodhan é muito bem-comportado para esperar movimentos mais furtivos de Bluebell.

Acontece que ela estava errada. Aodhan parecia conhecer os truques de Illium de dentro para fora e vice-versa. Quando terminou em um empate causado pela saída de ambos os jogadores para a Torre, a cidade tinha uma boa e verdadeira impressão do fato que existia um extraordinário novo anjo em seu meio. As notícias horríveis de um Hudson vermelho-sangue foram relegadas para uma notícia secundária, a cidade inteira “droga, o país inteiro” em discussão fascinada sobre Aodhan e, claro, o jogo.

Cada canal tinha um comentarista de beisebol para discutir a técnica dos anjos, e a especulação era abundante sobre uma possível revanche, com os repórteres baseados em Manhattan estupidamente petulantes enquanto diziam — *Assista este canal para mais notícias sobre nossos anjos.*

— Eu diria que a estratégia de Illium foi um sucesso, — ela disse para Raphael mais tarde naquela noite, na privacidade da grande banheira na sua suíte da Torre. — O aparecimento de Aodhan arrematou.

— Ele surpreendeu a todos nós. — Raphael não mais parecia como “o outro”, como ficou depois que o rio correu vermelho, mas de vez em quando ela ouvia um toque daqueles sussurros estranhos em sua voz. — Por que você está sentada tão longe? — Ele perguntou agora, seus braços estendidos ao longo da borda ladrilhada da banheira do tamanho de uma piscina pequena. — Eu lhe asseguro, eu não fui superado pelo desejo para fazer a morte caminhar.

Flutuando sobre ele, ela descansou suas mãos sobre suas coxas abaixo da linha da água.

— O poder, segue? — Sem se importar se a assustava, ele precisava ficar mais forte se ia contra os outros.

Uma escuridão no azul cerúleo, sombras mudando debaixo do mar.

— Não. Encheu-me até transbordar, mas se evaporou desde então. Voltarei a ser o mesmo ao amanhecer.

— Droga.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Sim, muito. Se eu precisar esperar por outro evento extraordinário para saborear tal força, podemos, como você diz, nos ferrar. Especialmente dado ao outro fator.

Com os olhos indo para sua têmpora direita, ela disse.

— Mostre-me, — tendo mantido seu silêncio em Amanat por medo de que seus inimigos iriam ficar sabendo do que poderia ser um sinal de debilidade fatal.

Raphael removeu a máscara de encanto para revelar a mancha, exceto que já não era mais uma mancha. Espalhou-se em uma fina linha sobre o osso, sendo cerca de um centímetro e meio. E...

— Raphael. — O coração dela palpitou, ela tocou a pele dele com o dedo. — Ela se transformou em um vermelho profundo, vermelho profundo.

O terror tentou espremer o ar para fora do peito. Lutando contra isto, ela encontrou sua voz novamente.

— Não parece inchado ou infectado, mas mais como tinta sob sua pele. — Exceto, ao contrário de seu espião mestre, Raphael não tinha uma tatuagem facial. — Você sente alguma coisa?

— Não há nenhuma fraqueza, nenhuma sensação de doença. — Ele passou a palma da mão sobre o seio dela, os nós dos dedos tocando seu mamilo. — Não fez nenhum dano até o momento. — Ambas as mãos deslizaram por suas costelas até a cintura, ele a trouxe sobre suas coxas, esfregando sua ereção contra ela, o contundente aço fazendo que as unhas dela cravassem em seus ombros.

O calor derreteu seu corpo.

— Deus, como eu posso estar tão pronta para você, tão depressa?

— Porque você é minha. — Com aquelas palavras duras de posse, ele a ergueu, então a trouxe sobre a cabeça de seu pênis e o empurrou no escorregadio calor de sua abertura. — Foda-me, Elena.

Mesmo quando ela o tomou com um gemido de prazer intenso, parte dela brigava para combater a paixão crescente, para pensar. Isso foi quase impossível quando Raphael arrastou os lábios dele nos dela, uma mão agarrou seu cabelo, a outra moldando seu seio em uma carícia tanto ousada e possessiva enquanto sua língua empurrava no fundo de sua boca.

Não era a aspereza que perturbava seu cérebro. Raphael era frequentemente rude, e ela amava isto, amava que ele não se reprimisse, mas

isto, hoje... foi então quando ela sentiu, o “frio” em seu beijo, o gelo que penetrava seu próprio sangue por seu íntimo vínculo físico. Até em sua demanda mais sexual, Raphael sempre a fazia se sentir insuportavelmente querida. Hoje à noite o seu toque parecia distante, por falta de uma palavra melhor, e quando ela abriu os olhos, ela viu que ele a observava, mesmo enquanto ele tocava seu corpo.

De jeito nenhum.

Ela mordeu o lábio inferior, e quando suas mãos cravaram em sua carne, suas asas começam a brilhar, ela lambeu com sua língua a ferida e passou os lábios em sua garganta, apertando-o com seus músculos internos, ao mesmo tempo. Seu corpo ficou tenso, seu pulsante pênis dentro dela.

Oh sim, ela sabia exatamente quais botões apertar, também.

No instante em que sentiu a mão dele puxando seu cabelo novamente em preparação para tomar de volta as rédeas, ela agarrou os tendões ao longo de seu pescoço entre seus dentes. Um rosnado, o brilho de suas asas se intensificando, mas ele a deixou controlar seu próximo beijo, sua língua duelando com a dela enquanto ela pressionava seus seios no tórax dele, bem consciente de que ele adorava a sensação de seus mamilos endurecendo contra sua carne.

Flexionando seus quadris, ele pediu a ela para ir mais rápido, mais duro. Quando ela resistiu, ele a inclinou sobre seu braço sem aviso prévio e chupou um de seus mamilos em sua boca, rolando a pequena protuberância tensa sobre a língua como uma fruta suculenta. A pontada sentida foi diretamente para seu útero. Puxando seu cabelo, ela tentou parar o tormento erótico, retomar o controle.

O toque de dentes em sua carne sensível.

Ela apertou em torno da espessura dele e foi recompensada por uma lambida generosa, sua boca liberando o mamilo apenas para marcar o outro com o escaldante calor de seu beijo. Era quase impossível pensar agora, mas ela precisava saber se era o seu Raphael. Dominando com força o seu pênis, ela o segurou possessivamente enquanto ele liberava seu mamilo para lançar a cabeça para trás, sua mandíbula uma linha brutal.

Homem perigoso. Homem magnífico. Seu homem.

Aliviando seu aperto sexual, ela usou seus músculos internos para acariciá-lo novamente enquanto ela inclinava para beijar seu pescoço, uma mão

em seu tórax, os dedos da outra roçando a extremidade interna altamente sensível de sua asa. Foi a gota d'água. Raphael segurou seu queixo, trazendo-a para um beijo que poderia muito bem ter sido o sexo, era tão selvagem, tão profundo, tão gostoso.

Então não havia mais estratégia, não estava mais lutando pelas rédeas, apenas um compromisso apaixonado que a deixou gritando silenciosamente enquanto ela gozava ao redor do aço aquecido de sua possessão, seus olhos fixos nela de um azul imaculado e doloroso.

CAPITULO 27

Raphael acariciou levemente as asas secas de Elena, sua Consorte tinha envolvido seu corpo em uma toalha azul macia enquanto estava no banheiro olhando para ele através do espelho.

— Você está estranho, — ela disse sucinta, indo direta ao ponto. — Como naquele momento em que você ficou no Silêncio.

Raphael não gostava do que ele se tornou no Silêncio, aquele estado de ser onde agia com uma crueldade impulsionada por uma fria razão destemperada pela emoção. No passado, e o que ele decidiu seria seu último período de Silêncio, ele que uma vez vigiou os berçários angelicais, ameaçou um bebê em busca de seu objetivo.

— Eu te feri? — Ele perguntou, soltando a toalha para apertar a mão ao redor da nuca dela.

— Claro que não. — Um irritado cenho que para ele era um beijo. — Você ferrou meu cérebro, mas desde que fiz o mesmo com você, não estou reclamando.

O temperamento de Elena com a confirmação definitiva, liberou-a. Enquanto caminhava para o dormitório e encontrava um roupão, ele seguiu colocando uma calça preta. Não dormiria esta noite; havia muito o que fazer, a razão pela qual se encontravam na Torre, e não na casa, mas trabalharia no dormitório até que ela tivesse passado as primeiras horas problemáticas do sonho.

— Eu entro no Silêncio quando ultrapasso um certo nível e tipo do poder, — ele disse, — isto se sentia como algo fora de mim mesmo. — Como se estivesse de pé no oceano mais profundo, isolado do mundo.

— Um ataque? — Curvados cachos quase brancos ao redor de seu rosto onde os fios escaparam do coque na parte posterior de sua cabeça, Elena fechou a curta distância entre eles.

— Um que me encharcou com o poder? Não. — Tinha a sensação de que foi algo muito mais perigoso. — Se for o surgimento de meu poder, parece que tem o potencial de me transformar radicalmente.

— Nunca vai acontecer. — Um brilho obstinado no olhar de sua caçadora. — Não vou perder meu homem.

— Eu sei. — Até no frio estranho, ele tinha provado sua fúria, sua paixão, a profundidade de seu amor ardente, e a arrastou de novo em seus braços, toda distância apagada. — Agora é hora da minha mulher ir para a cama. — Ela tinha círculos sob os olhos da sequência de dias cheios de tensão e sono interrompido. — Se não discutir, a enviarei em um sonho profundo com contos de sangue, morte e a aniquilação da última Cascata.

— Beemm. — Soltando o cinto do roupão da bata para revelar um corpo flexível e dourado, ela se aconchegou debaixo dos cobertores.

Ele deitou ao lado dela sobre aqueles mesmos cobertores, puxando o laço de seu cabelo para brincar com a seda selvagem.

— Você ouviu falar da cidade perdida de Atlântida?

— Claro. — Seus olhos se arregalaram, maravilha suave no cinza-prateado. — Foi real?

— Minha mãe disse que a lenda se origina de uma cidade de água que existiu milênios em milênios atrás, uma cidade de notável talento artístico criada por um arcanjo que tinha habilidades como aqueles que agora acreditamos que Astaad tem, exceto que os poderes deste arcanjo estavam em seu apogeu naquele momento. Sombria compreensão roubou a maravilha.

— Foi destruído, não foi?

— Caliane está incerta se uma parte disso está realmente debaixo do oceano, protegida por seu arcanjo, mas ela caiu vítima das últimas guerras da Cascata, como fizeram muitas outras grandes civilizações.

— *Tais maravilhas perdidas para sempre, Raphael. Coisas que eclipsam as criações deste mundo moderno, até a arrogância de hoje é daquela criança nunca viu verdadeira graça.*

Repetindo o juízo de Caliane a Elena, ele contou o resto, como as guerras envolveram o globo, empapando a Terra com sangue tanto mortal quanto imortal.

— Quando eles terminaram, um século depois que eles começaram, metade do mundo se foi e a civilização retrocedeu por milênios.

Elena balançou a cabeça, como se o conhecimento fosse muito terrível para aguentar.

— Estas Cascatas, não há nenhum modo de dizer quantos vieram e se foram, quantas vezes a civilização foi praticamente apagada somente para começar novamente.

— Sim. — Mudando de posição, para que seu corpo cobrisse o dela, com a mão em seu cabelo, ele contou a ela o prelúdio para o brutal fato final.

— Caliane sobreviveu a mais de uma Cascata. — Isto, ele estava certo, ninguém sabia. — Ela disse que nem todas são iguais, e por ela as mudanças aparecem no Cadre e, portanto, na Cascata, esta pode ser a mais forte em todas as suas eras de existência.

Terror sem ocultar, os braços de sua caçadora segurando-o perto.

— Se a última Cascata terminou na destruição de metade do mundo...

— Sim.



Dado o conto sinistro de Raphael, era um milagre que Elena dormisse profundamente como fazia. Quando acordou, porém, para uma calma inquietante que lhe dizia que mais neve havia caído durante a noite, o fez com uma necessidade cega de escapar da loucura do mundo imortal por um fragmento de tempo.

Sara tinha a manhã livre, tanto como uma diretora de Sociedade jamais poderia ter. Assim, Elena se encontrou com sua melhor amiga e Zoe em um pequeno restaurante do bairro para um café da manhã tardio. O proprietário e a maioria dos assíduos conheciam Elena desde antes de sua transformação, e, embora poucas pessoas tirassem fotos, ninguém as incomodava.

Uma hora e meia mais tarde, encontravam-se no Central Park, vendo uma Zoe rindo, tratando de pegar às pombas. Inclusive com um pequeno traje de urso polar para a neve de cor laranja, a pequena menina se sentava na neve de vez em quando para descansar, e logo ia outra vez atrás dos pássaros.

A respiração de Elena congelava no ar enquanto ria com deleite ante as palhaçadas de Zoe, a temperatura congelava o suficiente pelo que Elena também ia vestida para o clima, levava uma camiseta de mangas longas debaixo de seu traje de couro negro de caça. Seu corpo imortal poderia ser mais resistente que um mortal, mas estava claro que era muito jovem para fazer caso omissos deste tipo de frio, especialmente em voo, onde tinha que fazer frente à sensação térmica também.

— Como está Vivek? — Perguntou Sara, depois de enviar a Deacon uma foto de Zoe sentada na neve.

— Aodhan está fiscalizando sua transformação. — Elena tinha se assegurado de que Vivek estivesse em mãos nas quais confiava. — Não fui visitá-lo, ele me pediu que não fora. Não acredito que queira que nenhum de nós o veja enquanto está vulnerável. — Poderia ter estado paralisado, mas Vivek nunca tinha sido impotente, pelo que Elena sabia. — Sabe quanto ele gosta de estar no controle.

— Entendo-o, mas ainda é um idiota orgulhoso — disse Sara, seu tom profundamente afetuosos.

— Keir está monitorando pessoalmente seu progresso. — Sara conheceu o curandeiro durante sua visita ao Refúgio, sabia do profundo respeito com o que se mantinha no mundo imortal. — Passou muito tempo da Conversão de um mortal com lesões a longo prazo tão significativas.

— Mami! — Zoe correu de novo até elas com essa forma selvagem que parecia que estava a ponto de cair. — Beshos!

Agachando para envolver a sua menina nos braços, Sara apertou sua adorável cara solicitando beijos. As duas se viam tão preciosas juntas que Elena tirou uma foto com seu próprio telefone, o casaco arroxeados escuros de Sara vibrante contra o traje laranja de Zoe, a cara enrugada em sorrisos idênticos. Zoe riu quando Sara fingiu lhe fazer cócegas, logo deu a sua mamãe um sonoro beijo na bochecha antes de elevar seus braços a Elena, olhos escuros brilhantes.

— Ia Ellie!

Rindo, “Ia” Ellie levantou Zoe em seus braços e, depois de dar um abraço, lançou-a no ar, apanhando-a com um firme controle sobre o voo. Zoe chiou feliz,

o capuz caído para revelar magníficos cachos de cor negra atadas em dois perfeitos rabos de cavalo.

— Zoe voa, Ia Ellie!

— Sim — disse, totalmente obcecada com o bebê da Sara. — Está voando, Zoe.

Cinco voos depois, a menina foi seduzida pela visão de uma pluma angélica à deriva na neve de um esquadrão que passou e saiu correndo para enganchá-la a sua coleção.

— Te Juro — murmurou Sara, — tenho um ataque do coração cada vez que você e Deacon decidem tratar a minha pequena bebê como se fosse uma maldita bola de basquete.

Elena sorriu.

— Ela é sua pequena e você é a que saltou de um edifício em perseguição de um vampiro. — Deixando a em seu monólogo enquanto olhava pelo beco, esperando ver o corpo destroçado de sua amiga. — E o pilhou, também. — Sara tinha calculado seu salto para levá-la a um contêiner cheio de resíduos de mantimentos. Repugnante, mas seguro.

Agora, sua melhor amiga lhe apontou com um dedo.

— Não conte histórias como essa perto do ouvido de Zoe.

— Desista, Mamãe Ursa. Ela tem um ex-assassino como pai e uma Diretora de Sociedade chuta-traseiros como mãe, além de uma caçadora nata totalmente impressionante como tia. — Acariciando o ombro de Sara, disse. — Os meninos nunca vão estar satisfeitos de estar em casa montando quebra-cabeças.

— Deacon lhe fez uma Besta em miniatura. — O olhar no rosto de Sara era uma estranha mescla entre horrorizada e orgulhosa quando acrescentou. — Zoe já é uma atiradora de primeira. Graças a Deus suas "flechas" têm pontas de esponja ou estaríamos todos mortos várias vezes.

— Sabe que vai ter a todos os caçadores do Sociedade, e se por mim fosse, a todos os anjos e vampiros da Torre, vigiando-a.

Sara se iluminou.

— Isso, penso que provavelmente vai levá-la à rebelião. Precisamos ajustar nossos planos ardilosos para isolá-la do perigo.

O tema de suas maquinações correu direto de volta, sem fôlego pela emoção. Em seu pequeno punho estava uma pluma de cor marrom escura com borda de cor negra. — Anjo — disse a menina, passando seu dedo suavemente sobre os filamentos que ela tinha tomado cuidado para não esmagar.

— Bem feito, bebê — disse Sara, agachando-se de novo. — Quer que a mantenha segura por você?

Sara não voltou a falar até que Zoe retornou a sua brincadeira, e quando o fez, as palavras foram carregadas com preocupação, seu rosto solene.

— Vivek vai precisar de nós depois de ele acordar. Eu não posso suportar a ideia de que ele possa ter que manter distância.

Tampouco Elena.

— Tenho uma ideia sobre como podemos nos assegurar de que tenha esse apoio sem que ele viole seu juramento a Raphael e a Torre.

Duas horas mais tarde, rastreou a Aodhan no topo de uma das torres maciças da ponte George Washington, com as pernas penduradas ao lado, sentado em cima da estrutura metálica, e seus olhos sobre o tráfego abaixo. Teria sido uma distração perigosa se tivesse sido um dia ensolarado, mas o céu nublado evitava que a luz do sol se refratasse em cima, os condutores inconscientes de que eram observados.

Pensou em como aterrissar de forma segura na superfície relativamente estreita, e o conseguiu em seu segundo intento.

— Não está mau. — Sorrindo, não levou a atenção ao feito de que a mão de Aodhan saiu disparada para agarrá-la quando parecia que poderia escorregar e cair. O pensamento automático foi sem dúvida, um sinal de que o desagrado do anjo pelo contato não estava tão profundamente enraizado para superar seu instinto de proteger.

— Seu equilíbrio é excelente — disse Aodhan, com uma expressão pensativa, — mas precisa fortalecer os músculos que se usam para manter uma flutuação baixa.

— Algum exercício específico? — Perguntou, feliz de aprender algo que a faria mais eficiente no ar.

— Sim. — A atenção de volta ao tráfego passando, acrescentou. — Posso te ensinar.

Curiosa por saber o que lhe tinha cativado, sentou-se a seu lado, com cuidado de assegurar que suas asas não se roçassem.

— Procura alguém?

Um movimento de cabeça.

— Encontro-me fascinado pelo fato de apesar de que o rio estava cheio de sangue faz menos de um dia, parece ser o de sempre para aqueles que chamam a esta terra de seu lar.

Elena pôs-se a rir.

— Os nova-iorquinos são uma raça resistente, Aodhan. — Procurando detrás, apertou seu rabo-de-cavalo. — Chute-nos e podemos ir para baixo, mas voltaremos com fúria em nossos olhos e coragem em nossas almas. — Adorava a força sanguinária de sua cidade. — Nenhum estranho jamais nos verá chorar.

Os olhos de cristal quebrado se encontraram nela, seu rosto refletido em assustadoramente belas lascas.

— Não me esqueci de nossa conversa sobre medo e solidão — disse, antes de mudar seu olhar para Manhattan. — Você e esta cidade me ensinam muito quanto a ressurgir da dor e do medo. Tem razão, lambi minhas feridas o suficiente.

Aturdida pela franqueza com a que se referiu a suas cicatrizes emocionais, foi-se com seu intestino.

— Todos temos tempo permitido para se enrolar e se recuperar da comoção ou dano. Mas se continua por muito tempo, começa a comer você. — Elena sabia por experiência, sua dor zangada quando se tratava de Jeffrey tinha deixado nela cicatrizes indelévels. — É melhor enfrentar a dor, neutralizar o ácido das lembranças.

— E se isso falhar? Se eu cair de novo?

— Você vai, — ela disse, porque a verdade era uma arma muito melhor contra a escuridão que qualquer falsa esperança. — Uma e outra vez. Às vezes, vai ficar tão brutal que se enrolar e se esconder novamente vai parecer a melhor escolha. — Pensou na maneira em que quis fazer ouvidos surdos ante a consequência do pesadelo em Amanat, da faca estimulante, da luta a sangue quente que seguiu. — Não se renda, Aodhan, porque não pode imaginar a glória que o espera no outro lado. Lute por vê-la; lute para possuí-la.

Suas palavras em resposta continham um matiz de alegria que penetrava o coração e que nunca antes tinha escutado dele.

— Valeu a pena o risco de jogar uma partida com meu amigo de novo — disse, os fios diamantados de seu cabelo lhe roçaram a maçã do rosto com o vento suave. — Até que lancei essa bola a Illium sobre o rio, não entendia que não me sentia vivo durante mais de duzentos anos.

Um agradável silêncio caiu entre eles durante os próximos minutos, até que Aodhan disse.

— Me procurava com um propósito?

— Sim. Queria te perguntar algo. — Seus olhos em seu perfil, sua pele de alabastro amorosamente acariciada com ouro fino, impecável. — Vivek te pertence? Desde que você o Converteu?

Sacudindo a cabeça, disse.

— Todos os vampiros pertencem ao arcanjo do território onde se cria o vampiro. Supervisores são escolhidos entre os anjos superiores.

Droga.

— Então, eu sou muito jovem para supervisionar um vampiro?

— Em circunstâncias normais, sim, um novo vampiro Convertido pode ser às vezes violento, difícil de controlar, e você é fraca em termos angelicais. Vivek Kapur, entretanto — disse, deixando claro que entendia por que estavam tendo esta discussão, — não estará com sua força física completa durante algum tempo e você tem recursos de Raphael a suas ordens.

— Então, é viável?

— Está feito. — Ele segurou seu olhar. — Entende que será responsável por cem anos e que estará Contratado para servir, e que o serviço deve ser completado.

— Sei. Vai gerar ressentimento de outra forma. — No que Elena sabia, a esposa de Dmitri, Honor, era a única exceção à regra do Contrato no território de Raphael, e era uma exceção que nem um só imortal perguntaria. Dmitri era, depois de tudo, o segundo leal de Raphael durante mil anos e contando, tendo derramado seu próprio sangue em inumeráveis ocasiões em defesa de seu arcanjo.

— Quais são seus planos para o término de seu Contrato? — Perguntou Aodhan.

— Estará com as comunicações da Torre como se discutiu, mas logo que recupere o uso de seus membros, tenho a intenção de colocá-lo no treinamento na Academia do Sociedade. — Foi o que Vivek tinha decidido no momento que discutiram as coisas antes de sua Conversão, um homem não tem por que ser fisicamente forte para converter-se em um disparo letal. Vivek planejava praticar suas habilidades de tiro enquanto se construía seus músculos. — Enquanto isso, vai assistir a aulas intensivas na Academia para ficar tanto sobre as áreas de conhecimento prático que não necessitava em sua posição anterior.

— Isso não será suficiente — disse Aodhan, no momento que vislumbrou as asas de um distinto azul prateado dirigir-se para eles. — Ele deve ser visto estando ao seu serviço.

— O treinamento o deixará preparado para um posto em minha Guarda. — Isso não era algo que tivesse conhecido antes para oferecer a Vivek, mas parecia a solução perfeita. Entretanto, Elena não tinha nenhuma intenção de forçar a decisão sobre seu companheiro caçador; já tinham tomado muitas decisões por Vivek. — Confio nele até a medula e já salvou vidas mais vezes das que posso contar.

— Bem, — disse Aodhan lentamente. — Uma vez que sua intenção seja conhecida, será suposto que foi Convertido para servir em sua Guarda, o que explica o extraordinário esforço realizado em seu nome.

Illium chegou antes que pudesse responder, aterrissando para tomar assento junto a Aodhan.

— Por que estamos sentados sobre uma ponte de cartão postal sendo fotografados pelos turistas nesse navio? — Perguntou, saudando os ditos turistas, que pularam acima e abaixo, seus chiados arrastados pelos ventos.

— Ninguém nos notou até que você fez, deliberadamente, um sobrevoo a baixa altura sobre o mesmo navio — assinalou Aodhan.

— Saúdei os agradáveis turistas, Faísca. Prometo-lhe que não causam a peste nem tormentas de fogo.

Elena mordeu o interior de sua bochecha ante o olhar de Aodhan, nunca tinha visto ninguém romper seu escudo reservado.

— Faísca e Fumaça, lindo.

— Nunca — disse Aodhan, mãos obstinadamente na viga, — jamais repita isso. Illium parece ter se esquecido de que prometi lhe separar a língua da boca em caso de que pronunciasse isso de novo em sua vida imortal.

— Tem que me pegar primeiro — Illium provocou e caiu para trás ao longo da borda da ponte da torre.

— Illium! — Gritou Elena enquanto caía para o tráfego pesado, com as asas emaranhadas.

— Está brincando — disse Aodhan com calma. — Estava acostumado a fazer isso a sua mãe todo o tempo, até que um dia, ela o fez a ele. Não acredito que jamais tenha visto a Illium tão castigado e branco.

— Não, Aodhan, está caindo muito rápido. — Com o coração na garganta, Elena se retorceu desesperada na preparação para decolar, tentar ajudar exceto que era muito tarde. Illium estava a ponto de ser esmagado entre dois caminhões. — Não!

Asas de azul prateada se abriram a uma velocidade inacreditável, mostrando uma agilidade assombrosa.

— Ellie — Uma risada zombeteira quando voou de volta para cima, — parece que você viu um fantasma.

— Não vou falar com você. — Sem fôlego por causa do susto, ela falou com Aodhan em vez disso. — Vou dizer ao Hummingbird que esteve aprontando das suas.

Os lábios de Aodhan se levantaram no menor e leve sorriso.

— Ouça! Espera! — Illium tentou entrar em sua linha de visão. — Não diga a mamãe. Prometo-lhe que...

O telefone de Elena soou justo no meio da súplica de clemência de Illium.

— Sara, eu... — começou a dizer, com vontade de compartilhar as boas novas de Vivek.

Sua melhor amiga interrompeu com tom marcado.

— Ashwini viu um vampiro doente no terminal de contêineres de Port Jersey. Acredita que pode encurralá-lo, mas necessitará da Torre para tirá-lo das suas mãos.

O sangue de Elena se converteu em gelo.

— Estamos a caminho.

CAPITULO 28

Ashwini estava sangrando muito de cortes nos braços e arranhões em seu rosto quando Elena chegou com Aodhan e Illium. — Vampiro doente não me tocou, — ela disse, antes que Elena pudesse perguntar. — Os cortes são de antes, consegui no carro lá fora. O idiota tinha unhas como fodidas facas e eu fui estúpido o suficiente para chegar muito perto. — Ela assentiu com a cabeça para baixo da linha de contêineres. — Seu vampiro está lá. Eu consegui arrebanhá-lo em um beco sem saída.

Elena entrou com Illium e Aodhan, enquanto Ash observava suas costas, no caso de haver mais do que um único vampiro infectado na área.

— Não toquem nele, — ela disse aos outros quando avistaram o vampiro, que era de fato estava inquieto. — Uma coisa é acreditar que não podemos ser infectados, outra é saber.

O vampiro os tinha visto, também, estava tentando correr pelo espaço amplo, seus dedos em uma posição rígida com garras e os olhos vermelhos. As pústulas no rosto tinham estourado, aqueles em seus braços infectado.

— Pare! — Ela gritou.

Nenhuma resposta, o vampiro continuar a fechar a distância entre eles.

Tomando-lhe a besta de leve, de onde ela tinha a amarrado na coxa, ela mirou a perna esquerda do vampiro. Ele nem sequer hesitou, deixando-a sem escolha a não ser atirar.

O tiro foi limpo, o vampiro foi para baixo com um grito agudo que soava errado. Seu intestino apertou com a sua agonia, embora soubesse que a ferida

iria curar dentro de horas. — Keir disse que uma vítima ao vivo pode ajudá-lo a entender melhor a doença.

— Vou organizar uma equipe de resgate junto com risco biológico adequado, entre em contato com o curador. — Aodhan decolou em um sussurro.

O vampiro continuou a gritar como se atijadores quentes estivessem sendo conduzidos em sua carne. — Isso não está certo. — O fato de que seu sofrimento pudesse ajudar a salvar a vida dos outros não pareceu torná-la menos como uma tortura. E isso era uma linha que ela nunca iria atravessar. — Nós temos que finali...

— Não, — Illium recuperou sua espada, relâmpago, da bainha em suas costas. — Ele não está com tanta dor. A localização da lesão significa que dói ao entrar, mas é apenas um incômodo uma vez que a bala é incorporada. — Caminhando para a frente, ele colocou a ponta de sua espada no peito do vampiro, enquanto permanecia fora do alcance das unhas sangrentas da criatura. — Quietos.

O vampiro congelou.

Besta levantada para cobrir Illium, Elena andou perto o suficiente para olhar para o rosto do vampiro, e o que ela viu fez uma chuva de pena invadir suas veias. — Você quer morrer. — Aqueles olhos sangrentos teve um lampejo de consciência verdadeira, o suficiente para que esse vampiro entendesse o que estaria acontecendo com ele mesmo que ele não pudesse ficar quieto.

— Não consigo matar, — disse o vampiro, uma lágrima escorrendo pelo rosto, um líquido vermelho. — Não consigo matar.

Não consigo matar.

— Você tentou se matar? — Ela perguntou, mas ele se foi, loucura febril rastejando sobre os olhos para deixá-lo agarrando a pedaços de seu próprio rosto.

— Eu não posso ver isso. — Não querendo acabar com a vida do vampiro quando Keir não pudesse ser capaz de ajudá-lo, ela pegou uma arma e atirou-a, com a intenção de derrubá-lo com um toque na cabeça.

— Espere. — Illium olhou para o vampiro, com os olhos ardendo dourado ... e o macho doente parou de se contorcer, as mãos caindo para os lados e paz absoluta em sua expressão quando seus cílios se fecharam.

Elena olhou para Illium com novos olhos. Ele era, ela percebeu, não apenas poderoso. Ele estava se tornando uma potência.

— Por que você está me olhando assim, Ellie? — Guardando a sua espada, escuridão no dourado. — Você está com medo.

— Não de você. Eu só percebi que você pode um dia deixar os Sete. — Ninguém tão poderoso quanto ela suspeitava que Illium acabaria por se tornar gostaria de estar a serviço de outro, se isso era mesmo uma escolha. — Eu não posso imaginar que você não será uma parte desta cidade, da minha vida.

— Isso não vai acontecer tão cedo. — Um sorriso deslumbrante que apagou as sombras, suas asas espalhando para escovar a sua própria antes que ele dobrosse-os de volta. — Esqueça a próxima guerra, a Torre iria cair sem mim.

— Tão modesto. — Seu sorriso desapareceu quando seus olhos pousaram sobre o vampiro, que dormia tão pacificamente e que ela sabia que provavelmente nunca acordaria, embora ela esperasse que Keir pudesse salvá-lo. — O que ele diz sobre o arcanjo por trás disso, que ele tem a capacidade de criar doença?

— Você sabe a resposta para isso.

Sim, infelizmente, ela tinha. Poder corrompido, e muitas vezes a corrupção era absoluta e feio.

Olhando para o anjo, bonito e talentoso, que se agachou para mais perto, para examinar a vítima, suas asas um tapete azul e prata requintado no concreto, ela esperava que, quando chegasse a hora, quando seu poder amadurecesse a sua força total, ele teria alguém que agiria como sua âncora, como ela e Raphael faziam um para o outro. Ela não podia suportar a ideia de Illium corrompido. Não Illium.



O vampiro morreu doze horas depois, sem nunca ter despertado do seu sono. — Foi uma benção, — disse Keir, antes de deixar a cidade, o curador tinha chegado a hora de examinar a vítima, enquanto ele vivia. — A doença tinha comido o seu caminho em seus órgãos internos, teria lhe causado uma dor excruciante se estivesse consciente.

Os testes de Keir também havia mostrado que o macho tinha uma anomalia genética que o tornava menos suscetíveis ao vírus, embora, como eles tinham visto, não imune. Quanto à forma como ele tinha sido infectado, isso era desconhecida. No entanto, curiosamente, tinha acabado de voltar ao país depois de uma viagem de negócios à China.

— Se estamos errados e é Lijuan, — disse Raphael para Illium enquanto voavam de volta depois de escoltar Keir ao jata, — então ela está ganhando força a um ritmo muito além do que qualquer outra pessoa no Cadre. — Isso poderia muito bem fazer dela invencível.

Illium mantinha a posição, asa com asa. — É possível que ela poderia simplesmente ter facilitado a infecção, oferecendo uma passagem segura através de suas terras ao seu cúmplice.

— Não é um grande cenário, morte e doença agindo em conjunto, mas melhor do que Lijuan ser o único detentor de tais viciosos 'presentes'.

Neve começou a cair novamente ao seu redor, o mundo abaixo salpicado em inocência e paz, mas a ilusão não durou muito. Cedo no dia seguinte, um avião com destino a Nova York, seu ponto de origem, Xangai, fez um pouso de emergência médica em San Francisco, o piloto humano envio de um pedido de assistência à Torre através do controle de tráfego aéreo.

A crédito do piloto mortal, ele se recusou a permitir que mais ninguém a bordo do avião saísse até a chegada da equipe da Torre, suas ações contiveram a doença dentro da barriga de aço da aeronave. Todos os dezessete vampiros a bordo mostraram-se doentes, seus corpos grotescamente contorcidos, feridas em seus rostos.

Os seres humanos foram colocados em isolamento durante quarenta e oito horas, em seguida, liberado após uma verificação completa de que não mostraram sinais de infecção, enquanto os vampiros entraram em estrita quarentena médica.

Cinco dias depois, eles começaram a recuperar, e de acordo com Keir, todos agora tinham uma imunidade à doença. Foi a primeira boa notícia que eles tiveram. — Nosso inimigo tornou-se impaciente e exagerou, — disse Raphael para Elena naquela manhã, os dois passando por diferentes rotinas de artes marciais no gramado da casa Enclave. — Keir agora acredita que pode ter a capacidade de criar uma vacina, embora isso vá levar um tempo considerável.

— Isso é uma boa notícia, pelo menos. — Elena completou seu kata e pegou uma pequena toalha para limpar o suor do seu rosto, o sol brilhando esta manhã, embora a neve não tivesse derretido. — E sobre as viagens vampíricas?

— Altamente restrita. — A expressão de Raphael era uma que mostrava o arcanjo que ele era, frio e resoluto. — As notícias sobre a doença começaram a se espalhar e a maioria dos vampiros estão se restringindo, qualquer um que tentar desafiar as ordens irá ter que lidar com isso.

— Bom. — Sabia que isso ia frustrar aqueles vampiros que precisavam viajar a negócios ou por qualquer outro motivo profissional, mas não era só a vida deles em risco. — Se aquele piloto vampiro não tivesse sido atropelado e substituído uma hora antes da decolagem, isso poderia ter terminado em um desastre ainda maior. — Indo parar na frente do seu arcanjo, enquanto ele terminava seus próprios exercícios, ela colocou suas mãos no calor da pele de seu peito nu.

— Em qualquer outro momento, — Raphael disse, os olhos furiosos: — Eu iria lançar um ataque preventivo para impedir quaisquer ataques furtivos, mas com as minhas forças dizimadas, a única opção é intensificar a nossa posição defensiva. Nós simplesmente não temos pessoas suficientes para proteger a cidade e lançar um ataque ao mesmo tempo.

Envolvendo seus braços ao redor dele, Elena se inclinou em seu corpo, o calor de sua fúria muito mais bem-vindo para ela do que a estranha fria após o rio com sangue. — Eu estou indo ver os anjos feridos depois do almoço. — Ela segurou mais apertado. — Estar em torno de você e os Sete, deu-me uma ideia distorcida de quão rapidamente anjos se curam, e eu não entendia o quão ruim os efeitos colaterais da droga poderia ser. — Os homens e mulheres na enfermaria estavam começando a ter seus membros rasgadas e órgãos devastaram crescendo uma polegada cada vez, literalmente, a sua dor tão insuportável, que levava muitos às lágrimas.

Seus próprios olhos queimavam quando ela disse, — Izak estava chorando quando eu cheguei ontem, e ele estava tão envergonhado que eu o vi assim. — Um nó na garganta, ela teve que engolir várias vezes para falar ao redor. — Eu disse a ele não há nenhuma vergonha em reconhecer a dor, que eu chorei quando eu me machuquei e não sou menos forte por isso, mas eu não sei se ele acreditou em mim.

Raphael passou a mão em seus cabelos. — Ele é um rapaz de coração ainda e ele adora você. — Um beijo contra sua têmpora. — Fale com ele sobre o que ele vai ter que fazer para se preparar para a sua guarda. Isso vai dar-lhe a garantia de que ele precisa.

— Devo dizer que ele está preste a ser jogado em um treinamento com Dmitri e Illium? Isso poderia assustá-lo. — Izak era um bebê comparado aos Sete.

— Ele pode sentir medo, mas se meu julgamento dele está correto, isso também vai dar-lhe o ímpeto para lutar pela agonia de vir para que ele possa provar sua alegação para a posição.

A previsão de Raphael acabou por ser certa. Izak ficou uma folha branca quando ela lhe disse exatamente o quão duro ele teria que se tornar, agora que ele era parte de sua guarda... em seguida, ele respirou fundo e deu a ela, com um olhar inesperadamente solene de adultos. — Obrigado. Pensei que talvez você só concordou em me oferecer a posição porque você sentiu pena de mim.

— Eu estou juntando minha pena para quando Galen chegar para assumir a sua formação.

Ele fez uma careta. — Eu estava esperando que ele permaneça no Refúgio.

— Se ele o fizer, você vai ser enviado para lá. — Obrigando-se a não olhar para a pele vermelha crua de seus ferimentos, ela o beijou na testa. — Tenho certeza que ele não vai bater em você até ficar preto-e-azul todos os dias.

— Ellie, eu não sabia que você era tão má.

Deixando-o com uma carranca no rosto e um sorriso em seus olhos, ela visitou os outros, todos os quais ela tinha começado a conhecer a título pessoal. Foi difícil, ver tanta dor feita para pessoas que agora pertenciam a ela, mas se eles poderiam suportar a dor insondável, ela poderia suportar ficar com eles através da viagem.

Quando ela terminou de falar com o último anjo consciente, ela teve uma visita informal com um esquadrão ativo, então verificou para ver se sua irmã, Beth, tinha cancelado sua nomeação. Não. Tomando uma respiração profunda e consciente de que não havia mais desculpas, ela varreu para fora da torre para voar para um armário de armazenamento no Brooklyn. Ela não tinha estado lá em semanas, não por conta de tudo que estava acontecendo na cidade... Não, isso não tinha nada a ver com isso; a verdade era que ela estava evitando isso, mesmo antes da Queda.

Como ela conseguiu, ela não entendia a razão de sua resistência, quando ela tinha sido tão dolorosamente feliz por saber que Jeffrey não tinha jogado fora os pertences de sua mãe depois de tudo. Ela nem sabia por que continuou a manter tudo em armazenamento quando não havia muito espaço na casa para isso. Ela ainda não tinha tomado a colcha preciosa que sua mãe tinha costurado à mão.

— Ellie? — Era um som instável.

Virando-se, Elena viu uma doce e curvilínia loira morango com olhos de turquesa translúcida, seu corpo coberto com um vestido sedutor cereja-rosa com

um cinto na cintura. Ela tinha emparelhado o casaco da mesma cor, mas queimado com botas pretas de cano alto que combinavam com a boina garbosa em seu cabelo solto, a roupa toda coroada com um lindo tecido artesanal rosa fixada na parte superior esquerda do casaco.

Sua irmãzinha sempre gostou de vestir-se, mesmo quando eles tinham sido crianças. Belle tinha muitas vezes a tratado como uma boneca viva, para grande deleite de Beth, adornando-a com colares e rendas, enquanto elas se colocam em um desfile de moda para o resto da família. — Me chamando de Ellie agora? — Brincou ela com um sorriso, essas memórias não contaminadas por sangue e morte. — Não deixe Jeffrey pegar você. É Elieanora.

Beth mostrou a língua, mas o momento foi fugaz, seu rosto se fechando quando ela olhou para a porta de armazenamento. — As coisas de Mama estão realmente lá dentro?

— Sim. — Jeffrey tinha explicado tudo para Elena.

Beth tinha sido tão jovem quando Marguerite morreu para que Elena não culpasse seu pai por sua decisão, os itens teriam pouco significado para Beth. Mas Elena sabia as histórias associadas a cada peça estimada e essas histórias eram parte do legado de Beth, também.

— Ei — Ela segurou o rosto molhado da sua irmã. — Você não tem que fazer isso Bethie, não se isso te deixa muito triste.

— Eu quero. — Lágrimas quentes correram sobre as mãos de Elena. — Eu quero lembrar para que eu possa contar ao beber.

Elena congelou por vários segundos. — Harrison? — Conseguiu dizer.

Assentiu com a cabeça, envergonhada. — Eu sei que o expulsei, mas o amo Ellie. — As lágrimas continuaram a cair. — Mesmo ele não tendo me esperado ser aceita também, antes de ser Feita, eu ainda o amo. — Engoliu saliva, torcendo as mãos juntas. — Acho que ele se arrepende do que fez agora que entende que um dia terá que enterrar a mim e ao bebê também.

Elena não gostava de Harrison por que, apesar do seu amor por Beth, ele queria comprovadamente a imortalidade mais. Ele não esperou até que os testes de Beth estivessem completos, os quais mostraram que sua irmã não era uma candidata viável; Beth iria morrer terrivelmente se tentasse se tornar uma vampira. Elena desejava que pudesse alterar isso, mais não podia. Era um fato biológico escrito em pedra. Como parece, Harrison agora estava começando a compreender.

Ainda assim, Elena admitiu com desgosto, ele não era um imbecil por completo; ele sempre tratou Beth como uma princesa, incluindo quando Beth pediu separação. Elena podia quase acreditar que ele realmente se arrependia agora que as consequências do seu egoísmo começaram a aparecer.

— Você está com raiva?

Trazendo Beth para seu abraço com aquela pergunta trêmula, Elena beijou o topo da cabeça da sua irmã caçula, por que Elena sempre seria assim com sua irmã, o relacionamento com Eve independente do que tinha com sua irmã que era uma criancinha depois dela quando bebê.

— Não, não estou com raiva querida. — Ela a apertou com força, Beth aconchegando sua cabeça no peito de Elena, como sempre fez desde a infância. — Estou feliz por você.

O sorriso trêmulo de Beth foi tão doce quanto ela, quando se afastou.

— Vou amar esse bebê tanto Ellie. Ninguém nunca vai machucar os sentimentos do meu filho.

Naquele instante, Elena sabia que Beth esteve mais sensível pelas tensões na Casa Grande do que imaginava.

— Vamos. — Com o coração doendo, segurou a mão de sua irmã e destrancou o armário do armazém.

Uma vez dentro, fecharam a porta, a temperatura controlada do cômodo foi ligada por uma lâmpada branca e começaram a vasculhar as caixas.

— Isso era seu. — Rindo, Elena passou para Beth um carrinho de bombeiro a bateria. — Você queria ser uma bombeira quando era pequena.

— Eu? — Se contorcendo pela risada, passou os dedos pelo brinquedo de madeira. — Posso ficar com isso? Para o bebê?

— Tudo aqui pertence a nós duas, Bethie. — Tocou sua irmã gentilmente na bochecha, sem conseguir acreditar que o bebê da família iria ter um bebê dela. — Não precisa pedir.

Elas passaram mais de duas horas naquela sala e não foi até o final que Elena pegou a colcha que sua mãe tinha lhe dado no seu decimo quinto aniversário. Sentada em um dos cestos grandes, tentou respirar para lidar com a tristeza em seu coração enquanto acariciava o bonito algodão pintado.

— Mamãe costumava se sentar em seu quarto de costura trabalhando em suas colchas enquanto nós brincávamos no canto, desenhando roupas para suas bonecas.

Beth se apertou em cima do mesmo cesto, se aconchegando como sempre fez. — Suzy e Jane. — Palavras suaves, seus dedos respeitosos nas almofadas floridas. — Esses eram os nomes das minhas bonecas.

— Sim. — Ele a surpreendeu que Beth lembrou, sua irmã tinha fechado suas bonecas permanentemente afastado em um ato de luto infantil e raiva no dia depois do funeral de Ari e Belle. Quando Elena perguntou por que, ela disse que Suzy e Janey tinha sido "más", que elas tinham dito que Ari e Belle não iria nunca mais voltar.

— Mamãe costumava cantar para nós enquanto cortava os pedaços. — Beth disse, puxando a colcha para os joelhos de ambas. — *Frère Jacques, frère Jacques, Dormez-vous? Dormez-vous?* — Sua voz era suave e rouca enquanto cantava a música de ninar. — *Sonnez...*

— *Sonnez les matines.* — Elena continuou quando sua irmã vacilou. — *Sonnez les...*

Então as duas estavam chorando, Beth curvada nos braços de Elena, seu corpo tremendo, os próprios olhos de Elena cegos pelas lágrimas que pingavam na colcha em uma sinfonia silenciosa. Ela também segurou Beth no dia do funeral de Marguerite, o corpo de sua irmã tremendo, seus olhos lustrados com choque.

— *Eu quero a mamãe. — Continuava dizendo. — Por que papai a colocou no chão, Ellie? Ela não gostava do frio. Você tem que dizer a ela para trazê-la de volta. Eu quero mamãe. Por favor, Ellie.*

Hoje, Beth não disse nada, mas seus soluços de tristeza diziam a ela que seus desejos não haviam mudado. Prestes a se tornar uma mãe, Beth queria a dela ao seu lado.

CAPITULO 29

Raphael assistia Elena dormir, nem um pouco surpreso quando ela começou a se mexer inquietamente, um brilho fino de suor em sua pele. Ela veio para ele com dor em seus olhos, o pouco que disse a ele sobre seu tempo com Beth foi o suficiente para não a deixar até mesmo depois que ela adormeceu.

Acorde, Caçadora da Sociedade.

Ele usou o que ela chamava de seu tom de “Arcanjo”, as palavras um comando. Não funcionou quando ela entrou em coma por um ano depois que eles caíram juntos no dia que Manhattan ficou escura, mas hoje, seus olhos abriam em um chamejar de prata-cinza.

— Raphael. — Um sussurro, seus dedos entrelaçando seu cabelo. — Eu preciso de você.

— Estou aqui. — Cobrindo o corpo dela com seu próprio corpo, sua pele fria e úmida, segurou o lado de seu rosto enquanto iniciava um beijo carinhoso que dizia o que ela era para ele. Quando ela estremeceu e envolveu seus braços ao redor dele, ele moveu sua mão para baixo para acariciar seu seio e a linha de seu quadril.

Foi só pele que ele tocou em sua metade superior, sua companheira foi para a cama sem a camisa de dormir depois que descobriu que um dos botões caiu, mas vestia uma calcinha de sua coleção exuberante e impraticável. Cetim rosa suave costurada em renda branca, esse par combinou com ela perfeitamente. Quebrou o beijo para correr seus lábios pela sua garganta, continuou a acariciar seu seio até a cintura, até que sua pele esquentasse, sua respiração não mais estável.

Quando ele levantou a cabeça de sua garganta, foi para achar seus sensuais olhos e um corpo preguiçoso, mas ela empurrou seu peito, jogando-o sobre suas costas. Ele foi, suas mãos em seus quadris enquanto ela sentava em

cima dele, suas asas penduradas atrás dela e seus seios cheios de tentação e luxúria.

— Você guiará a dança esta noite, Caçadora da Sociedade?

Com sombras ainda em seus olhos, ela se debruçou adiante e, apoiou seus braços em cada lado da cabeça dele, abaixou sua cabeça para um beijo sexual e molhado, tudo era língua e dentes.

— Sim, — Ela sussurrou por fim. — Então fique deitado e aguarde.

Raphael riu, o som masculino, uma carícia áspera sobre a pele de Elena. Tremendo, ela disse.

— Pare com isso, — Sabendo muito bem que ele mudou a voz para excitá-la.

— Parar o que? — Era um ronronar, mil mexas de extraordinários pelos.

Gemendo, ela beijou o caminho da garganta até o seu peito, sua calcinha foi de úmida para molhada no espaço de uma batida de coração. — Não é justo, mas — Lambeu ao longo da fina linha de cabelo em seu umbigo — Isso vai igualar as apostas.

Com nenhuma advertência, nenhum aviso, ela tomou seu pau em sua boca.

Ele pulou, sua mão agarrando seu cabelo enquanto um gemido deixava seu tórax. Choramando com o jeito que esse som esfregou em sua carne íntima, engoliu mais fundo, apertando sua língua ao longo do eixo enquanto o lavava de afeição, o prazer tanto dela quanto dele. Seu couro cabeludo doeu quando ele puxou, então ela o apertou com seus dentes.

— Você está brincando jogos perigosos com seu Consorte, — veio a advertência rouca do homem magnífico que era dela.

Chupando com força, retirou sua boca muito lentamente do comprimento longo e espesso dele.

— Você quer dizer que não gostou disto? — Perguntou tão inocentemente quanto pôde.

Ele a virou e ficou em cima dela tão rápido, que não teve nenhuma ideia de como ele conseguiu fazer isso sem enganchar suas asas.

— Agora, — Uma advertência, — é sua vez de ser boazinha e aguentar.

— Oh, Deus. — Suas mãos agarraram no travesseiro, ela mordeu seu lábio inferior em antecipação ao seu toque e estremeceu quando ele deslizou seus dedos para debaixo dos lados de sua calcinha.

Com uma respiração quente, sua boca mergulhou em sua espinha, pôs sua língua para fora para saborear sua pele antes de arrastar sua calcinha para baixo passando pela sua bunda e mais abaixo. Parando com ela enrolada em suas coxas, ele mudou sua atenção para beijar o interior de suas coxas, a calcinha impedindo que ela abrisse mais suas pernas.

— Raphael.

Beliscando sua coxa em vingança pela reclamação sensual, ele arrancou a calcinha e subiu em cima dela novamente, seu pau rígido e seu peso contra suas costas enquanto ele se debruçava até murmurar em sua orelha. Falava descrevendo os prazeres eróticos que gostaria de apresentar a ela, sua mão deslizou para debaixo do seu corpo para apertar seu seio, apertando seu mamilo. Quando ele a pediu para deixa-lo entrar em sua mente, ela não hesitou, a confiança entre eles tal que sabia que ele nunca se aproveitaria.

Prazer inundou seu corpo em ondas lentas, ondulação depois de ondulação, como se ele girasse um interruptor em sua mente.

— Eu posso, — disse contra sua garganta, — Fazer isso para você a qualquer hora. — Seu corpo mudando de posição, a cabeça cega de seu pau cutucando sua entrada hipersensível, sua carne cremosa acolhendo-o. — Contando que eu possa tocar em sua mente, eu posso te trazer prazer, mesmo no meio de uma multidão.

— Não. Ouse. Fazer. Isso — Conseguiu falar entre o suspiro enquanto ele empurrava com um impulso lento, o pau duro como aço inexorável contra sua carne inchada.

Riso masculino, sua mão continuando a apertar e acariciar seus seios; Sua boca mudando para a curva interna de suas asas. No momento em que ele lambeu diretamente ao longo da extremidade onde suas asas saiam de trás dela, ela explodiu como dinamite, apertando ao redor dele até que ele agarrou seu quadril, prendendo-a abaixo, e começou a monta-la, com força e profundo.

Mexendo-se contra ele, seu corpo fora de controle, ela clamou seu nome enquanto o orgasmo chegou no limite com uma fúria e sentiu ele cair com ela em um impulso final e poderoso.



Mais tarde, enquanto deitavam abraçados na cama, o cabelo quase branco de Elena caía sobre sua pele e sua cabeça em seu ombro, suavemente apertou sua nuca.

— Com o que você sonhou?

Ela ficou imóvel, sua mão dobrou em um punho contra seu tórax.

— Você me acordou antes que qualquer coisa realmente acontecesse.

— Você está criando um hábito ruim, Elena. — Sua voz era dura, os ecos do prazer desvanecendo rapidamente sob uma onda de raiva.

Subindo do seu peito, sua Consorte empurrou seu cabelo para fora do caminho.

— Não use esse tom comigo. — Era um comando furioso, seus olhos bravos, vivos e bonitos. — Nós somos mais que isso.

— Se nós somos mais que isso — Disse, sua própria raiva mudando para um tom mortal. — Então por que você continua mentindo para mim?

Linhas brancas apareceram ao redor da sua boca, ela se afastou sem responder. Quando saiu e começou a se vestir, ele fez o mesmo. Sua Consorte, começou a perceber, não lidava bem em áreas contidas quando guiada por raiva e pesadelo, então ele a daria o céu. A única coisa que não a daria era distância.

Eles estavam voando três minutos mais tarde, indo em direção ao mar. As ondas estavam altas está noite, o céu ficou escuro uma vez que eles deixaram as luzes de Manhattan para trás. Elena voou e voou e sabia que, mais uma vez, ela estava se empurrando para bem além dos seus limites quando se tratava de força física necessária para voos de resistência.

Não tinha nada a ver com determinação e tudo a ver com fato fisiológico.

O corpo de Elena simplesmente não desenvolveu a musculatura necessária, a imortalidade ainda crescendo em suas celas, mas ele não parou seu voo impetuoso. As palavras não significariam nada, não quando ela era como isto;

não, ela teve que vir cara a cara com o risco perigoso que ela tomou sem pensou para as consequências.

E pior, essa era a segunda vez que ela fazia a mesma coisa. Uma terceira podia bem ser letal.

Se ela caísse dessa altura? Era duvidoso que sobreviveria. Ainda que sua sorte funcionasse, ela quebraria todos os ossos de seu corpo, seus órgãos se esmagariam com o choque. Jovem como ela era, isso a mataria, ou pelos danos reais ou por afogamento inevitável. Diferentemente dele, ela ainda não podia sobreviver sem ar.

Voando acima dela, alto suficiente para que ela não se sentisse caçada, soube o momento exato que ela percebeu o perigo. Imediatamente virando para o lado esquerdo, ela ia para casa, mas suas asas começaram a hesitar, seu corpo imergindo mais para perto da água em quedas irregulares antes dela se estabilizar. Só para o padrão se repetir, seu corpo caindo mais rápido e mais profundamente a cada hora.

Ela ainda não pediu ajuda.

Com os dentes friccionados, ele desceu o suficiente para ajudar, incapaz de permitir que ela se causasse dano, mesmo para ela aprender uma lição.

— Você está planejando deixar seu orgulho te arrastar para o fundo do oceano?

Ficou em silêncio, sua asa direita tão tensa, sabia que podia desmoronar a qualquer momento. Voando para a frente dela em uma explosão de velocidade que só outro arcanjo podia fazer, girou e voou diretamente para ela, agarrando-a em seus braços. Foi cuidadoso para assegurar que os braços dela deslizassem debaixo de suas asas para evitar qualquer dano adicional.

— Feche suas asas.

— Não, me solte. — A mandíbula fixa, ela empurrou em seus ombros, suas asas abertas causando uma significativa resistência. — Eu não pedi a sua ajuda.

— Os tendões em sua asa direita estão a ponto de quebrar. Como da última vez. Você deseja incapacitar a você mesma? — Quis balançá-la. — Machucar a mesma área repetidas vezes, e você ficará presa na terra por anos!

— Eu estou bem. — Batendo as mãos fechadas contra seu peito, ela torceu, quase se livrando por que ele não esperava o movimento tão irracional.

— Deixe-me ir ou eu juro por Deus que eu irei...

— Usar uma de suas facas em mim? — Ele perguntou, seus braços como aço ao redor dela. — Você tiraria meu sangue, Caçadora da Sociedade?

As mãos em punhos pararam, ela afastou o olhar, mas dobrou as asas com cuidado, por fim. Seu silêncio atacando seus sentidos, ele agarrou seu queixo com uma mão, pretendendo arrastar seu rosto em direção a ele, forçá-la a reconhecer sua presença. Ela resistiu e então ele sentiu uma única gota quente pingar sobre sua mão.

— Elena.

Suas lágrimas o chocaram; Ele já havia visto sua Consorte chorar, mas nunca durante uma briga entre eles. Tal manipulação sentimental estava além dela, e até agora ela enxugou a umidade, como se recusasse sua existência.

— Você está sentindo dor? — Ele perguntou, preocupado que ela tivesse rompido um tendão antes de conseguir pegá-la.

— Não, eu estou bem.

Sua resposta o enfureceu novamente.

— Você claramente não está bem. — Seu tom era gélido, ele empurrou seu queixo para cima. — Diga-me.

Dessa vez, foi Elena que interrompeu.

— Ou o que? Você arrancará da minha mente?

— Você questiona minha honra agora? É essa a confiança que tem em mim?

Em vez de parecer envergonhada, ela respondeu com fúria desmascarada.

— Eu confio em você mais do que qualquer um no universo! Esse é o problema.

— Você acha um fardo me dar sua confiança? — Os dedos apertaram em seu queixo, ele falou com uma raiva fervente. — Você é minha, Elena. Sua confiança é meu direito.

— Algo está acontecendo com você! — Era um grito, seus punhos batendo seus ombros e seus olhos bloquearam na linha mais vermelho escuro junto a sua têmpora.

— Eu não vou a lugar nenhum — ele disse, percebendo o formato do medo que perseguiu seus sonhos.

— Você não tem como saber disso! Nós não sabemos o que está acontecendo. — Seus dedos estavam em sua têmpora. — Toda vez que você derruba o véu, eu vejo o quanto ele se espalha, quanto mais de sua pele começa a cobrir.

— Eu não estou morrendo. — Levou muito controle para manter sua ira naqueles que fizeram isso com ela, cravaram tanto medo em seu coração, em sua voz. Marguerite Deveraux, afinal de contas, estava para sempre fora de seu alcance. — Eu sou um arcanjo.

Com o peito arfando e as bochechas vermelhas, respondeu com os dentes friccionados.

— Eu não preciso que você seja arrogante comigo.

— Não é arrogância. É realidade, — ele disse, segurando o olhar dela para que assim ela o ouvisse através do rugido de sua raiva. — Existem muitas, muitas poucas coisas nessa Terra que podem matar um arcanjo, e doença não é uma delas. Nunca em nossa história um arcanjo sucumbiu a enfermidades.

— Vampiros não deveriam morrer de doença também. — Respondeu de volta, mas seus dedos eram gentis enquanto tocava a marca em seu rosto novamente. — Toda vez que olho para isso, eu fico tão assustada. Pensei que tinha conseguido lidar com isso, mas é como um aperto glacial constante ao redor do meu coração. Não consigo respirar, não consigo pensar.

O pensamento e a marca se foram, apagada com a ilusão do véu.

— Não faça! Não esconda coisas de mim! — Elena percebeu o que disse assim que as palavras deixaram sua boca, seus olhos travaram com os de uma cor tão pura, não há nenhum verdadeiramente igual nesta Terra.

Ele ainda estava bravo com ela, tanto era claro, aquele azul maravilhoso tocado por um tom friamente metálico. Até com raiva ele a segurou com segurança, quando ela fez seu melhor para quebrar todos os ossos em seu corpo com seu voo despreocupado.

Não uma vez. Duas vezes.

— Merda, — ela murmurou, e quando ele levantou uma sobrancelha imperiosa, disse. — Desculpe. — Seus treinadores da Sociedade teriam chutado seu traseiro se ousassem algo tão idiota como uma cadete. — Eu não posso acreditar que quase arruinei tudo pela segunda vez.

— Haverá uma terceira? — A pergunta estalou como um chicote.

— Não. Até uma caçadora teimosa como eu aprende suas lições depois de dois quase erros letais. — Se não aprendesse, já teria morrido há muito tempo. — Obrigado pela ajuda.

— Estou contente por saber que eu fui um pouco útil. — Uma voz tão fria, era impressionante que não teve hipotermia.

— Isto não é justo. — Poderia ter sido uma idiota com o voo, mas isso não significa que ele podia subjugar-la. — Eu nunca estive mais entrelaçada com alguém minha vida adulta inteira!

— E isso faz você sentir medo.

Sua respiração parou, e quis dizer não, para lembrá-lo que era uma caçadora sangrenta, medo nada além de uma ferramenta. Mas o que disse foi.

— Sim, — por que esse medo ameaçava arrancar a vida dela. — Eu nunca sentir tanto medo desde que eu percebi que o monstro estava em nossa casa.

— Você acha que eu não entendo? — Todo músculo em seu corpo ficou tenso, sua voz muito rigidamente controlada, sabia que ele batalhava contra uma emoção brutal. — Você esqueceu o que eu disse?

Eu não conhecia o medo até conhecer você, Elena. Use o poder sabiamente.

Balançando a cabeça, ela envolveu com força, seus braços ao redor do seu pescoço.

— Eu não esqueci. — Os lábios contra os dele, lembrou-lhe de algo, também. — Eu permitir que você se transformasse no homem das cavernas. Não me encha o saco hoje.

— Eu quase não me matei quando me transformei no homem das cavernas. — Ele disse, beijou-a com força, quente e possessivamente, tudo temperado com raiva derretida. — Eu não fiz você assistir enquanto eu fazia o meu melhor para me causar um dano mortal.

CAPITULO 30

Seu seriamente chateado Consorte carregou Elena por quase todo o caminho para casa.

Agora que a loucura do medo unido à ira passara, Elena se sentia malditamente envergonhada. Não só isso, senão que suas asas se sentiam como gelatina as quais ameaçavam dolorosamente separar de sua carne. Ainda assim...

— Não posso deixar que me leve até Manhattan. Se Ransom me vê em seu telescópio de alta potência, não deixará de me provocar até que tenha ao menos oitenta e sete anos.

A verdade era que retornar para casa nos braços de Raphael poderia ser visto como um sinal de possível debilidade para seus inimigos, se algum estivesse observando.

A olhada em resposta de Raphael disse-lhe que sabia a verdadeira razão de sua petição.

— Sem mentiras, nem meias verdades. Pode suportar algum voo?

Elena precisou de um tempo para avaliar seu corpo.

— Sim, desde que mantenhamos lento, como se estivéssemos passeando.

— Doeria como o inferno depois que seu arcanjo decidia que ela devia sofrer por seus pecados e se recusava a curar, e merecia se ele o fazia, mas uns poucos minutos extra de voo suave não a fariam piorar.

— Prepare-se para abrir suas asas. — Libertando-a com cuidado, Raphael posicionou-se em cima dela.

Sabia que era para a agarrar se sua asa se rompia.

Arcanjo?

Sim, Consorte?

Sim, definitivamente ainda estava supremamente incomodado.

Só queria dizer algo que provavelmente não digo o suficiente, disse, enquanto voavam sobre a ponte George Washington, sua altitude suficientemente baixa já que podia ver os viajantes noturnos.

Te amo.

Isso nunca foi questionado.

Sua resposta gelada a fez sorrir. Sim, o amor nunca tinha sido questionado, em nenhuma direção.

Pergunto-me se Montgomery teria um bolo na cozinha.

Antes quando era mortal, algumas vezes se perguntou porque nunca tinha visto um arcanjo com sobrepeso. Agora sabia exatamente quanta força se precisava para voar, a energia que queimavam com a cada batida de asas. Comia mais cinco vezes do que fazia como caçadora, e mal conseguia manter seu peso a um nível saudável.

Os corpos imortais possuem uma velocidade metabólica mais alta?

Ninguém o comprovou nunca, que eu saiba, mas o teu indubitavelmente faz enquanto a imortalidade cresce mais profundo em tuas células.

Isso fazia sentido, pensou, justo quando o céu à distância começava a ferver negro e estrondoso.

— Raphael.

Aterrissa na superfície mais próxima. Agora!

Olhando para abaixo, viu passando uma barca e três segundos mais tarde estava baixando, Raphael aterrissando a seu lado. A tripulação olhou-os com a boca aberta, mas não se aproximaram.

— Tenho meu celular — disse, tendo-o metido dentro de seu bolso por força do costume. — Posso chamar a Aodhan...

— Já foi feito. — Os olhos de Raphael mantiveram-se em uma escuridão turbulenta enquanto falava. — Todos os anjos que estão voando receberam a instrução de aterrissar.

Com a pele picando pelo fenômeno, Elena fez um telefonema diferente.

— Poderia ter outro incidente — disse a Sara, sabendo que como Diretora da Sociedade, sua melhor amiga tinha acesso ao sistema automático de alerta que podia enviar uma mensagem à cada caçador na região. — Diga a todos que estejam atentos a... Merda, diga que estejam atentos a qualquer coisa.

— Farei isso.

Desligando, Elena pôs-se de pé com seu corpo alinhado com o de Raphael, seus olhos para o céu enquanto a barca continuava movendo-se ao longo do rio. A tripulação tinha suas cabeças inclinadas para atrás agora, suas vozes altas e palavras postas sobre outras enquanto falavam rapidamente em um idioma desconhecido.

A débil esperança de Elena de que as nuvens anormais só se dispersassem ou flutuassem até o oceano morreram rapidamente quando o tampo fervendo se situou justo sobre a barca, a seguindo enquanto a embarcação atravessava o rio. Então a nuvem começou a cair a uma grande velocidade, fazendo com que a tripulação gritasse, agachados, mas Elena e Raphael mantiveram seus olhos no céu.

Então viram que a “nuvem” não era uma nuvem em absoluto.

— Não estão caindo. — Isso distinguiu esse fenômeno do que tinha começado os estranhos eventos.

Enquanto olhavam, centenas – milhares - de pássaros aterrissaram a seu ao redor, até que os pequenos seres alados começaram a cobrir completamente a barca, seu peso combinado fazendo-na se afundar ainda mais na água. O verdadeiramente inquietante era seu silêncio. Não piavam, não brigavam, inclusive estando sentados um sobre o outro, nada, mas a cada par de pequenos olhos olhava para eles.

Não a eles. A Raphael.

Bom, assombroso. Eles estão te olhando.

Ou algo o está.

Os pássaros elevaram-se no ar um instante em uma massa de asas, dispersando-se tão rápido que era difícil de imaginar que estiveram ali como uma força pegajosa, até que olhou a Raphael. Sua pele ardia com um poder frio, como se uma gélida cor celeste brilhasse baixo a superfície de sua pele.

Venha, Consorte.

O coração palpitava contra as costelas com o punjente gelo de seu tom mental, ignorou a aterrorizada tripulação para envolver entre seus braços para a decolagem. Soltou-a tão cedo ganharam a altura correta, dirigindo para a Torre

em silêncio. Aodhan esperava na varanda em frente ao escritório de Raphael, seus olhos refletindo a brilhante noite de Manhattan em fragmentos irregulares.

— Não há vítimas ou feridos — disse o anjo. — Não há informe de nada, exceto pelas confusas mensagens provenientes de uma barca no Hudson.

— Obrigado, Aodhan.

Esperando até que o anjo se fosse, caminhou para estar ao lado de Raphael na borda da varanda sem corrimão que olhava sobre a paisagem noturna da cidade. — Arcanjo.

— Sim. — Voltou-se, e em seu rosto, a marca vermelha pulsou.

Outra vez, ele estava distante. Mas está vez, não esperou. Deslocando-se para estar frente a frente com ele, o atraiu em um beijo com sabor de mar e escuridão, frio e silêncio. Pesado e velho, tão velho, como se o silêncio crescesse por milhares e milhares de anos, até que se converteu em uma entidade que vivia e respirava.

Tremendo, aproximou-se mais, seus peitos apoiados contra o peito dele, a mão de Raphael um punho em seu cabelo. Não foi até que rompeu o apaixonado beijo de gelo, com seu peito vibrando com frio, que o viu.

— Sua íris. — Esse incrível e sobrenatural azul. — Estão negras.

— Um efeito temporário. — Raphael podia sentir a escuridão arrastando-se através dele, fria e empapada, com um estranho e forte poder. Afundava-se em suas células, um intruso que o fogo angelical dentro dele tentava eliminar.

Lutou contra seus instintos, sabendo que precisava possuir este poder, o controlar. Exceto que, ameaçava o possuir. Inclusive agora, seu sangue se sentia como se estivesse congelado, sua visão do mundo filtrada através de uma camada de horripilante distancia, até que só Elena estava inundada de cor. Vibrante, viva e com as asas de uma guerreira, ela acendeu contra uma cortina cinza, o resto do mundo não significava nada para ele.

Se ele precisasse destruir esta cidade para ganhar a guerra, seria um inconveniente que mais adiante podia ser remediado. Milhões morreriam, mas ele era um imortal, sabia que os outros seriam substituídos com tempo suficiente. E tudo o que importava era o poder, aferrar-se a ele, lhe dar forma, se converter nele.

Com os dedos em suas bochechas, o anel de prata ao redor das irises de Elena converteu-se em fogo líquido na noite.

— Não. — Foi uma tranquila e mortal palavra. — Não pode te ter. Você é meu.

E ele sabia. Empurrando Elena por trás dele, assim não se desequilibraria e cairia, subiu ao céu, acima das nuvens, para além de onde inclusive Illium ou Aodhan podiam voar.

Aterrissem!

Foi uma ordem enviada à cada anjo na região.

Então, e só com a menor vacilação ante a perda da profunda violência de poder, libertou a matéria escura em uma tormenta que enegreceu o céu.



Elena lutou com a estridente urgência de ir com Raphael, a necessidade era uma crua compulsão em seu peito enquanto tratava de usar o sentido da razão que não usou antes. Não só estavam suas asas em mau estado, iria desmoronar atingida por um relâmpago segundos após decolar. Tinha muitos no ar para os evitar.

Podia ver anjos aterrissando onde podiam por toda a cidade, muitos tinham estado no alto simplesmente dobrando as asas pelo que despencaram perto do chão em uma tentativa por fugir dos relâmpagos, antes de guardar suas asas no último minuto. Foi testemunha de um par de sustos, mas não feridos, a advertência de Raphael foi no momento exato, mas seu arcanjo ardia no centro de uma tormenta branca e fria.

— Ellie. — A mão de Illium em sua nuca, Aodhan a seu outro lado. — O Sire ganhou outra habilidade.

Não, pensou, acaba de recusar uma, mas guardou silêncio.

Uma hora, uma eternidade depois, já não tinham relâmpagos no céu e Raphael baixou para estender uma mão para ela. Tomando-a, deu um passo para além da borda, suas mãos separando-se quando voou junto a ele, partindo para casa, embora se encontrasse completamente segura de que ele a tinha à vista o tempo todo, pronto para a capturar se sua asa aleijada ameaçasse colapsar. Mas

chegou em casa, onde Raphael usou sua habilidade curativa para diminuir o dano.

Não teria se surpreendido se a lembrança de sua lesão, e como tinha ocorrido, reavivasse seu temperamento, mas enviou seu poder dentro dela em silêncio, a calidez tornando-se um abraço.

— Estará bem agora, Caçadora da Sociedade. — Um beijo na parte de atrás de seu pescoço.

Sua pele esquentou em resposta, deu a volta em seus braços, o brilho da lareira da biblioteca cobrindo de uma aura dourada.

— Fale-me, Arcanjo. — Se ela tinha uma tendência a se fechar, para fingir que as coisas não importavam, então Raphael tinha o costume de manipular tudo por si mesmo. Não era de estranhar, dada sua condição de arcanjo, mas a tinha agora.

Caminhando para a garrafa de licor quadrada de cristal em um criado-mudo, verteu um pouco de líquida cor âmbar em um copo e engoliu o licor de um só golpe. O álcool não afetava aos anjos como o fazia com os humanos, e não tinha nenhum efeito sobre Raphael, mas ele lhe tinha dito que gostava da pontada de calor, o sabor.

— Se isto é o surgimento de um novo poder — disse ele, o fogo refletindo no copo — então é um que não posso controlar.

Tomando o copo de sua mão quando os dedos se apertaram, ameaçando com converter o cristal em pó, o pôs abaixo.

— Só tive duas oportunidades para...

— Me faz mudar — replicou, cortando suas palavras. Sentiu-o tentando tomar o controle. — Tinha razão. — Seus dedos apertaram a margem da lareira, suas asas arqueando para o chão em uma oscilação de fogo branco. — Poderia assassinar a milhões ao agarrá-lo e não piscar.

Seu estômago deu um giro, seus olhos alçando a impressionante beleza de suas asas a sua cara.

— Deixa cair o glamour. — No instante em que o fez, ela xigou.

Caminhando a seu redor, traçou o vermelho escuro com a ponta de seus dedos.

— Cresceu. — Não só isso, senão que tinha curvado em uma borda dentada, a linha mais grossa, mais escura. — Não pode ser coincidência, está vinculado às flutuações de poder de alguma maneira.

Raphael afastou-se da lareira.

— Não importa, não quando ao utilizar o poder, devo lhe permitir apagar minha personalidade. Poderia também dar a cidade a Lijuan se o Raphael quem a governa está sempre no estado de Silêncio.

Elena tratou de pensar além de seu repúdio instintivo à ideia dele permanentemente nesse local de calma malévola onde não era mais o homem que amava, o homem que a amava.

— Os pássaros — disse de repente, algo persistente dentro ela. — A primeira vez que caíram, é possível que não fora um evento senão dois?

Os olhos de Raphael, que já não tinham rastro desse líquido escuro e gelado em suas profundidades, prenderam os seus.

— Acha que foi apenas má sorte que ficassem presos na onda de doença que derrubou aos anjos?

— O céu fervia justo como esta noite — disse, tratando de pôr sua instintiva compressão em palavras. — Poderia ser que eles iam vir para você e se encontravam simplesmente no local errado no momento errado. Lembra, eles se deslocavam desde Manhattan para o Enclave.

Suas asas continuaram piscando com esse efeito de fogo branco até que se moveu fora do alcance da luz do fogo. Abriu as portas para o jardim.

— Pode ser que tenha razão.

— Mas não nos dá nenhuma resposta, verdade?

De pé na porta, seus olhos na neve do fundo, disse.

— O poder... me seduziu, sussurrando, tecendo em minhas próprias células. — Lançou um olhar sobre seu ombro. — Antes de você, sem dúvida o teria aceitado e teria me destruído de dentro para fora.

Ela o seguiu quando saiu à extensão de alvo ininterrompido, um floco de neve caindo em sua bochecha, suas asas beijadas pela suave e caprichosa chuva. Não era pesada, mas o suficiente para ser muito, cobrindo seu rastro desde a casa em um brilhante véu, as inesperadas estrelas fazendo com que os cristais de gelo replandecessem.

Parecia um erro falar dos horrores da guerra e o poder em um momento tão mágico, mas não tinham escolha.

— Antes de você — susurrou. — Estava presa no interior de meu coração, me protegendo de qualquer dano, e sem saber da glória que perdia. — Entrelaçou suas mãos com as dele. — Você e eu, somos uma unidade. Desafio a qualquer maldade nesta terra a nos separar.

Estendendo suas asas. Raphael envolveu a sua guerreira em seus braços, e enquanto fechava as asas ao redor de ambos, sabia que enquanto a guerra fosse inevitável, a perda de sua alma não era. O frio preço da imortalidade era algo que Elena nunca lhe permitiria pagar.

— *Preferiria morrer como Elena que viver como uma sombra.*

As palavras de sua Consorte sobre seu namoro - embora talvez ela não o chamaria assim - susurraram em sua mente. Raphael não tinha a intenção de morrer ou de entregar seu território a *ninguém*, mas sim deveria ser forçado a tomar essa decisão, preferiria ir à última noite como Raphael, o arcanjo que se apaixonou por uma mortal, que como Raphael o arcanjo tão envolto em poder que não entendia nenhuma emoção.

— Um bom vinho esta noite, então — disse Elena, jogando-se para trás para que seus olhos se encontrassem, seu cabelo cor de fogo contra a cortina branca. — A tempestade elétrica dará a qualquer pessoa a ponto de atacar, dúvidas sobre o que exatamente você ganhou na Cascata.

— É possível, mas o que me preocupa é por que eles não têm já em marcha, um ataque direto. — Inclusive com tudo o que ele e sua gente fizeram para ocultar o alcance do dano feito à força defensiva da cidade, seus inimigos tinham que suspeitar que ele ou ela tinham dado um golpe tremendo. — Me faz achar que esperam algo, algo com a suficiente oportunidade de mudar fundamentalmente o balanço de poder em qualquer guerra, que se arriscam voluntariamente a dar a Nova York tempo extra para se preparar, em local de capitalizar o dano que já está feito.

— Realmente preciso desse bolo agora.

Um surpreendido riso em seu sangue, uma inesperada luz nas sombras, o sabor da neve em seu beijo. E ele sabia que passasse o que passasse, tinham que permanecer unidos. Na luz e na terrível escuridão.

CAPITULO 31

O relatório de Jason ao meio dia, fez claramente mortal o que iam enfrentar quando as hostilidades comesçassem.

— Lijuan está consolidando abertamente suas tropas — disse Raphael a Elena após reler o relatório.

— Tão mau assim?

— Seus números sempre foram maiores que os meus, uma consequência de sua idade.

Elena não precisou que Raphael explicasse detalhadamente para se dar conta que Lijuan tinha sido mantida em baixo controle antes, somente porque a cada membro da Cadre mais ou menos igual em poder; assim, Lijuan arriscava a morte em uma briga. Isso claramente já não aplicava.

— Há alguma possibilidade de que Nova York não seja o objetivo?

— Não. — Mostrou-lhe um pedaço de papel grosso, a textura de seda irregular, como se fosse feita à mão. — Um mensageiro trouxe isto justo antes que viesse da enfermaria.

Elena não podia ler a mensagem, mas reconheceu a linguagem como uma antiga lingua angelical que viu em um dos livros de história de Jessamy.

— É uma declaração de guerra — supôs.

— Lijuan é “civilizada” até o final. — Com expressão dura, olhou de novo o relatório de seu chefe espião. — Jason também confirma que não há indicação alguma que ela ganhou a habilidade de causar doença, e o fato de que não esteve

nas proximidades de Amanat no tempo da infecção de Kahla colabora para a teoria de que tem um conspirador.

— Então, poderíamos estar enfrentando não só a um, senão a dois arcanjos inimigos. — Enquanto, a enfermaria da Torre permanecia cheia, só três dos combatentes feridos recuperado o suficiente para se reincorporar a seus esquadrões. A boa notícia, no entanto, era que com as transferências desde fora da cidade principal, não estavam tão mal em desvantagem como Lijuan poderia achar.

— Também teremos a vantagem de brigar em casa — assinalou Raphael quando ela compartilhou seus pensamentos, — enquanto seus lutadores deverão chegar voando. Falarei a Elijah, para comprovar as forças de nossa aliança; as probabilidades mudariam dramaticamente se nós e nosso povo se mantiver unida.

Deixando Raphael falar com o outro arcanjo, voou com a intenção de aparecer e visitar Eve durante seu descanso na escola. Os recentes e-mails de sua irmã tinham um matiz de ansiedade que não gostou e planejava chegar ao fundo do assunto, e só porque o mundo ia ser um inferno, não queria dizer que Elena estava a ponto de abandonar à pequena criança que precisava dela.

No entanto, mal voou uma quadra quando o latido surdo em suas temporas aumentou repentinamente em volume e duração.

— Maldição. — A dor palpitante de cabeça era sua própria culpa; não voltou à cama a noite anterior e, apesar da cura de Raphael, tinha dado a seu corpo, um choque com seu implacável voo sobre o mar. Foi agora que lhe dizia que ou descansava ou o cansaço a nocautearia sem advertência.

A palpitação converteu-se em um apunhalamento.

Fazendo uma careta, deu-se conta que não seria de nenhuma utilidade a Eve se estivesse distraída por um mal-estar. E, se planejasse bem, podia ver sua irmã após a escola e antes de que Jeffrey regressasse a casa, a mãe de Eve, Gwendolyn, sabia que Eve precisava da condução de um parceiro caçador, não impedirá que Elena falasse com a sua filha.

Decisão tomada, Elena desviou-se ao Enclave e, desprezando a oferta de Montgomery de almoço, foi escadas acima.

— No minuto em que me levantar — assegurou-lhe, quando o mordomo franziu o cenho e lhe lembrou que Keir lhe tinha ordenado que comesse de forma regular com alto conteúdo protéico para alimentar sua crescente imortalidade.

Dez minutos mais tarde, despojada de suas armas e botas, mas ainda em seu traje de couro de combate, deitou sobre a colcha por um cochilo de poder que a manteria pelo resto do dia.

Voltou a sonhar, mas este sonho era diferente do que esteve a ponto de quebrá-la em Amanat. Não tinha sangue. Nem morte. Nem gritos.



— Aí está. — Marguerite levantou o olhar do bolo que misturava no balcão, listras de farinha em suas bochechas de onde sem dúvida tinha empurrado obstinados cachos de cabelos tão claros como o de Elena.

Seu pai chamava-o “luz de sol capturada”.

— Sente-se, chérie. Fale com sua mamãe.

— Mamãe? — Incandescente esperança em seu sangue, cruzou o reluzente piso da cozinha para tomar assento no balcão em frente à formosa borboleta que era sua mãe. — O que está fazendo aqui?

— Minha bobinha Elena. — Riu Marguerite, os longos brincos em suas orelhas fazendo aquele som ténue e familiar que era uma parte das tantas lembranças de sua mãe. — Sabe que o aniversário de sua irmã é amanhã. Este bolo deve estar pronto esta noite. Por que não pica as cerejas negras?

Recolhendo a pequena faca que era o único que lhe confiaria Marguerite, Elena começou a cortar as cerejas em pedaços mais pequenos, olhando de vez em quando a sua mãe por um estímulo. Ela tinha estado aqui antes, seus dedos

mais pequenos, suas pernas pendurando do taburete em que se balançava, e sua irmã Belle na mesa da cozinha por trás dela.

— Shhh, corte essas coisas — disse Belle quando Elena tentou falar sobre um programa de televisão. — Tenho que escrever sobre Romeu e Julieta para a tarefa de inglês.

— Posso dançar com você mais tarde?

— Só se me trazer algumas cerejas.

Hoje, Marguerite e Elena encontravam-se sós na cozinha, embora o bloco e o lápis de Belle estivessem na mesa, como se ela acabasse de sair por um segundo.

— Mamãe, posso te fazer uma pergunta? — Disse, sem deixar de usar a pequena faca, embora tinha lâminas mais longas e afiadas nas vagens de seus braços.

— Minha bonita bebê, pode perguntar para sua mamãe o que quiser. — Seus olhos brilhantes, seu sorriso radiante. — Não tão grande, Elena. Pequenos pedaços.

— Sim, mamãe. — Concentrando-se, cortou uns mais e mostrou a sua mãe. — Assim?

— Perfeito. — Uma carícia de dedos amorosos em sua bochecha antes de que Marguerite regressasse a sua mistura. — Qual era a sua pergunta?

Elena seguiu com a cabeça baixa, incapaz de olhar a sua mãe quando fez a pergunta que a perseguia por mais de uma década.

— Por que? — Foi um susurro. — Por que nos deixou, a mim e a Beth? — Seu lábio inferior tremia, seus olhos ardiam. — Papai estava destruído. Sabia que ele estava quebrado.

— Me dê essas cerejas. — Aceitando o pote de cristal quando Elena o estendeu, sua visão nublada, Marguerite as verteu na mistura. — Você e sua

irmã são peças vivas de meu coração, Elena, cortadas de meu peito no momento que nasceram.

— Mas você se foi. — Sacudindo a cabeça, gritou a acusação. — Deixou-nos!

— Também amava a suas irmãs maiores, bebê. Não podia suportar a ideia de minha Ariel e minha Mirabelle sozinhas na escuridão.

Soluçando, Elena limpou os olhos com as costas de suas mãos, seu peito ferido com a força de seus soluços infantis.

— Sinto tanta falta de Ari e Belle. Sinto sua falta. Deixou a Beth e a mim sozinhas, também, e agora não há ninguém que ensine a Beth como ser uma mãe.

— Eu sei, oh, eu sei. — Caminhando ao redor do balcão, Marguerite tomou a cara cheia de lágrimas de Elena em suas suaves mãos polvilhadas de farinha. — Mas te disse, Elena, sempre foi a mais forte de meus bebês. Inclusive minha selvagem Belle, tinha um coração que sempre causava feridas, mas minha Elena, minha Elena é forte. Como minha mamãe. Sabe que seu nome era Elena?

— Sério?

Um sorriso que iluminou seu rosto com tal beleza, era a mulher mais linda que Elena tinha visto.

— Sim, era. Como é mesmo que dizem? — Uma dessas inesperadas, mas familiares pausas em seu não tão fluído inglês. — Seu nome de casa. Só seus melhores amigos o usavam.

— Não sabia disso.

— Sim, sabia. Te contei histórias sobre ela durante o tempo em que minha pequena Beth usou meu ventre como campo de futebol. — Seu riso se derretia como o mel contra a pele de Elena, doce e um pouco selvagem. — Contos de minha forte mãe para meu forte bebê.

Elena levantou o queixo, sua ira misturada com uma sombria felicidade de ser capaz de sentir de novo o tato de sua mãe.

— Pensei que não lembrava muito sobre a avó.

— Lembro o suficiente. — O perfume das gardenias exuberantes e perfumadas no ar, sua escura pele sedosa e dourada, suas mãos de ossos finos quando Elena levantou a sua para segurar as bochechas de sua mãe.

— Te deixei no dia em que a besta entrou na nossa casa — susurrou Marguerite. — Sabe disso.

Elena pensou nas manchas de sangue no tapete que lhe contou da luta brutal de sua mãe para chegar a suas filhas, o olhar destruído em seus olhos quando entendeu que suas duas primogênitass estariam em silêncio para sempre, e sabia que Marguerite não dizia mentiras. Ela morreu nesse dia, junto a Ari e Belle, deixando para trás uma casca vazia.

— Ainda precisava de você — insistiu Elena, ignorando a verdade porque doía demasiado. — Você teria ficado bem.

— Gostaria que fosse assim, azeeztee. — Uma palavra de gentil afeto de uma terra desértica banhada pelo sol que Marguerite nunca conheceu. — Eu não era forte, não como você, não como minha mamãe. — Beijando Elena em ambas bochechas como sempre o fazia, sua mãe a olhou aos olhos. — Cuida de Beth. E cuida de meu marido. Uma parte dele morreu comigo.

Elena sacudiu a cabeça, agarrando os pulsos de sua mãe em um inútil esforço de mantê-la no mundo.

— Ele me odeia.

— Não, Elena. Ele te ama demasiadamente.



Elena acordou com o eco das palavras de sua mãe na mente e as delicadas notas do perfume favorito de Marguerite no ar. Não disposta a perder o frágil vínculo com a mulher que lhe tinha dado à luz, se deitou de bruços, suas asas pintadas pela suave luz do sol da tarde inclinando desde a varanda e a ideia de seu pai a amando era tão estranha como o Rio Hudson virando sangue.

Oh, Jeffrey uma vez a amou como o fez com todas suas filhas. Ela lembrava a forma em que sustentou sua mão na forte calidez da sua enquanto a levava para ver os corpos de suas irmãs mortas, lutando contra os outros membros da família com o fim de dar a Elena o que precisava, a paz de saber que Ari e Belle estavam a salvo, que o monstro não as transformou em algo como ele.

Os olhos de Jeffrey estavam úmidos quando levantou a vista para se despedir, seu forte rosto lutando contra o que agora sabia, deveria ser uma dor insuportável. Não pôde ser fácil para ele enfrentar os corpos rompidos de duas de suas filhas maiores, mas o fez por uma filha que viveu, pagando o doloroso preço e nunca fazendo com que Elena se sentisse mal por sua necessidade.

— Não chore — tinha dito Elena, enxugando as lágrimas quando ele se inclinou. — Já não lhes dói mais.

A esse papai, forte, amoroso e bondoso, perdeu há muitos anos.

Tocando o rosto com as mãos, imaginou que podia sentir a impressão dos suaves beijos de sua mãe, uma dor agriçoce no interior.

— Te amo, mamãe — susurrou, e era tão verdadeiro como seu ódio ante a decisão que Marguerite fez em última instância.

Era difícil deixar o momento e os últimos vestígios da lembrança, mas um olhar ao relógio disse-lhe que já tinham passado duas horas. Olhando fixamente o espelho do banheiro, tentou ver a sombra dos dedos de sua mãe, mas a impressão não estava, desvaneceu com o tempo. Doeu. Respirando de forma irregular, lavou as lágrimas que soltou no sonho, se secou, e depois se obrigou a manter sua palavra a Montgomery.

Engoliu a comida, e foi atar a correia de sua balestra quando o telefone soou com um tom de banda de garotos que sua meia irmã tinha programado por si mesma. — Eve? Estava a ponto de ir te ver.

— É Amy — foi a surpreendente resposta.

Os dedos de Elena congelaram na correia que estava a ponto de atar em seu local. A filha maior de Gwendolyn não falava com Elena, provavelmente por lealdade a sua mãe; diferentemente de Eve, Amy era suficientemente grande para entender que algo ia mal na relação de seus pais, que seu pai não amava a sua mamãe como deveria.

E, no entanto, Amy amava a seu pai, o que a deixava sem ninguém a quem culpar. Elena não se importava em dar à adolescente um foco para sua ira, não quando ela entendia o que era ser essa garota, confusa, chateada e triste ao mesmo tempo.

— O que houve? — Sabia que tinha que ser mau para que Amy rompesse seu silêncio. — Aconteceu-lhe algo a Eve?

— Tínhamos meio período de escola, de modo que viemos em casa para almoçar. Após comer, papai trancou Eve em seu quarto. — Uma avalanche de palavras, como se Amy as tivesse estado contendo por demasiado tempo. — Ele diz que a enviará a um internado na Europa em algumas horas.

— Onde está sua mãe? — Gwendolyn tinha lutado pelo direito de Eve a permanecer em Manhattan e frequentar a Academia do Sociedade.

— Visitando a vovó. — A voz de Amy tremeu. — Não posso me comunicar... tenho tentado e tentado. Às vezes o sinal não é bom onde avó vive e está chovendo lá.

Elena sabia exatamente o que era se sentir impotente para proteger a um irmão, e isso a enfureceu, que Jeffrey pusesse a Amy na mesma posição.

— Me encarregarei disto. — Já estava nas portas da varanda, a neve brilhando baixo a luz solar. — Estou a caminho.

— Minhas janelas não são o suficientemente grandes para você.

— Está bem. — Elena não tinha a intenção de se esconder na casa Deveraux; planejava atingir a cabeça de Jeffrey.



Abriu com um empurrão as portas francesas do estudo de seu pai em menos de dez minutos, o cristal vibrando quando as portas bateram contra as paredes de ambos lados.

— Está aprisionando crianças agora?

A cabeça de Jeffrey pulou dos papéis em seu escritório. Empurrando para trás sua cadeira executiva de couro negro, pôs-se de pé, a luz do sol refletindo em seus óculos de aro metálico.

— Elieanora!

— O que? Também quer me trancar? — Tão irritada que quase não podia ver bem, sujeitou com a mão o enquadramento da porta direita. — Está chateado contigo? — Fúria e súplica combinadas. — De verdade quer que ela te odeie como eu?

— Quero ela viva! — Gritou, sua voz despojada da sofisticação urbana que usava tão efetivamente como uma arma. — Chegou em casa com um olho roxo ontem. Treinamento de combate. Treinamento de combate! Para uma criança!

— Ela precisa desse treinamento! — Gritou em resposta Elena. — Já tivemos esta conversa! Ela enlouquecerá sem um escape para suas habilidades de caça.

— Já perdi duas filhas! Não perderei outra!

Aturdida pela crua declaração, as palavras de sua mãe ainda frescas em sua mente, apertou a coluna da janela em um esforço de encontrar sua racionalidade perdida.

— Está fazendo isto para protegê-la?

Tirando os óculos, Jeffrey deixou-os cair na mesa, encontrando seu olhar com olhos sem escudo, da mesma cinza característico que a marcava a ela e a Eve como sendo de mesmo sangue.

— Sabe o que aconteceu quando você tinha dezesseis? — Perguntou, suas mãos em punhos desprovidos de cor. — Foi à Academia nas férias e regressou ao internato com as costelas rompidas. Três meses depois, foi uma clavícula deslocada, seis meses após isso um olho roxo e uma mandíbula fraturada.

Elena não tinha se dado conta que o internato informou as lesões, muito menos que seu pai as acompanhou, ele fez um bom trabalho em congelar qualquer coisa que tivesse a ver com o fato de que sua filha era uma caçadora nata.

— Foi necessário — expressou através da comoção.

A única razão pela que foi capaz de assistir a essas classes intensivas de férias foi porque o Sociedade a ajudou, conseguindo que um juiz assinasse uma ordem que se contrapôs com a necessidade do consentimento de Jeffrey. Igual a Eve, Elena teria enlouquecido sem a saída a essas sessões de prática onde podia dar rédea solta a sua habilidade; uma caçadora nata tinha que caçar, a necessidade era uma compulsão.

Mas quando se comunicava com seu pai, tinha a sua pele de caçadora escondida; uma criança faminta por sua aprovação, pretendia ser a doce, normal e obediente filha que ele queria que fosse. A tensa paz criada por seu silêncio, e o dele, tinha durado até que cumpriu dezoito e se matriculou na Academia em tempo integral acima de suas objeções. Sua mais amarga luta naquela noite que a deixou emocionalmente sangrando, a decorrente implicância de uma década.

— Tinha que me tornar mais hábil que os vam...

— Sim, porque os monstros são tão fortes, que poderiam te arrancar a cabeça com suas mãos nuas! — Rodeando ao redor do mesa, agarrou-a pelos braços e a sacudiu tão forte que seus dentes bateram fortemente. — Sabe o que

se sente ao ver como a uma mulher conseguem lhe arrancar a cabeça? O sangue brotar quente e escuro, e ter em tua boca, em teus olhos, em teu nariz, até que é a única coisa que pode ver, tudo o que pode cheirar!

CAPITULO 32

Elena não podia mover-se, nem sequer para se libertar do agarre de Jeffrey que lhe estava produzindo contusões e luxações. Não entendia o que lhe dizia, as palavras não faziam sentido no contexto de quem era: Jeffrey Parker Deveraux, seu sangue tão azul, foi criado a partir dos alicerces da cidade. A história, a família, a tradição, essa era a maneira Deveraux. O sangue e a morte tinham vindo com Elena, "a abominável" filha de Jeffrey.

— Eu tinha quatro anos — disse, com seu fôlego esquentando-lhe o rosto. — Brincando embaixo do banco coberto onde ela limpava suas ferramentas. Estava escutando-me falar a respeito de como seria um grande policial, enquanto brincava com meus caminhões e ela afiava suas lâminas — seus olhos caíram às lâminas nos antebraços de Elena, enquanto seus dedos apertavam mais profundamente em sua carne, — e foi então quando vieram atrás dela. Três vampiros que queriam vingança por ter sido devolvidos a seus amos para enfrentar seu castigo.

Elena começou a tremer, o coração pulando em seu peito. Pelo que sabia, a mãe de Jeffrey estava viva e bem, e era ativa nas juntas diretivas de várias das organizações de caridade mais importantes. Além disso Cecilia Deveraux não era, nem tinha sido, nunca uma caçadora.

— Quando tentei ajudar — disse Jeffrey, — eles riram e me jogaram para o lado como se não pesasse nada. — Suas palavras eram irregulares. — A queda quebrou minhas pernas, e um de meus braços. Tentei, mas não pude chegar a ela. Em vez disso, tive que olhar enquanto pisaram em minha mãe, a atingiam, rompendo todos os ossos de seu corpo antes de que lhe arrancassem a cabeça.

— Papai. — Era a primeira vez que o chamava assim em uma eternidade. — Papai, sinto muito. — Deslizando os braços ao redor de seu peito, abraçou-o, sentindo a seu corpo como uma rocha gelada. — Sinto muito. Sinto muito.

Os braços de seu pai chegaram a seu ao redor, segurando com tanta força, que mal podia respirar. Uma mão envolveu sua cabeça, a outra ao redor da parte superior de suas costas acima de suas asas, sustentou-a perto de seu coração, com respiração entrecortada. Quando seu corpo se estremeceu contra o de Elena, pensou que poderia estar chorando, mas esse era um pensamento que sua mente não podia aceitar.

Seu pai não chorava. A criança em seu interior estava confusa e trêmula, esperou até que sua respiração se nivelasse, a mão dele acariciando seu cabelo com uma doçura que não tinha esperado voltar a experimentar com seu pai.

Sempre serei teu pai e peço a Deus para não o ser.

As palavras de ódio já não doíam, não quando ouviu o medo que esteve demasiado irritada para escutar a primeira vez. Seu pai, o homem que a abraçava com tanta ternura, tinha medo de ver a sua filha morrer com a mesma morte horrível que tinha sofrido sua mãe. Alterou a base de sua relação, deixou-a sem um ponto de ancoragem.

O frágil momento chegou a seu fim imediatamente quando ela deu um passo atrás, a parede de dor e perda os dividiu uma vez mais, segurando-se só por um momento mais. Então, ele o fez. Em silêncio, suas palavras bloqueadas onde não podiam ferir, cortar nem fazer sangrar ao outro.

O mundo, no entanto, seguiu girando, o som de um helicóptero passando por em cima rompeu o fragmento de tempo entre os dois. Separaram-se sem dizer uma palavra, seu pai dirigindo-se para a mesa do escritório, recolhendo seus óculos, enquanto Elena retirou-se pela porta. Indo para a lateral da casa, apertou os dentes e fez uma decolagem vertical no ar frio, voando para a janela de Eve.

Sua irmã, com a pele arroxeadada ao redor de seu olho esquerdo, esperava-a, vindo a seus braços sem duvidar. Elena viu a cara triste de Amy na janela ao lado enquanto saíam, com a mão colada ao cristal. *Tudo estará bem*, queria dizer

Elena. *A trarei de volta.* Gwendolyn não aceitaria nada mais. Todo o que Elena tinha que fazer era afastar Eve de Jeffrey até que Gwendolyn regressasse. Seu pai, deu-se conta ao fim, nunca seria racional quando se tratava de caçadores e caça, feridas brutais infligidas quando foi demasiadamente jovem, e suas cicatrizes eram demasiadamente velhas.

Com dor em seu peito, concentrou-se só em voar lento e constante para o Ênclave, quando uma claridade azul apareceu em sua visão com um brilho inesperado.

— Ellie, quem é a formosa donzela que leva aí? — Dirigiu um piscar de olhos para a sua irmã menor. — Olá, Evenstar.

Eve mostrou a língua a Illium, tendo conhecido ao outro anjo nas visitas à Torre para ver a Elena. Ele se ofereceu para levá-la.

— Sou pesada — disse, antes de que Elena pudesse protestar.

— É uma pluma. — Illium sustentou o pequeno e robusto corpo de Eve como se não pesasse nada. — Elena ainda não é o suficientemente forte para levar a outro mais que uma curta distância. Eu, em compensação, posso fazer isto. — Com isso, disparou para o céu, fazendo com que Eve emitisse um grito encantado através do ar.

Ao ouvi-lo, Elena fechou a porta às turbulentas perguntas em sua mente, porque sua primeira prioridade devia ser a saúde emocional de sua irmã, e continuou em direção ao Enclave. Illium se asseguraria de que Eve chegasse em casa a salvo, e a emoção das manobras temerarias do anjo de asas azuis poderia ajudar a melhorar o stress que Eve sofreu nas últimas horas.

Aterrissando na casa, encontrou a Montgomery na cozinha, onde estava discutindo o menu do jantar com Sivya.

— Lamento interromper — disse, esfregando a cara com uma mão. — Mas Eve ficará conosco esta noite, talvez amanhã, também. Poderia preparar um quarto para ela?

— Claro, Caçadora da Sociedade. — Os olhos do vampiro buscaram os seus. — Está bem?

Elena sabia que a pergunta era para ela também, mas ainda não se encontrava pronta para ir ali, não estava preparada para pensar em como se sentia.

— Uns biscoitos ou algum bolo não estariam mau — disse em resposta.

— Vou fazer com que a senhorita Evelyn tenha tudo o que precisa.

— Obrigada. — Deixando o mordomo organizar as coisas, fez um telefonema importante e voltou fora justo a tempo para ver aterrissar Illium. A luz do sol em suas costas fez com que o azul de suas asas brilhasse, seu cabelo via-se selvagem pelo vento e o sorriso tão aberto como o ouro de seu olhar.

Era uma vista magnífica e pouco frequente.

Como o viu tão claramente na noite no café de sangue, por trás da personalidade brincalhona de Illium se assentava uma terrível tristeza que projetava sombras sobre sua alma. Da mesma forma que por trás da ira de seu pai jazia uma terrível perda.

Marguerite teria sabido?

Sim. Ela tinha estado no coração de Jeffrey, seu amante em todos os sentidos, a confiança entre eles era absoluta. Mas Marguerite fez depois o que devia, o deixando quando ele estava lutando com os pesadelos repetidos de sua infância...

Elena passou uma mão em punho sobre o coração, forçando outro sorriso enquanto Eve corria, com as bochechas acendidas e o cabelo tão selvagem como o de Illium. Aos onze anos, sua irmã tinha o espírito de uma criança, mas seu rosto podia se tornar tão solene como o de um adulto, sem prévio aviso. Como o fazia agora.

— Obrigado por vir. — Uns grandes olhos cinzas pararam com reconhecimento. — Sabia que o faria.

— Agradeça a Amy quando a veja — disse Elena, inclinando-se para abraçá-la. — Ela me chamou.

— Amy sempre cuida de mim. — Solto o abraço após apertá-la com força. Eve disse. — Isto vai fazer com que mamãe e papai briguem, não é assim?

Elena queria mentir, dizer a Eve que ia estar bem, mas sua irmã era demasiado inteligente e estranhamente prudente para isso.

— Sim. Acho que isto vai causar uma grande briga.

— Poderia trazer Amy? — Eve olhou Illium, não a Elena. — Não seria difícil para você carregá-la. Ela é...

Elena tocou o ombro de Eve para chamar sua atenção.

— Já a chamei. Amy quer ficar em casa.

Não ocultou sua angústia.

— Mas papai vai castigá-la por falar com você.

— Não, não acho que o faça. — A mente de Jeffrey estava no passado empapado de sangue longínquo, não com as pequenas infrações atuais. — Aqui — Entregou a Eve seu telefone. — Por que não fala com Amy você mesma?

Caminhando uma pequena distância, Eve fez o telefonema. Quando Illium começou a falar, Elena sacudiu a cabeça. Não podia falar do que ia mau. Não agora. Mas quando levantou um braço, permitiu-se apoiar nele, para aceitar a acolhida pouco exigente de sua amizade, sentindo sua pesada asa contra a própria.

— Amy está sendo idiota. — Foi a avaliação contundente de Eve quando regressou com eles, com o rosto cheio de linhas de raiva. — Diz que papai não deve estar só, inclusive após ter sido tão mau comigo. Odeio-o. — Com os braços cruzados e a mandíbula apertada, olhou a erva.

— Te odeio!

— Não diga isso. — Elena agachou adiante de sua irmã enquanto em sua cabeça ressoavam as palavras que tinha dito no dia em que saiu da Casa Grande, para não voltar jamais. — Ele pode ter cruzado uma linha hoje, mas o que seja que Jeffrey fez, o fez porque te ama. — Era um amor retorcido pela tragédia, que ameaçava com converter em uma jaula asfixiante, mas era amor, contudo. — Acho que é demasiado tarde para mim e para ele, mas não para você.

O olhar de Eve não desapareceu, mas sua resposta mostrou uma incerteza que fez clara sua juventude e inocência.

— Pensei que também o odiava. Não é assim?

— Não estou segura do que sinto por Jeffrey. Mas sei que o ama.

Riscando o chão, Eve mordeu-se o lábio inferior.

— Ele é um bom pai, exceto quando se trata da Sociedade.

— Todo mundo tem lados ruins.

— Suponho que sim.



Meia hora mais tarde, Elena deixou Eve nas mãos eficientes de Montgomery, sabendo que o elegante vampiro era letal, e a protegeria com sua vida, igual ao resto do pessoal. Não tomaria a mesma decisão se Eve parecesse assustada ou intimidada, mas sua irmã mais jovem se instalou à perfeição. Após tomar emprestado o computador de Elena, instalou-se na mesa da cozinha e iniciou sessão em sua conta da escola para fazer a tarefa, e falava com Sivy a respeito de seus problemas em ciências quando Elena foi após receber uma ordem de caça da Sociedade.

Poderia ter pedido para ser substituída, mas precisava de alguma maneira de libertar a tensão dentro dela, clarear sua mente. Consultando os dados de busca em seu telefone uma vez mais, começou uma corrida sobre os declives

nevados, a água brilhando com o pôr do sol do fim de tarde, como se banhar-se nela não produzisse hipotermia em matéria de segundos. A ordem da caça era relativamente simples: devia encontrar a um vampiro de trinta anos de idade, que pensou que era demasiado bom para se inclinar e submeter ao anjo que era seu amo.

Não tinha nada raro nisso. Seduzidos pela ideia da imortalidade e a beleza que lhes outorgava, as pessoas faziam fila para serem Convertidas, mas se encontravam com a realidade de que uma centena de anos de serviço aos anjos era duro de aceitar. O que fazia com que Sidney Geisman fosse diferente era que ele tinha escrito uma brochura denunciando a "escravidão" à que foi "induzido", uma brochura que foi viral entre outros vampiros jovens.

Não faz falta dizer que os anjos estavam para lá de irritados. Elena sabia que o castigo de Sidney seria duro, um exemplo para outros que tentem seguir seu caminho, mas embora se compadecesse dele, isso não lhe impediria de fazer seu trabalho como caçadora. Sidney não foi enganado, de qualquer maneira, aspecto ou forma.

Os anjos não tentavam ocultar as consequências de ser Convertido, do que se requeria daqueles a quem servem. Inclusive esquecendo o conhecimento público geral, a todos os candidatos que superasse a primeira parte do processo de seleção se lhes dava o arquivo eufemisticamente denominado "De Admissão e Orientação" e se lhes avisava que eram livres de sair pela porta se os conteúdos do arquivo não eram de seu agrado.

Como Consorte, Elena tinha visto uma cópia desse arquivo de primeira mão, é extremamente detalhado e inclui imagens gráficas dos castigos que poderiam ser aplicados a um vampiro se ele ou ela deixasse de satisfazer ao anjo que o tinha a seu serviço. Justo no centro do arquivo, tinha um artigo de quatro páginas detalhando a cruel condenação pública que se deu a um vampiro, a quem Raphael tinha deixado em Times Square após romper todos os ossos de seu corpo.

Ao finalizar o artigo, estavam as seguintes palavras:

A traição não será tolerada.

Sidney Geisman, pensou Elena enquanto aterrissava no telhado de um arranha-céu no sul da Torre, parecia estar sofrendo um caso de arrependimento do comprador. Que pena. Não podia ser devolvido o presente da quase-imortalidade, por isso lhe cabia pagar o preço por isso. Não é que pensasse que Sidney quisesse devolver esse presente especial, inclusive se fosse possível. Cínico, talvez, mas apostava que todos os Caçadores no Sociedade diriam o mesmo. Há demasiadas pessoas que queriam fazer tudo isso de “assoviar e chupar cana”.

Deu um só golpe na porta de cristal no átrio do telhado e deslizou a um lado para estar cara a cara com um vampiro magro vestido com uma túnica de cor marrom com um pescoço mandarim com detalhes dourados, e calças do mesmo tom castanho.

— Caçadora do Sociedade — disse, e depois duvidou. — Minhas humildes desculpas. Deveria ter usado “Consorte”.

— Não, Caçadora do Sociedade está bem. — Toda esta cortesia diferente fez com que sua pele picasse, mas era parte de estar com Raphael e já que não tinha planos de mudar isso, teria que aprender a lidar com isso. — Tem o que preciso?

— Sim. — Caminhando à mesa justo no interior do átrio, abriu uma caixa negra mate para tirar uma camisa perfeitamente dobrada. — Isto servirá?

Elena tomou a peça e tratou de sentir os cheiros impregnados no tecido.

Framboesa e gengibre, com um toque de menta.

Era um delicioso e refrescante aroma, mas não provinha da camisa.

— Retroceda para além das portas.

— Claro.

Esperou até que o vento varresse a framboesa e o gengibre, voltou a respirar fundo.

Um químico adstringente... desinfetante, suavizado por uma delicada carícia de lírios.

— Preciso da amostra secundária — disse. — Assegurou-se de pegar de uma localização diferente?

— Sim, esta camisa era de sua cesta de roupas suja, e esta t-shirt é de sua bolsa de academia.

A segunda prova devolveu-lhe a mesma leitura, o desinfetante não era uma mancha que fazia parte da essência de Sidney, segundo o interpretavam suas capacidades de caçadora.

— Obrigada. — Devolvendo a t-shirt, caminhou pela borda da cobertura, estendendo suas asas antes de que pudesse começar a cair. Seu seguinte destino era o lar da família mortal de Sidney, a direção fazia parte do relatório de antecedentes adjunto à ordem de caça. Todos os vampiros com familiares vivos com o tempo foram em casa, os inteligentes realizavam uma visita clandestina, mas os estúpidos ficavam.

Sidney, viu-se depois, não caiu em nenhum dos grupos.

— Não o vi desde que começou esse hábito sujo. — Foram as palavras cuspidas pela mulher de idade avançada que abriu a porta, seus olhos cor avelã, aquosos com a idade, mas suas bochechas coloridas e quentes. — Beber sangue é o trabalho do diabo. — Fechou a porta na cara de Elena.

Não crendo nas palavras da mulher, Elena rodeou a pequena e ordenada casa, sem encontrar sequer uma pitada de cheiro de Sidney. — Suponho que casa não era doce para você, Sid — murmurou, atirando-se para a escada de incêndios até o segundo andar. Tinha se convertido em uma experiente em decolagens de baixa altura, em um esforço para equilibrar sua incapacidade para fazer decolagens verticais regulares e fáceis, e após ter feito uma hoje, não ia se arriscar a outra a não ser que fosse uma situação de vida ou morte.

Agora, apertou os dentes e se pôs no ar antes de beijar o pavimento. Uma vez no ar, fez caso omisso das outras direções no relatório para a caça e ao invés disso dirigiu-se a uma seção particular do Central Park: o Teatro de Sangue.

CAPITULO 33

Sidney era um homem tão suficientemente orgulhoso de sua composição, que pôs seu nome nisso, alguém assim não estaria satisfeito com desaparecer no nevoeiro, desprovido de uma audiência. Não, e cada instinto dela lhe dizia que chegou ao Teatro tão cedo como pôde.

Sabe o que se sente ao ver como conseguem arrancar a cabeça de uma mulher?

Apagando o ressurgimento da lembrança antes de que pudesse a incapacitar, voou através do espaço verde no centro de Manhattan. Quando estava a ponto de aterrissar na seção correta, seu cérebro de repente a empurrou a considerar a situação e talvez parte desse empurão veio do eco das palavras de seu pai, embora não pudesse pensar nisso agora.

Tão cedo aterrissasse, se tornaria vulnerável de uma maneira que, ironicamente, nunca foi como um humano. Suas asas faziam com que fosse difícil para ela correr a toda velocidade, esquivar as árvores era quase impossível. Uma decolagem vertical também não seria uma opção viável se a caça saía mal, já que não podia conseguir subir o suficientemente rápido. Agregado a isso, o Teatro estava em uma seção isolada do parque, enquanto a noite ainda não tinha caído, a escuridão invernal começava a acabar com a luz no céu.

Seria agradável pensar que nenhum vampiro ou anjo no território se atreveriam a pôr uma mão sobre ela, mas sempre havia os atípicos e os mortais. Se um grupo de viciados arrancassem seu coração ou ferissem seus órgãos internos o suficiente, morreria, sua imortalidade ainda era recente. Além disso estava o risco dos inimigos de Raphael que tinham agentes na cidade só esperando que Elena fosse um alvo.

— Sim — disse a si mesma. — Aterrissar neste momento não seria o mais inteligente por fazer, Elleanor P. Deveraux.

Sobrevoar, era sem dúvida cada vez melhor graças aos exercícios que Aodhan lhe ensinou, considerou suas opções. Teria que ser a Sociedade, a Torre já escassa. — Tem alguém que possa me dar cobertura — perguntou a Sara. — Estou em Central Park.

— Me dê um segundo. — Um rangido, o telefone em silêncio, depois. — Deacon está na área com Slayer, e tem uma balestra. Por que levar uma balestra no passeio com o cachorro, ouço você perguntar? Porque meu amado não sabe como sair de casa sem estar armado até os dentes.

Elena começou a rir, as palavras afetuosas de Sara dando o respiro que precisava das horríveis imagens que a revelação de Jeffrey gravou em seu cérebro.

— Sabe que nunca recusaria a Deacon. — O marido de Sara poderia não ser um membro oficial da Sociedade, mas todos sabiam que ele era um deles. — Espera, e Zoe?

— Com meus pais, estão na cidade e estragando-a como só eles podem. — Elena pôde ouvir o sorriso de Sara. — Deacon é teu o quanto precise.

— Obrigada. Vou ligar para arranjar um local de encontro.

Menos de dois minutos depois, aterrissou a poucos passos do local de destino junto à alta e musculosa forma de Deacon.

— Obrigada por isso — disse, após dar um afago a Slayer, o enorme cão negro que era o adorado melhor amigo de Zoe.

— Não há problema. — Tranquilos olhos verdes que Elena estava segura não se perdiam nada, apesar de que sua postura era relaxada, Slayer apoiado contra sua perna. — A onde nos dirigimos?

— Ao Teatro do Sangue. — Nada especial durante as horas do dia, essa parte em particular do Central Park era transformada em um paraíso decadente

do sexo para vampiros a noite, aconselhou-se aos mortais o evitar a não ser que sua intenção fosse se converter em um jantar bem fodido.

Deacon recuperou a besta que pendurava sobre suas costas. — Hardware tem um bom efeito de dissuasão. — No instante em que a balestra estava nas mãos de Deacon, Slayer mudou do mascote brincalhão que mexe o rabo para uma ameaça silenciosa.

— Sim. — Recuperando as lâminas mais longas de suas bainhas nas coxas, ela se assegurou de que as bordas brilhantes se mostrassem baixo seus punhos. — Não o quero extrair sangue, mas alguns dos mais jovens são uns idiotas.

Um leve sorriso posou-se nos lábios de Deacon quando partiram ao longo do estreito caminho ao Teatro, a neve cobria tanto como Elena podia ver. Tendo em conta, no entanto, que não tinha nevado desde perto do amanhecer, a neve amassada era provavelmente a evidência do movimento da noite anterior, não de um evento recente. O Teatro estava propenso a encontrar-se vazio a essa hora do dia e se tinha razão, e Sidney fez ato de presença ali, poderia ser capaz de recolher um rastro.

Apesar da alta possibilidade de que ela e Deacon estivessem sós nesta parte do parque, não baixou a guarda, consciente de cada sussurro, cada som pequeno, e então da clara falta disso.

— Não há pássaros — murmurou baixinho.

— Sim. — Deacon se pôs de costas sem mais discussão, suas asas pressionadas contra o verde escuro da gabardina, enquanto Slayer protegia-os silencioso e perigoso a frente deles.

As armas mantidas com aberta agressão, dobraram à direita do caminho de acesso principal e em outra que se dispersava no pequeno espaço com uma inclinação natural que o convertia em um anfiteatro em miniatura. A nuca de Elena coçava com a certeza de olhos sobre eles, o instinto verificado pelas linhas frescas de cheiro no ar, mas ninguém apareceu das profundas piscinas de sombras entre as árvores.

Sangue fresco. Um montão.

— Ellie.

— Sinto o cheiro. — Se alguém morreu no interior do Teatro, ele ou ela não esteve pelo tempo suficiente para que as aves de rapina tomassem consciência da festa, a zona estava ausente dos sons de sua alimentação. Isso ou os pássaros tinham se mantido fora de propósito, porque embaixo da neve e do sangue diluído, captou o cheiro de desinfetante suavizado por lírios.

Merda.

— Deacon?

— Estou te cobrindo.

Mudando de posição, caminhou pelo declive e para a vista horrível que a esperava. Sidney Geisman tinha perdido a cabeça. Literalmente. Jazia cravado em uma lança de madeira crua retirada de um ramo, as órbitas de seus olhos de vampiro avultados e vermelhos; e sua língua era de um negro grotescamente inchado que pendurava de sua boca.

Fazia demasiado frio para moscas, a sangrenta neve por embaixo da cabeça tingia o gelo. O resto do corpo do vampiro, descartado a uma curta distância. Podia ver indícios de respingo arterial nas árvores próximas, o sangue convertido em um marrom putrefato que, não obstante, se destacava em sua visão melhorada. O que lhe interessava mais eram as múltiplas lagoas no chão, como se esta execução tivesse um público que foi espirrado com o sangue de Sidney.

Respirando através dos dentes apertados, com o frio paradoxalmente intensificando o miasma de cheiros para ela, se aproximou o suficiente à cabeça para ler a nota fincada na frente de Sidney com o que parecia ser uma lima de metal. Criativo. A nota consistia em uma só palavra escrita com sangue: DOENTE.

Oh, merda. Puta merda!

Ainda respirando pela boca, se aproximou do corpo e começou a observar Sidney em busca de sinais visuais da doença. Não passou muito tempo para encontrar as chagas em suas mãos. Eram pequenas, malformadas, de forma que a infecção mal tinha cavado em suas células quando o mataram. O que significava que ou bem tinha outro portador na cidade ou - no melhor dos casos - Sidney foi pego engarrafando sangue em antecipação de sua fuga.

Raphael?

Quando ouviu só o silêncio como resposta, lembrou que tinha mencionado que poderia sair da cidade para se encontrar com o de seus anjos superiores. Tirando o telefone do bolso onde o guardava, chamou às operações da Torre, usando a linha direta que significava que chegaria bem a Aodhan ou a Illium.

Foi Aodhan quem respondeu. Como não queria dizer muito em uma linha insegura, simplesmente lhe disse que o precisava no Teatro do Sangue. Ele não perguntou nada, dizendo que estaria ali em uns minutos.

Uma vez feito isto, começou a caminhar pela cena para ver quantos cheiros úteis podia identificar.

Aodhan chegou com a crescente escuridão, suas asas brilhando mais que a neve. Ela viu o entendimento imediato em sua cara quando assinalou a nota. Os vampiros na cidade estavam voltando-se uns contra outros, se isto continuasse, poderia ser perdido em uma indiscriminada paranóia, pintando a cidade de vermelho sangue.

Mas esse não era o problema mais imediato.

— Poderia a infecção ter passado no respingo arterial? — Disse Aodhan, o suficientemente suave que suas palavras não chegaram aos vampiros que continuavam observando nas sombras; esses vampiros logo se encontrariam sem um local a onde ir, Aodhan tendo instruído um esquadrão para rondar a zona.

Elena voltou a olhar a cor marrom oxidada que marcava as árvores.

— Depende se o suficiente disto entrou na boca, bem como através das membranas mucosas dos olhos. Baixo risco, já que uma gota não o fará, mas um

risco, ainda assim; os espetadores e os carrascos estavam de pé malditamente perto. — Mais de um provavelmente tinha a boca aberta, já que, sem dúvida, gritaram a Sidney e se congratularam entre si. — Posso realizar um seguimento de ao menos algumas das pessoas aqui nas últimas horas, mas dada a forma em que foi golpeado — assinalou as ferozes marcas no corpo, — parece que poderia ter sido o ataque de um bando.

Uma dureza na expressão de Aodhan que nunca antes tinha visto, iris dilatadas inquietantemente brancas com a neve refletida.

— Encontre a todos os que seja possível o mais rápido que possa.

Após ter isolado o mais forte rastro de cheiro, Elena começou o rastreio, Deacon a suas costas. A intensidade do aroma disse-lhe que o vampiro em questão correu desde o Teatro provavelmente ao amanhecer, com o corpo e o rosto coberto com o sangue de Sidney, uma estranha mistura de desinfetante e lírios entrelaçados com o próprio cheiro natural do vampiro.

O curioso era que não correu para a rua, senão que mergulhou mais profundamente no Central Park. Onde o encontrou dez minutos mais tarde. Coberto de manchas de sangue seca, formando escamas da cor da sujeira, sentado e se balançando para a frente e atrás à sombra de um carvalho desprovido de folhas, seus braços esqueléticos contra a incongruentemente impressionante noite estrelada.

— Eles o mataram. Mataram-no. Mataram-no.

Agachando-se junto ao homem, o suficientemente longe para que não pudesse se lançar a sua garganta, Elena disse.

— Quem o matou? — Com seu tom não agressivo.

— Eles o mataram. Mataram-no. Mataram-no.

Elena tentou de novo, inclusive arriscando-se a tocá-lo, mas o vampiro estava preso em algum inferno mental e pessoal do qual não podia escapar.

Deacon e ela ficaram com ele só até que foi recolhido para ser levado à Torre. Voltando ao lugar principal, agora ocupado com o pessoal da Torre, Elena elegeu a seguinte pista mais promissora. Trinta minutos mais tarde, recebeu uma mensagem de Illium indicando que um amigo de Sidney tinha confessado fornecer sangue para ele se alimentar de seu próprio fornecimento de congelados.

Ele bebeu uma garrafa de Blood-for-less. Garrafa datada dentro do período da doadora original.

Cinco horas após isso, tinha rastreado a outros três vampiros que viram e/ou participaram na sangrenta execução de Sidney, mas que não ficaram ao redor para experimentar as consequências. Um estava aterrorizado, um desafiante, mas o terceiro era o mais problemático, começava a mostrar sinais avançados da doença.

Saindo do dormitório onde o vampiro se estremecia tão forte que seus dentes chacoalhavam, sua mente perdida em um nevoeiro febril, Elena encontrou os olhos de Deacon.

— Deveria voltar para casa. — Sara estará esperando. — Não arriscaria sua mente, suas lembranças.

Um olhar penetrante.

— Já sei o que Sara sabe.

— Tem que ir antes de que saiba mais — disse, e depois usou a única coisa que sabia que ia conseguir que se fosse. — Zoe precisa de você. Não se envolva em uma merda imortal que poderia sangrar em sua família.

— Se mudar de opinião, Ellie — disse após um longo minuto de silêncio, — só chame.

Uma vez feito isto, entrou em contato com Illium.

— Nenhum dos idiotas que encontrei está falando e precisamos os nomes das outras pessoas que estavam ali e poderiam estar infectadas.

— Pode fazer seu vudú mental? — Raphael estava regressando, mas ainda assim, ao menos estaria uma hora fora.

— Meu vudú mental não está tão bem desenvolvido como o do Sire, mas tenho uma ideia melhor.

Chegando ao armazém custodiado onde Elena pôs em quarentena aos dois vampiros aparentemente não infectados, o infectado em outro armazém, Illium pediu aos vampiros os nomes e quando não teve resposta, retirou sua espada e cortou a perna esquerda do homem de cabelo marrom.

O brilho de cor vermelho no aço não era o que tinha estado esperando, com o coração golpeando em sua garganta, mas a tática brutal o entregou, o vampiro não machucado rompeu o silêncio enquanto seu amigo apertava a mão sobre o cotoco em uma tentativa de parar o bombeamento de sangue.

— Perdão! Fizemos um pacto! — Soluçando, começou a dar-lhes nomes, o vampiro mutilado unindo-se assim que ela balançou em sua declaração.

Levou menos de uma hora para localizar aos outros nove vampiros que estavam dispersos, entre eles – ironicamente - um grupo que era admirador do trabalho de Sidney. Um mais foi descoberto em posição fetal na cama, a doença devastando suas células, os outros oito aterrorizados em suas mentes.

— Precisamos saber onde está cada um, mas especialmente os dois infectados, vamos atrás do assassino — disse Elena, furiosa pela estupidez que poderia ter feito mais dano que os outros ataques combinados. — O *único* ponto brilhante nesta situação é que a doença precisa de uma transfusão sanguínea para infectar.

As entrevistas foram rápidas, cortesia da perna amputada posta no meio da adega; nenhum destes vampiros tinha a idade suficiente para curar uma lesão deste tipo em nada menos que doze insuportáveis meses.

A maioria dos idiotas assassinos tinham corrido para casa, mas dois foram a um clube. Onde se alimentaram e foram alimentados por outros vampiros. Um

dos dois era a mulher doente. Formosa, atraente, e um ímã inconfundível de vampiros masculinos que queriam afundar seus caninos em carne doce e quente.

— Maldição!

Se o clube fosse um local de alta classe como Erotique, onde o intercâmbio de sangue era considerado uma sedução, um par com frequência passando horas juntos, tinha uma boa probabilidade de que poderiam ter parado rapidamente uma maior propagação. Desafortunadamente, Bezel estava no extremo, abastecendo a jovens vampiros que eram todo sexo, sangue e mais sexo, casais múltiplos sendo a norma de ambas as categorias.

A primeira indicação para Elena de quanto ruim ia ser isto foi quando aterrissou no estacionamento do clube ao mesmo tempo que uma alta e magra vampira cambaleava sobre saltos de dez centímetros, só para colapsar no concreto gritando que lhe doía, *doía!*

CAPITULO 34

Nove esgotadoras horas mais tarde, Raphael olhou o relatório que Aodhan empurrou através da mesa e disse.

— Quão ruim? — A doença finalmente tinha sido contida, mas não até que se cortasse uma faixa através de um segmento particular da população vampírica da cidade.

— Trezentos e oito mortos ou doentes — disse-lhe Aodhan. — Duzentos mais para a observação do dia seguinte.

Não era o desastre total que se tinha previsto, sobretudo porque nenhum dos soldados vampiros de Raphael frequentava Bezel, mas tendo em conta aos anjos caídos, somado ao temor que agora impregnava a população de vampiros da cidade, era um golpe brutal ao coração de seu território.

— Continue vigiando a situação e me avisa se houver sinais de que a doença escapou de contenção.

Montgomery, disse depois que Aodhan se fosse, *Elena está em casa?*

Esteve trabalhando lado a lado com ele até há uma hora, quando lhe ordenou ir a casa, capaz de ver seu cansaço após duas noites tumultuadas.

Sim, Sire.

Assegure-se de que descanse.

A mais mínima pausa.

Não acho que eu possa fazer com que a Caçadora da Sociedade faça algo.

Apesar de saber que Nova York se encontrava à beira de um catastrófico assalto final, quase sentiu a necessidade de rir da insegura resposta do velho vampiro. *É verdade*, disse, e com sua mente tocou Elena em uma pergunta silenciosa. Quando escutou o silêncio pacífico em resposta, soube que dormia.

Sua irmã? Em todo o caos, ele e Elena tinham tido pouco tempo para falar, mas ela tinha dito a respeito de sua avó biológica justo antes de que deixasse a Torre, o contínuo impacto da revelação deixou uma tensão em sua expressão. Mas superando isso, estava sua preocupação pelo que isto poderia significar para Eve.

A senhorita Evelyn está dormindo pacificamente.

Obrigado, Montgomery.

Com isso, Raphael voltou a introduzir um número na tela grande de comunicações em uma das paredes de seu escritório.

O rosto de Titus apareceu nela um minuto depois.

— Raphael, meu segundo em comando disse que você deseja falar comigo — disse o arcanjo guerreiro, o castanho de sua pele brilhava baixo a luz da habitação desde a que falava.

— Soube que encontrou a mesma doença vampírica em seu território que quase derrubou um avião no meu. — Não teve maneira de suprimir essa informação, seus inimigos, sem dúvida, conscientes de que o assalto tinha encontrado um objetivo. No entanto, ainda esperavam.

— Vou confiar em você com esta informação, Raphael. — Os olhos de Titus fincaram-se nos seus. — Não me traia.

Raphael inclinou a cabeça.

— É o único arcanjo cuja palavra sei que é fiável. Estamos unidos na luta contra esta praga, e vou compartilhar todo o que sei dela se fizer o mesmo.

Aparentemente apaziguado, Titus assentiu.

— A doença em ocasiões, ameaçou com dizimar minhas forças terrestres. Localizamos e eliminamos aos transportadores, mas Charisemnon mantém-se enviando mais infectados sobre nossa fronteira, seu único objetivo é difundir seu sangue horas antes de que a doença comece a se mostrar.

Desde o instante em que recebeu a mensagem de Jason sobre os problemas no território de Titus no dia anterior, Raphael teve suas suspeitas sobre o ancanjo vizinho deste.

— De modo que é Charisemnon o arquiteto da doença? Há alguma indicação da mão de Lijuan em sua criação?

— Não — disse Titus. — Os homens que tenho em sua corte o confirmam. O poder de Charisemnon agora está aparentemente bem mais desvanecido pelo uso excessivo, mas tem um estábulo de infectados dos que toma o sangue para infectar a mais, continuando o ciclo, de alguma maneira convenceu a suas tropas terrestres a que morram pela causa da proteção de seu território. — Titus esfregou seu rosto em um raro gesto de fadiga. — Agora me pergunto se isso iniciou a Queda, porque se é assim, estamos ainda mais vulneráveis do que eu achava.

— Não temos provas, mas achamos que os indícios estão aí.

Uma ranhura profunda formou-se à cada lado da boca de Titus.

— O fato de que te atingisse tão brutalmente, enquanto só me ameaça, significa que deve de ter lançado sua sorte com Lijuan. Gostaria de estar contigo na luta contra ela, Raphael, mas não com Charisemnon sentado em minha fronteira esperando que eu pisque.

— A informação que compartilhou vale muito. — Deu-lhe o nome de seu inimigo secundário, Lijuan ainda sendo o mais perigoso. — Começamos agora a desenvolver uma vacina. Levará tempo, mas meus curadores dizem que pode ser feito. Quer que lhes envie a informação a seus próprios curandeiros para que possam se unir no trabalho?

Titus assentiu.

— Tua honra é forte por compartilhar isso. Instruirei aos meus curadores para trabalhar com os seus de cada maneira possível.

Sem perder tempo, Raphael enviou uma ordem mental à equipe na Torre que trabalhava na vacina sob a direção remota de Keir, o curador incapaz de abandonar suas funções no Refúgio.

— Devemos parar Charisemnon e à difusora de mortes, Lijuan. — Franzindo o cenho, Titus golpeou sua espada cerimonial no chão, a letalmente afiada ponta pintada de ouro puro. — Somos arcanjos, protetores do mundo, e eles buscam profaná-lo em seu delírio de divindade. — Um rugido que sem dúvida sacudiu os muros de sua fortaleza antes de cobrir a Raphael com seus olhos. — Espero que não caia preso no mesmo orgulho.

— Não tenho nenhum desejo de governar o mundo, mas também não vou permitir que qualquer um ameace meu território. — Guerreiro a guerreiro, sustentou o olhar do outro homem. — Te chamarei de aliado, Titus, e aceitarei tua palavra e qualquer informação que passe a mim como verdade, se é que vai fazer o mesmo. — A nenhum outro arcanjo, inclusive Elijah, falaria com tanta franqueza, mas Titus não tinha tempo para o duplo discurso e a sutileza política. Ele ia, pensou Raphael de repente, ser alguém de quem Elena gostasse, e tinha a sensação de que a admiração seria recíproca.

Agora, Titus tomou sua decisão com sua habitual falta de demora.

— A aliança está forjada.

Quando terminou o telefonema, pensou na vez que Titus o tinha chamado de “molecote”, e deu-lhe um tapa nas costas, felicitando por um combate bem jogado. Agora eram aliados de pé firmes contra a mesma ameaça mortal. Outra mudança, outro sinal de que o mundo se alterou para sempre antes de que isto acabasse.



Eve estava de costas no centro do núcleo central da casa, quando Elena desceu às nove da manhã, após ter apanhado aproximadamente quatro horas de sono profundo e sem interrupções. Corpo e mente sentiam-se renovados, o stress emocional do dia anterior já não ameaçava prejudicá-la.

Bom dia, Arcanjo, disse, ligando com a mente de Raphael através da água, o vínculo sem esforço.

O beijo frio da chuva, o mar turbulento em sua mente.

Bom dia, hbeebti.

Com o coração aquecido e um sorriso saindo de seus lábios, caminhou pelo tapete de seda para olhar ao corpo estendido de sua irmã.

— Eve? — Disse, notando que a luxação ao redor do olho esquerdo da criança se desvanecia a um doentio amarelo escuro que denotava a cura.

— Olá, Ellie. — O saudação foi entrecortada. — Desculpe, comi muitos doces.

— Enganou o Montgomery? — Não achava que o vampiro tivesse muita experiência com crianças, especialmente crianças inteligentes e Eve era muito, muito inteligente.

— Não achei que ele realmente me daria bolo para o café da manhã se lhe dizia que estava triste. — Assombro em seu rosto. — Ou que me daria *mais* quando lhe disse que ainda seguia faminta. Não podia não comer tudo depois disso. Não seria cortês depois de tê-los pedido.

Os ombros de Elena sacudiram-se enquanto tratava de conter o riso.

— É por isso que está deitada no chão? Porque não pode respirar?

— A não. — Eve apertou seu estômago. — É uma bonita vista.

Não duvidava que deveria regressar à Torre, averiguar se a situação da doença tinha deteriorado nas últimas horas, mas Elena baixou ao tapete e lhe disse.

— Levante-se, só um pouco.

Quando Eve o fez - com um gemido - Elena deslizou o corpo de sua irmã debaixo sua asa, o braço embaixo da cabeça de Eve, e ficaram lado a lado. A clarabóia de cima era linda, um brilhante fragmento de luz.

— Dói se me deito em sua asa? Estou um pouco pesada.

— Não dói, e não é pesada. — Eve tinha a pequena estrutura óssea de sua mãe junto de uma valente fortaleza, sem dúvida chegaria a ser um pequeno e elegante dinamo.

— Tenho uma camada de gordura de cachorrinho, isso é o que ouvi de uma das mães de meus amigos. — Expressado com prudência. — Não acho que vou virar um cisne como Amy ou mamãe ou você. — Franziu a testa ferozmente. — Só quero ser um pouco menos gorda, mas gosto muito de doces.

Elena sentiu uma onda surpreendente de afeto.

— Quer ouvir uma história?

— Está bem.

— Beth e eu, tínhamos duas irmãs maiores, você sabia? — Não se surpreendeu ante a negação de Eve, mas doía lembrar quão bem seu pai tinha enterrado à bailarina de longas pernas que alguma vez dançou valsa através do piso da cozinha, tão minuciosamente como à menina séria nascida posteriormente com quem discutia sobre bônus e ações na mesa do café da manhã. — Seus nomes eram Mirabelle e Ariel.

— Morreram? — Uma tranquila pergunta, Eve entrelaçando seus dedos com os de Elena.

— Sim. Elas morreram. — As palavras ainda eram tão difíceis de dizer. — Ari queria cuidar de todos, e ela era um pouco mandona.

— Amy é mandona, também. Mas sei que é porque me ama.

— Sim. — Elena sentiu as cicatrizes da perda dolorosamente ao pensar no momento em que Ari lhe disse que corresse escadas abaixo, só para a abraçar quando seu lábio inferior tremia. — Belle tinha mais temperamento, mas não deixava que ninguém fosse mau comigo.

— Soa como uma boa irmã.

— Ela era. — Elena concentrou-se nas lembranças felizes, lutando contra as sombras salpicadas de sangue que ameaçavam pôr a perder a alegria. — E era uma bailarina. A forma em que Belle podia se mover, era como ver o vento.

— Aposto que estudou muito.

— Sim. — Horas e horas, decidida a chegar a ser parte de uma prestigiosa companhia de ballet. — Mas sabe qual é a melhor parte?

— Não, o que?

— Belle tinha o mesmo aspecto que você quando era mais jovem. — Essa mesma aparência de robustez criada pela obstinada fofura infantil. — Vi as fotos. Mas por causa de sua dança não demorou em criar músculos, massa magra, justo como o treinamento de caçadora vai fazer contigo.

— Gosto de ir na Academia, inclusive se sou golpeada às vezes. — Acariciando suavemente sua mão sobre a superfície interna das asas de Elena, expressou. — Ellie?

— Sim?

— Estou assustada.

Elena atraiu a sua irmã a seus braços.

— Eu sei-o, menina. Eu sei.



Tendo deixado Eve na cozinha com o computador portátil depois que sua irmã lhe disse que tinha enviado um e-mail a sua professora na noite anterior e recebeu as lições do dia para fazer em casa, Elena acabava de decolar quando Montgomery chamou sua atenção desde o alto da falésia.

— A mãe da senhorita Evelyn está na porta. — Disse-lhe.

— Abra-a. — Elena dobrou as asas, pensando que Gwendolyn devia ter dirigido toda a noite após receber a mensagem que utilizou da rede de caçadores da zona para a entregar pessoalmente.

— Eve? — Perguntou a outra mulher imediatamente após sair do SUV negro salpicado de barro, profundas sombras de azul escuro baixo seus olhos.

— Fazendo suas lições dentro — disse Elena. — Não achei que fora uma boa ideia a enviar de volta à escola até que você regressasse.

Gwendolyn passou uma trêmula mão por seu cabelo negro azeviche.

— Acabo de chegar de casa. Jeffrey... — Uma ruptura repentina, paredes de reserva e cortesia fechando-se inesperadamente, como se a outra mulher tivesse lembrado de que falava de seu marido a sua filha afastada.

— Gostaria de uma caneca de café? — Perguntou Elena, afogando a impaciência por chegar à Torre, o futuro bem-estar de Eve poderia depender do que Gwendolyn escolhesse fazer a seguir.

— Não, já tive demasiada cafeína. — A confissão de Gwendolyn era uma fratura no ar reservado. — Agradeço que esteja ajudando a Eve.

— Isto é sério, Gwendolyn — disse Elena, lutando com a ética de se tinha ou não o direito de compartilhar a verdade sobre sua avó biológica. — Jeffrey realmente a assustou. Não acho que alguma vez vá chegar a um acordo com o fato de que ela é uma caçadora nata.

Os pómulos da outra mulher ficaram alvos contra sua pele.

— Me assegurarei de que ele não atire nada como isso nunca mais.

Elena tinha uma fé total no amor de Gwendolyn por suas filhas, mas entendia a seu pai muito melhor hoje do que antes o tinha feito.

— Não pode vê-la o tempo todo.

— Não, mas apesar de que Jeffrey e eu talvez não temos a relação que tinha com sua mãe — uma sombria referência a uma dolorosa conversa anterior onde Gwendolyn tinha admitido que conheceu à antiga amante de Jeffrey, e que a mulher tinha uma tenue semelhança com Marguerite, — seu pai precisa de mim de uma maneira que duvido que entenderia. — Um triste sorriso. — Ele vai manter o nosso acordo.

— Mamãe! — Eve saiu disparada pela porta principal nesse instante, correndo para Gwendolyn.

Enquanto os magros braços da outra mulher abraçaram a sua filha com força, Elena esperava que Gwendolyn tivesse razão no julgamento de Jeffrey. Porque não ficaria olhando a forma como ele magoava Eve.

— Farei o que tenha que fazer para a proteger — disse a Raphael mais tarde nesse dia, fora do armazém que era utilizado como um centro de observação.

Raphael não esperava nada menos de sua companheira.

— Pedi a nossa equipe de comunicações para monitorar o nome de Eve, bem como os planos de voo do jato da família Deveraux. Saberá em matéria de minutos se há qualquer coisa que lance um sinal de alerta.

A cerca de arame às costas de Elena foi um duro lembrete da sombria razão pela que estavam aqui, mas seu sorriso radiante arrojou isso à sombra.

— Obrigado, Arcanjo. — Um brilho diferente e muito de Elena em seu olhar. — É extremamente impressionante ser a Consorte de um homem que é senhor de todo o que examina.

— Isso, Consorte — disse, já tendo contado de sua discussão com Titus, — é um fato que a Charisemnon e a Lijuan gostariam de mudar.

— Sabe, esse garoto Charisemnon, sempre me incomodou. Agora sei por que. — Cruzando os braços, encontrou seu olhar. — Pedi a Sara pôr-me inativa no plantão do Sociedade por agora. Me diga o que precisa que faça para te ajudar a preparar a cidade para um ataque.

CAPITULO 35

Esticou sua mandíbula, orgulhoso da mulher que era sua, que não se acovardava e se mantinha a seu lado, passasse o que passasse.

— Fale com os líderes dos vampiros, faça com que contenham o pânico dos grupos aos que tenham acesso. Não podemos nos permitir nenhuma outra execução improvisada.

Elena franziu o cenho.

— Falar, imaginei que me quereria trabalhando com as tropas de terra ou algo.

— Falar, não como caçadora, sim como minha Consorte. — Tirando a mão de sua mandíbula, pôs o braço ao redor de sua cintura preparando para a decolagem. — Sua presença fará evidente a gravidade da situação sem necessidade de mais ordens de minha parte.

— Suponho que posso revelar alguns modos civilizados, mas atemorizantes. — Um beijo na boca enquanto elevavam-se no ar, o sabor da exuberante intoxicação. — Não conheço absolutamente a todos os líderes vampiros. A Torre tem uma lista?

— Illium irá com você. Conhece a todos por seu nome.

— Não seria a melhor opção para falar com eles?

— Antes de que tivesse uma Consorte, sim. Agora, você fala por mim.

Esse anel de prata brilhou embaixo da luz do sol de inverno, sua expressão de repente solene.

— Não te decepcionarei.

— Eu sei.

Dez minutos mais tarde, viu-a ir pelos céus com Illium.

Não permitira que ela se machuque.

A protegerei com minha espada e com minha vida.

Mudando sua atenção da meia-noite e o amanhecer das asas de Elena e a força da promessa de Illium, pegou o telefone. Era hora de que seu segundo regressasse a Nova York.



Raphael passou o resto do dia finalizando a transferência de seus vampiros mais antigos e anjos dentro da cidade, enquanto Aodhan mantinha ao dia as operações da Torre e Dmitri - ligado do jato que Raphael enviou para ele e Honor - trabalhava com sua gente de confiança para assegurar-se de que a reserva de armas estivesse ao máximo. O seguinte passo seria colocar armas contra asas em um número de telhados.

— Faremos isso no período de calma depois que os últimos farristas se dirijam a casa e os madrugadores sigam dormindo — disse Illium, as luzes brilhavam cobrindo a noite de Manhattan a suas costas, enquanto ambos permaneciam no topo da Torre. — Será melhor que as armas apareçam durante a noite que ter curiosos olhando e difundindo nossos esforços às claras.

— Concordo. — A cidade de Raphael nunca dormia realmente, mas era mais tranquila durante as horas do crepúsculo. — Tem a quantidade suficiente de gente para fazê-lo a tempo?

— Sim. Aodhan também pode vir agora que Dmitri regressou para tomar as operações da Torre. — Um firme olhar com seus olhos dourados ensombrecidos por suas densas pestanas negro azuladas. — Sire, você não pode estar aqui.

Quando Raphael levantou uma sobrancelha, Illium se manteve firme.

— Esqueça o inimigo, a moral de tuas próprias tropas receberá um golpe severo se é visto assistindo em uma tarefa tão “mundana”.

Raphael sabia que o anjo tinha razão.

— A tarefa é sua — disse, e passou a seguinte hora treinando a um esquadrão especializado em manobras noturnas antes de ir para casa.

Sua Consorte encontrava-se no solar, limpando suas armas com uma focagem única que lhe dizia que não via os letais elementos no absoluto. Tomando assento em frente a ela, levantou um copo de cristal talhado e se serviu uma dose do licor que guardava para ele, lhe dando um silencioso convite a seu santuário.

— Illium diz que você cativou os vampiros. — O que seja que tenha feito, o efeito foi imediato, a cidade mais calma, e os vampiros tem um melhor comportamento.

Bufou.

— Illium os conquistou. Falei de negócios, os líderes vampiros estão dispostos, e os vampiros baderneitos não estão. Chegamos a um entendimento. — Pestanas levantaram-se, humor nos olhos cinza. — Talvez tenha canalizado o mais cortês e terrível de você, para reforçar o ponto em que estaria muito, muito decepcionado se falhassem em sua tarefa.

Com lábios curvados, tomou outro gole.

— Está provando ser a Consorte mais eficiente, Caçadora do Sociedade.

— Não o esqueça. — Apontou-lhe uma adaga para sublinhar sua ordem, antes de voltar a limpar.

— É a revelação de teu pai o que ocupa sua mente?

Um assentimento.

— Tive um pouco de tempo antes de que chegasse em casa, de modo que entrei na rede de informação da Torre desde aqui.

— Encontrou?

— Sim, os fatos não foram ocultados. Só não soube buscar antes. — Dedos apertados na adaga, Elena encontrou os olhos de um azul piedoso que a olhavam com uma paciência intensa e que diziam que ela o importava. — Seu nome era Elizabeth Parker. — Seu coração batia com força em sintonia com a comoção que sentiu com a descoberta. — Belle e Ari eram suas primogênitass, mas não lhes deu seu nome, só a Beth e a mim.

Elieanora Parker Deveraux e Elizabeth Marguerite Deveraux.

Soltando e colocando a adaga ao lado quando seus dedos ficaram moles, pôs o rosto entre suas mãos.

— É quase como se tivesse levado muito tempo em confiar na felicidade que encontrou, em ter fé suficiente para abrir um pouco a porta a seu passado. — Só para que o horror se repetisse. — Deus, Raphael, não é de estranhar que esteja malditamente destruído.

— Me conte sobre ela.

Era exatamente a pergunta que precisava escutar. De alguma forma, tinha que encontrar uma maneira de chegar a um acordo com uma fundamental mudança que se produziu em sua história de vida, a visão de seu pai alterada em uma forma que lhe dificultava entender. E mesmo assim, sabendo que Raphael não sentia simpatia por Jeffrey depois do que seu pai tinha feito, ele escutou enquanto libertava a torrente de palavras, dúvidas e confusão.

Horas depois, quando Elena esvaziou tudo de sua cabeça e pôde pensar de novo, Raphael a levou à cama e a manteve a salvo dos pesadelos, suas asas

estendidas sobre seu corpo em forma de uma pesada e cálida seda, a fazendo se sentir mais segura que com qualquer arma.



Raphael decidiu realmente descansar pelo resto da noite, a pele de sua caçadora era quente contra a própria. Falou de si mesma e, ao o fazer, veio um tipo de tranquilidade com os fantasmas de uma mulher que nunca conheceu, mas que lançou uma sombra sobre toda sua existência.

— Elizabeth Parker — disse tranquilamente ao final. — É parte de mim e estou encantada em saber.

Agora, descansava escondida com confiança contra ele, suas asas misturadas ao redor de seu corpo na forma de anjos apaixonados, suas próprias asas funcionando como lençol. Só quando esteve seguro que ela caiu em um sonho profundo e que não tinha pesadelos, pressionou um cálido beijo na curva de seu pescoço e fechou os olhos.

Sonhou de novo com esse campo esquecido, e com uma mulher descalça enquanto o suave ar salpicava a grama rubi, sua mãe afastando-se dele depois que caísse na terra, seu corpo ensanguentado e seus ossos quebrados.

Exceto que...

Não tinha lesões neste campo, embora era o mesmo campo e no mesmo dia. Nunca esqueceria a assombrosa clareza do céu; a forma em que o orvalho se espalhava como se uma mão descuidada derramasse milhares de pedras preciosas translúcidas nas folhas verdes exuberantes; os padrões distintos de luzes e sombras formadas pela árvore em flor à direita; o pequeno inseto que se arrastava laboriosamente pela grama, com comida em suas patas.

Olhou a esse inseto pelo que se parecia horas enquanto caminhava pelo pasto. Quando a comida escorregava de suas patas, parava e a levantava de novo,

recomeçando novamente sua viagem. Caído quebrado no pasto, Raphael pensou em si mesmo como um inseto, também, uma insignificante peça descartada de destroços angelical embaixo de um céu sem fim.

Hoje, podia pisar a esse inseto sem pensar, terminar com sua existência e luta, mas teve cuidado de caminhar ao seu redor, a clara luz do amanhecer um fresco brilho em seu rosto, o suave vento acrescentando à sensação de que o amanhecer acabava de chegar. Inclinando para atrás a cabeça, não viu nada na folha azul sobre... não, aí estava sua mãe. Ainda que se encontrasse no local errado, sua vista era a mesma do fatídico dia, quando a observou desde um ponto escondido privilegiado, precisando vê-la livre e formosa só uma vez mais antes de tentar derrubá-la, terminar com sua vida.

Ela causou a morte de cada adulto em duas prósperas cidades, criando um silêncio doloroso e eterno. Os sobreviventes foram todas crianças, pequenos tão feridos no coração que se ajoelhariam e morreriam de terrível dor, centenas e centenas de pequenas vidas extintas sem sequer ter a oportunidade de viver.

Sabia totalmente, entendia que precisava ser parada, mas ainda era a mãe que uma vez lhe cantou canções de ninar no Refúgio enquanto ele permanecia em silêncio a escutando. De modo que tomou um momento para olhá-la, lembrando o que foi antes de que a loucura a consumisse.

Elegante e forte, suas asas iluminadas atrás pelo sol, voou sobre ele, mas agora uma nuvem tapava o sol. Isso não estava certo. Nesse dia não havia nuvens, o sol um astro ardendo que cozinhou seu sangue derramado até o converter em duros cristais e ameaçava com o ferver vivo de dentro para fora.

As nuvens faziam-se mais e mais escuras, até que eliminaram o sol. E sua mãe, tinha ido. Tudo o que podia ver era uma grossa camada uniforme cinza. Embaixo de seus pés, o pasto verde pôs-se café, o inseto uma carcaça. E o vento, soprava frio em seu rosto, mas não o era fresco.

Cheirava a *velho*.

Não era um cheiro de putrefação ou morte, simplesmente uma sensação de idade indefinível, de locais escuros e ocultos, cheios de segredos e susurros.

Respirando, continuou caminhando pelo campo, por alguém que o esperasse. Ia a metade do caminho através da paisagem ressequida - este local, tão *velho* - quando viu que o amanhecer chegava, não, essa era a asa de Elena arqueando-se sobre ele quando a dobrava para revelar a luz do sol sobre sua cama, o mundo fora era confuso e sem formas cinzas um momento antes do verdadeiro amanhecer.

Um aro de prata ao seu redor brilhava na silenciosa escuridão enquanto aproximava-se.

— Não pretendia te acordar.

— Era hora. — Sabia que nunca ria alcançar o fim daquele prado sem algo, algo que queria ter em ordem para completar a viagem. — Por que me olha dessa forma?

— Ocasionalmente acordo — susurrou, como se se tratasse de um segredo, — e tenho este instante onde não acredito na felicidade dentro de mim, não posso imaginar que possa ser meu, mas é assim. — Um sorriso perfurou o cinza persistente. — É meu.

— Tive outro sonho — disse para sua caçadora, que lhe pertencia tanto a como ele pertencia a ela.

Elena inclinou a cabeça, escutando enquanto descrevia o campo esquecido e o peso da idade, a essência do velho, as coisas velhas.

— Não tinha sensação de ameaça — disse, — mas senti como se perdesse algo indefinível se não fazia algo que não sei o que era.

Um silêncio pensativo.

— Poderia simplesmente ser uma forma de seu subconsciente de trabalhar tudo o que aconteceu, mas depois desse sonho partilhado, tenho minhas dúvidas.

Assim como ele. — E você, Elena — disse, decidindo deixar os assuntos de lado por agora, pelas intrigas do mundo dos sonhos tinham que tomar segundo plano diante da dureza da realidade, — o que sonhou?

— Nem uma maldita coisa. — Seu alívio radiante logo se convertendo em preocupação. — Jason enviou outro relatório ontem à noite?

— O componente renascido das forças unidas de Lijuan parece ser suspeitamente pequena, tendo em conta o número de aldeões que desapareceram das áreas próximas a sua fortaleza.

— Elena — inalou. — Acha que talvez já estejam a caminho?

— Ou chegaram, e permanecem escondidos longe até que precise deles. — Não era impossível que pudessem ter sido introduzidos como contrabando em containers de carga. Um container poderia fornecer uma carga perfeita, e, uma vez libertados, as criaturas mortas de fome e infectadas dizimariam a população. — Jason também tem a informação de que Lijuan tem “melhorado” em sua criação de modo que, esses renascidos não são sensíveis em nenhuma forma, simplesmente criaturas feitas para matar e se alimentar.

— Armas móveis e infectadas.

Assentiu, concordando com seu esclarecimento.

— As forças de Charisemnon também são fortes, mas Titus intensificou a agressão em sua fronteira para assegurar que Charisemnon não possa arriscar-se fornecer nenhum esquadrão para Lijuan.

— Essas são boas notícias, não? — Disse Elena. — Sei que Lijuan tem mais lutadores, mas não pode mover todas as forças contra nós ou corre o risco de deixar seu território vulnerável.

— Também foi um arcanjo por milênios, e como tal, tem muitíssimos outros anjos e vampiros mais velhos sob suas ordens. — Mais difíceis que matar ou inabilitar, os guerreiros mais velhos podem suportar bem mais que os jovens.

— Diabos, nem sequer pensei nisso. — Elena estendeu a mão sobre seu coração, o olhar em seus olhos dizendo que calculava cada ângulo. — A vantagem de estar em casa é nossa melhor arma.

— Sim, e devemos usar em qualquer forma possível.

Quando voaram dentro da cidade meia hora depois, foi para ver os tetos dos edifícios cheios de armamento inimigo contra guerreiros com asas.

— Inclusive aos velhos anjos — disse Elena, com satisfação em seu tom, — precisarão de tempo para curar se fazemos uns buracos nos bastardos.

Tão sanguinária, hbeebi.

Um sorriso.

— Sabe que me ama dessa maneira.

— É a razão pela qual desejo que se una ao esquadrão praticando com balestras no ar. — Sabia que sua companheira nunca se sentaria a salvo enquanto sua cidade queimava, de modo que se asseguraria de que estivesse preparada.

— Bem. Não sou rápida voando, mas sou a melhor disparando. — Um beijo terno, uma lembrança fugaz do curto e apaixonado minuto que tomaram para eles mesmos essa manhã. — Vai encontrar-se com Dmitri?

— Sim.

Essa conversa levou umas duas horas. Deixando ao outro homem organizar uma ampla linha de vigilância, Raphael encontrava-se a ponto de ir da Torre para ver Nazarach - o anjo mais velho tinha vindo para a cidade a noite - quando sentiu que o vento se tornava violento, lhe açoitando o cabelo fora da cara. Junto de sua fúria veio um cheiro que lembrava há anos e a velho, coisas *velhas*. Coisas enterradas.

O céu ficou vermelho enquanto o rio Hudson fez uma pulsante onda, os pássaros fazendo redemoinhos como uma constelação sobre a Torre. Brigando contra o vento, Raphael elevou-se, dirigindo-se diretamente a esses pássaros,

chamado por um antigo poder que picava sua pele. As pequenas criaturas aladas afastaram-se para deixá-lo entrar, e assim se converteu no centro da constelação enquanto o céu ensanguentado baixava nele e a cálida chuva eram gotas de sangue em sua pele, sua cara, seu cabelo.

CAPITULO 36

Elena levantou a vista do telhado do edifício onde aterrissou quando o vento se tornou feroz, sua balestra agarrada com uma mão e seu coração atingindo contra as costelas.

Raphael!

Gritou com sua mente, capaz de ver ele no centro da fúria de pássaros negros que giravam contra um céu carmesim.

Não respondeu, e a chuva, era sangue com sabor do mar, do vento e de Raphael, mas embaixo disso era um velho frio e desumano.

Não, não, não! O frio não poder pode tê-lo!

Apertando a mandíbula, atou a balestra e correu acima da borda do teto, com a intenção de montar no vento até Raphael, mas a força deste ameaçou lançá-la contra um edifício, a rompendo em pedaços.

Apertando os dentes, lutou na contramão da violência, mas suas asas começavam a colapsar quando um flash azul apareceu abaixo dela, mantendo a posição com uma força que fez nítido seu crescente poder. Ao dar-se conta do que Illium tratava de fazer, se permitiu cair. Ele se retorceu no último segundo para a segurar, baixando em espiral até o outro telhado em um descenso controlado.

Tão logo aterrissaram, Elena levantou o olhar e viu que Raphael ficou no centro da tormenta de sangue, a mente afastada da sua.

— Pode chegar a ele? — Disse gritando para fazer-se ouvir acima do vento crescente.

Seu próprio cabelo açoitando-lhe a cara, os braços apertados ao redor dela, e os olhos dourados resplandecientes, Illium negou.

— Algo está me bloqueando, bloqueando a todos nós!

Não, pensou de novo, desta vez não em pânico, mas com fúria decisiva. Ninguém ia separá-la de Raphael. Era seu. Centrando-se através da sangrenta chuva que cortava sua cara e que tornou o mundo vermelho, buscou somente ao arcanjo que era seu, sua mente tratando de alcançá-lo, alimentada por uma conexão que era a soma de ambos.

Era como se um grande muro se interpusesse entre eles, mas Elena não estava disposta a se dar por vencida. Observando fixamente, até que sentiu que sua mente se encontrava tão sangrenta como a chuva, rompeu um buraco o suficientemente grande como para empurrar sua mão através dele.

Raphael!



Ouviu a voz de Elena em sua mente, cortando através dos sussurros que o rodeavam, sussurros que não eram palavras, mas que igual entendia. Esta foi uma prova, disseram as vozes, como foram as outras. Mas, quem se atreveria a pôr um arcanjo a prova? Essa era uma pergunta que não tinha resposta, mas sabia uma coisa: nenhum poder no universo podia separá-lo de sua caçadora.

Rompendo através da parede cinza de sussurros, agarrou sua mão.

Estou aqui, Elena, disse, a conexão entre eles pura e sem obstáculos. *Voe para mim.*

O vento?

Não vai te deter. Nada tinha direito a tocar a sua Consorte sem sua permissão. *Illum*, disse-lhe ao membro de seus Sete que a tinha salvo, *solte-a.*

Partindo o vento com uma folha de agonizante poder, viu-a decolar, suas asas uma propagação da meia-noite e o amanhecer manchado com índigo e azul crepúsculo, resplandecente contra a sangrenta chuva que empapava a cidade.

Essa chuva dividiu-se por ela, como o fez o vento, como agora faziam os pássaros. Até que o corpo de Elena se alinhou com o seu, suas mãos sobre os ombros dele, suas asas se dobrando em uma silenciosa confiança, o braço ao redor de sua cintura.

Olhos brilhantes de cor cinza prateada buscando os seus.

Está aqui.

— Sim. — O poder, frio, formoso e perigoso, tinha ameaçado engoli-lo, mas em sua negativa de ser separado de Elena, encontrou a clareza de entender uma vez mais que não podia esperar controlar a vigorosa força disso, mas inclusive um mero gosto foi potente. Se pudesse encontrar uma maneira de manter uma fração deste, nenhum outro imortal se atreveria a pôr os olhos em seu território.

Os dedos de Elena fincaram-se em seus ombros.

— Ouça, ouça, seus olhos estão se tornando negros de novo.

— Tanto poder, Elena — disse, enterrando a cara contra seu cabelo enquanto os frios dedos deste deslizavam por suas veias. Os sussurros lhe incentivaram a aceitar o que lhe dava, quando os cheiros da idade, do tempo, encheram seus sentidos, como se este poder tivesse adormecido por uma era e acordasse só para ele. — Seria o arcanjo mais poderoso no mundo.

Tremendo pelo frio nesse sussurro, consciente de que o coração de Raphael já não palpitava, seu fôlego fugáz, Elena atirou a cabeça para atrás para olhar a esses olhos desumanos.

— Você seria um monstro — lembrou-lhe. — Eu não seria nada para você, acabaria com a minha vida sem pensar.

— Você é tudo. — O beijo foi tão frio que ameaçou frear as batidas de seu próprio coração. A diferença dele, ela não ia sobreviver.

Raphael, meu... deu um jeito de se afastar um pouco do frio abrasador, o fôlego congelado em seu peito quando ele rompeu o beijo. *Estou morrendo,*

Arcanjo. Custou-lhe toda sua força para obrigar que fosse para além dos gelos em seu cérebro.

Uma piscada, incandescente azul queimando para fora de sua íris enquanto uma de suas mãos alisava sobre seu esterno.

— *NÃO!*

Um golpe de poder quente e violento que a fez gritar, suas costas inclinando e seu coração vacilando para regressar à vida. De alguma maneira encontrou a força de pensar, de ter as mãos congeladas nas bochechas de Raphael, ladeando seu rosto, disse.

— Deixe ir. — Através de seus dentes tremendo. — O poder não vale a pena o preço.

Ambos braços a estreitaram mais perto, sua respiração ainda frígida, mas seus olhos de um incrível e assombroso azul, disse.

— Um momento, hbeebti.

O céu estourou em um ensurdecedor relâmpago de cor azul elétrico com um perfurante fogo branco que cortou o vermelho rubi para expor os pedaços do céu como devia ser. Com o sangue foi-se o frio anormal e Elena encontrou-se engolindo ar que não sentia como se tivesse cristais congelados em sua garganta, em seus pulmões, seu coração palpitava a um ritmo normal.

Sacudiu-se quando a primeira gota gelada lhe atingiu a bochecha, mas não foi só a água, o ar perfumado com o limpo e fresco ozônio da chuva caiu de um céu de tormenta escura, lavando as manchas de sangue. Jogando-se para atrás o mais que podia, dado o aperto do abraço de Raphael, baixou sua cabeça com uma mão em sua nuca e o beijou de novo, desta vez, o forte calor dele fez arder seu corpo, seus peitos inchando contra a umidade pesada da roupa de combate.

— Me alegre que esteja de volta, arcanjo. — Outro suave, marcante beijo nos lábios, cálidos e vivos, a chuva convertendo-se em vapor onde se tocavam.

A testa dele inclinou até sua, sua respiração áspera e o peito agitado.

— Não quero poder algum que me faça te machucar. — Uma mão subindo entre eles, lhe esfregou sobre seu coração palpitante, as ondas de calor lhe dizendo que consertava o dano.

— Tudo bem — murmurou quando ele deixou cair a mão, sua pele pinicando com a necessidade de reiniciar seu vínculo de uma forma mais primária.

— Também não — respondeu, seu corpo empurrando duro e rápido contra seu abdômen, — quero nenhum poder que transforme meu pau em gelo.

Oh sim, estava de volta, ela pensou com um sorriso.

— Não tem nem ideia de como fervorosamente concordo com isso. — E apesar de estarem pendurados no meio da gelada chuva de inverno, não deixou de pressionar sua boca à dele, para desfrutar de um beijo tão sexual que bem poderia ter estado no interior de seu corpo. Sem gelo nem distância, só um calor fundido entre homem e mulher, entre um arcanjo e sua Consorte.



Aterrissando na Torre, Raphael descobriu por meio de Aodhan que as pessoas tinham medo, achando que foi ele quem fez cair a chuva de sangue do céu.

Isso, pensou Raphael, podia funcionar para seu benefício.

Quando disse a Elena enquanto se secavam em sua suite da Torre, parou com a toalha sobre seus peitos, com um brilho em seus olhos.

— Deve se assegurar de que Charisemnon e Lijuan ouçam sobre seu novo “poder”.

— Tenho certeza de que já escutaram. — Seco, tomou a toalha e pediu que girasse para poder secar o resto de umidade em suas asas, suas plumas

desenhadas para estar livres disto. — Dmitri diz que gravações do evento já estão sendo exibidos nas redes em todo mundo.

— Bem, em que pensavamos? — Elena levantou as mãos. — Que os novaiorquinos em realidade, não sei, se esconderiam ou fariam algo mais sensato quando do céu chovia uma merda de sangue?

— Nossa gente não é tão tímida. — Deixando cair a toalha, a puxou para ele e tocou com os lábios um lado de sua garganta.

Ela se estremeceu, se encostou contra ele, e simplesmente pôs pele contra pele por um momento roubado.

A lembrança de seu calor ainda se encontrava com ele quando se reuniu com Nazarach minutos mais tarde. O perigoso anjo de nível médio com asas de âmbar polido e pele de reluzente negro tinha más notícias.

— Tive um relatório confirmado de que renascidos foram vistos nas periferias de Atlanta. Achamos que o grupo inicial foi levado em um caminhão de longo percurso, possivelmente após ser passado inadvertidamente através dos contentores de transporte.

Raphael não esperava este tipo de táticas furtivas de Lijuan na véspera da verdadeira batalha. Tinha achado que desataria a seus renascidos durante a batalha real, para que fossem na contramão de seus soldados em terra. Sem dúvida, esta foi a influência de Charisemnon.

— Leve seu esquadrão e acabe com a ameaça antes de que se estenda. — Não podia deixar a tarefa a anjos mais jovens e débis, que não captavam o perigo.

— Se Nova York cai...

— Não podemos permitir que os renascidos infestem qualquer parte do território. São demasiado violentos. — A Torre seguia em estado crítico, mas isso não significava que permitiria ao resto de seu território cair em ruínas.

Nazarach foi-se com a promessa de voltar tão cedo como fosse possível. Quando Nimra veio a Raphael com os mesmos relatórios sobre seu território aos

poucos minutos, seguido por Andreas, Raphael tinha tido o suficiente. Com ira fervendo a fogo lento baixo sua pele, realizou um telefonema imediatamente a Lijuan. A velha Arcanjo evitava os confortos modernos, mas sua gente convenceu-a recentemente de atualizar-se.

Xi, com seus olhos negros e as chamativas asas vermelho com listras cinzas, respondeu em matéria de momentos.

— Arcanjo. — Uma inclinação cortês de cabeça. — Em que posso lhe servir?

— Tenho uma mensagem para sua ama — disse Raphael, demasiado furioso para medir suas palavras. — Diga-lhe que não esperava tal covardia dela. — Terminou o telefonema enquanto a ira avermelhava os pómulos afiados de Xi, e surpreendeu-se quando a cara de Lijuan apareceu na parede de vidro de seu escritório momentos mais tarde, em uma demonstração de seu poder.

— Se *atreve* a me chamar de covarde? — Raiva não oculta, com o rosto esquelético enquanto sua forma física se desvanecia e aparecia.

Raphael sustentou-lhe o olhar, sua própria raiva igual de potente.

— Que é senão covardia libertar a teus renascidos nas bordas de meu território, me obrigando a espalhar minhas forças? — Não revelava nada por admitir isso, já que a notícia da luta contra os renascidos cedo se estenderia por todo mundo. — Deve achar que suas forças são débeis se de fato utiliza estas táticas despezíveis.

Negro delineava sua íris.

— Deve ter cuidado ao fazer tais acusações.

— Pede a Xi que ligue um televisor. Estou seguro que as imagens estarão disponíveis em questão de minutos. — Continuando enfrentando esse rosto desumano com seus enormes concavos e a boca cheia de gritos silenciosos, disse. — Talvez deva escolher teus aliados mais sabiamente. — Certamente Lijuan tinha posto Charisemnon a cargo de suas forças de renascidos.

Sem resposta, sua cara desapareceu de vista, mas não teve mais relatórios de novas infestações nas horas seguintes. Isso ainda lhes deixava para lutar com as criaturas já soltas no território, e a tarefa não resultou fácil para seu povo, apesar da advertência significativa de Jason para que se encontrassem preparados para o desenho "melhorado" de Lijuan.

Estes novos renascidos não arrastavam os pés, senão que corriam em um rápido passo como um canrangejo. E não estavam tristes ou destruídos por terem sido presos em seus corpos mortos, eram criaturas sem sentido que só queriam ser alimentadas de carne viva.

Então, descobriram que Charisemnon não se tinha esquecido da cidade portuária de Nova York.



— Jesus Cristo — disse Elena, vendo os renascidos baixando pelos lados do cruzeiro que, ao que parece, tinha ancorado à tarde, pouco depois de que a chuva constante diminuísse gradualmente ao final. Baixou guarda, já que parou no território de Charisemnon há algumas semanas, antes do começo das hostilidades, estava programado para ser revistado e processado na próxima meia hora.

Então um dos trabalhadores da área de embarque notou os "convidados" empapados de sangue na cobertura.

— Como diabos a gente não sabia que tinham essas criaturas a bordo? — Disparou uma flecha de balestra a um particularmente rápido que chegou ao cais, arrancando seu coração e imobilizando pelo momento.

Ao menos, o cais brilhava com luz artificial, fazendo a tarefa mais fácil.

A seu lado, Illium desembanhou a Relâmpago, a espada uma peça brilhante de morte.

— Ninguém pergunta, mas se tivesse que adivinhar, diria que o pessoal de Charisemnon reservou uma ala inteira para sua festa, ou bem subornado ou ameaçado a alguém para que lhes permitisse embarcar a noite, antes que os demais passageiros. Estes renascidos não se vêem o suficientemente humano como para entrar de outra maneira.

Utilizou a Relâmpago para marcar outra gemedora criatura a ponto de atingir o cais, para que pudesse disparar.

— O grupo inicial de renascidos era provavelmente um número pequeno, manejável, mantido vivo e saciado com a carne das vítimas que traziam a bordo ao mesmo tempo.

— Com o plano de dar-lhes rédea solta sobre os restantes passageiros, uma vez que aportaram em Nova York — terminou Elena, vendo a lógica macabra do que dizia. — A cada pessoa que se alimentam, mas a deixando relativamente intacta, então se levanta para ser uma arma.

Illium assentiu.

— Suponho que seu treinador vivia até há uma hora, já que lhes impediu arrasar até que o barco ancorou, mas também não está morto agora ou não lhe chegou a ordem de não atacar.

Para baixo!

Deixando-se cair ante a ordem de Raphael, Elena tampou os ouvidos quando ele arremeteu contra o barco de cruzeiro com um raio de poder desde acima. A enorme peça de maquinaria simplesmente se desintegrou, junto da maioria dos que estavam dentro. Elena sabia que os amigos e familiares que vieram receber o navio estavam consternados, achando que seus seres queridos podiam de alguma maneira ter sobrevivido aos monstros, mas Elena sabia que era uma falsa esperança.

Os renascidos que desciam do navio tinham tido suas bocas marcadas com sangue.

De jeito nenhum pretendiam abandonar um buffet de humanos presos a não ser que o buffet agora estivesse vazio. Especialmente, tendo em conta o relatório que tinha chegado desde o território de Nimra, indicando que as criaturas podiam cheirar à presa viva a metros de distância e conspirariam para romper qualquer impedimento para chegar à presa, seu foco tão absoluto que podia ser utilizado para fazer uma emboscada.

Hoje, no entanto, não se tratava de arrastar as criaturas até verdadeiro ponto, senão se assegurar de que não ficasse nenhum no cais com vida.

— Vão! Vão! Vão! — Gritou aos combatentes de terra ao redor quando o pó se dissipou para mostrar que alguns dos renascidos tinha conseguido pular do navio antes de que estourasse e agora nadavam para a orla.

Raphael baixou para reunir-se com ela, desenbanhando espadas duplas em vez de gastar mais energia nas criaturas que poderiam ser assassinadas ao ser decapitadas. E assim começou a penosa tarefa de limpar a desordem que Charisemnon deixou em sua porta. Absolutamente o pior momento de toda a operação se produziu quando Elena se encontrou cara a cara com uma criança de doze anos de idade em um vestido empapado, sua pele exposta com aranhões vigorosos e seus dentes manchados de sangue.

Garras para fora, a garota gritou e correu por Elena, a fome selvagem em sua cara.

CAPITULO 37

Salpicando de sangue quente o traje de combate de Elena, essa pequena cabeça loira rodou na água, a mão de Raphael segurando o lado de sua mandíbula.

— Elena. — Era uma ordem firme.

— Estou bem, estou bem. — Só se congelou ali por um segundo, incapaz de levantar a mão contra uma criança. — Esqueci que teria crianças a bordo.

Dez minutos mais tarde e os renascidos móveis estavam todos mortos.

— Quantos há na água? — Perguntou a Illium, que esteve falando com as equipes de vampiros na embarcação no rio, seus focos percorrendo a água.

— Duas ou três dúzias no máximo. O ataque do Sire incinerou à maioria, no entanto precisamos assegurar-nos de que nenhum dos afogados tenha a oportunidade de se levantar. — Passando as costas da mão pela boca, aproximou-se aos corpos afogados estendidos no berço e começou a decapitá-los um após o outro.

Vacilou ante o pequeno corpo de outra criança, esta era um garoto de mal quatro ou cinco anos.

— Illium? — Perguntou, quando caiu de joelhos junto ao corpo, sem saber que resposta seria pior, a evidência de que a criança tinha *estado* viva quando Raphael estourou o navio ou que se tinha unido aos monstros.

Os olhos do anjo de asas azuis eram tristes quando levantou e passou a espada através desse pescoço frágil.

— Tinha carne presa entre os dentes, embaixo de suas unhas.

A raiva e a tristeza ardiam-lhe nas entranhas, conseguiu uma elevação de Raphael no céu e começou a percorrer o rio para assegurar-se de que nenhum dos corpos se movia águas abaixo. Tudo o que precisariam para provocar uma infecção mortal era que um renascido voltasse à falsa “vida” que era o presente de Lijuan a seu povo.



Depois do horror implacável das últimas horas, Elena não se sentia de humor para ver impressionantes asas de cobre satinado no escritório de Raphael. Precisando lutar com uma situação de urgência em outra parte do território, ele tinha regressado à Torre trinta minutos antes, enquanto ela ficava com a equipe fazendo as comprovações finais para estar absolutamente seguro de que a ameaça dos renascidos foi neutralizada.

Cansada e suja, queria uma ducha, os braços de seu Consorte, comida, e depois dormir, nessa ordem. Em lugar disso, viu Tasha com a espada de guerreira e com falsa amabilidade colocando sua mão sobre o braço de Raphael, enquanto se inclinava cerca do homem de Elena, que ainda se encontrava em suas calças de combate ensanguentadas. Com o rosto levantado e esse cabelo escarlate glorioso caindo pelas costas, a outra mulher se concentrava em cada palavra de Raphael.

Elena não se deu conta que tinha uma faca na mão até que o cheiro do mar e a chuva explodiram em sua mente.

Tirar o sangue do tapete branco é extremamente difícil, hbeebti.

Que se foda o tapete.

Por que permite que outra mulher te toque?

Estava tentando ser educado com uma velha amiga, mas claramente, este enfoque fracassou.

Levantando a mão de Tasha de seu braço, a pôs a seu lado.

— Temo que não sejamos capazes de acomodá-la no Enclave. Não obstante, há quartos de hóspedes em um arranha-céu próximo.

— Ah, sim? Estou decepcionada, Raphael. — A voz de Tasha era musical, inclusive em sua lamentação. — Realmente acho que posso oferecer ajuda com o que acontece em teu território. — Elena podia ouvir um sorriso em sua voz. — Uma ouvinte atenta, bem como minha espada.

Foi a última frase que tirou o interruptor do temperamento de Elena de quente a frio.

A cadela sabe que estou aqui e está tratando de me provocar. Por que? Assim consegue mostrar a si mesma como a mais culta, a civilizada? Talvez pense que me amará menos se perco as estribeiras e atuo como uma idiota? O absurdo desta ideia deixou-a estupefata. *Ou que daria a volta e correria, inclusive se me humilhasse?* O orgulho não importava nada quando se tratava de seu amor por Raphael, se arrastaria nua e ensanguentada sobre brasas para chegar a ele.

Ela não tem o entendimento do que somos o um para o outro. Um só instante de contato abrasador com os olhos que lhe faziam doer o coração. Tasha pensa como muitos imortais o fazem, em termos de alianças políticas.

— Tasha. — Esperou que a outra mulher voltasse, com um olhar de falsa surpresa nesses olhos rasgados de cor verde esmeralda. — Os velhos tempos podem ter sido “saturados de alegria” — disse, citando algo que Tasha estava dizendo, — mas o tempo mudou.

— Você é jovem, Elena. — Se o sorriso de Tasha tivesse mais açúcar nela, teria que vir com uma etiqueta de advertência do dentista. — Não consegue entender os laços que unem aqueles que conhecem uns aos outros durante um milênio ou mais.

Oh, estou tãããão terrível, terrivelmente ferida por essa flecha de veludo.

Rindo em sua mente, o beijo do mar.

Flecha de veludo? Teu uso da linguagem é a cada vez mais criativos por estes dias.

Não posso tomar o crédito por isso. É tudo da fada Sininho. Agora fique em silêncio para que possa me concentrar em não apunhalar à Sra. McCalcinhas Quentes no coração para acabar com seu sofrimento.

— Posso não entender os laços de um passado tão longo em comum — Elena relaxou contra o marco da porta, — mas compreendo o presente. E no presente, está tratando de seduzir a meu Consorte. Isso te desmoraliza, Tasha.

Nenhum sorriso agora, a tensão nessa linha de mandíbula perfeita.

— Não tem direito a fazer julgamentos de mim.

— Deu-me esse direito quando voou para a minha cidade e tentou voar nos braços de meu Consorte. — Cruzou os braços, afastando secretamente a faca antes de falar primeiro com Tasha. — Deve saber que o último é impossível.

— Está muito segura de si mesma para ser uma mortal.

Elena não a corrigiu em todo o tema mortal. No que a ela se referia, não era um insulto.

— So estou segura de uma coisa, de que amo Raphael e ele me ama — disse singelamente, essa verdade era o fundamento de sua vida.

— Sim, se percebe. — Um sorriso deslumbrante. — Sinto se causei alguma moléstia. Ficarei na cidade para ajudar em tudo o que possa na batalha que se aproxima.

— Um de meu povo te acompanhará até os quartos de hóspedes. — Disse Raphael.

— Obrigada. — Saindo com essas palavras baixinho, a outra mulher fez uma decolagem impecável no céu de meia-noite, um anjo jovem acompanhando no voo.

— Ela pensa que sou ridícula — expôs Elena virando os olhos, — e que cairá por ela logo.

— Acha o mesmo, Caçadora do Sociedade?

— Acho que se Tasha segue se exibindo por aqui, pode conseguir me incomodar o suficiente para picotar suas asas, enquanto sorrio docemente, por suposto.

— Claro — Abriu os braços, e ela entrou neles sem duvidar. — Minha formosa, feroz e sanguinaria Elena — murmurou em seu cabelo, com um sorriso na voz. — Me fale destas flechas de veludo. Estou absolutamente fascinado.

O riso borbulhoou por ela, se pôs na ponta dos pés para beijar essa boca sorridente e que teria o sabor, da tormenta de sangue, Tasha e sua classe não tinham armas que conseguissem chegar a cortar a conexão entre ela e seu arcanjo.



O mundo estava envolvido na pesada escuridão da madrugada, quando Raphael se aproximou da suite da Torre que compartilhava com Elena, não cansado, mas querendo as carícias de sua Consorte, seu beijo de antes, o único contato que tinham tido. Precisava mais, tinha que encharcar a si mesmo na vida e o calor de Elena, partes dele ainda cruas do poder gelado que tratou de infiltrar-se em seu corpo.

Combateu o impulso que tinha de que seus anjos experientes, não todos contatados, avisassem que achavam que tinham contido a ameaça dos renascidos em suas regiões, apesar de que fariam mais buscas para se assegurarem. Manhattan, também se encontrava em calma, e com três de seus Sete na Torre, podia estar seguro que nada se deslizaria através das fendas em caso de se afastar durante uma hora ou duas. Neste momento, era Aodhan quem

se encontrava a cargo no centro de operações, convertida em sala de guerra, com Illium como respaldo.

Elena dormia de frente no centro da cama quando chegou. Despindo-se, deslizou dentro e aproximou-se deitando de conchinha. Ela suspirou, passou a perna sobre ele em uma atitude possessiva inconsciente que fazia com que sua tensão se derretesse, e não se moveu novamente. Acariciando o músculo fluído de sua coxa, estava considerando a forma mais prezeirosa de acordá-la quando teve um golpe na porta em sua mente.

Sire.

Deslizando para fora sem perturbar a sua caçadora, pôs um par de calças negras antes de caminhar para a varanda da habitação. Seu chefe de espiões saiu das sombras, dobrando as asas meia-noite apertadas contra suas costas.

— Não te esperava até amanhã. — Fechou a porta de espelho silenciosamente atrás dele para evitar que o frio entrasse, o corpo de Elena ainda sensível às temperaturas amargas.

— Acho que estou ansioso para regressar a casa.

— Mahiya está agora na Torre. — Parte do poder de Raphael provinha de seus Sete, e Charisemnon era o suficientemente enganoso para atacar aquilo que mais importava a cada macho com o fim de subjugá-lo. No caso de Jason, essa posição era ocupada pela princesa que tinha trazido para casa da terra de Neha. — Fiz isso para sua proteção, mas logo será mais perigoso aqui — assinalou.

— Dou-te permissão se deseja mudar para um lugar mais seguro.

— Nosso lugar é aqui — disse Jason, sem duvidar. — Minha Mahiya não desejaria ser afastada do perigo enquanto seus amigos e familiares lutam.

Elena, lembrou Raphael, disse exatamente o mesmo a respeito da princesa de Jason, sua Consorte e a outra mulher tendo formado um início de amizade.

— Que notícias traz? — Perguntou, aceitando a decisão de seu chefe dos espiões sem questionar, por seus Sete, conhecia suas próprias mentes, e

encontrava-se completamente seguro de que Jason disse a verdadeira opinião de Mahiya. Seu chefe dos espiões e a princesa tinham-se convertido rapidamente em uma unidade impenetrável.

— Enquanto Lijuan sempre foi tratada como uma semi-deusa por seu povo — disse Jason, os redemoinhos e curvas de sua tatuagem facial mal visíveis na penumbra, — agora ela verdadeiramente se acha um deus. Além disso, começou a considerar aos outros no Cadre como menos.

— Caliane?

— Sua posição de Antiga continua sendo desconhecida, mas meu instinto diz que planeja ignorar a sua mãe até que ache que seu poder se desenvolveu até o ponto em que consiga matar a Caliane com um só movimento. Embora — Jason agregou, — não tenho nenhuma dúvida de que tem razão na petição de sua mãe, se Caliane deixa vulnerável a Amanat, Lijuan atacaria ao mesmo tempo e com fúria violenta.

Raphael assentiu.

— Minha capacidade de machucar Lijuan ameaça seu delírio de divindade. — Esse entendimento eliminava qualquer esperança de uma solução pacífica. — Suas forças ofensivas?

— A ponto de sair de seu território. Se utiliza ambos meios modernos e vôo com asas para chegar aqui, estará pronta para atacar dentro dos próximos quatro a cinco dias.

— Acho que é o momento de chamar Naasir. — Sua mãe não precisaria do vampiro enquanto Amanat estivesse a salvo baixo de seu escudo, e Naasir era um lutador frenético no chão. Depois estavam seus talentos mais sutis, a cada um dos quais se precisaria com bastante de seus combatentes alados fora de comissão. — A pergunta é, como posso chamar Galen e ao esquadrão do Refúgio? — Seu mestre de armas seria um ativo letal em combate, mas deixaria a Venon sozinho para proteger a fortaleza de Raphael no Refúgio.

— Com seus delírios de ser uma deidade — assinalou Jason, — Lijuan não sente que tem que obedecer a regra que coloca ao Refúgio fora dos limites da guerra. Não podemos nos arriscar que veja sua fortaleza como um objetivo fácil.

— Tem razão. — Sobretudo porque Lijuan e Charisemnon poderiam não ser as únicas ameaças. Cada arcanjo tinha forças no Refúgio, tirar Galen e o esquadrão conseguiria fazer a fortaleza de Raphael um objetivo demasiado tentador para uns e outros. Não só isso, senão que as pessoas que buscavam a ele no Refúgio veriam tal medida como um abandono, enquanto outros o interpretariam como um sinal de debilidade. E a queda da fortaleza desmoralizaria a suas tropas da Torre, já que muitos deles tinham familiares dentro dessas paredes.

Não, Galen, Venon e o esquadrão devem permanecer para se proteger contra um possível ataque ao Refúgio. Raphael teria acesso à mente do guerreiro Galen, e a astúcia inventiva única de Venon, através do enlace de comunicação constante entre a Torre e a fortaleza do Refúgio.

Jason, Naasir, Illium, Dmitri e Aodhan, eram uma força formidável. Sabia que cada um lutaria com a fúria de um milhar de combatentes ordinários. Mas como lhe assinalou a Elena, Lijuan igualmente tinha homens e mulheres de poder a seu lado. Inclusive com a ajuda que Elijah prometeu, as tropas de Raphael teriam que lutar com astúcia e inteligência para equilibrar o maior número e a força do inimigo.

No entanto, essa era uma conversa que não tinha por que acontecer neste mesmo instante.

— Vai com sua princesa, Jason — disse a seu chefe dos espões. — Falaremos do resto ao amanhecer.

Sentiu a porta aberta a suas costas inclusive quando Jason se afastou em silêncio, uma peça alada da noite, e voltou para sustentar em seus braços, uma Elena de olhos sonolentos que vinha ao seu abraço, o tecido da sua bata fria contra sua pele.

— Jason?

Envolvendo em suas asas para protegê-la do frio, disse.

— Trouxe as notícias que esperávamos.

O sono desvaneceu-se de sua expressão enquanto contava o que Jason tinha compartilhado.

— Sei que isto é uma luta entre imortais — disse, — mas talvez seria negligente não aceitar àqueles da Sociedade que queiram se unir na defesa. Esta é uma cidade da Sociedade, também, casa de nossa sede.

Raphael não tinha, em verdade, pensamentos dos caçadores, desestimando aos mortais no campo de batalha como demasiado frágeis, muito fáceis de romper. Como Elena, uma vez tinha quebrado, mas antes disso, lutou com tanto coração, que inclusive um arcanjo não podia se queixar.

— Peça a Sara que se una a nós na sala de guerra amanhã pela manhã, que pode difundir a notícia a seus caçadores. — Fez uma pausa. — Pergunte a Deacon, também. — O homem mortal era um gênio com as armas, bem poderia chegar com estratégias inovadoras sobre como podiam utilizar melhor as armas ao seu dispor.

— Podemos sair, e encontrar com as forças de Lijuan a meio caminho? — Perguntou Elena, pensando como a guerreira que era. — Invés de deixar que ataque a cidade, quero dizer.

— Dmitri, Galen e eu o consideramos seriamente, mas com nossas forças debilitadas, já estamos em uma posição comprometida. Em caso que nossa gente caia na batalha sobre o mar, poderíamos não ser capazes de os resgatar a tempo. — Significando perda depois de perda. — Dentro de Manhattan, em comparação, podemos estabelecer um perímetro defensivo, dando-nos uma base segura onde lançar nossos ataques.

— O que acontece com o resto da cidade?

— Não acho que isto se trate de saquear a Nova York ou causar um açougue. Lijuan deseja exibir seu poder, para fazer isso tem que tomar a Torre e

me matar ou subjugar-me a sua vontade. — Flocos de neve pesados e suaves atingindo suas asas. — Para dentro.

Sem discutir, Elena entrou e, deixando cair a bata, pulou para baixo do edredon.

Ele tirou as calças e se deslizou a seu lado, passando as gemas dos dedos desde seu esterno até o umbigo.

— Para reduzir o número de possíveis vítimas, ordenarei a evacuação de todos os seres humanos, exceto o pessoal do Sociedade que deseje ficar.

Seus olhos abriram-se.

— Todos em Manhattan? Como pode ser feito isso?

— Illium tomou a liderança no planejamento e diz que não prevê problemas.

— Algumas pessoas não vão querer ir.

— Não terão outra opção. — Segurando-a entre as pernas sem advertência, capturou seu gemido com um beijo. — Basta de falar da batalha. Neste momento, preciso da minha Consorte.

A declaração crua derreteu os ossos de Elena. Fechou os dedos sobre a nuca de Raphael enquanto sua carne cresceu cálida e úmida contra seus dedos, puxou ele para baixo em um beijo lento e molhado, como se fossem duas pessoas em um primeiro encontro, exceto pelo fato de que tinha a mão entre suas pernas, e seu polegar esfregava o clítoris em um deboche erótico e lento.

Envolvendo a perna sobre seu quadril, ela estendeu os dedos por seu cabelo e continuou beijando suave e docemente.

— Venha dentro de mim — susurrou, precisando da embriagadora conexão física.

Tirou a mão para mover-se sobre ela, suas asas estendidas em uma exibição magnífica.

— Está molhada para mim, hbeebti. — Foi um murmúrio íntimo na escuridão, a cabeça proeminente de seu pau pressionando contra sua entrada sensível.

— Muito molhada para você. — Estremeceu quando ele começou a empurrar dentro dela, grosso, duro e insistente, suas mãos estendidas no músculo maleável de suas costas.

Um dos braços suportando seu peso junto a sua cabeça, a outra possessiva sobre seu peito, Raphael moldou sua carne com confiança erótica e continuou empurrando em seu interior. O movimento intenso de aço esquentando através de seus tecidos delicados a fez gemer, arqueando as costas.

Ele parou a pressão inexorável para reclamar um beijo, sua língua a saboreando profundo, antes de sustentar seu o olhar e empurrar o último centímetro grosso no fechamento apertado de seu corpo. Ambos estremeeceram, apertados juntos tão perto como dois corpos poderiam estar, depois sua boca lhe tocou a garganta e os lábios dela seu ombro, enquanto sua mão deslizava de seu peito para lhe acariciar a coxa.

Era uma dança lenta e terna, seus corpos se moviam juntos enquanto se beijavam, acariciavam e murmuravam entre si na escuridão.

— Knhebek, arcanjo — disse ao final, o prazer uma onda lânguida em seu sangue e a pele áspera de seu amante esquentando a própria.

— Elena. — O gemido masculino a fez tensionar ao redor de seu pênis, o pulso quente de sua semente marcando em uma declaração primordial.

Querendo ver seu prazer, ela levantou as pestanas e sentiu que o fôlego abandonava seus pulmões precipitadamente, as asas de Raphael demarcadas por uma bela faísca intensa de fogo branco inesquecível.

CAPITULO 38

No dia seguinte, após uma advertência de três horas para permitir à população recolher o que precisava, os anjos se encontravam sobre cada rota principal de saída de Manhattan enquanto um exército de policiais se assegurava que os residentes saíssem de uma maneira ordenada. Normalmente, a Torre não se metia com a força civil composta por mortais e vampiros, mas, como com tudo mais neste território, a organização caía finalmente baixo a autoridade de Raphael, e ele exerceu seu poder.

Não que os agentes policiais fossem contrários ao que lhes estavam pedindo que fizessem. Um dos policiais amigo de Elena o expressou de melhor forma. — Após nossa conferência esta manhã sobre o dano planejado de Lijuan para afundar à Torre, e ver essas coisas renascidas foddidamente desagradáveis se arrastando pelo porto, não quereria minha família em Manhattan.

A seguinte tarefa dos policiais seria manter a ordem nos bairros dos arredores e assegurar que ninguém cruzasse de regresso a Manhattan.

O medo ficou como uma mancha ôcre no ar durante a evacuação, mas a visão de anjos com rostos sombrios no ar e de vampiros igualmente letais de guarda nas partes evacuadas da cidade significava que ninguém saía da linha, especialmente depois que Illium capturou um casal que tinha pensado roubar em um edificio vazio e os jogou nas geladas águas do Hudson. Deixou-os aí pelo tempo máximo de sobrevivência, seus olhos cheios de pânico e os lábios azuis.

— A próxima vez — foi a mensagem, — não recuperaremos àqueles consignados à água.

Não houve mais incidentes.

Elena alegrou-se de ver que Jeffrey se mudou com sua família, incluindo Beth, em um helicóptero no primeiro dia. Beth, pelo contrário, estava histérica quando chamou a Elena essa tarde.

— E se Harrison morre? — Soluçou sua irmã.

Elena não mentiu; não disse a nenhum deles que sairiam com vida disto. Em vez disso, assegurou a Beth que as defesas da cidade eram fortes, a evacuação uma precaução. Após desligar, sua irmã ligeiramente mais calma, voltou ao jovem esquadrão angelical ao que se uniu, sua tarefa era ajudar na evacuação dos mais vulneráveis da cidade.

Sem ser o suficientemente forte para levar a adultos doentes ou crianças maiores aos hospitais fora de Manhattan, transportou aos bebês acolhidos e crianças pequenas. Os últimos, apesar de suas doenças, sorriram através da cada vôo, sem uma piscada de medo em suas expressões.

— Podemos fazer de novo? — Uma criança de quatro anos pediu quando aterrissaram, suas bochechas de um brilhante vermelho já que quis estar de frente ao vento o tempo todo, apesar de suas tentativas para o proteger.

Agachando para abraçar seu pequeno corpo, a entrada da intravenosa em sua mão esquerda parecia bem mais duro para sua delicada pele, disse. — Sim — uma promessa, que esperava estar viva para poder manter. — Depois que brigarmos com as pessoas más, regressarei e nos veremos de novo.

Então, passou-lhe ao cuidado da enfermeira que esperava, e regressou para levar a outra criança; as ambulâncias, tanto por terra como por ar, estavam reservadas para aqueles que precisavam o suporte da maquinaria médica. A Torre, a Sociedade, e os helicópteros corporativos uniram forças, enquanto os caçadores levavam de um ponto ao outro aos maiores, e a esses outros que requeriam assistência especial.

A maioria dos evacuados tinham amigos e família com os que podiam ficar, e ainda outros foram convidados por vizinhos amáveis nas redondezas. No

entanto, para aqueles que se encontravam sem lar, os serviços de emergência que atuavam com ajuda da Torre, estabeleceram casas temporárias, mas estabelecidas em terrenos de propriedade desta em zonas próximas. O último fez-se muito antes de que a evacuação fosse anunciada, o que falava da precisão planificada depois da completa operação.

Elena nunca tinha visto nenhuma evacuação que procedesse com tal velocidade e ausência de problemas, mas de novo, esta era a evacuação de uma cidade saudável a áreas igualmente em bom estado. Sem desastres naturais que bloqueasse as linhas de fornecimento, estradas danificadas ou atingido a população ativa.

Quarenta e oito horas depois que começasse, Manhattan era uma cidade fantasma.

Voando sobre as ruas vazias, algum que outro papel voando pelo pavimento e um cão solitário a olhando, Elena sentiu que um calafrio subia pela coluna. O coração de sua cidade devia estar ruidoso, estridente e cheio de gente. Não é que achasse que evacuar à cada mortal, era uma aposta segura que algumas almas empreendedoras conseguiram evitar a saída em massa, mas eram fantasmas escondidos, e a paisagem desoladora.

Incapaz de suportar passar pela deserta e silenciosa Times Square, mudou de direção para aterrissar em uma das estações de defesa aérea, as armas anti-asas preparadas e prontas. Não bem longe dela estava Dmitri, sua atenção no que quer que dissesse um par de vampiros que eram experientes no uso de armas.

O segundo de Raphael não parecia diferente de antes que deixasse a cidade, sua escura presença sexual com uma profundidade de mortal violência. Mas agora tinha voltado com uma esposa caçadora, Honor, para trabalhar como parte das operações combinadas da equipe Sociedade/Torre; ainda sem sua força ao máximo, mas também não era um vampiro corrente recém-criado, sua pele polida com um brilho dourado, seus olhos uma luminosa joia verde, sua beleza mortal aperfeiçoada tão afiada como uma lâmina.

A outra caçadora riu ante a expressão atônita de Elena quando se encontraram pela primeira vez cara a cara.

— Já sei, já sei. Foi um pouco surpreendente para mim, também. — Um profundo sorriso, Honor ainda sendo Honor. — Mas escute, fui criada por um arcanjo e alimentada exclusivamente por um perigosamente sexy vampiro de mil anos.

— É estranho? — A pergunta foi uma que Elena só se sentiu cômoda de perguntar a Honor porque era uma amiga. — Beber sangue?

A pele dourada de Honor pôs-se de um fascinante tom rosa.

— Oh, hum, não.

— Oh, hum, não? — Elena tomou-lhe o cabelo, encantada de ver Honor tão feliz após o horror ao que a outra mulher sobreviveu. — Dmitri claramente dá um bom sangue.

— Meu marido. — Uma ainda enrubecida, mas sorridente Honra tinha dito, suas palavras sustentando uma adorável possessividade, — dá sangue fenomenalmente.

Agora, o esposo em questão terminou sua conversa com os dois artilheiros e se aproximou. Inclusive vestido com botas negras desgastadas, jeans do mesmo negro, e uma t-shirt negra, sua atenção totalmente focada nas defesas da cidade, sem tempo para as brincadeiras insidiosos de aromas que usualmente gostava de brincar, tinha algo sobre Dmitri que sussurrava sobre sexo, do tipo sangrento e doloroso.

— Está livre?

Elena assentiu à cortante pergunta, tendo terminado seus deveres com a equipe atribuída para assegurar-se absolutamente que todos os hospitais fossem evacuados.

— Você tem um trabalho para mim? — Dmitri nunca seria seu amigo, e nunca veria nele o que seja que Honor viu, mas quando se tratava de proteger sua cidade, não tinham argumentos.

— As equipes da Sociedade precisam um assessor alado. — Apontou o arranha-céu. — Os dois líderes de equipe estão aí em cima.

Demarco e Ransom levantaram a vista ante o redemoinho de vento gerado por suas asas.

— Escutei que pediram um assessor — disse, encontrando primeiro os olhos marrons claro de Demarco, já que não queria ver a frieza nos de Ransom.

— Ellie. — O caçador grandalhão sorriu, cabelo loiro agitado pelo vento e longas pernas agachadas em frente do que parecia ser um esquema em giz do perímetro defensivo. — Nosso próprio anjo caçador pessoal. — Movendo-se, mostrou-lhe a frente de sua t-shirt cor crua. — Sabia que estão vendendo estas em Times Square?

Gemendo ante a sólida silhueta negra de uma fêmea com asas portando uma arma de fogo e uma balestra, o nome Elena adornado acima da figura, e as palavras *Anjo Caçador* embaixo, esfregou os olhos.

— Maldito seja, se desfaça dessa monstruosidade antes que fique cega.

Demarco simplesmente sorriu quando ela deixou cair as mãos de seu rosto para se acercar e agachar entre os dois homens. Então, quando não pôde evitar por mais tempo, se atreveu a olhar para Ransom.

Sua expressão tão precavida como Elena se sentia, ele lhe deu um sorriso torcido.

— Olá.

— Olá — disse, dolorosamente aliviada de que não estivesse ressentido.

— Por que estão agindo como idiotas em um primeiro encontro? — Perguntou Demarco em total confusão. — Deixaram à bibliotecaria e o arcanjo e

esfregaram suas partes íntimas? Cara, isso realmente cheira mal se estão evitando contato visual.

— *Demarco* — rosnaram Elena e Ransom ao mesmo tempo.

— E o momento desconfortável termina. — Piscou Demarco, com seu habitual sorriso relaxado no rosto. — Vamos falar de anjos, balestras e balas.

Passaram os seguintes dez minutos discutindo um posicionamento ótimo, após o qual, a atenção se centrou em como os atiradores - possuidores de balestras e aqueles com armas especializadas anti-anjo - podiam fazer o maior dano possível com o menor esforço.

O conselho de Elena foi simples.

— Mirem nas asas. — Era muito pouco provável que alguma arma pudesse matar imortais de uma idade e força como aqueles do exército de Lijuan, mas se a equipe da Sociedade se mantinha ferindo aos lutadores inimigos por tempo suficiente, os imortais em seu lado poderiam ser capazes de terminar a tarefa.

— Temos usuários de balestras como você que têm uma pontaria precisa — respondeu Demarco, seu encanto descuidado eliminado para revelar a intensidade de um olhar duro. — Podem conseguir atravessar o pescoço com as setas. Desabilitará aos lutadores inimigos por mais tempo.

— Tomará mais tempo conseguir um tiro. — Elena pensou no intrincado momento que requeria e sacudiu a cabeça. — Podemos eliminar mais com os golpes nas asas.

— Sim, mas esses com feridas nas asas se levantarão mais rápido também.

Ambos olharam a Ransom. Franzindo o cenho, o outro caçador disse.

— Temos aproximadamente vinte e cinco arqueiros de precisão. Podemos integrá-los com os destinados para apontar às asas, assim os inimigos não saberão a quem eliminar e os atiradores terão tempo de apontar sob a cobertura proporcionada pelos demais.

— Funciona para mim. — Demarco olhou a Elena, e quando assentiu em acordo, disse. — Está bem, posições.

Passaram as próximas horas assegurando-se que todos os atiradores sabiam onde se supunha que estariam uma vez que a situação ficasse caótica. Quando Ransom e Demarco estiveram satisfeitos com esse aspecto das coisas, Elena rodeou uma tripulação de anjos subalternos e fez sobrevôos para que os caçadores pudessem praticar apontando em movimento, tendo como objetivos as asas. Os homens armados usaram cartuchos de festim, os usuários de balestras com flechas sem ponta.

Quando pararam o exercício, Elena passou um quarto de hora discutindo possíveis melhorias com Demarco e Ransom, antes de decolar de novo, com intenção de se dirigir para Raphael. Ele estava a uma altura maior, trabalhando em algo com Illium e Jason, que periodicamente cruzava o céu como um raio negro.

Mal tinha feito uma varredura para começar a ascensão quando aconteceu.

O Hudson alterou a cor em uma onda. Desta vez não foi a sombra de sangue, senão um profundo e vibrante azul elétrico com um luminoso fogo branco. Anjos que estavam perto, flutuavam sobre a água, mas Elena viu às gaivotas se sacudirem e sair sem efeitos nocivos, o resplendor azul brilhando em suas plumas até secar.

— Um desenvolvimento interessante — disse Raphael, após baixar e flutuar a seu lado. — Há um rumor de que Astaad tem verdadeiro controle sobre o mar, mas bem pode ser estendido à dominação da água de modo geral.

— Talvez, mas essas são suas cores. — Esse azul brilhante, mais puro que qualquer gema preciosa nesta terra, existia só nos olhos de seu arcanjo e a mulher que lhe deu à luz; nunca o tinha visto em outra circunstância. Até agora.

— No dia que cheguei ao Cadre — murmurou Raphael, — os céus choveram com um tom similar e as águas do mundo ficaram como meus olhos. Não tinha você em meu coração nessa época; não tinha luz do amanhecer.

Elena olhou a pureza de seu perfil, a profunda marca vermelha em sua tempora oculta depois do glamour.

— Poderia ser um sinal? De maior evolução? — Não podia evitar, mas lembrou a assombrosa beleza do fogo branco em suas asas que ele disse que devia ter sido uma ilusão de ótica criada por um pulso de poder que acendeu um resplendor.

Isto parecia correto, exceto que seus instintos insistiam que o que viu tinha sido real, que se tivesse estendido e tocado suas asas nesse instante, capturaria um lume na ponta de seus dedos.

— Se isto é um signo de evolução — disse Raphael, — não é um que possa sentir, como o senti em minha ascensão de anjo a arcanjo. — Inclinando as asas, dirigiu-se à água.

Elena seguiu tão perto como pôde, o suficientemente perto para vê-lo passar os dedos através desta.

A água, disse, tem o mesmo sabor do poder que tentava me dominar.

Afasto-se, ordenou-lhe, seu coração vacilando ante a memória sensorial do terrível frio que chegou com a chuva de sangue.

Não há frio hoje para além de um rio de inverno, assinalou, mas se afastou da água e se elevou junto a ela.

A cor começou a desfazer-se quase nesse mesmo instante.

— Independentemente do que isto pressagia — disse, com expressão brutalmente pragmática, — não podemos permitir que nos distraia, não quando a frota alada de Lijuan tem estado posicionada a menos de dois dias de vôo de tocar terra. — Sua mão fechou sobre a dela. — Presságios e sinais não valem nada quando estamos a ponto de ir para uma batalha contra um exército de carne e sangue.

Alguns mistérios teriam que seguir sem se resolver, pensou Elena, enquanto o calor masculino dele lhe assegurava que a água não tinha efeitos

prejudiciais. As vidas de milhões estavam em jogo. Porque se Lijuan derrotava Raphael em batalha, significaria a morte do único ser no mundo com uma capacidade provada de causar à Arcanjo da China algum dano significativo. Se não se controlava, Elena não tinha dúvida que Lijuan cedo converteria o planeta em um cemitério podre de pessoas por seus renascidos.

Um corte de corpos decompostos para adorar aos pés da Deusa da Morte.

CAPITULO 39

Os satélites da Torre tiveram uma vista clara das forças de Lijuan no dia seguinte, as pesadas nuvens que estiveram bloqueando sua visão se dissipando baixo a penetrante luz do sol.

— Impossível — disse Jason ao avistar a massa incrível. — Esse exército é ao menos três vezes o tamanho do que saiu de sua região. Inclusive se trouxe a todos seus combatentes alados, deixando só a suas tropas de vampiros para defender seu território, tem demasiados esquadrões.

Raphael sempre soube que iam a esta guerra em desvantagem, mas se todos esses homens e mulheres eram combatentes experientes, a balança se inclinava tão severamente a favor de Lijuan que a cada um de seus planos teria que ser reavaliado.

— Temos que saber exatamente o que enfrentamos. — Voltou-se para o viajante mais rápido em seus esquadrões, alguns diziam que o mais rápido de todos. — Vai.

Illium foi levando um pequeno dispositivo de gravação com ele.

Foi simplesmente uma hora após isso que seus planos de batalha sofreram outro golpe.

— Estamos sendo invadidos pelos renascidos — disse Elijah, seus pômulos cortando bruscamente contra a pele. — Não sei como Lijuan entrou com eles, ou inclusive se o fez com mais de uma criatura, ambos sabíamos que só um era suficiente para iniciar o processo. — Uma acusação à infecção das criaturas. — Parece ter sido um plano iniciado há meses, os infectados semeados por todo

meu território e mantidos escondidos por trás de portas fechadas. Evidentemente, previa que nos aliariamos contra ela, para o momento em que abriu essas portas.

O Arcanjo da América do Sul passou uma mão pelo dourado de seu cabelo, seus olhos iluminados por um furioso resplendor âmbar.

— Me sinto envergonhado por romper minha promessa de ajudar — expressou, as palavras claramente difíceis para ele formar. — Mas tenho que utilizar todas as armas ao meu dispor para atingir duro e rápido antes de que os renascidos encham a cada parte de meu território. Já mataram ou infectaram milhares, devastando povoados inteiros e municípios.

— O risco é nosso — disse Raphael, lembrando a Elijah que compartilhavam uma fronteira terrestre. — Não há vergonha que venha de sua decisão. Deve contê-los, mais que manter sua parte do trato. — Considerou a quem tinha perto da fronteira, se poderiam proporcionar alguma ajuda.

— Minha gente mais forte está aqui, outros de serviço em áreas onde tínhamos pequenas infestações de renascidos, mas vou pedir a todo indivíduo capaz perto da fronteira, mortal e imortal, que se mobilize com lança-chamas e combustível para estabelecer as linhas de fogo. Eles, ao menos, podem fazer limpeza de qualquer renascido que tente escapar. — Os renascidos não sobreviviam ao fogo, bem como a ser decapitados. — Te desejo sorte, Eli.

— E eu a ti, Raphael.

Quando Illium voltou na hora do crepúsculo, depois da meia-noite, as forças de Lijuan se encontravam ainda ao menos a doze horas de distância, pois tinham que se mover à velocidade de seu membro mais lento, e trouxe uma notícia pior do que ninguém poderia ter imaginado.

— Seu povo não falhou — disse Raphael baixinho a um Jason enfurecido, assinalando a um comandante à esquerda de Lijuan. — Ela era parte das tropas de Uram.

Dmitri identificou a mais três da população do arcanjo morto, justo na primeira fila.

— O território de Uram foi repartido após sua execução — indicou o vampiro, — e suas tropas divididas. Se todos os combatentes adicionais resultam ser de Uram, conta com mais da metade de seus esquadrões. Não deveria.

Aodhan foi quem respondeu, uma voz tranquila, mas palavras potentes.

— Se Raphael percesse, e os Sete fossem divididos, não deveríamos nos juntar para ter uma oportunidade de vingar sua morte?

— Não achei que o tipo inspirasse essa classe de lealdade — disse Elena, olhando as fotografias da força em massa que logo chegaria a Manhattan. — Quero dizer, assassinou a centenas de seu próprio povo.

— Foi um bom arcanjo por um tempo. — Um arcanjo a quem Raphael chamou amigo no passado. — Isso é o que seus leais soldados lembram, a quem buscam vingar.

— Sire — disse Galen desde a tela na parede, de onde ele e Venon tinham se unido à discussão, — o inimigo supera-nos em número cinco a um. Temos que levar nossas forças para o interior e obrigar ao inimigo a montar um assédio. Enquanto a Torre não caia, Lijuan não ganhará.

Raphael sabia o que devia custar a seu mestre de armas dar essa recomendação, porque Galen era um guerreiro que vivia pela espada. E embora sabia que o conselho do outro homem era sensato, a ideia de abandonar qualquer parte de sua cidade fazia com que seu sangue fervesse com fúria.

Foi Elena quem lhe deu perspectiva.

— Com toda a zona evacuada — assinalou, — só estaríamos protegendo edifícios, de todos modos. Os edifícios podem ser reconstruídos. — Aceitação sombria em seus olhos cinzas prateadas, sua caçadora, que amava a cada pequeno recanto de sua cidade.

— Vai — disse a Dmitri. — Faça o que tenha que fazer, recrute às pessoas que precise. — Todas as armas anti-asas teriam que ser movidas, para começar. — Voltarei a trabalhar com a posição das tropas.

Dmitri saiu com um assentimento seco, levando Jason com ele e pedindo a Illium que descansasse após seu longo vôo. Aodhan foi em uma direção diferente, tendo assumido a tarefa de assegurar-se de que teriam alimento suficientes dentro da Torre para os caçadores e os feridos, caso o cerco continuasse por mais de uns poucos dias. A água, pelo menos, não era um problema, a Torre tinha uma linha secreta independente que se pôs no momento de sua construção.

Raphael voltou-se para o último membro dos Sete que ficava, Galen e Venon tinham concordado em ajudar a manter o Refúgio seguro.

— Quantos mais precisa em sua equipe? — Perguntou a Naasir. O vampiro tinha chegado quarenta e oito horas antes, alimentou-se bem e ia com toda sua força.

— A equipe está completa — foi a resposta, e Raphael olhou aos inteligentes olhos de Naasir, como só poderiam ser os de um predador. — Janvier e sua caçadora.

— Não chamaria assim a Ash na cara — assinalou Elena, perguntando-se o que planejava fazer Naasir. Se tivesse que adivinhar, dados os membros da equipe e suas habilidades, diria que estava a ponto de provocar sabotagem e desordem entre o campo inimigo.

Um sorriso selvagem disse-lhe que Nasir ainda a achava interessante, e depois se foi.

A sós com Raphael pela primeira vez em horas, Elena levou os dedos a seu rosto e ele levantou o glamour para expôr a marca em sua tempora. Tinha crescido a um ritmo acelerado desde o rio alterado de cor até o ponto de que agora ficava claro que não tinha nada que ver com doença, não, era um símbolo tão selvagem como perigosamente elegante. Criado de linhas complexas, mas irregulares, curvava pela tempora até a parte superior da maçã do rosto em um extremo, e o outro fim enrolava sobre si mesma.

— Raphael, isso já não é vermelho — sussurrou, maravilhada da beleza primitiva de um desenho terminado que lhe lembrava a um dragão estilizado. —

É da nossa cor. — Um incrível e violento azul iluminado com fogo branco brilhante, tão cheio de luz e cor que parecia vivo.

Recolocando o glamour até que estiveram no banho de sua suite, Raphael inclinou para examinar a marca no espelho.

— Vi este desenho antes — disse, para a surpresa de Elena. — Em antigos locais no Refúgio, de tempos passados, ninguém tem nenhuma lembrança de quando se criaram os talhados.

Ela encostou ao lado do balcão para poder seguir olhando a marca.

— Alguma pista quanto a seu significado?

— Não. Perguntei a Jessamy uma vez, e disse-me que buscou nos textos e não encontrou nenhuma menção deles. “*Talvez sejam um enigma deixado por nossos antepassados para nos inspirar a buscar o conhecimento*”, foi o que me disse. — Colocando-se entre as pernas de Elena, foi paciente enquanto traçava a vibrante marca vivente com a ponta de seus dedos.

— É verdadeiramente formoso.

Raphael levantou uma sobrancelha.

— Muitos diriam que é selvagem.

— Selvagem pode ser bonito. — Isso se adaptava a ele, seu arcanjo, a quem viu lutar contra os renascidos com ferocidade pura, suas espadas gêmeas se movendo tão rápido que só queria lhe ver. — Não acho que tenha nenhuma dúvida de que está evoluindo.

Esse olhar duro e pragmático regressou a seu rosto.

— Não suficientemente rápido. A marca pode estar completa, mas com respeito ao poder, não sou diferente do que era ontem. Tem que se centrar nos fatores que podemos controlar. — Deu um passo atrás, o glamour retornando. — Preciso reconfigurar as localizações dos esquadrões. Você deve acordar os líderes da Sociedade e às equipes vampíricas de tiro, e fazer o mesmo.

Elena assentiu.

— Uma coisa, Arcanjo. — Parou-o com um toque em sua asa. — Não acho que deva ocultar a marca pela manhã.

— Enganar ao inimigo fazendo-lhe achar que ganhei mais poder do que em realidade tenho?

— E dando a nossas próprias forças coragem — disse Elena, empurrada pelo mesmo instinto que lhe dizia que suas asas estavam mudando em mais formas que na aparência superficial. — Não há nada há perder.



Horas mais tarde, com o céu passando da escuridão a cinza, Raphael deixou a Aodhan na vigília e aproximou-se do quarto, ao ter detectado uma alteração nos padrões de sonho de Elena. Manteve um olho nela desde que por fim se foi à cama duas horas depois, consciente de seu cansaço e do dia cheio de tensão que lhe davam condições ótimas para que viessem os horrores que espreitavam seus sonhos.

Quando chegou à habitação, a encontrou inquieta, mas não ainda em perigo. Colocando-se a seu lado, estendeu as asas sobre seu corpo em uma onda de proteção e murmurou palavras de amor de um arcanjo a sua Consorte até que suspirou e se deixou cair em um sonho profundo e pacífico.

— Durma bem, hbeebti — disse suavemente, deixando um beijo em sua tempora.

Sem necessidade de descansar, Raphael tinha toda a intenção de sair da cama nos próximos momentos, mas então estava sonhando, sem consciência de ter fechado os olhos. Desta vez, não se encontrava nesse solitário campo esquecido, senão que em um local tão escuro que ia para além de negro. Não

podia ouvir nada, ver nada, sentir nada, a escuridão o pressionando para abaixo até que se sentiu como se sufocaria sua vida.

Mais jogos.

Sua ira acendeu-se, suas asas brilhando para encher a escuridão com luz. A escuridão engoliu o resplendor, empurrando com mais força em seu corpo. Furioso, soltou mais poder, e dividiu a negrura, só para revelar mais negrura, um mundo de nada. A ponto de atacar de novo, pensou de repente que precisava de Elena, precisava da apaixonante *vida* dela, nascida da brilhante existência de vagalumes que era a de um mortal.

— Raphael. — Um toque, dedos ásperos por causa do trabalho com armas deslizaram-se nos seus para rodear-lhe a mão.

— Como me encontrou?

Com a borda de prata ao redor de sua íris brilhando na escuridão, respondeu.

— Ouvi você dizer meu nome. — Franzindo o nariz, olhou a seu ao redor. — Não estou certa de que goste deste seu novo hábito de sonho.

Deslizando sua asa sobre a dela, disse.

— Tenho que concordar contigo. — Olhou a seu ao redor, o que viu foi negro impenetrável se converter em uma cinza suave. — Seu coração afugenta a escuridão. — Elena tinha visto coisas terríveis, banhadas em sangue, no entanto, nela vivia uma inocência da alma e que não parecia se dar conta.

— Não — murmurou, com o cabelo voando para atrás em uma suave brisa. — Não acho que seja eu. Somos nós. — Baixando suavemente a asa, acrescentou. — O fogo branco, Arcanjo. Acende o fogo branco.

Buscou em seu interior essa selvagem chama quase incontrollável, persuadindo-a a ficar em sua mão. Uma vez manifestou-se uma de ouro branco radiante com bordas iridiscentes de meia-noite e amanhecer, hoje o ouro branco

atravessado por violentos redemoinhos azuis, a chama tão volátil como apaixonadamente viva.

— Nós — sussurrou, jogando o lume para o cinza.

— Fogo selvagem — sussurrou Elena, como se ele falasse em voz alta. — Sim, isso descreve muito melhor.

O fogo selvagem arqueou para a cinza em todas as direções, eliminando o nevoeiro para os deixar cobertos de reflexos de sol em uma água de um pálido verde inquietante.

Elena passou os dedos pela água, as ondas perturbando a serenidade perfeita do local, mas não tinha sensação de que a perturbação não fosse bem-vinda.

— Oh, gosto de estar aqui. — Passou a mão com graça na água, sua alegria sem ser fingida.

Isso lhe fez curvar os lábios, seu coração lembrando o que era ser uma criança.

— Estamos no interior do oceano — disse, entendendo que a luz do sol não era deste realmente, e sim do persistente fogo selvagem.

— Nunca estive em um local tão lindo. — Maravilha em seus olhos, e sem interromper seu aperto de mãos, Elena assinalou uma pequena criatura similar às medusas que flutuava perto, seu corpo de um coral translúcido, mas o fogo selvagem, se desvanecia, a água acariciada pelo cinza, então fechada pela escuridão.

— Entendo — disse, enquanto sua Consorte entrava em seus braços com as mãos sobre seus ombros e um beijo que marcava, tirando-o do sonho e o levando ao calor de sua cama. Ela era forte e ágil embaixo dele, sua guerreira com coração mortal, olhos de cor cinza prateada abertos ante uma luz turva que lhe dizia que não tinha dormido muito.

— O risco — disse, quando os lábios de ambos se separaram, — está sendo consumido por isso.

— A escuridão?

— Sem você, poderia em algum dia me converter em outro Lijuan. — Com o cenho franzido, Elena negou, mas a parou com um agarre em sua mandíbula. — Não, Elena. Esta verdade tenho que enfrentar, em mim vive mais poder que o que teve qualquer outro anjo de minha idade. Tanto poder muda um homem, e me mudou.

— Bom, isso é certo, mas o que também é verdadeiro é que você não é o arcanjo que conheci na primeira vez. — A expressão de Elena era teimosa, e levou as mãos a seu cabelo, mantendo-as com um agarre firme. — Ainda está *se transformando* e, diferente de Lijuan, não tem medo de correr riscos. Ela é uma covarde que matou o mortal que a fez sentir algo. Você me reclamou como sua. — Empurrando-o para abaixo, o mordeu com força no lábio inferior em uma reprovação sensual. — Nunca se compare com ela.

— Como minha Consorte decreta — disse, falando com os lábios sobre os dela, seu corpo travado na prisão de seda de suas pernas. — Sei que nunca permitirá que me converta em um tirano megalômano com delírios de divindade.

— Fico feliz de que tenhamos isso claro. — Esfregando o nariz contra o dele com um afeto aberto do qual sabia que não se cansaria, nem em caso que vivesse até os cem mil anos de idade, agregou. — Onde estávamos, era um local de poder, não é assim?

— Sim. — Esse poder saturava a água, a escuridão, as criaturas viventes que nadavam nessas águas profundas. — Não é mau, e está em sintonia comigo, mas fora de meu alcance. — O final amargo selado na revelação que teve na tormenta de sangue.

— Isso é uma merda.

Seus lábios se ergueram ante a sucinta descrição de sua própria furiosa frustração.

— É isso. — Beijando-a mais uma vez, levantou para sentar na borda da cama, com a mão acariciando o lado de seu rosto. — Dorme. Ainda é cedo e você tem que descansar. Vou precisar da minha caçadora mais que nunca nos dias que virão.

Elena fechou os dedos sobre seu pulso para impedir que se fosse.

— Quão ruim estão as coisas, Arcanjo? — Era a pergunta de uma Consorte, e a resposta que lhe deu era uma que Elena sabia que não ia dar a ninguém mais na Torre, nem sequer a seus Sete.

— Meus homens e mulheres são leais e lutarão até o sangrento final — disse, seus largos ombros sustentando o peso de um assombroso número de vidas, — mas temo estar a ponto de conduzir-nos à uma morte certa.

Levantando sobre seus joelhos, envolveu os braços ao redor dele por trás, seus rostos um ao lado do outro.

— Nenhum desses homens e mulheres vai querer alguma vez servir a Lijuan, já sabe. — Apertou os lábios contra seu rosto marcado, seu entendimento nascido das horas que passou na enfermaria com os feridos e com os soldados sãos que vinham visitar a seus colegas caídos. — Nossa gente prefere ir honradamente lutar contra o mau que se encolher baixo seu comando.

Raphael suspirou longa e profundamente, ajeitando os ombros e levantando a cabeça.

— Ninguém — prometeu, — jamais, subjugará os nossos. Nunca nos renderemos.

CAPITULO 40

Cinco horas no novo dia, e o chefe dos espões de Raphael regressou voando para contar que as tropas de Lijuan tinham cruzado a primeira fronteira de alerta. Uma só ordem e os esquadrões ofensivos de Raphael formaram-se em torno dele, o perímetro defensivo pronto e em posição enquanto levava os esquadrões pela cidade e sobre a água.

— Mantenham esta posição — disse a seus comandantes quando chegaram ao local onde sua gente podia ver o exército que se aproximava, mas permanecendo dentro de uma distância de vôo rápido e firme a seu perímetro.

Deixando-os flutuando em uma formação precisa, voou ao encontro de Lijuan a meio caminho entre as duas armadas. O movimento era arriscado, dada sua crescente loucura, mas achava que parte dela continuava sendo um arcanjo de idade até o momento, e segundos após que começou o vôo, sua crença confirmou-se como verdadeira. Aderindo às regras de combate estabelecidas nos primórdios da angelitude, a Arcanjo da China voou sozinha para encontrá-lo em um espaço neutro.

— Raphael. — Seu olhar pálido e insípido tornou-se de pedra quando se deu conta da marca em sua têmpora. — Tem estado guardando segretos.

— Parece que todos fizemos isso nos últimos tempos — replicou. — Deve ter trabalhado por muito tempo e em silêncio, de fato, para ganhar a confiança das forças dispersas de Uram. — Até os comumente leais homens e mulheres tinham abandonado seus postos atribuídos e territórios para engrossar suas filas.

— Uma deusa — disse ela, sua forma física se desvanecendo para fazer sua pele translúcida, — não pensa só no hoje, senão em muitas manhãs. — A misteriosa mudança revelou a estrutura óssea do rosto, a vista fundindo-se com

a pesada sensação de gritos baixo a superfície de sua voz, as almas aprisionadas daqueles que Lijuan assassinou.

— Teus homens só levam espadas e balestras. — Armas de fogo, ao menos, eram uma arma familiar para a maioria dos lutadores angelicais e não teriam pressionados a uma frota alada. — Prevê uma vitória fácil?

— Tenho reunido minhas forças durante dez mil anos, enquanto você é uma criança. Superamos em número, de forma que não será uma batalha, e sim uma aniquilação.

Sua arrogância, pensou Raphael, poderia ser o tendão de Aquiles que daria a sua gente a vitória nessa guerra sem equilíbrio.

— Isso é o que acredita, Lijuan. Isso não significa que seja a verdade.

— Logo o verá, mas antes do inevitável, te darei uma oportunidade mais e te convido a render-se — disse nessa voz cheia de horror. — Não posso deixar a ti ou a sua Consorte com vida, claro. — A maior civilidade quando lhe falou da execução de Elena, — mas tratarei ao seu povo como trataria ao meu. Seus Sete são extraordinários e me servirão bem.

Seus Sete, pensou Raphael, passariam sua existência tratando de apagar a Lijuan do planeta em vez de levantar um dedo a seu serviço.

— Há uma melhor maneira — disse, estendendo a conversa para dar a Naasir os últimos minutos para pôr seus planos em marcha. — Não tem que iniciar uma guerra.

— Não estou iniciando uma guerra. Estou parando uma antes que comece. — Sorriu-lhe, seus olhos pálidos órbis com fétidas sombras escondidas dentro, como se ao olhar muito profundamente seria como cair em um inferno inevitável. — Nunca me respeitou como deveria. Não posso permitir que isso continue. Entenda.

— Sim, entendo. — Essa Lijuan era um ser de perfeita loucura, tão alucinada que se achava sã. Raphael reconheceu os sinais; tinha-os visto antes em seu pai. Mas o poderoso homem que enfrentou uma vez para aprisionar-se

sobre o Refúgio nunca se converteu na feiúra que era Lijuan. Ela era algo novo, um pesadelo nascido do apodrecimento no coração de sua alma. — Por sua vez — disse, — deve entender que não posso permitir que tome minha Torre e minha cidade.

— Então, receio estarmos em um beco sem saída. — Seu sorriso nunca vacilou, seus dentes e mandíbula visíveis através da pele convertida em fumaça. — Seremos civilizados sobre isto. Não te atacarei até que esteja com suas tropas, e você não tentará o mesmo.

Aceitando a estipulação, disse.

— Se desejar a cessação de hostilidades em qualquer momento, só tem que remover tuas forças de meu território.

— E se desejar render-se, seus lutadores só têm que baixar suas armas. Os meus não atacam uma vez que sua gente já não seja uma ameaça; diferente de Charisemnon, não tenho nenhum desejo de degradação. Meu objetivo só é conquistar. — Uma pausa. — Não foi de bom tom da parte dele utilizar de maneira desonrosa os renascidos que lhe dei como presente. Disse-lhe que não tolerarei nenhum ato mais que traga desgraça a meu nome.

Raphael inclinou a cabeça.

— Te verei em batalha, Lijuan.

— Adeus, Raphael. Teria sido um grande Antigo um dia, se só tivesse aprendido a respeitar a seus superiores.

Voando de volta para suas tropas a grande velocidade, Raphael aproximou-se de Elena. Precisava de seu toque para apagar a feiúra que permanecia em seus ossos, a presença de Lijuan uma incorreção filtrando no tecido do mundo.

Elena, a batalha é iminente.

Estamos prontos.

Um beijo de selvageria e indomável que não podia ser de ninguém mais que de sua Consorte.

Estou te olhando.

Ordenando a suas tropas retirar-se da zona de assédio, Illium guiando-os, tomou a retaguarda com Jason e Aodhan em seus flancos. Foi um acerto, Lijuan enviou uma explosão em sua direção imediatamente que tocou a margem de Manhattan. Seu poder manifestado como uma chuva de adágas negras, reluzentes e mortais.

O outro arcanjo, no entanto, encontrava-se demasiado longe para fazer muito dano, o objetivo sem dúvida era enviar suas tropas ao caos. Apartando as adágas para o lado com um mínimo uso de seu poder, voltou-se para ver que ninguém de seu povo tinha caído sequer um centímetro da formação. Não teve uma segunda tentativa, Lijuan se dando conta obviamente que não podia fazer nenhum dano real dessa distância, e uns minutos mais tarde, seus esquadrões cruzaram a linha do perímetro defensivo.

Asas encheram o céu em todas direções, a cada lutador vestido em um distintivo uniforme negro para os diferenciar do cinza escuro e vermelho das forças de Lijuan. Para evitar mais confusões, a cada par de asas - incluídas as de Raphael - estavam marcadas em cima e embaixo com listras de pintura azul brilhante desenvolvida exatamente para esse propósito. Desenhada não para obstruir ou de outro modo, danificar as plumas, o que significava que os atiradores podiam ver se um anjo era amigo ou inimigo com uma só olhada.

Aqueles atiradores aguardavam ocultos, protegidos esconderijos nos telhados e nas que, agora, eram plantas superiores sem janelas em vários dos arranha-céus, bem como na linha do perímetro junto a vampiros experientes em armamento anti-asas, as armas de fogo apontadas para o céu. Mais vampiros achavam-se de pé no chão, armados com lança-chamas e espadas, sua tarefa tentar eliminar ou ao menos incapacitar os combatentes inimigos caídos que não podiam curar-se e decolar de novo. Um terceiro grupo de vampiros circundava a cidade, alerta ante qualquer ameaça de renascidos.

Elevando-se sobre os esquadrões, para ser visível a todos, levantou o braço e sua espada.

— Esta é nossa terra — disse, aumentando sua voz para que assim alcançasse à cada homem e mulher, mortal e imortal, que lutaria nesse dia. — Não seremos intimidados, e não nos renderemos. Não começamos esta guerra, mas a terminaremos!

Um rugido sacudiu o mundo, braços e vozes elevando-se em solidariedade.



Orgulho sacudiu o coração de Elena de onde se encontrava na frente de um telhado, balestra carregada e olhos alerta. Protegida por um esconderijo que significava que as tropas voadoras não a detectariam imediatamente, a cobertura que também a protegeria de disparos desde acima, tinha uma perfeita linha de visão do homem que era seu.

Deve estar orgulhoso, Arcanjo. Sua gente não luta por medo ou arrogância, e sim porque é o correto a fazer.

Uma carícia do mar e da estrondosa tormenta dele.

Mantenha-se a salvo, Caçadora da Sociedade.

Você também.

Com o coração em um nó dentro de seu peito, respirou profundamente e clareou a mente de todo pensamento, a conversa sendo cortada porque as tropas de Lijuan se achavam a ponto de chegar.

O inimigo foi anunciado por uma chuva de adáguas negras e o som entrecortado de disparos quando as armas anti-asas entraram em ação. Mas calcularam corretamente, tinham demasiados combatentes inimigos para que as armas alcançassem e a primeira onda de asas sem marcar apareceram à vista e alcance dentro de trinta segundos... quando as tropas de Raphael caíram a terra em um repentino e planejado descenso, deixando o céu cheio de inimigos.

A primeira flecha de Elena atingiu o pescoço de um anjo com asas de cor marrom apagado; já posicionava uma segunda flecha antes de que o anjo registrasse o golpe e começasse a cair em espiral, uma mão enganchada a sua sangrenta garganta. Ao mesmo tempo, negro e azul colidiram no céu quando dois arcanjos se atacaram diretamente. Sabendo que não seria de utilidade para Raphael se não podia tranquilizar-se, Elena sacudiu o medo por ele e se concentrou no inimigo, confiando que seu Consorte e amante não lhe romperia o coração enquanto ela fazia a sua parte.

Flecha depois de flecha disparou, até que o céu de repente estava vazio de asas sem marcar pelo brilhante azul. Elena esperou uma mensagem através dos dispositivos de comunicação que cada um tinha escondido em cima de seus ouvidos. Veio em segundos, a voz de Dmitri.

— *As tropas de Lijuan retiraram-se depois de nosso perímetro defensivo, mas perdemos um quarto das armas anti-asas. Suspendam, mas não deixem suas posições.*

Elena usou a oportunidade para comprovar seu fornecimento de flechas. Vendo que quase não lhe sobravam, mudou de canal para enviar uma petição aos aprendizes maiores do Sociedade para que se apressassem com fornecimentos, retrocedendo a tempo para apanhar um relatório atualizado da Torre.

— *As tropas inimigas estabeleceram-se em edifícios fora do alcance de nossas armas. Temos um grande número de feridos, mas estão se recuperando e possivelmente prontos para atacar de novo em uma hora. Descansos alternados autorizados.*



Com Lijuan retrocedendo junto a suas tropas, Raphael teve tempo de regressar à Torre e obter um relatório de Dmitri. Seu segundo coordenava toda sua força, tomando as decisões em frações de segundo tão necessários em uma

briga, e o que Raphael não podia fazer desde que estivesse lutando com Lijuan. Sabia que Dmitri preferiria estar fora, no campo, lutando como a lâmina afiada que sempre tinha sido, mas o outro homem era o melhor comandante que tinha. Inclusive Galen preferia a Dmitri quando se tratava de assuntos de estratégia.

— Não há vítimas fatais — disse o vampiro, confirmando o julgamento e fê de Raphael. — Um número de lesões graves entre os artilheiros de defesa aérea, mas os combatentes angelicais próximos atuaram rápido para cobrir ao ferido, enquanto outros atiradores arrastaram-os à segurança. — Assinalou vários X negros no mapa que jazia em uma grande mesa na sala de armas. — Aqui é onde perdemos o armamento de defesa aérea, mas essa perda era esperada e já se contava em nossos planos.

— Lijuan sofreu algum dano de gravidade?

Um assentimento.

— Significativo na primeira onda, quando os atiradores enviaram cerca de meio esquadrão a terra para que os vampiros limpassem, mas o inimigo aprendeu dessa perda. Quando um lutador cai, mais dois aterrissam com ele para brigar contra as equipes terrestres e levam ao ferido até um local seguro.

Era mais ou menos o que Raphael esperava de seu primeiro combate.

— A verdadeira prova vem com o seguinte choque, agora que já não temos o elemento surpresa.

Com a mandíbula em uma dura linha, Dmitri assentiu.

— Elijah ligou não faz muito, queria falar com você.

— Vou enviar dois de meus esquadrões de combate de elite — disse o outro arcanjo, quando Raphael retornou a chamada. — Já estão a meio caminho de sua Torre.

— E os renascidos?

O sorriso de Elijah continha fúria sangrenta.

— Meus animais aprenderam a caçar agora, e seu sentido de vista e olfato está para além de qualquer coisa que os renascidos tenham a capacidade de evitar. Desde que continue precisando, da maior parte de minhas forças para assegurar-me de conseguir todas e a cada uma das criaturas, as duas unidades de elite serão de muito mais utilidade para ti.

— Terei que enviar a Dmitri para um caminho de vôo limpo — indicou Raphael, sua confiança voltada para Elijah como nunca esperara ter em outro do Cadre. — O pessoal de Lijuan não conseguiu nos cercar, de modo que seus esquadrões podem entrar sem encontrar fogo inimigo.

A boa notícia foi rapidamente seguida de uma ruim. As imagens de satélite mostraram vários aviões voando a baixa altura sobre o oceano há talvez uma hora de vôo da cidade, para depois expulsar de seus compartimentos o que pareciam ser grandes containers de carga que flutuavam em vez de afundar.

— Parece que uma quarta parte da frota de Lijuan está decolando para os containers, provavelmente para rebocá-los — disse Dmitri, com os olhos no inimigo através da rede de câmeras de vigilância da cidade, bem como as câmeras especiais espiãs que a equipe de Naasir tinha começado. — Devem trazer ali tropas terrestres.

Raphael esteve de acordo. O que significava que Lijuan logo teria vampiros para combater os seus, deixando a seus anjos livres de permanecer no céu em vez de ir ajudar aos combatentes alados caídos. Mesmo com a adição dos esquadrões de Elijah, as forças de Raphael seguiriam em grande inferioridade numérica. Isto simplesmente inclinou a balança ainda mais a favor de Lijuan.

Três minutos mais tarde, uma das pessoas de Jason deu um relatório: aviões de carga acabavam de deixar o território de Lijuan, carregados com lançadores de foguetes e armas de fogo, bem como mais forças terrestres. Parecia que a “deusa” tinha mudado de opinião em certos pontos. O pessoal de Raphael tinha ambos tipos de armas, mas os foguetes, decidiram, seriam somente utilizados em um último caso; sem importar quão bem dirigidos, o dano decorrente não deixaria só a Manhattan, senão que a toda a cidade em ruínas.

E a verdade era que não eram particularmente de utilidade no céu cheio de amigos e inimigos imersos em tal combate corpo a corpo. A não ser que não se importasses assassinar a sua própria gente com o fim de destruir ao inimigo.

Lijuan aniquilou sua própria cidade.

Disse sua Consorte, após assimilar a informação, imagens da cratera fumegante que era Beijing na vanguarda de sua mente.

Ela não se preocupará com a destruição da nossa para ganhar esta guerra.

Era por isso que não tinham armas tecnológicas em larga escala de qualquer tipo que fossem aceitáveis em uma guerra arcangelical, sejam tanques na terra ou bombarderos no ar. Era a razão pela qual os mortais que apareciam com as ideias de tais artigos de guerra abandonaram a pesquisa décadas atrás, não tinha mercado.

Inclusive os lançadores de foguetes e armas anti-asas eram de curto alcance, armas com linha de mira. Para que uma vitória contasse no mundo imortal, para que um arcanjo mantivesse o respeito de sua própria gente, tinha que ser íntimo, cara a cara. Uma estranha regra talvez, até que se lembre que um arcanjo não podia ser assassinado por nenhuma arma, sem importar o quão destrutiva fosse; só os anjos menores, vampiros e mortais atravessariam a mutilação e a morte.

— Sire. — Dmitri caminhou até onde se encontrava, de pé em frente do muro de vidro que dava ao campo de batalha. — Um homem de Jason acaba de enviar outro relatório confirmando o número de aviões de carga se dirigindo para nós.

Raphael sabia que eram notícias ainda piores pelas rugas brutais no rosto de seu segundo.

— Quantos?

— Dez.

A palavra vibrou entre eles. Com tantos combatentes terrestres e armas de curto alcance, o povo de Lijuan atropelaria o seu, vindo desde abaixo enquanto os anjos manteriam aos esquadrões alados ocupados.

— Devo liquidar aos aviões antes ou logo depois que aterrissem — disse, sabendo que falava da morte de centenas. — É a única opção.

— Você pode conseguir atravessá-la usando glamour — expôs Dmitri com a estratégia de uma cabeça fria, — mas no momento em que ela saiba de sua destruição, saberá também que não está em Manhattan e dará rédea solta a seu poder na Torre.

E se a Torre cair, a batalha terminaria aos olhos do mundo, de Nova York e ante o território inteiro de Lijuan. Raphael lutaria para recuperá-la, claro, mas sabia que a perda da Torre abalaria a moral de seu povo, porque simplesmente não era um local, era o símbolo de sua força.

Ao ver o movimento do lado inimigo no mesmo instante que seu segundo, deixou a discussão por um momento e foi tomar os céus, a segunda onda de ataque bem mais feroz que a primeira. O sangue salpicava a neve em todas partes que olhava, a inocência para sempre manchada.

CAPITULO 41

No dia após o duro combate, Elena jazia em seu esconderijo depois de um breve descanso, protegida da luminosa neve que caía do céu, desde um firmamento disperso com nuvens. Era uma noite bonita, tranquila, com ocasional luz de estrelas que brilhava através das nuvens e desprovida de sons de batalha, mas seu coração lhe retumbava nos ouvidos porque Raphael saiu da cidade há quase vinte e cinco minutos.

Lijuan conseguiu ferí-lo em seu último confronto, tinha o peito em carne viva e queimado por um lado, mas diminuiu a importância à lesão, uma que provocava em Elena o desejo de apunhalar os olhos da cadela assassina que o machucou, centrando-se em uma maneira de parar aos aviões que transportavam uma carga tão mortal. Seu plano, se tivesse sucesso, poderia proporcionar um impulso muito necessário ao espírito de seu maltratado povo, mas também poderia ir espetacularmente mau.

— Naasir, louco bastardo — murmurou baixinho. — Espero como o inferno que sobreviva. — Os aviões de carga estariam aterrissando agora, e de alguma maneira, tinham que manter Lijuan o suficientemente distraída para que Raphael pudesse regressar após destruir os aviões.

— Vou tomar muitas vidas esta noite — disse-lhe Raphael no único momento de intimidade que tiveram no meio dos combates. — Centenas de vampiros que não fizeram nada mais que ser fiel a seu arcanjo. Sei que devo fazer isso para proteger a minha gente, mas isso não muda o fato de que seu sangue manchará minha alma.

A sombria aceitação nos olhos dele rompeu seu coração. E sabia que inclusive dois anos atrás, não diria o mesmo, a distância de mais de mil anos do poder violento lhe dificultava tomar a vida de outros.

— Que suas mortes lhe importem — susurrou, — é sua salvação. — Diferentemente de Lijuan, não via nem a seus próprios lutadores nem aos inimigos como descartáveis.

Agora, enquanto esperava que regressasse, desejando só abraçá-lo após a feiúra brutal que se via obrigado a realizar, tudo por um Arcanjo que se achava uma deusa. Era mais como um maldito fantasma do mau em estado puro, pensou Elena, sabendo que se existia alguma maneira nesta terra de que pudesse matar a Lijuan, nem sequer piscaria antes de levantar sua espada.

— *Abelhas, Ellie* — Disse a voz de Sara em seu auricular menos de um minuto após a chegada programada dos aviões. Sua amiga encontrava-se na sala de controle, encarregada da manipulação das equipes ao Sociedade. — *É a coisa mais estranha, há milhões de abelhas entre o pessoal de Lijuan e pelo que podemos ver estão furiosas e picando como loucas. E ainda é mais estranho, os que não se estão retorcendo e atingindo às abelhas, estão sorrindo como loucos porque estão recobertos com borboletas. Nunca vi tantas em um só local. Nem sequer sabia que as borboletas voassem pela noite.*

Sorrindo, Elena apertou o botão de resposta do dispositivo de comunicação.

— Naasir parece ter alguns truques sob a manga. — Diabos, se seguia assim, poderia ter que correr o risco de ser comida e lhe dar um beijo nessa maravilhosa e estranha boca a próxima vez que o visse.

— *Obviamente.* — Sara desligou.

Dois minutos mais tarde, Elena recebeu a confirmação de que Raphael destruiu os aviões.

— *Em alerta.* — Foi a ordem em seu auricular sete minutos após isso, as distrações em curso ao que parece lhes conseguiram esse tempo. — *As forças inimigas preparam-se para lançar uma grande ofensiva.*

Respirando tranquila e com a frequência cardíaca constante, Elena manteve seus olhos no céu noturno, de forma que viu os flashes que o iluminaram, deslumbrando seus sentidos. Um grito enfurecido soou do lado da linha de Lijuan com o segundo flash, raios de poder arcangelical vibraram completamente ao largo da Torre por vários blocos. Os vidros romperam-se, os tijolos caíram, mas a Torre permaneceu ilesa.

A velha cadela louca era sensível à luz?

Faz muito sentido, dada a palidez de seus olhos. Mas dado que aparecia bem à luz do dia, não era um ponto muito debilitante, só um que poderia ser agravado com as condições adequadas. Elena decidiu que realmente *tinha* que beijar Naasir por calcular tudo com seu astuto cérebro de criatura tigre.

Os flashes continuaram iluminando o céu pelos próximos minutos, o que agravou os gritos de fúria de Lijuan e limitou a suas próprias forças porque seus raios iam tão mal dirigidos, que poderiam facilmente os atingir. Então, os fogos de artifício começaram.

Elena não pôde o evitar, começou a rir. Lutavam uma batalha por suas vidas e, seriam fogos artifício que os salvaria?

Seu riso bobo cessou quando uma olhada em seu relógio indicou que Raphael só se encontrava na metade do caminho para casa neste momento. Manteve os olhos fixos na tela brilhante e de repente notou as lâminas da meia-noite cortando através da tormenta de cores para atingir a Torre e os edifícios circundantes.

— Merda. Lijuan descobriu uma maneira de se adaptar à luz. — Tratando de detectar as pessoas de Lijuan entre os seus enquanto as asas enchiam o ar, encontrou-se cega pelos fogos artificiais. — Dmitri! Faça com que Naasir os apague!

— *Três segundos.*

O último raio de fogos de artifício saiu quando o segundo golpe de Lijuan bateu contra a Torre, fazendo um dano significativo e destruindo toda uma fileira

de janelas. Ao escanear o céu, viu o típico cabelo branco da Arcanjo da China sobre o mar de asas. Não existia maneira de atingi-la à distância que se encontrava.

— Merda.

Com os dentes apertados, começou a apontar aos anjos inimigos à medida que os invadiam, sendo seu objetivo claramente aterrisar nos edifícios que albergavam os sistemas de defesa aérea e as equipes de tiro. Apontar com precisão era quase impossível pela falta de luz e a enorme quantidade de inimigos, de forma que mudou sua abordagem e foi pelas asas.

Tudo o que tinham que fazer era aguentar até o regresso de Raphael.

Anjo após anjo caíam com as asas quebradas e muito danificadas, mas tinha uma onda constante de reforços, dando a sua vez aos anjos feridos a possibilidade de curar e surgir de novo. Enquanto, Elena sabia que suas próprias forças se desgastavam pelo constante bombardeio, por em cima e por baixo, os vampiros no chão, sem dúvida, envolvidos em um combate violento de vampiros e anjos feridos.

Um relâmpago negro abriu o céu no instante seguinte, levando um número de pessoas de Lijuan. O raio não parou Lijuan, mas a irritou o suficiente como para que tentasse apontar para a origem do mesmo, só para encontrar seu caminho bloqueado por uma chuva de pedras brilhantes tão afiadas que ameaçavam destroçar suas asas. Em seguida, um pulso de poder dourado explodiu contra os combatentes inimigos e Lijuan, atirando aos anjos ordinários para baixo como pinos em um jogo de boliche e fazendo Lijuan lutar para manter sua posição no céu.

Estabilizando-se, a Arcanjo da China elevou o braço para dar rédea solta a seu poder, e o relâmpago negro atingiu pela segunda vez.

Jason, Illium e Aodhan, notou Elena, trabalhavam juntos para manter a Lijuan irritada e distraída. Funcionou, ao menos por um tempo. Então Lijuan decidiu deixar seus generais, enquanto voava acima do combate, focando na

Torre. Sua primeira explosão fez voar outra fileira de janelas que banharam de vidros as ruas; uma segunda no mesmo local faria um dano estrutural grave.

— Arcanjo — sussurrou Elena, mirando um dos generais inimigos, — se está planejando fazer algo, agora seria o momento.

Sua flecha atravessou a asa direita do anjo de asas vermelhas, justo quando outro lutador atingia a esquerda e uma lança de azul incandescente beijada com fogo selvagem explodiu diretamente em Lijuan, ou o teria feito, se um dos de suas tropas não a tivesse interceptado se colocando na frente dela se suicidando.

Gritando um agudo grito horripilante, Lijuan respondeu com uma chuva de folhas de lâmina negras. Raphael comentou com Elena que o glamour era quase impossível de manter neste nível de combate, e agora o viu sair à luz, esquivando-se do poder de Lijuan enquanto tentava encontrar uma brecha em suas defesas. Isso foi tudo o que Elena teve tempo de ver, enquanto os combatentes inimigos continuavam enchendo o ar, Aodhan, Illium, e Jason entretidos em combate com os generais de Lijuan.

Apontando flecha após flecha, continuou disparando em absoluta concentração.

Quando sangue salpicou seu rosto enquanto um anjo se espatifava ao aterrissar na frente dela, seus olhos foram imediatamente às asas.

— É um dos nossos! — Gritou aos alunos na porta do telhado, cobrindo-os em conjunto com outro atirador enquanto arrastavam ao anjo fora do perigo. Limpando-se do sangue usando a manga, voltou a sua tarefa, mas era como se o inimigo se multiplicasse.

Todo um esquadrão voou justo ao teto de Elena, sem alterar-se quando cinco de sua equipe caíram com flechas através de suas asas e pescoços, cada atirador no teto mudando sua mira quando compreenderam que este era um assalto completo desenhado para os eliminar. Mas haviam demasiados do inimigo, o teto viu-se invadido em matéria de segundos.

Levantando de seu esconderijo, Elena esquivou os raios de dois inimigos e continuou disparando, apontando aos olhos e pescoços vulneráveis agora que se encontravam tão perto. Vários dirigiram-se direto a ela, puxando as espadas, enquanto seus colegas enfrentavam aos outros defensores no teto. Sem mais flechas, deixou cair a balestra e, com o mesmo movimento, alcançou as metralhadoras que atou a suas coxas.

— Protejam-se!

Sua gente deixou-se cair ante a advertência e pulverizou o telhado de balas, os corpos do inimigo sacudindo-se, membros retorcendo-se onde eles caíam enquanto os mais fortes lutavam imediatamente para curar-se do ataque. Sangue e matéria cinza salpicava o concreto, e ainda seguiam chegando, uma onda sem fim. Foi então que se deu conta que era conduzida à beira do edifício. Queriam que caísse, que fosse atingida.

— Merda! — Era uma armadilha, uma que se achavam dispostos a sacrificar a sua gente para a concretizar. — Ransom!

Um tiroteio desatou à sua esquerda, o outro caçador cuidando de não a atingir enquanto se fazia cargo dos inimigos. Com um grito de guerra, disparou uma pesada chuva por sua conta e então, em vez de ir ao local onde queriam que fosse, correu diretamente através do inimigo.

— Sigam disparando! — Disse, suas próprias armas abrindo fogo.

Suas botas golpeavam as plumas pisadas e ensanguentadas enquanto disparava em seu caminho para além dos surpreendidos anjos ainda de pé, o ar cheio de balas que não podia evitar por completo. Uma lhe roçou o braço, outra cavou um ardente sulco em sua bochecha, mas alcançou o objetivo sem nenhum dano real, passando ao lado oposto do edifício para onde a conduziram. O inimigo girou para segui-la em massa, o que esperava que significasse que os outros no teto estariam bem.

— Esta é minha cidade, bastardos. — Manipulando suas armas para que se atassem às correias no meio do ar como resultado de horas de prática fazendo o

mesmo, se arrastou por uma ampla avenida, o vento tirando bruscamente o sangue que corria por sua bochecha. — Vamos brincar de esconde-esconde.

Enquanto a batalha rugia sobre sua cabeça e os edifícios estremeciam ao ser atingidos por descargas de energia, a cidade de modo geral começou progressivamente a escurecer. Viu-o anteriormente, durante a luta com Uram, e soube que era por causa de Raphael e Lijuan sugando o poder da rede elétrica, baterias, qualquer coisa que pudesse lhes fornecer a energia que utilizavam para sobrecarregar seus ataques.

A escuridão era sua amiga. Mostrando os dentes, conduziu os anjos inimigos dentro e fora das ruas, através dos edifícios que sabia que tinham vias de acesso o suficientemente amplas para voar, debaixo do High Line e entre certas árvores muito separadas do Central Park. Foram rápidos, os que permaneciam no seu rastro, mas não conheciam Manhattan.

Claro, não poderia seguir assim para sempre.

Naasir, maldito depredador inteligente, pensou enquanto suas asas começavam a cansar-se, *é hora do espetáculo*. Deu um jeito de fazer um telefonema no meio do caminho através de seu precipitado vôo, e, segundo as instruções, agora dirigia seus perseguidores a um estreito espaço entre dois arranha-céu.

Um beco sem saída na parte traseira de outro edifício.

Alcançando o final, girou com as asas estendidas. O líder do grupo, uma desordem espumante em seu olho esquerdo onde uma bala o atingiu, sorriu e correu direto à rede de aço que baixou em frente ao veloz esquadrão. Os que se encontravam atrás trataram de alçar o voo para evitar a rede, mas caíram do alto, cortesia do verdadeiro anjo de asas azuis, antes de que uma rede surgisse por trás deles.

Pegos, os inimigos trataram de aterrissar, mas suas asas encontravam-se demasiado enredadas na rede e com os demais. Caindo forte contra o asfalto, arrastaram a rede junto com eles, redes que, observaram com uma careta, cortavam linhas em sua carne e asas, as bordas raspando.

— Te amo nesse momento Naasir, mas você tem uma mente muito, muito aterradora.

Alçou voo e afastou-se antes que o inimigo descobrisse como escapar da armadilha.

— Preciso chegar à Torre! — Gritou para Illium, já que era óbvio que Lijuan lhe colocou um alvo nas costas, de forma que agora era um risco para as equipes de tiro.

— Te levarei!

— O que há com os generais de Lijuan? — Interromperam esse compromisso para ajudá-la, tinham que voltar a isso; esses generais tinham um enorme poder.

O sorriso de Illium era satisfeito.

— Eu e meus irmãos de armas ganhamos nosso poder! Lijuan não confia em ninguém com verdadeiro poder! Seus generais são marionetes, e justo agora, o Sire tem toda sua atenção!

— *Desde que Lijuan esteja viva, Xi seguirá ganhando poder. Sem ela, seu corpo não seria capaz de conter o que faz.*

Illium comentou isso no Refúgio, em menção a um dos generais de Lijuan, mas não se deu conta que o homem estivesse assim tão estreitamente vinculado ao seu arcanjo. Mas não tinha mais tempo para pensar nisso, já que ambos chegaram à zona de batalha.

Tiveram que passar disparando, Illium mais rápido com uma balestra do que sabia, dada sua preferência em usar a espada. Na metade de caminho, Tasha surgiu no meio da massa de asas para flanquear seu outro lado enquanto os homens e mulheres de Lijuan deliberadamente bloqueavam o trajeto de Elena para a Torre. Por muito que Elena tivesse gostado de alimentar sua aversão por Tasha, a outra mulher brigava com brilhante fúria nas batalhas, como fazia agora.

Agarrando suas armas, Elena apontou para o inimigo.

— Fora de meu maldito caminho!

Suas asas se trituravam, os soldados de Lijuan se estatelaram nas ruas e edifícios. Illium e Tasha reincorporaram-se à luta assim que Elena aterrissou a salvo no teto da Torre. Frustrada por ter sido posta abaixo, correu para o interior e ao “Nidal” da Torre, um pequeno ninho justo em cima da sala de guerra e conectada a ela por uma escada interior. Tinha uma vista de trezentos sessenta graus, bem como também as janelas que podiam ser alçadas.

Dmitri encontrava-se no centro do Nidal, manipulando tudo desde sua suprema posição vantajosa.

Elena não se incomodou em trocar cortesias com o vampiro. Tendo pego munições do pacote na entrada, foi bruscamente ao local em frente de uma das janelas, abrindo-a, e começou a pulverizar qualquer inimigo que se aproximava demais. Não teve muitos, os defensores dando um jeito de mantê-los longe da Torre, enquanto Raphael acima mantinha Lijuan ocupada.

Enquanto Elena observava, o fogo selvagem de Raphael mal roçou um lado do rosto de Lijuan, arrancando um pedaço de sua bochecha. Gritando esse terrível grito que fazia com que Elena apertasse os dentes, a velha Arcanjo respondeu com um raio de fúria negra irregular que Raphael não pôde evitar por completo. Horrorizada, Elena olhou como ele tomava um feio golpe em uma das asas, a feiúra do poder de Lijuan era um negro pegajoso que começou a alastrar sobre o ouro branco como fez durante a batalha em Amanat, a negrura infiltrando-se em suas células.

Não deveria tê-lo afetado tanto, não com o fogo selvagem acordado dentro dele, sua ferocidade era um antídoto para a feiúra de Lijuan. Mas estava cansado, lutava sem parar com Lijuan, por sabe Deus desde quanto tempo, após a viagem para destruir aos transportadores de armas, e esteve usando o fogo selvagem contra a outro arcanjo desde que começou a luta. Em Amanat, só foi capaz de criá-lo por um pequeno período de tempo, sendo um novo poder. Podia ser que se tenha desenvolvido depois disso, mas ainda assim, era novo.

Com a pele tremendo de frio, Elena se deu conta que já não havia mais disso dentro dele.

CAPITULO 42

Já se movendo, Elena não parou para se questionar qual foi o instinto que a levou a soltar sua arma, deixar o Nidal, e correr para decolar de uma varanda próxima quando Raphael caía em uma espiral descendente, com as asas mutiladas pelo negro.

Arcanjo!

Entra, Elena!

Diabos, não.

Tendo calculado instintivamente a velocidade de seu descenso, trombou contra ele, envolvendo os braços ao redor de seu torso.

— Agarre-se — disse, com seu braço esquerdo começando a latejar com dores pulcantes, embora nada tocasse sua pele. — Agarre-se a mim!

Um dos braços de Raphael se apertou a seu redor, e o outro atirou um raio de fogo de anjo para Lijuan. Esse braço, o esquerdo, viu, estava marcado com feridas.

— Você tem que regressar à Torre! — Foi sua furiosa ordem enquanto caíam mais e mais rápido, sua "infectada" asa tinha um tom negro e era inútil. — Não posso te proteger e lutar ao mesmo tempo.

— Não está me escutando! Não sente, a conexão? — Suas próprias asas sentiam-se como se fossem devoradas pelo negro, a dor insuportável. — Nós, Raphael! Nós!

O som da palavra perdurava entre eles quando Lijuan rindo criou uma chuva de agulhas negras letais.

— Adequadamente deve morrer com sua mortal!

Levantando uma mão, Raphael desviou o raio negro com seu próprio poder, mas o escudo começou a ceder quase imediatamente, as feridas aparentemente esgotando sua capacidade de obter energia a partir de fontes externas.

Elena agarrou-lhe a mandíbula, golpeando um beijo em seus lábios.

— A enloquecida da Lijuan nos levará de todos modos, assim sendo esqueça de me proteger e *pegue-a!*

Um duro olhar de olhos de azul selvagem, mas ainda livres de viscosidade negra, e logo sentiu algo se rasgando em seu interior o que a fez gritar, enquanto o escudo de Raphael se tornava elétrico com fogo selvagem. — *Sim!* — Doía-lhe a garganta e o peito, e olhou as asas dele, notando que o negro era devorado para deixar só um luminoso alvo dourado.

Outro grito horripilante, Raphael tendo desviado as agulhas de Lijuan dirigidas para ela.

Não se afaste.

Abrindo suas asas quando ele a libertou, agarrou as armas de fogo de seus quadris, lamentando ter perdido a balestra feita sob medida, bem como a falta de metralhadoras. Ao final resultou que, só tinha que disparar a meia dúzia de lutadores inimigos.

Cortada por um dos raios de Raphael, que destruiu a metade inferior de sua asa direita, Lijuan se retirou, e toda sua força retrocedeu por trás do perímetro defensivo.

Elena não voou para a Torre, senão para sua equipe de tiro, temendo o que ia encontrar. Mas de alguma maneira, todo o grupo tinha conseguido, feridos, mas vivos. Caminhando para ela, um ensanguentado, mas inteiro Ransom disse.

— Você me deve um beijo grande e úmido. — A ferida em sua coxa sangrava através da bandagem.

Quando franziu o cenho e lhe disse que precisava de um médico, ele revirou os olhos e tirou a mão por trás de suas costas.

— Sua balestra, Consorte.

Ela o beijou então, provocando assovios do resto da equipe.

Isso, no entanto, foi o único ponto de luz na escuridão. Quando a noite se converteu em amanhecer, a cidade não tinha energia, a Torre funcionava com geradores em massa guardados embaixo da terra e giravam só quando Raphael e Lijuan não estavam no ar, e catalogavam suas perdas enquanto observavam qualquer movimento do campo contrário. As notícias eram ruins.

— A metade dos feridos — disse Dmitri, após compartilhar os implacáveis números — serão capazes de lutar de novo em algumas horas, mas o resto ou estão mortos — deu um sombrio olhar — ou tão gravemente feridos que se encontrarão fora por um dia ao menos. — A t-shirt negra amassada e ensanguentada já que lutou contra um esquadrão que tinha aterrissado em uma varanda da Torre. Passou uma mão pelo cabelo. — Jason, conseguiu obter números confiáveis sobre as baixas de Lijuan?

O chefe dos espiões assentiu.

— O dobro das nossas.

Todos na sala entenderam que, inclusive com as impressionantes capacidades dos Sete em combate, Lijuan ainda tinha uma grande vantagem, e o resto do tempo se dedicaram a discutir o que poderiam fazer para reduzir suas quase impossíveis probabilidades. Foi esgotador, porque não tinham muitos mais cartas que tirar da manga. Especialmente tendo em conta o fato de que Lijuan ainda não tenha iniciado nenhuma hostilidade no Refúgio, Galen informou que sua fortaleza estava cercada de agressão.

— No instante em que vejamos algum sinal de que podemos nos dirigir para você — disse o mestre de armas de Raphael, — sem dúvida atacarão. — Um tic em sua mandíbula, sacudiu a cabeça. — Se Lijuan sobreviver a esta guerra, fará

o mesmo com os inimigos que conhece. Cada homem, mulher e criança no Refúgio entende a ameaça que provém dela.

Uma hora após a mensagem de Galen, Jason recebeu mais outros relatórios sobre os aviões de carga que eram abastecidos com armas no território de Lijuan, e desta vez, em lugar de vampiros, Renascidos nos compartimentos de carga.

— Ao que parece — disse Raphael, a raiva queimando seu sangue friamente, — a deusa decidiu que não há desonra no uso de seus “servos” para ganhar esta guerra.

— Sabe — disse Illium com um sorriso que não tinha nenhum senso de humor, — é um elogio. Está começando a preocupar-se que em realidade você poderia ferí-la e ganhar.

Pena que o elogio bem poderia trazer o inferno à terra.



Após ter obrigado a si mesma a tomar umas horas de descanso enquanto podia, Elena seguia lutando com a terrível possibilidade de uma invasão em Nova York com os Renascidos quando entrou na estação de reabastecimento para tomar uma caneca de café justo antes do amanhecer.

— Sara.

Parecendo cansada, sua melhor amiga compartilhou uma foto que seus pais lhe enviaram de Zoe dormindo placidamente em algum lugar de uma comuna em Nebraska.

— Ganharemos de Lijuan, Ellie, faremos o que seja necessário. — Uma promessa inquebrantável. — Não vou deixar que meu bebê cresça em um mundo dominado por um monstro.

Deacon entrou justo quando terminavam seu café, e Elena se afastou para lhes dar uns minutos de privacidade, os amplos ombros de Deacon bloqueavam Sara de vista quando a tomou em seus braços. Elena não podia imaginar o difícil que devia ser para os dois estar tão longe de Zoe. Pelo que sabia, sua criança nunca tinha ido para a cama sem um beijo da mamãe ou papai.

Esperava com todo seu coração que as palavras de Sara resultassem proféticas, que ganhassem esta terrível guerra para que Zoe pudesse brincar na neve de novo, segura, feliz e com maravilha em seu coração à sombra das asas de um anjo. Recolhendo uma pluma de tonalidades negra e cinza que parecia vir de um comandante de esquadrão que conhecia bem, a pôs cuidadosamente em um bolso e guardou para Zoe.

Seu objetivo era encontrar Raphael, e talvez roubar uns segundos em seus braços, mas quando chegou à sala de guerra, viu que estava em uma intensa discussão com Jason. Como não queria interromper e precisava um pouco de ar fresco, foi para as portas da varanda.

Empurrava a porta para um lado quando levantou a vista e ficou imóvel, seu olhar aprisionado pelo inesperado quadro no exterior.

Aodhan e Illium se equilibravam perto da borda, armas em mãos, ambos com feridas que mostravam que estiveram em um dos confrontos ao longo do perímetro. Aodhan tinha um corte na bochecha e o que parecia um par de arranhões de pouca profundidade em seus braços, enquanto a asa direita de Illium tinha marcas que pareciam feitas por uma lâmina. Não uma lesão incapacitante, julgou Elena, e uma que cicatrizava ante seus olhos.

Isso, no entanto, não foi o que capturou sua atenção. Foi o fato de que se encontravam um ao lado do outro, com as asas superpostas na mais mínima fração. Aodhan nunca cometia o erro de pôr a si mesmo em uma situação na que pudesse ser tocado, o que significava que não se tratava de um erro. Seus dedos apertaram o enquadramento da porta, com o coração atingido por este sinal de providência, no meio da dor e o horror. Estava a ponto de girar para deixá-los em paz, quando Illium se voltou para Aodhan.

Os dois anjos eram altos, mas Aodhan talvez fosse um par de centímetros mais, e seus olhos se encontraram com Illium por um longo momento, tranquilo antes de baixar a cabeça muito ligeiramente. Illium levantou a mão, o movimento lento, vacilante e depois seus dedos roçaram a bochecha de Aodhan justo embaixo do corte que quase tinha sarado. O primeiro raio da aurora beijou a lágrima que rolou pelo rosto de Illium, quando acariciava a um assombrado e dolorido Aodhan, enquanto levantava a mão para apertar o pulso de seu amigo.

Esse instante de contato, o poder disso, a deixou sem fôlego.

Então Illium sorriu, e disse algo que fez com que os lábios de Aodhan se curvassem, Elena pensou que poderia ter sido "Bem-vindo de novo, Faísca", e se separaram saltando em frente à Torre em uma sinfonia de um furioso azul prateado e cegadora luz.

— Raphael — sussurrou, sentindo-o chegar por trás dela. — Viu isso?

— Sim. — Sua mão pousou na nuca dela, esfregando com o polegar sobre seu pulso. — Claro que seria Illium quem chegaria a ele — murmurou. — Eles foram amigos desde que Illium falou para Aodhan sobre voar à parte inferior do cânion, eram mais jovens do que Sam é agora, Aodhan ainda mais.

Elena não tinha se dado conta que Illium era mais velho, Aodhan sempre parecia tão solene.

— Meteram-se em problemas? — Perguntou, girando para seu corpo.

— Sim. É um voo proibido para os jovens, a área do cânion está longe da cidade e, embora a encosta não seja tão difícil, os anjos jovens não têm a força suficiente nas asas para conseguir regressar.

— Quando os encontraram — acrescentou, abraçando-a, — todo mundo sabia que Illium devia ser o instigador, e assumiu a culpa sem pretender outra coisa — Um riso. — Nunca mentia, Bluebell, inclusive quando criança, e por isso ninguém consegue ficar chateado com ele. "Fui eu" costuma ser sua frase mais freqüente, quando criança.

Elena podia imaginá-lo.

— E Aodhan? Como era?

— Sempre tranquilo, tímido, humilde de coração. Mas nesse dia, estava intratável, fazendo questão de afirmar que a culpa não era só de Illium, que formaram o plano em conjunto. Não quis escutar quando Illium lhe disse que se calasse, e o seguinte que o Refúgio soube foi que eram tão próximos como dois pássaros do mesmo ninho, passavam tanto tempo na casa um do outro como na própria.

Ao pressionar os lábios contra seu cabelo, disse.

— Duzentos anos, Elena, é o tempo que esperamos para que nosso Aodhan regressasse.

As solenes palavras fizeram com que seus olhos ardessem. Envolvendo os braços ao redor dele, ficou em silêncio com seu Consorte, seus olhos nos esquadrões que patrulhavam a intranquila fronteira. Cada vez que vislumbrou asas azul prateadas, buscou as de luz cegadora.



Fortes combates começaram de novo com o nascer do sol.

As forças da Torre, incluídos os dois esquadrões de elite de Elijah, fizeram um dano considerável, mas não o suficiente, não com os generais de Lijuan recarregados por sua ama. Tendo aprendido de seus embates anteriores, atacaram em grupo aos lutadores mais poderosos na Torre, enquanto um número abrumador dos combatentes comuns uniam-se a qualquer um que pudessem ajudar. Sua tática funcionou, derrubando a cinco comandantes experientes de Raphael, um após o outro.

Dos Sete, Aodhan foi quem sofreu o pior dano.

O anjo, com sua beleza sobrenatural, quase foi decapitado quando saiu de seu flanco desprotegido para salvar a vida de um comandante ferido. Além da horrível ferida do pescoço, uma de suas asas foi cortada pela metade, seu braço esquerdo tinha desaparecido. Com uma aterrissagem forçosa no telhado, quebraram-se vários ossos e só o incessante fogo dos atiradores ao seu redor mantiveram aos anjos inimigos impossibilitados de aterrisar para terminar o trabalho.

No entanto, inclusive cerca da morte, evitou o contato de qualquer um exceto Illium.

Correndo à enfermaria tão logo obrigou uma vez mais a retirada de Lijuan, Raphael viu que o outro anjo estava consciente.

— Tenho que te tocar, Aodhan.

Como tinha a garganta destroçada, Aodhan falou mente a mente.

Vou me curar. Ajude aos demais.

Sacudindo a cabeça, Raphael pôs a mão muito suavemente através da ferida no pescoço, e quando Aodhan se pôs branco e rígido, sabia que lançava ao anjo de novo ao inferno de onde Raphael o tirou em seus braços. *Sinto muito*, disse, e adicionou mais uma razão à lista de por quê tinha que matar Lijuan. *Não posso perder um de meus Sete.*

Não estava seguro de se Aodhan respirou até que levantou a mão, a ferida do pescoço fechou, ainda que as outras lesões demorassem semanas de dolorosa cicatrização.

— Não faria isto se não te precisasse.

Está bem, Sire. Os olhos levantados de Aodhan mostraram o perdão pela indescritível dor causada. *Me ponha diante de uma janela. Posso usar minhas habilidades ofensivas, desde que tenha uma linha de visão.*

Após mover pessoalmente a cama de Aodhan à zona de janelas e quebrar o cristal de maneira que o outro homem não o fizesse por si mesmo na primeira vez

que usasse suas habilidades, Raphael regressou ao campo de batalha. A cada vez que se elevava, Lijuan o fazia também, de modo que não podia ajudar a suas próprias forças, e em algum momento após a meia-noite, ela sentiu um golpe quase diretamente a seu coração.

O fogo selvagem queimou o negro azeite de seu poder, mas vacilava, quase esgotado. Sabendo que não podia lutar com Lijuan e curar ao mesmo tempo, Raphael atacou com fogo de anjo e atingiu a asa de Lijuan, enquanto Jason enviava seu raio negro que se explodiu contra o outro arcanjo. Nenhum golpe foi grave e Lijuan poderia ter continuado a luta após ele, mas por alguma razão se retirou, possivelmente, porque notou que seu próprio poder começava a desvanecer.

Seu cabelo e olhos mudavam para negro pegajoso na batalha, mas notou que agora voltaram a seu tom habitual. Lijuan, ao que parece, não era tão “todo-poderosa” como gostava que as pessoas pensassem e isso era algo que poderiam utilizar. Aterrissando em uma varanda da Torre, manteve-se em pé por pura força de vontade enquanto a batalha prolongava-se dentro de seu corpo, o veneno negro de Lijuan tentava consumí-lo, enquanto o fogo selvagem contra-atacava.

Não podia cair, não podia permitir que suas tropas vissem o quão lesionado estava.

Conseguindo manejar em seu interior, chamou a atenção de Dmitri, e viu que seu segundo entendia o que estava passando, mas Dmitri não demonstrou nem um vislumbre de entendimento.

— As forças de Lijuan estão se retirando — disse. — Esperamos combates intermitentes durante toda a noite, mas devemos descansar nossas tropas em grupos.

Raphael falou através de uma neblina de cor vermelha.

— Números.

Caminhando pelo que suas palavras não seriam escutadas, seu segundo disse.

— Mais da metade de nossas forças estão mortas ou gravemente feridas para se recuperar rapidamente. Os demais estão esgotados, inclusive nossos mais fortes. Predigo que as forças de Lijuan lançarão uma ofensiva total ao amanhecer, não temos nada mais com que surpreender e eles sabem.

— Autorizo o uso de lança-mísseis à chegada do amanhecer — disse Raphael, mas ambos sabiam que não seria suficiente. — Os aviões de carga com os renascidos?

— Decolaram há duas horas — disse Dmitri, depois baixou a voz. — Anda. Cure-se. Terminaremos esta discussão depois.

— Cuida de minha cidade, Dmitri. — Saiu da sala de guerra com uma agonia ardente na coluna vertebral, de forma que se dirigiu à suite privada que tinha com Elena na Torre com os dentes apertados. Colapsando no andar da sala, apertou a mandíbula para afogar o grito violento que queria entrar em erupção desde sua garganta. Um único som e toda sua frota se daria conta do perto que estavam de perder a cidade.

CAPITULO 43

— *Elena* — a voz de Dmitri chegou a seu ouvido, — *a luta diminuiu em intensidade. Pode retirar-se por agora.*

Franzindo o cenho, apertou o botão de responder.

— Estou bem, Dmitri. Tire alguns dos outros. — Seus amigos mortais mostravam piores sintomas de esgotamento, enquanto ela poderia ser um bebê imortal, *era* ainda uma imortal e isso tinha um impacto.

— *Precisa voltar à Torre.*

Gelo gotejou por suas costas.

— Entendido.

Voando diretamente à suite da Torre que compartilhava com Raphael, depois de distribuir seu vôo para evitar as esporádicas rajadas da luta contínua, entrou através das portas da varanda bloqueadas, usando a impressão de sua palma.

— Raphael!

Empurrou a porta fechada porque sabia que ele não queria que ninguém o visse assim e correu para cair de joelhos a seu lado. Por um segundo, teve medo de que tivesse morrido, mas depois viu os músculos rígidos de seus braços, suas mãos em punhos apertados e sua coluna vertebral bloqueada, e soube que lutava uma batalha contra o veneno de Lijuan.

Não sabendo o que fazer, só lhe acariciou com a mão no cabelo uma e outra vez.

— Estou aqui, meu amor. Se pode me escutar, pegue o que precisa dentro de mim.

Não sentiu nada, o corpo de Raphael fechado na luta contra um inimigo poderoso. A sensação de desamparo era terrível, mas negou-se a render-se. Em vez disso, seguiu acariciando o cabelo, sua outra mão fechou sobre um de seus punhos, e engoliu as lágrimas de raiva ante a dor de seu companheiro.

O tempo corria a passos de lesma. Elena mal era consciente do que ocorria fora, mas sentiu o estremecimento quando, seja Lijuan ou um de seus generais, conseguiu atingir a Torre. Quando não se repetiu, supôs que foi um general e que, ou bem Jason ou Illium, conseguiram pegá-lo. Um momento mais tarde, quem sabe quanto tempo, escutou a voz de Dmitri em seu ouvido.

— *Se pode falar com o Sire, diga-lhe que Naasir e sua equipe acabam de decapitar com sucesso a um dos generais mais fortes de Lijuan, prendendo um arame através de dois edifícios em seu lado da linha. Pode ser que não morra, dada sua força, mas está fora da luta.*

Elena compartilhou a notícia com Raphael, sem saber se podia ouvi-la.

— Esses três lunáticos encontram-se no coração do território inimigo e estão fazendo estrago — disse. — Deus, aposto que Ash terá algumas histórias que contar quando isso termine. — Inclinando, pressionou um beijo em sua fronte empapada de suor, a marca do dragão pulsando com um resplendor.

Como se, pensou, isto, também, lutasse contra o veneno.

Outro golpe fez à Torre estremecer um pouco mais tarde.

— Dmitri — perguntou, tocando o dispositivo de comunicações.

— *Um general que derrubamos ontem parece estar recuperado. Aodhan conseguiu fazê-lo retroceder e o mantém ocupado no momento.*

Elena franziu a testa, pensando na lista de baixas que tinha visto.

— O general com as asas brancas, de primárias amarelas?

— *Sim. Não deveria ter se recuperado depois que a espada de Illium o cortou quase pela metade, mas está completo.*

Sua pele congelou diante do que isso poderia significar, Elena decidiu manter silêncio nesse pedaço de informação até que Raphael lute esta batalha.

— Vamos, Arcanjo. A cadela não pode ganhar; você a jogou na terra para lamber tuas feridas repetidas vezes.

Seu corpo estremeceu com seu toque, seus músculos relaxando-se.

— Raphael? — Disse, assustada pela repentina mudança. — Arcanjo?

Abrindo os punhos, ele pressionou as palmas sobre o tapete e girou sobre suas costas. Seu rosto estava mais fino, os ossos de seu rosto mais proeminentes. Seu corpo, pensou, tinha sugado a si mesmo, em um esforço para lutar contra o veneno.

— Estou aqui — disse, seu peito levantando-se e caindo em respirações ásperas, uma de suas mãos chegando para entrelaçar-se com a dela.

Levando suas mãos entrelaçadas a sua boca, Elena pressionou um beijo na queimadura quente de sua pele.

— Passou? — Perguntou, ao não ver sinais evidentes do veneno.

— Sim, mas o fogo selvagem está quase completamente minguido — Apertou sua mão. — Em você também, Elena. Há meras faíscas dentro de nós dois agora.

— O que se passa com sua capacidade para criar fogo de anjo?

— As fontes das que posso me aproveitar estão agora a cada vez mais longe; poderia tomar dos geradores, mas significaria que a Torre se apagaria por relativamente um pequeno impulso. Minha capacidade para gerar poder dentro de mim mesmo está sendo limitada pelo fato de que minha energia está sendo constantemente dirigida a curar. — Seus olhos sustentaram os seus. — Lijuan se retira porque não gosta de estar machucada, mas há uma boa possibilidade de

que não serei capaz de lhe causar qualquer dano real em nosso próximo combate se luto como tenho estado fazendo.

Uma estranha calma desceu sobre Elena. Não tinham falado sobre isto, mas sempre soube que estava sobre a mesa. — Tem que conseguir aproximar-se — disse, inclusive enquanto, por embaixo de calma, o horror, arranhava seu caminho através de sua alma.

Um assentimento.

— Se consigo me aproximar o suficiente para agarrar qualquer parte dela, posso soltar até a última faísca do fogo de anjo e fogo selvagem dentro de mim. Se um único fragmento chega a seu coração, não acho que sequer Lijuan possa sobreviver a ele.

Todas essas palavras, mas falava sobre queimar a si mesmo.

— Vou contigo. — Pressionou os dedos contra os lábios de Raphael. — Tenho um pouco de fogo selvagem que fica dentro de mim, você disse, temos que dar o nosso melhor golpe.

Sua expressão era tranquila, estendeu-lhe os braços para sua força. Entrando neles, a cabeça de Elena sobre seu ombro e a asa de Raphael debaixo de seu corpo, se recostou em silêncio com seu arcanjo, e não teve medo da escuridão que aguardava. Fosse qual fosse a morte para ela, entraria com Raphael a seu lado.

Algo atingiu na Torre momentos mais tarde, arrebatando as janelas de sua suite e cobrindo com uma camada de estilhaços.



Uma hora mais tarde, e com o amanhecer a pelo menos sessenta minutos de distância, Raphael sabia que tinham que se mover. A Torre recebeu um

pesado dano estrutural apesar de seus esforços defensivos. Lijuan não tinha decolado, mas seus generais estavam todos recuperados e com sua força ao máximo, enquanto seus lutadores aéreos mais fortes - Illium, Aodhan, Jason - lutavam através da esgotadora fadiga para repelir as explosões.

Uma vez mais, Raphael teve que lutar contra seus instintos para sair aí afora, unir-se ao esforço. Se o fizesse, perderia a pouca força que tinha recuperado, e Lijuan não teria nenhum impedimento a seu próximo ataque. Como o foi...

— Naasir. — Levantou a cabeça inesperadamente quando o vampiro entrou correndo na sala de guerra, sangrando por uma ferida enorme em seu rosto.

Elena rasgou um pacote esterilizado dos suprimentos de primeiros socorros e apertou a bandagem de algodão grossa no rosto do vampiro para absorver o sangue. Sem afastá-la, disse a Raphael o quão ferido estava, Naasir caiu de joelhos, Elena junto a ele, mas os olhos de prata do vampiro se encontravam travados em Raphael.

— Lijuan está absorvendo poder — disse. — Todas suas lesões estão curadas e agora trabalha para recarregar-se com energia. Ao amanhecer, será tão poderosa como quando começou a batalha.

— Como? — Perguntou Raphael, enquanto Elena tirava a bandagem para expor um talho cru, um pedaço de pele caía sobre a bochecha de Naasir, osso e músculo expostos.

À medida que ela pegava os pequenos curativos que manteriam a carne em seu lugar enquanto Naasir sarava, o vampiro falou do horror.

— Converteu-se verdadeiramente em um Arcanjo da Morte. A vi cortar a garganta de um de seus lutadores, até o ponto da quase decapitação, depois empurrou sua cara dentro do corte sangrando e pareceu se alimentar.

— Porque não podia fazer nada mais horripilante. — Elena seguiu juntando a carne de Naasir, e foi só quando empurrou um pouco o vampiro para a frente que Raphael se deu conta de que a espinha dorsal de Naasir quase estava cortada

em duas. O fato de que o vampiro fosse capaz de correr, muito mais de se pôr de pé, denunciou sua força.

Agora, ele deu um sorriso selvagem, claramente divertido pelas palavras de Elena.

— Leva vinte minutos pelo menos para drenar a vida de um dos seus. O lutador que vi era uma casca mumificada quando terminou; isso foi quando se transladou ao seguinte voluntário, sua cara uma máscara de sangue. — Gemeu sem prévio aviso, os olhos relampejantes.

— Sinto muito — Elena continuou trabalhando em suas costas. — Preciso juntar a carne ou sua coluna estará exposta ao ar e isso demorará mais tempo para curar. — Não parando sua tarefa apesar do constante rosnado baixo, os dedos de Naasir em garras, disse. — Assim é como ela tem estado consertando seus generais.

Raphael assentiu, considerando por que Lijuan não fez isto antes. Provavelmente porque, também, era um poder limitado, algo que só podia fazer uma vez dentro de um verdadeiro período. Não é que importasse, já que o fato era que não podia esperar derrotar uma Lijuan com força completa no combate comum, não depois que o tinha levado até um limite desgastado.

Pondo-se de pé, suas costas mantendo-se unida por bandagens maiores que trabalhavam da mesma forma que os curativos em seu rosto, Naasir girou para oferecer uma mão a Elena. Ela a tomou e ele a levantou. Depois, agarrando-a ao redor da cintura, levantou-a e levou sua cara assustada cerca da própria.

Raphael?

Ele não vai te machucar.

Elena chiou, quando Naasir lhe mordeu agudamente no queixo. — Decidi que não te vou comer — disse, pondo-a sobre seus pés antes de voltar-se para Raphael. — As forças de Lijuan pressionaram às nossas durante as horas da noite, mas a maioria descansou. Eles começarão uma grande ofensiva com o amanhecer.

— Obrigado, Naasir. Vá e alimente-se, nos moveremos muito cedo contra o inimigo. — Não podia ser dar ao luxo de dar a Lijuan qualquer tempo extra para saciar-se com poder.

O vampiro saiu com uma brusca inclinação de cabeça para ele, e um sorriso e um inesperado ranger de dentes para Elena. Vendo a expressão de seu rosto, Raphael quase sorriu. Naasir, sem dúvida, a fascinaria e confundiria por algum tempo ainda, mas sua Consorte não veria o final deste dia se iam deter um monstro.

— É o momento, Elena.

Se tinham sucesso em seu ato final, as forças de Lijuan ainda superariam em número às da Torre, mas as pessoas de Raphael eram inteligente e pensavam por si mesma, enquanto os de Lijuan estavam atados a ela. Se Raphael e Elena tiravam-na da equação, não só seus generais perderiam seu poder, toda a estrutura de comando do inimigo se desmoronaria. Tinha toda a fé em que os membros de seus Sete utilizariam essa fratura para aguentar e conseguir a vitória.

— Já não podemos esperar mais. — E não era só Nova York na aposta, a luta tinha estourado no Refúgio na última hora, e Raphael sabia que se passasse o que passasse em sua cidade, poria fim à batalha no Refúgio, de uma ou outra maneira.

Um cenho franzido, os olhos de Elena indo a sua tempora.

— Está esfregando a marca.

Deixando cair a mão, Raphael olhou-a fixamente.

— Não me dei conta.

— Dói? — A roçou delicadamente com os dedos.

— Não, mas pulsa. — Como uma batida do coração. — Essa pulsação aumentou em intensidade durante as últimas horas. — Sacudindo a cabeça, envolveu o rosto de Elena, um corte embaixo de seu olho e através de uma de

suas bochechas, seus braços portando inúmeras marcas da explosão das janelas e brigas de mais cedo. Seu corpo, também, estava quase no limite, sua capacidade de curar lenta.

— Não gosto que tuas cores estejam ocultas. — Ela tinha encontrado uma tintura marrom, usando em seu cabelo e asas em uma tentativa de evitar que Lijuan se desse conta imediatamente quem era que voava junto a Raphael.

— Vai sair com algumas lavadas. Farei isso depois que nos encarreguemos de Lijuan. — Nada menos que uma total confiança em seu tom, embora ambos sabiam que cedo poderiam compartilhar seu beijo final. — *Knhebek*, Raphael.

— Você é meu coração. — O âmbar no anel que ela lhe deu brilhou puro e formoso, enquanto tomou sua boca, apaixonado e com um coração tão brilhante como sua guerreira.



Vinte minutos mais tarde, Raphael pôs-se de pé sobre a destruída varanda, mas ainda o sustentando, fora da sala de guerra e encontrou os olhos de Illium e Jason, Elena a seu lado. Os dois anjos fariam a interferência com a esperança de que Lijuan não desse conta da intenção de Raphael até que fosse demasiado tarde, ambos bem poderiam perder suas vidas.

— Seja qual for o preço que paguemos neste dia — disse, — qualquer que seja o resultado, sei que me sinto orgulhoso de ter tido sua lealdade. — No plano mental, assegurou-se de que sua mensagem chegasse a Aodhan e Dmitri, quem inclusive agora observava suas costas, e Naasir, que lutava no chão. Os outros se assegurariam que suas palavras fossem passadas a Galen e Venon, os dois travados em batalha enquanto a paz do Refúgio era atingida com violência. — É um ponto de grande honra em minha vida.

Ambos inclinaram suas cabeças, mas foi Jason quem falou. — A honra é, e sempre será, nossa — disse, enquanto Aodhan desviava outra fúria de golpes dirigidos à Torre. Um conseguiu passar, a varanda estremecendo.

Os quatro instintivamente ajustaram sua postura para manter-se de pé.

— Conseguiu ver Mahiya? — Perguntou Elena a seu chefe de espões, e era a pergunta de uma Consorte.

O rosto de Jason não traiu nenhuma de suas emoções quando inclinou a cabeça, qualquer coisa que foi compartilhada entre ele e sua princesa, que trabalhou na enfermaria em toda a luta, era um assunto privado. Raphael esperava que esta não fosse a última conversa que os dois alguma vez teriam, já que Jason tinha ganhado sua felicidade. Para que a roubassem, um curto momento após a encontrá-la, seria uma grande injustiça; mas como todos tinham aprendido nos dias anteriores, às vezes o bem não prevalece, o mal triunfa.

Hoje, fariam uma última coisa para mudar isso, mudar o rumo. Os lutadores comuns encontravam-se prontos para iniciar o ataque no instante em que eles decolassem, obrigando às forças de Lijuan a mover-se antes de estarem preparados. Lança-mísseis seriam utilizados para eliminar aos grupos de anjos inimigos, seus lutadores alados restantes instruídos para fazer tudo em seu poder para criar esses grupos, ao juntar ao inimigo.

Esses lutadores compreenderam que era provável que eles, também, morressem nas explosões.

— Se levo cinco deles comigo — Um de seus comandantes tinha dito, — vai ser um sacrifício bem feito.

Voltando-se para Elena, seu absoluto orgulho de seu povo e a marca em sua tempôra pulsando tão forte que parecia impossível que ninguém mais pudesse ver o movimento, disse.

— Pronta, *hbeebti*?

Elena prendeu uma flecha dentro de sua balestra.

— Vamos matar essa cadela assassina.

Sacudindo suas asas sobre seu voto, Raphael, Elena, e seus homens estavam a ponto de sair voando através do bombardeio que continuava sacudindo a Torre, quando um anjo ensanguentado chegou em uma aterrissagem de emergência em frente a Raphael, salpicando com seu sangue a delgada camada de neve. Uma flecha de balestra estava presa em seu estômago.

— Azar. — Raphael ajoelhou-se junto ao explorador avançado, Jason junto a ele, enquanto Illium decolou para ajudar a Aodhan a desviar os golpes agora dirigidos a varanda em que se encontravam.

— O que está fazendo aqui? — Perguntou Jason ao anjo caído. — Estava estacionado nas margens da cidade.

Agarrando a mão de Jason enquanto Elena chamava aos médicos, a boca de Azar borbulhou com sangue, o fluído carmesim contra sua brilhante pele negra na luz apagada do tempo antes do amanhecer.

— Não podia chegar através das linhas de comunicação, Sire. E tinha que saber.

Raphael ligou com a mente do explorador para fazer a comunicação mais fácil. Enquanto Raphael estava sempre aberto a seus Sete, Azar não seria capaz de iniciar tal contato, especialmente à distância.

O que tem que informar?

Outra força de ataque, disse o esbelto anjo, seus olhos de cor verde escuro com dor, porque ainda que os anjos pudessem curar muitas feridas, essas feridas não doíam menos. No horizonte, talvez uns cinco minutos trás de mim. Sai logo que os vi, mas são tão rápidos — uma avaliação perigosa a partir de um explorador conhecido por sua extraordinária velocidade — me ganhavam em terreno a cada bater de asas.

Raphael olhou à devastada cidade ao seu redor, as paredes destruídas da Torre e as janelas estilhaçadas, considerando o número de lutadores aleijados ou mortos, e soube que seu povo simplesmente não poderia sobreviver contra outra

força fresca, não importa o quão enorme fossem seus corações. *Números estimados?*

Centenas, Sire. Voavam na formação de combate mais perfeita que já pude ver.

CAPITULO 44

Entregando Azar aos curanderos, Raphael compartilhou a informação pela que o explorador tinha voado através do fogo inimigo para entregar.

— Vamos agora e fazemos tanto dano como seja possível para dar a nosso povo uma oportunidade — disse, enquanto a compreensão formava uma camada de gelo na expressão sombria de Dmitri, seu segundo saía sobre a varanda.

Illium, de volta com eles, amaldiçoou por baixo de sua respiração, junto a um silencioso e estóico Jason.

A expressão de Elena merecia um estudo sobre a fúria, e isso lhe deu vontades de sorrir, inclusive neste momento, porque ela era uma mulher que qualquer homem estaria orgulhoso de ter a seu lado na véspera da maior batalha de sua vida.

— Avise aos nossos — disse a Dmitri, — e diga-lhes que se aproxima um momento quando não tenham nenhuma esperança de vitória, não me desonrarão por escolher se retirar ou se render. Com Lijuan fora do mundo, não terão que servir baixo o mau.

Os olhos de Dmitri mantiveram os seus.

Os deixarei saber, mas nunca vou servir a ninguém, exceto a ti.

Sei-o, velho amigo. Se fosse minha escolha, não deixaria minha cidade nem meu território a nenhum outro anjo, senão a meu segundo.

Voa forte, Raphael.

Luta bem, Dmitri.

Suas asas sacudiram-se, voou da Torre com Elena, Illium, e Jason, os quatro indo diretamente ao coração da operação de Lijuan, esperando pegá-la desprevenida. Flechas de balestra encheram o ar tão logo que estiveram ao alcance. Jason e Illium eram o bastante rápido para as evitar; Elena não era, mas era muito boa disparando suas próprias flechas em vôo, atingindo certamente dois entre os olhos. Os atiradores rapidamente se tornaram cuidadosos dando-lhe sua posição.

Acabavam de cruzar a fronteira que dividia sua linha de perímetro de ataque da frente inimiga, a marca pulsando quente e urgente baixo sua pele, quando Raphael viu a onda de cinza escuro no descolorido horizonte, a linha se movendo para rodear o palco de batalha por completo.

Cuidado!

Girando ante a advertência de Illium, mal evitou a saraivada de lâminas que era o poder de Lijuan, enquanto Elena, Illium, e Jason, enfrentaram os lutadores inimigos que tentavam atingir as asas de Raphael. Tendo-se materializado acima dele, a Arcanjo da China tentava destroçar com seu fogo venenoso.

Represando o último fogo selvagem dentro dele para a superfície e arrastando o fogo que vivia em Elena, também, bloqueou o próximo bombardeio de Lijuan com fogo de anjo comum e, ignorando as flechas da balestra que caíram com um ruído surdo em seu ombro, voou para acima, seu objetivo fazer contato físico.

Exceto que ela se desmaterializou e sem aviso, sua força se renovou. E quando se rematerializou à esquerda, deu um jeito de arranhar com um chicote de veneno negro. A dor viciosa apunhalou sua carne enquanto o fogo selvagem dentro dele buscava cauterizar a ferida e bloqueou a cura; não podia se dar ao luxo de perder o último resquício do mesmo, da única coisa que poderia ferir Lijuan.

Deixando-se cair a seu lado com um sorriso de regozijo, olhos vermelhos virulentos, Lijuan disse.

— Te dou uma última oportunidade para render-se, Raphael. — Seu rosto, uma máscara esquelética. — Não tenho a intenção de te matar, já não. — Assegurou-se de não estar ao alcance da mão. — Vais ser muito, bem mais útil para mim de outras maneiras.

Raphael pensou nos cadáveres dissecados que se encontravam em seu território, do combatente que Naasir viu, e sabia que Lijuan queria se alimentar de um arcanjo.

— Uma oferta muito generosa — disse em voz alta, enquanto sua mente alcançava a de Dmitri.

Deve assegurar-se de que o resto do Cadre saiba que Lijuan busca se alimentar não só de anjos, mas também de arcanjos.

Me assegurarei de que a mensagem chegue, veio a resposta imediata. Sire, a nova força de ataque chegou e vai bombardear a Torre em matéria de minutos se não fazemos algo para os parar. Autorizei o uso de qualquer e todas as arma ao nosso dispor.

Raphael ouviu o tiroteio e foguetes retumbando nos calcanhares dessa declaração e soube que seus exaustos e feridos vampiros, e os caçadores, disparavam ao inimigo, enquanto seus anjos, alguns com membros quebrados, todos com lesões, encheram o céu. Mas tinha muito poucos deles, e demasiados dos estranhos anjos de asas cinzas que motorizavam o novo ataque de Lijuan.

— Em que te converteste — disse a ela, incapaz de imaginar como poderia ter criado este novo exército, silencioso e letal, sem que ninguém no Cadre soubesse a verdade.

Um sorriso terrível.

— O epítome de nossa evolução.

Esse nível de poder não podia permanecer nas mãos de um pesadelo.

A tocou com o fogo de anjo sem avisar, desejando que achasse que sua intenção era outra batalha ordinária. Desviando os golpes com uma chuva de navalhas negras que ele conteve por pura força de vontade, ela voltou a sorrir.

— Acorrentarei você em minha corte, me alimentando de ti por anos. Será o exemplo que trará aos outros no Cadre de joelhos. — Seu escudo rompeu-se, as navalhas fazendo rasgos em seu rosto.

Raphael!

Entendeu-se buscando a Elena não só com sua mente, senão que com sua mão, Jason e Illium abrindo um caminho para que ela pudesse chegar a seu lado.

Isto doerá, hbeebti, disse, quando a louca arcanjo levantou as mãos de novo.

Nada dói quando estou com você.

Espremendo sua mão, enviou uma ordem a todas suas tropas nas imediações a sair da zona da explosão. Se as forças de Lijuan os vissem como covardes em retirada e dirigiam sua atenção para ele, Elena, Illium, e Jason, então melhor. Tomaria tantos deles consigo como pudesse.

Encontrou o olhar fixo de Lijuan antes de que ela atingisse de novo, e lhe disse.

— Alimente-se.

Ela congelou, sem ocultar sua surpresa.

— Não vou lutar se me dá sua palavra de que parará suas tropas até que se ponha o sol neste dia. — Tudo o que precisava era um ponto de contato único e poderia acender a pequena quantidade de fogo de anjo combinado com fogo selvagem que sobrava dentro dele, com a esperança de enviar a Lijuan ao inferno a onde pertencia.

Nos vemos do outro lado, Arcanjo.

Uma calma total desceu sobre ele com as palavras de Elena, e disse.

— Minha Consorte também fica. — Sabendo que era um chamariz que Lijuan não podia resistir. Ela cobiçava as asas de Elena para a macabra coleção de anjos fincados nas paredes do espaço refrigerado que era seu museu da morte. — Baixe a vista.

Os dentes de Lijuan brilharam em um sorriso satisfeito enquanto dava-se conta cuja mão sustentava entre as suas.

— Estarei de acordo — disse, com um brilho nos olhos, — se me dá a sua Consorte primeiro. Quero romper-lhe o pescoço, fazer dela um formoso cadáver.

Sua raiva violenta, sentiu a asa de Elena roçar a sua enquanto voava para acima. *Contato, Raphael. Isso é tudo o que precisa, verdade? Use-me como uma condutora.*

Não! Quis gritar quando a mão de Lijuan apertou o pulso de Elena, ao mesmo tempo que a sua própria se fechava ao redor de seu tornozelo.

Perdoe-me, Elena.

Estarei esperando por você.

Negando-se a permitir que Elena morresse nas mãos de Lijuan, alcançou as faíscas da chama dentro de si mesmo e de sua Consorte, pronto para acender a ambos, quando algo cinza escuro se precipitou em Elena, o suficientemente duro para romper o agarre de Lijuan.

No mesmo instante, mil setas de balestra retumbaram no corpo de Lijuan.

Suas asas enredadas com as de Elena enquanto caía nele, lhe tomou vários segundos para Raphael reduzir a velocidade, e quando levantou a vista, foi para ver a uma muito sangrante Lijuan tirando flecha depois de flecha de anjos de asas cinzas, enquanto outros dos de cinza contra-atacavam ao inimigo um a um.

Raphael não perdeu o tempo se perguntando qual inesperado aliado tinha enviado essa estranha força.

Ataquem!

Ordenou a seus próprios lutadores, e tomou a decisão de utilizar uma pequena quantidade de fogo selvagem para neutralizar o veneno que Lijuan jogou sobre ele, já que era agora mais útil vivo para seu povo.

Nenhuma misericórdia!

Um sorriso selvagem em seu rosto, Elena levantou a balestra que nunca deixou cair, um pulso cercado de contusões sangrentas do agarre de Lijuan.

Temos que adorar fodidamente a quem demônios enviou esses garotos de cinza.

A visão de sua ferida fez com que a fria raiva nele flamejasse em um brilho gelado.

Primeiro, disse, focando em Lijuan, preciso tirar o lixo.

Um arcanjo não podia ser assassinado por balestras, mas com as flechas fazendo um ruído surdo no corpo de Lijuan tão rápido como os recebia, estava distraída, suas energias canalizadas para a cura de si mesma. Seus ossos faciais apareciam e desapareciam bem como sua pele desvanecia-se e voltava a aparecer, mas quando não alterou para sua forma incorpórea, se deu conta de que qualquer poder que ganhou drenando a vida de outros, não era suficiente para lhe permitir a transição sob este tipo de ataque sangrento.

Envolvendo uma mão ao redor de seu tornozelo enquanto estava distraída, enviou-lhe toda sua energia restante, o poder tocado com a vida que era Elena, diretamente através de seu braço e em seus ossos. Seu grito estilhaçou o céu, a parte inferior de seu corpo explodindo em um flash cegados de luz, seu torso desmoronando.

Está morta a bruxa malvada?

Não tenho certeza. Quase pensou que viu sua transição a sua outra forma no absoluto último instante. *Mas inclusive se ela sobrevive à explosão, será com lesões extremas.* Seu corpo se foi. Isto levaria meses para crescer, e enquanto Lijuan tratou de lhes fazer achar que não precisava da carne, esta batalha mostrou que precisava muitíssimo.

Inclusive se pudesse alimentar-se de outros para acelerar a cura, a forma em que abriu a boca quando atirava mais perto a Elena, disse a Raphael que precisava de sua forma física para se alimentar. E ele viu sua cabeça estourar como uma abóbora a medida que flecha depois de flecha paravam em um ruído surdo nela nessa fração de segundo enquanto gritava. As cinzas eram lutadores sem piedade, mas agora mesmo se encontravam no lado de Nova York.

E era tempo que ele e os seus reclamassem sua cidade.

A habilidade de seu corpo para armazenar o poder estava esgotada até o ponto de não existência, de forma que agarrou a espada que Illium jogou para ele e entrou na briga, seu grito de guerra fez eco por cada um de seus homens e mulheres.

Não soube quanto tempo lutaram, mas sempre foi consciente de Elena e aqueles de seus Sete que lutaram com ele. Dmitri, tendo a frente uma nova tentativa de assalto à Torre, sua vista muito melhor que aqueles no grosso da batalha, enviando atualizações estratégicas contínuas que Raphael utilizava para dirigir a seus homens e mulheres, de maneira que atuavam como uma unidade sem problemas. Não se deu conta quão longe tinham empurrado as forças de Lijuan até que atingiram o Atlântico, os combates sendo trasladado desde Manhattan e para além de Nova York quando o sol se elevava mais e mais alto no céu.

Dez segundos mais tarde, o instante após que atingiu a cabeça de um general inimigo surtindo uma mancha vermelha que enviou o corpo dentro da água desde onde sua gente, sem dúvida, o recuperaria, já que era demasiado velho para morrer por decapitação, sentiu o toque da mente de Jason na sua.

Sire, estão levantando a bandeira de rendição

Imediatamente elevando-se acima do resto de sua força, Raphael confirmou o avistamento de Jason, e depois elevou a espada acima de sua cabeça em uma linha vertical. A mensagem levou meio minuto para chegar através da luta furiosa, mas um por um, seu povo conteve seus golpes, permitindo ao inimigo se retirar.

— Somente deixamos eles irem? — Perguntou Elena, chegando a seu lado.
— Sêrio?

Raphael não a culpava por sua irritadiça incredulidade, sua própria fúria fria, mas não menos mortal.

— É parte das regras de combate.

— Mas eles nos teriam matado. — Era quase um rosnado, seu corpo respingado de sangue e maltratado, movida pela necessidade de perseguir e capturar àqueles que tinham machucado às pessoas que eram suas.

— Se minhas forças tivessem se rendido, os lutadores inimigos não os teriam tocado, com a condição que não levantassem as armas contra Lijuan. — Se a mesma Lijuan depois utilizasse a seu povo para suas comidas era outra questão, mas ele não era Lijuan, para cometer uma violação tão feia das regras de sua gente.

Contatando a Dmitri e Naasir, disse.

Conduzam às tropas sobrevivientes de vampiros até o berço e encontrem-lhes um barco. Assegurem-se que tenham sangue suficiente para sobreviver a viagem, fora de minhas águas. Depois disso, se tornavam responsáveis de seus próprios comandantes, e enquanto Raphael não achava que Lijuan já tivesse muita honra, pensou que talvez seus comandantes velhos tinham suficiente para não abandonar aos seus.

— Sigo pensando que isto fede. — Elena empurrou uma mecha de cabelo fora de sua cara manchada de suor, a cor marrom tão ruim, que Raphael sabia que teria que lavar na primeira oportunidade. — Não acho que a insana, que intitulava a si mesma um arcanjo, obedecesse as regras.

— Ela está além da honra e a loucura, uma criatura de verdadeira maldade.

Um suspiro, sua Consorte furiosa, não obstante baixou a balestra.

— E você não o é. — Franzindo o cenho, ela continuou observando ao inimigo. — Bem, bem, vamos ser civilizados e os deixaremos se retirar, mas maldito seja, não gosto disto. Vão estar de volta tão logo Lijuan tenha se recuperado, porque seria simplesmente demasiada boa sorte se a Rainha dos Zumbis estivesse realmente morta.

Disso, Raphael não tinha nenhuma dúvida.

— As regras de confronto começaram há muito tempo, após guerras arcangélicas que ninguém lembra — disse a Elena, e foi também um lembrete para si mesmo de por que eram necessárias tais regras. — As guerras, depois de tudo, são entre os arcanjos, ainda que sejam os anjos e vampiros por baixo de nós quem resultam mortos.

Tal como esperava, o general que tinha decapitado foi recuperado, enquanto inúmeros vampiros e lutadores angelicais comuns, flutuavam sobre a água ou estendidos quebrados e ensanguentados através da cidade, suas vidas terminadas.

— Naquelas guerras, diz-se que dizimamos cerca de oitenta por cento de nossa população. Só os arcanjos e os não lutadores sobreviveram e nem uma pessoa nunca esqueceu o sangue que manchou as mãos da Cátedra nesse momento.

— Está bem — sussurrou Elena, horror em sua expressão. — Está bem, agora entendo.

— O esquadrão de Jason os escoltará fora de nossas águas territoriais — disse, roçando sua asa sobre a dela. — Agora devemos tratar com esta outra força estranha, averiguar seu preço pela ajuda neste dia.

Giraram como uma unidade para fazer frente à cidade.

CAPITULO 45

Após aterrissar nos tetos tão longe como chegava a vista, os de cinzas se sentaram agachados como gárgolas vivas, suas asas arqueadas mudando radicalmente a paisagem. Os pássaros posavam sobre os ombros e os corpos da maioria, silenciosos e vigilantes.

— Alguma vez viu algo como isto? — Perguntou Elena a Raphael, tentando dar algo de sentido ao que via, mas falhando.

Pelo que presenciou na batalha enquanto os anjos cinzas brigaram junto a ela, não tinha cor neles, olhos cinzas, suave pele pálida, cabelo cinza, asas cinzas. Embora fossem humanóides, tinham rostos com feições finas e ossos fortes de imortais. No entanto, suas asas não tinham plumas, em vez disso eram de uma textura de couro que lembrava às asas dos morcegos. A forma dessas asas, também era similar às criaturas noturnas.

— Não — disse Raphael após um longo silêncio, enquanto as nuvens cor de chumbo passavam pelo céu para deixar cair uma cortina de neve na cidade, o sol ocultando-se para envolver o mundo na escuridão.

Criava o fundo perfeito para os estranhos anjos que se penduravam por toda Nova York.

— Esses cinzas são um enigma. — Os olhos de um violento azul analisaram a cena misteriosa, todo mundo tão silencioso que parecia impossível que esta fosse uma cidade de inumeráveis almas. — Vem.

Os anjos cinzas não os pararam enquanto voaram de volta através da neve para a Torre, Illium a seu lado. Parando na varanda da Torre, Elena tomou seu lugar junto a Raphael, seus olhos postos em Manhattan. Dmitri flanqueando-o

em silêncio enquanto Illium atuava como uma sentinela alada. Naasir, notou ela, tinha que estar controlando os vampiros inimigos que seguiam na cidade.

Dá um passo adiante comigo, Elena.

Adivinhando que esse era algum tipo de protocolo angelical, o fez sem discutir e um dos cinzas voou para eles desde um edifício próximo. Alto, de ombros largos, suas asas movendo-se suavemente na neve e o cabelo roçando sua nuca, Elena não poderia tê-lo reconhecido entre os demais. Era como se todos saíssem da mesma forma, um depois do outro.

Aterrissando justo em frente a eles, colocou sua espada horizontalmente em frente a seu corpo e caiu sobre um joelho, com a cabeça inclinada.

Elena mordeu o lábio com força para reprimir um grito afogado.

A marca em sua nuca, disse, os olhos fixos nas linhas negras descobertas enquanto o cabelo grisáceo do homem caía para o lado, *é um reflexo da tua.*

— Sire — disse o guerreiro desconhecido no mesmo instante, — viemos como pediu.

A resposta de Raphael foi acompanhada por um vento gelado que se estendeu pela cidade em um silêncio sepulcral.

— Ninguém que lutou de um modo tão valente deve se ajoelhar.

O anjo cinza pôs-se de pé ante as palavras de Raphael. De perto, Elena viu que sua íris não era em realidade cinza, eram tão pálidos que mal eram distinguíveis da parte branca, exceto pelos pequenos pontos negros em suas pupilas. Isso deveria lhe lembrar Lijuan, mas não o fazia, porque enquanto os olhos de Lijuan traziam morte e uma maldade putrefata, o ser que via através desses olhos pálidos eram quase de um alvo cinzento. Como se não decidisse ainda quem seria.

— Chamou-me de Sire. — A asa de Raphael era pesada contra a dela enquanto permaneciam um ao lado de outro, seus corpos alinhados em baixo da

neve caindo como um frio beijo de boas-vindas sobre as feridas em seus corpos.
— Diga-me a razão.

— Escutamos sua voz em nosso Sonho. — Foi uma declaração plana, monótona. — Ouvimos só a voz do Sire ou de sua Consorte. — Seus olhos fincaram-se nos de Elena.

— Elena — disse com a garganta seca, obrigando a lembrar que essa criatura mortal era um amigo, não um inimigo. — Pode chamar-me Elena.

Ele a olhou como se falasse em um idioma estranho.

— É a Consorte.

Bem, Arcanjo, acho que vão mais na tua velocidade que à minha.

Não estou seguro de que estes cinzas vão à velocidade de qualquer um.

— Como se chamam a vocês mesmos?

— Nós — um silêncio absoluto, o vento congelando-se, — somos a Legião.

Elena sentiu seu estômago cair, como se acabasse de saber algo terrível.



A Legião.

Raphael tinha escutado aquelas palavras antes, faz muito, muito tempo.

Eles são, disse a Elena, a ameaça que se utilizava para assustar às crianças anjos que se portavam mau.

Vá dormir ou a Legião virá te buscar? Como o homem do saco?

Exatamente. Exceto que ao que parece nosso homem do saco é real.

— Foram-se do mundo durante eras.

— Sim.

Raphael, olha seus olhos. Começam a ter cor. E seu cabelo...

Fazendo o que Elena disse, Raphael viu que a cinza em realidade já não era tão cinza. Seu cabelo escurecia a negro e sua íris agora possuíam uma borda fina de cor azul, o mesmo azul dos olhos de Raphael.

— Agora são minha Legião. — Não era uma pergunta, a marca em seu rosto vibrou em silêncio, provando que dizia a verdade, também que a Legião esperava suas ordens. — Sua primeira tarefa é assistir a minhas tropas para assegurar a cidade e arranjar os danos na Torre.

Um assentir silencioso, suas asas dobraram-se com opressão militar.

— Sire.

— É seu líder. Preciso de um nome para você.

Uma pausa.

— Não sou o primeiro — expressou finalmente, — mas é o que sou agora. O Primary⁹.

— Correto — disse Raphael, aceitando o que parecia ser uma categoria em vez de um nome. Fazia-se evidente que a Legião não era de jeito nenhum um grupo de anjos comuns, se é que eram anjos, formando um esquadrão. — Diga à Legião que devem obedecer às ordens de Dmitri e Illium como se fossem minhas ou de minha Consorte. — Assinalou aos dois homens. — Farei com que conheça ao resto de meus Sete quando regressem de suas tarefas.

— A Legião escutou e entedeu.

— Estimo quinhentos em teu esquadrão. Isso é correto?

— Quinhentos acordaram na chamada urgente de nosso Sire. Duzentos e setenta e sete precisam mais tempo. Chegarão quando seus corações comecem a bater suficientemente rápido para voar.

⁹ O primeiro, ou o principal

Setecentos setenta e sete guerreiros que funcionavam como uma só unidade coesa e aparentemente incansável, sua destreza letal e capacidade de cura sem precedentes. Viu um guerreiro da Legião ser decapitado, só para se recuperar em matéria de minutos, de sua cabeça cresceu um novo corpo enquanto o velho se desintegrava em pó.

Era um exército ao qual nenhum arcanjo desejaria enfrentar.

— Precisaremos de um alojamento para a Legião — disse Raphael a Dmitri.

— Sire. — Foi uma silenciosa interrupção do Primary, e quando Raphael assentiu para ele para que falasse, o homem disse. — Não dormimos, exceto quando é tempo de deixar o mundo.

— Comem? — Perguntou Dmitri. — Precisam de água?

Outra pausa, semelhante à dos outros anjos mais idosos que buscavam entre suas lembranças uma resposta perdida.

— Sim — uma leve sensação de surpresa em sua voz, — quando estamos acordados precisamos de alimento, mas podemos lutar por muitos dias sem sustento ou descanso.

Elaborarei a logística, disse Dmitri de mente a mente. — Embora não precisem um local para dormir — disse em voz alta, suas palavras diretamente ao Primary, — devem ter um local onde teus homens e mulheres possam estar... — Franziu o cenho. — Não vejo a nenhuma mulher.

— Somos a Legião. — Foi a resposta incompreensível.

Arqueando uma sobancelha, Dmitri continuou. — Precisaré um local onde seus homens possam estar reunidos pelo menos.

— Sim — disse o Primary após outra pausa, sua mente parecia ainda não se libertar das amarras do longo sono. — Nós não... não funcionamos bem se nos isolamos do grupo logo depois de acordar.

— Há dois armazéns um ao lado do outro não muito longe da Torre — disse Dmitri. — Utilizamos normalmente como depósitos, mas podemos limpar para os

alojar temporariamente se... — um olhar ao Primary, — se não lhes incomoda um ambiente muito básico. Não são mais que grandes habitações com quatro paredes e um teto.

— Não, isso estará bem.

Raphael sabia que os depósitos só poderiam ser uma solução a curto prazo. Inclusive com os membros da Legião entrando e saindo, o espaço não foi desenhado para abrigar mais de setecentos seres alados.

— Agora que estão acordados — disse ao Primary, — quanto tempo planejam permanecer desta maneira?

— Até que chegue a hora do Sono de novo.

Bem, é o ganhador do prêmio de afirmações mais enigmáticas.

Reprimindo um sorriso pela seca afirmação de Elena, Raphael indicou.

— Vamos construir um espaço adequado a suas necessidades após os reparos da cidade e a Torre. — Raphael era dono de um grande terreno de Manhattan, bem mais grande do que as pessoas achavam, e fazia sentido ter esta força ao redor da Torre. — Entretanto, são bem-vindos à Torre. São minha gente agora.

EPÍLOGO

A tristeza foi o motor da cidade nos cinco dias seguintes após a guerra, enquanto observavam ataúdes depois de ataúdes cobertos de flores partir ao Refúgio e enterravam aos caçadores e vampiros que tinham caído. Elena odiava os funerais - não era difícil saber porque - mas assistiu a todos e cada um, como o fez a cada guerreiro que sobreviveu e que não estava confinado a uma cama curando. Isto doía.

A melhor homenagem que podemos fazer aos caídos é trazer nossa cidade à vida, até que as crianças brinquem nos parques e os amantes caminhem pelas ruas enquanto os anjos se elevam pelos arranha-céus e os familiares compartilhem o beijo da vida sem medos. Não devemos esquecer que morreram para nos proteger.

Essas foram as palavras de um Aodhan gravemente ferido no funeral de um vampiro comandante que considerava um amigo, e palavras que todos tomaram de coração. Nas passadas quarenta e oito horas, a reconstrução da cidade tinha avançado intensamente, e embora ainda houvesse um longo caminho para voltar à normalidade, Elena sabia que levaria tempo para as feridas emocionais e físicas sarassem.

Ela foi afortunada, teve tanta fodida sorte de que todos seus amigos próximos conseguissem sair com vida, aqui e no Refúgio, a briga teve fim no instante que se soube da derrota de Lijuan. Dos feridos, Ransom e Ashwini eram os piores, mas ambos estavam bem. Ransom recebeu uma flecha de balestra na perna na batalha final e seu fêmur fraturou, enquanto Ashwini acabou bastante mal com uma espada atravessando-lhe o peito. A mulher agora tinha o record da Sociedade para a maior ferida com pontos de sutura em uma só sessão e tentava evitar responder à pergunta que cada caçador queria saber a resposta.

Se ela e Janvier não estavam juntos, então que fazia brincando de enfermeiro (ow baby, que sexy!) em seu apartamento, hmm?

A enorme curiosidade de perguntar sobre a relação entre Ash e Janvier era dura de resistir, mas a conexão entre o estóico homem e a mulher da Sociedade era uma saída emocional muito necessária, e se as piadas passavam a conversas mais solenes, seria bom também. Dia-a-dia, hora a hora, todos tinham encontrado uma maneira de lidar. Para Elena isso significava uma visita a Eve e Beth, um longo e forte abraço em Zoe, uma video-chamada com Sam, e uma visita matutina ao hospital para cumprir com sua promessa à pequena criança que queria voar.

Hoje, encontrava-se de pé em um edifício cruzando a Torre com seu arcanjo, se reuniram ali para ter uma visão geral de como iam os reparos; ambos trabalhando com sua gente até agora.

— Frequentemente — tinha dito Raphael, — um arcanjo deve estar acima daqueles que governa, mas há momentos nos que deve estar ao lado deles.

Agora, se voltou para ela, sua roupa empoeirada pelo trabalho. — Astaad me contactou cedo. Uma vez que estejamos em posição de receber convidados, manifestou seu desejo de nos visitar.

Elena não tinha argumentos contra isso, já que o outro arcanjo fez um enorme favor a todo mundo. Tinham passado aproximadamente quinze minutos depois que regressaram à Torre após a retirada das tropas de Lijuan quando Raphael recebeu um muito educado telefonema do Arcanjo das Ilhas de Pacífico.

— Raphael — disse. — Desejava fazer você saber que destruí os aviões de carga que se dirigiam em sua direção. Não posso crer que Lijuan tentasse que suas criaturas imundas voassem por meu território.

Como imaginou, os compartimentos estavam abarrotados com os últimos horríveis renascidos que Lijuan mantinha ocultos de todos.

— Diga que traga a Mele com ele — disse Elena, pensando em como começava a desfrutar de todo esse assunto de anfitriã se seguia chegando a ter

convidados dos que gostava. — Oh, provavelmente terá um telefonema oficial de Elijah, mas estava falando com Hannah e diz que têm desenterrado aos poucos renascidos que ainda ficavam em seu território.

— Bem. Nosso território está limpo também, e acho que falarei com Eli sobre estabelecer determinadas medidas para que isso não mude.

Elena assentiu e desfrutou do brilhante ar fresco de inverno enquanto o som dos carros aumentava lá embaixo. Deus, sentia-se como se sua cidade voltasse. Pode que um pouco maltratada, mas demônios se ninguém a mantê-la, e às pessoas que a chamavam lar - a salvo.

— Não posso acreditar que os reparos na Torre foram tão rápidos.

O sol de inverno criava essa ilusão de fogo branco através de suas asas que não estava segura de si era uma ilusão de todo, Raphael caminhou para a borda do edifício.

— É o símbolo de meu poder.

Como tal, pensou Elena, *nunca poderia parecer frágil*.

— Claro — agregou Raphael, — a Legião é uma força de trabalho extraordinária.

— Sim. — Sua Consorte aproximou-se dele, com os braços cruzados enquanto ela franzia o cenho ao ver dois guerreiros da Legião se dirigirem para a varanda da Torre. — Tem certeza de que não planejam secretamente tomar a cidade?

— Sim, posso senti-los por dentro. — Acariciando os nós dos dedos suavemente sobre o rosto dela, a pesada contusão que tinha se formado em sua mandíbula durante a luta final ainda estava se curando, disse. — Você também sente, minha desconfiada Consorte.

Elena descruzou os braços.

— É como uma pequena, mas constante pulsação na parte traseira de minha mente, que toma consciência que a Legião nos pertence. — Os olhos

prateados giraram para ele, o enfrentando solenemente. — Sei que se penso demasiado no Primary, aparecerá em frente a mim, pronto para receber ordens. E dado que mal estou começando a manipular este assunto de ser Consorte, não me sinto pronta para lutar com este tipo de poder. Isto é seu.

— Sim — disse, — isto é meu. — Elena não tinha experiência manipulando uma força como a Legião, e mais, não deveria ter. Já se encarregava de mais responsabilidades do que uma Consorte deveria em tão pouco tempo de imortalidade. — Mas espero que me dê o benefício de seus conselhos enquanto aprendo a lidar com meu novo exército.

Um tremor de seus lábios, sua asa deslizando sobre a dele em uma carícia silenciosa.

— Tente me calar. — Inclinando para ele, perguntou. — Por que você, porque nós? Sigo tentando responder isso em minha cabeça.

— Uma pergunta à qual o Primary poderia nos dar uma resposta — disse Raphael enquanto o líder da Legião aterrissava em frente a eles.

Os olhos do homem permaneciam translucidos a exceção desse anel de cor azul, um efeito estranhamente formoso, concordou a Consorte de Raphael. No entanto, seu cabelo tinha se tornado totalmente negro. Sua pele, também, já não era a sombra da morte, sim que resplandecia douradamente com saúde, e suas asas de couro se converteram a um cálido dourado exceto pela parte onde surgiam de suas costas.

Ali estavam de um negro que fazia eco com as asas de Elena, a cor desbotada em uma meia-noite azul, que depois desembocava em um dourado forte. A metamorfose do resto da Legião era lenta, mas não menos fascinante. Dia-a-dia, todos se enchiam de cor, e as cores eram as mesmas.

— Sire — disse agora Primary, — nos chama.

— Só a você. Os outros podem seguir como estão.

Um assentimento.

— Minha Consorte tem uma pergunta para você.

O Primary olhou a Elena sem pestanejar.

— Por que Raphael e eu? — Perguntou, sua apaixonada natureza inerente à intensidade de sua pergunta. — Por que não Eljam e Hannah? Eles são mais velhos, têm estado juntos mais tempo.

— Vocês são *aeclari*, e a Legião só pode servir a *aeclari*.

Arcanjo?

Não conheço esse termo, Elena.

— Conte-nos mais sobre *aeclari*.

— *Aeclari são vocês* — disse o Principal, como se isso tivesse perfeito sentido.

Acha que se atiro nele, realmente poderá responder uma pergunta?

Raphael lutou contra o riso.

Acho que devem ser feitas as perguntas corretas.

— Você está conectado ao poder que tenta me encher — disse, sua pele formigando com a consciência disso.

— Somos o depósito. Tentamos passá-lo ao Sire, mas o Sire não está pronto ainda.

Era tão claro como a resposta que podia desejar, os sussurros faziam sentido agora que tinha visto à Legião, entendido quão profundamente eles estavam vinculados o um ao outro, como se fossem um organismo com muitas partes.

— O que ocorrerá quando eu estiver pronto? Desaparecerão?

— Não. Então seremos livres para ficar no mundo ou regressar a nosso Sono uma vez mais. Se ficamos, estaremos sós e separados.

Raphael considerou as palavras do homem e o Primary era um homem, se é que ainda não tinha se convertido de todo, e contrastou-o com o que sabia dos poderes ganhos pelo resto do Cadre por causa da Cascata. Cada um tinha uma habilidade ou propensão inerente dependendo do arcanjo em questão.

— Só pode servir a um guerreiro — disse, e não era uma pergunta, porque sentia que era a resposta em suas entranhas. Raphael foi um guerreiro de uma forma ou outra ao longo de sua existência, desde um recruta no exército de Titus há muito tempo, ao guerreiro que brigava ao seu lado cotovelo a cotovelo com todas suas forças na guerra passada.

O Primary fez uma pausa.

— Sim — respondeu finalmente, com esse tom totalmente desprovido de emoção. — Um guerreiro que esteja em sintonia com o poder do que nós somos feitos... da terra, da vida. Mas o guerreiro deve ser também *aeclari*. — Seus olhos pousaram em Elena, dando a Raphael o primeiro vislumbre do que este termo significava realmente. — E essa deve ser a hora.

A Cascata aconteceu e Neha podia invocar fogo e gelo, disse Elena em sua mente no mesmo instante. Titus move a terra, Astaad o mar, enquanto a horripilante Lijuan traz os mortos à vida. Enquanto, meu incrível arcanjo não satisfeito com, não sei, disparar raios ou algo assim, em realidade acessa à energia do planeta e chama um exército de homens do fundo do oceano. Oh, claro que pode.

O sarcástico comentário o fez perguntar-se como atravessou a vida sem o talento e riso da caçadora a seu lado. Já não podia imaginar uma existência tão fria e remota, a só ideia lhe causava um repúdio imediato em sua corrente sanguínea. Colocando sua asa contra a dela, disse ao Primary.

— Houveram outros através do tempo que ganharam a habilidade de lhr chamar?

Outra longa pausa, o Primary passava entre as páginas de sua memória.

— Houve guerreiros que harmonizaram com o poder da terra, da vida, e ganhado força, mas tocaram só a ponta do que levamos dentro. Não era a hora de que acordássemos.

— Conte-me sua história — disse, um repentino calafrio sobre sua pele, como se a resposta fosse uma parte importante da história de seu povo, enterrado profunda, profundamente dentro da parte mais primitiva de seu cérebro.

— Foi na guerra que desfez nossa civilização que a Legião se formou. Fomos criados durante a Cascata do Terror e controlados pela primeira *aeclari*, nosso propósito era brigar contra a morte que espreitava o mundo.

— O renascido? — Susurrou Elena. — É o antídoto a seu veneno.

— A morte tomou uma forma diferente então, mas não foi menos violenta ou viciosa. Quando obtivemos a vitória, o mundo foi quase destruído e nossa casa estava vazia e morta. A Legião também estava perto da morte, já que somos da terra, da vida. Nossa gente, infectada com a mortal toxina criada pelo poder de um arcanjo que perdeu a razão, tomamos a decisão de ir para o Sono e com a esperança de que o veneno se desvanecesse.

— Quando acordamos, encontramos um novo povo que nasceu das cinzas do velho, e a toxina tinha se unido de forma permanentemente ao sangue dos sobreviventes. — Seus olhos pararam em Elena. — A loucura e a morte reinaram até que o desespero de um só indivíduo fez com que o mundo entendesse que as frágeis pessoas novas seriam sua salvação, um presente de seu mundo curado.

Raphael. Surpresa sem ocultar na expressão de sua Consorte. *Acho que fala do nascimento da humanidade.*

E dos vampiros. Era um conhecimento tão grande, que sabia que não tinha a esperança do compreender um simples instante.

— Quando — perguntou, o frio sentia-o até os ossos, — é que chegará o momento?

— As Cascatas vão e vêm, não são de nossa incumbência, são parte do ciclo do mundo. Nós escutamos e observamos em nosso Sonho, mas acordamos só quando o ciclo chega a seu ápice, os dons evoluídos nos arcanjos são a vida e a morte em si, o suficientemente feroz para desintegrar a estrutura do planeta. — Seus olhos não piscaram quando se reuniram com os de Raphael. — Não acordamos desde a Cascata do Terror.

— Oh, diabos.

— Sire? — Disse o Primary, ignorando a suave maldição de Elena, — se me permite ir, me reincorporo à Legião.

— Voe livre.

Enquanto observavam-no levantar essas asas em silêncio, Raphael considerou a podre escuridão que quase tomou o mundo dias atrás. Os renascidos de Lijuan foram eliminados em todos os territórios afetados, mas infectou a dezenas de milhares de pessoas no processo. Titus, até agora, continuava lutando contra os constantes portadores de doenças enviados por Charisemnon.

Em comparação, a força de Raphael seguia incrementando-se dia-a-dia, até que soube que em um dia próximo, seria capaz de manipular a potência que trazia a Legião em si.

— Ganhamos esta guerra, hbeebti, mas é só a primeira. Temo que isto signifique que Lijuan não foi apagada da existência, já que ela é a personificação da morte.

— Ou — apontou Elena, — um dos outros arcanjos está com um parafuso a menos e está contra nós. Mas sim, apostaria meu dinheiro que se trata da Rainha da Morte.

— Lijuan não repetirá seus erros.

— Raphael, o mundo teria que estar pronto para manipular um monstro, pronto para arrebatrar a vida àqueles aos que estava destinada a proteger.

— A pararemos — disse Elena, e depois lançou um inesperado sorriso. — Somos *aeclari*, afinal de contas.

— Será muito interessante conhecer o significado desse termo. — Embora Raphael não tivesse dúvidas de que o significado tinha a ver com o vínculo que o atava a sua caçadora.

— Quer dizer que não o sabe? — Seus olhos muito abertos. — O Primary foi claro como água.

— Sim, quão pouco inteligente é seu Consorte que não o compreendeu.

Convulsionando de riso, pelo que Raphael tinha dito sem sorrir, Elena sacudiu a cabeça, mas não pôde discutir. Isto o fez sorrir, depois jogou a cabeça para atrás e riu, a ação causou que uns guerreiros da Legião parassem e o olhassem com surpresa, enquanto as tropas da Torre sorriram e continuaram seu caminho.

Deus, ele era tão lindo. E era seu.

Entrando em seus braços porque precisava estar com ele, incapaz de esquecer o perto que estiveram de não voltar a se tocar nunca mais, riram juntos, Elena sorriu e contraiu suas asas mais perto para estar aprisionada entre as de Raphael.

Apoiando um lado de seu rosto com uma mão forte, ele sustentou seu olhar com esses olhos azuis impossivelmente selvagens.

— Posso não entender todas as palavras do Primary, mas sei isto com todo meu coração. A Legião não acordaria se eu continuasse sendo o de antes de te conhecer.

Seu polegar acariciou-lhe a bochecha, seu rosto próximo ao dela.

— Você nunca me fez, nem me fará, fraco. Me faz um homem melhor e um melhor líder do que seria sem você. — Sacudiu a cabeça. — Disse uma vez que você não podia fazer isto sem mim. Bom, eu não posso fazer isto sem você, Caçadora da Sociedade.

Os olhos de Elena ardiam pelo potente poder de suas palavras, tão cruas, honestas e necessárias. Não o soube até que Raphael falou, mas precisava escutar isso, saber que não a culpava das mudanças nele.

— Sabe que — confessou, enquanto a neve começava a cair outra vez, suaves flocos posaram em suas pestanas — acordo assustada algumas noites e simplesmente o observo dormir?

— Não, não sabia. — Suas bochechas apertaram, seus lábios roçaram contra os dela enquanto inclinava a cabeça. — Devo confiar muito em ti para me permitir dormir tão profundamente a seu lado.

Foi então que compreendeu a dolorosa vulnerabilidade que teria nela para sempre. Enquanto existisse Raphael, tinha a possibilidade de terminar ferida ou pior, e estava bem, porque já não teria medo disso, não temia viver uma vida com o coração aberto. Porque a outra face dessa terrível vulnerabilidade era uma emoção indescritível que a preenchia, a fazia feliz de estar viva aqui e agora.

— É verdade — murmurou Elena, enquanto desfrutava da alegria de brincar com seu Consorte, seu amante, seu amigo e companheiro, convertendo seu sangue em champagne, — poderia ter te cortado o peito e arrancado o coração antes de que soubesse o que ocorria.

Suas frentes tocavam-se agora, sua mão ainda envolvendo o lado do rosto dela, seu peito uma parede de calidez musciosa contra suas palmas.

— O que te impediu?

Baixando a voz, sussurrou.

— Pensei que Montgomery se aborreceria por todo o sangue nos lençóis.

— Montgomery nunca faria algo tão bruto como irritar-se. Se incomodaria de uma forma friamente cortês, talvez.

Elena sabia que eles deviam voltar a ajudar sua gente a reconstruir sua cidade, mas levantou a mão para traçar a marca em sua tempora com os dedos

calosos pelo trabalho que todos faziam. Ele girou ligeiramente para seu toque como sempre fazia, seu arcanjo que nunca quis nada mais que a ela.

— Parece que teremos uma aventura infernal se aproximando.

— Certamente, não teremos tédio.

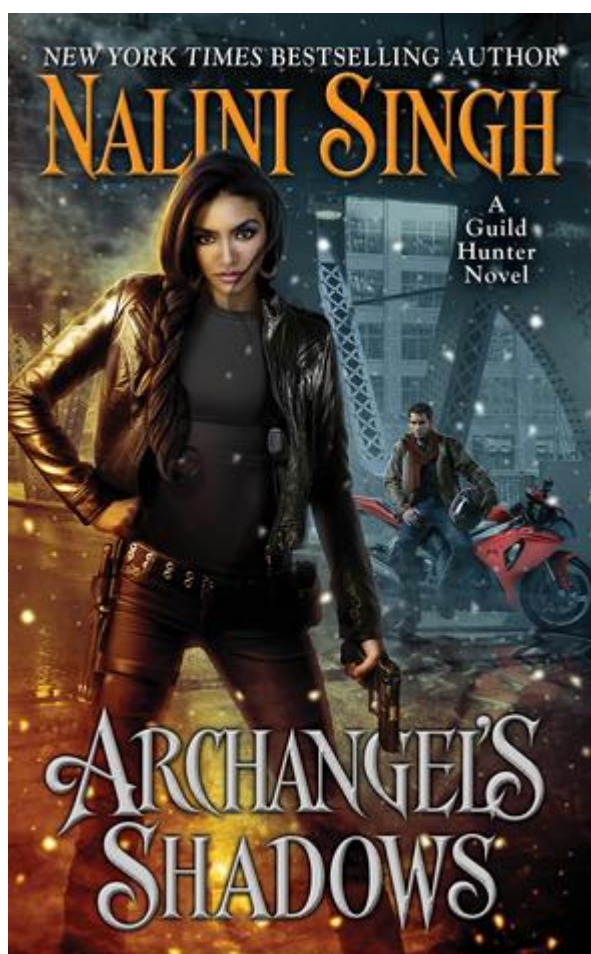
Seu beijo foi uma marca, suas asas dobraram-se para deixá-los expostos, e quando envolveu um braço ao redor da cintura de Elena e os elevou no céu beijado pela neve, suas bocas ainda seguiam juntas, ela não protestou. Ainda que pudesse ter sorrido e ruborizado no beijo pelos fortes assovios seguido por ovações.

A Cascata estava se desenvolvendo a todo vapor. O mundo estava se convertendo em um insano local onde os rios se convertiam em sangue e os mortos caminhavam, enquanto arcanjos ganhavam poderes que podiam modificar a estrutura do mundo. Os monstros ainda podiam ser libertados de novo e a bruxa malvada, provavelmente, voltara à vida cacarejando para unir-se aos braços de seu maléfico melhor amigo.

Apesar de tudo isso, neste momento, com a neve caindo suavemente ao redor dela e seu Consorte, sua cidade viva, Elena não queria estar em nenhum outro local nem com ninguém mais. E também, sabia, era o que queria o arcanjo que a beijava sobre Manhattan, seus braços a mantendo segura.

Fim

NO PRÓXIMO LIVRO...



No despertar de uma guerra brutal, o arcanjo Raphael e sua Consorte caçadora, Elena, está lidando com as marés traiçoeiramente das mudanças da política arcangélicas e as pessoas de uma cidade golpeada, mas não quebrada. A última coisa que sua cidade precisa é de mais morte, especialmente a morte que tem a assinatura estranha de um arcanjo inimigo insano que não pode, não deveria andar pelas ruas.

Esta caçada deve ser feita com cautela e sem alertar seu povo. Deve ser manuseada por aqueles que podem tornar-se sombras...

Ash é uma rastreadora talentoso e uma mulher amaldiçoada com a capacidade de sentir os segredos daqueles que ela toca. Mas há um homem que ela conhece muito bem sem um único contacto com a pele: Janvier, o sexy e perigoso vampiro Cajun que tem a fascinado e enfurecido durante anos. Agora, com eles rastreando um assassino impiedoso, o seu jogo de gato-e-rato, de flerte e

provocação se transformou em um profundo jogo do coração. E, desta vez, é o segredo de Ash, escuro e terrível, que ameaça destruir ambos.